CLOSE TO YOU

THROUGH THE YEARS BOOK 1



NISSA RENZO

ÍNDICE

Página de título
Direitos autorais
Dedicação
Nota do autor
lista de reprodução
Parte 1
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
PARTE 2
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
Capítulo Bônus
Obrigado!
Encontre-me em…

PERTO DE VOCÊ

Ao longo dos anos #1

Nissa Renzo

Direitos autorais © 2026 Nissa Renzo

Copyright © 2026 por Nissa Renzo
. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída em qualquer formato impresso ou eletrônico sem permissão.
Por favor, não participe ou incentive a pirataria de materiais protegidos por direitos autorais, em violação dos direitos da autora.

Edição por Jana Ulrich e Nissa Renzo.
Design e formatação da capa por Nissa Renzo.

Para A.

NOTA DO AUTOR

Quero começar dizendo que "Close to You" não é uma leitura fácil se você já foi vítima de bullying. Refleti bastante sobre a possibilidade de escrever este livro antes de finalmente decidir fazê-lo. Embora o livro seja puramente ficcional, as cenas de bullying e (alguns) personagens são muito reais.

É um livro muito pessoal, e sei que muitos leitores se sentirão conectados com Milow e com o que ela passa.

Close to You é uma história de desenvolvimento lento, sem cenas picantes, focada nos personagens e que aborda temas que podem ser perturbadores. Para uma lista completa de gatilhos, confira minha publicação no Instagram em @authornissarenzo.

Como a protagonista feminina é muda e se comunica em língua de sinais, sempre que ela ou outro personagem usar sinais, isso será indicado entre colchetes []. Os diálogos falados ocorrerão normalmente.

LISTA DE REPRODUÇÃO

Perseguindo Carros Snow Patrol
O Melhor Dia Taylor Swift
Vamos ser amigos - The White Stripes
Abra os braços para o roteiro
Dezessete sob o comando de Sam Fender
Eles não sabem nada sobre nós, One Direction
Sete Taylor Swift
Justin Bieber **no outono**
Cuide de você, The Fray
Conserte você Coldplay
Continue se agarrando à Avril Lavigne
Sombra do Dia Linkin Park
Se eu morrer jovem, The Band Perry
Eu te amarei para sempre, Donna Lewis
Perto de Você Gracie Abrams

PARTE 1

1

Milow

Sexta-feira, 3 de janeiro

6 anos de idade

Todas as manhãs, eu acordava antes do papai, porque levantar primeiro significava que eu podia sair do meu quarto e ir para a cozinha sem que ele me impedisse. Eu gostava de saber que tinha uma pequena chance de encher uma tigela grande de cereal, já que ele sempre dizia que eu só devia comer um pouco. Quando ele servia o cereal, a quantidade mal cobria o fundo da tigela, e quando eu pedia mais, ele sempre balançava a cabeça negativamente. Papai sempre dizia que eu não devia comer muito porque meninas não deviam comer muito. É por isso que ele nunca enchia meu prato como enchia o dele, e por isso que eu estava sempre com tanta fome e me esgueirava para a cozinha quando ele não estava olhando. Então eu esperava na minha cama até ter certeza de que ele ainda estava dormindo e Esperava que hoje fosse um daqueles dias em que eu pudesse comer até me sentir satisfeito.

Minha barriga roncou quando empurrei a porta do meu quarto. Parei e olhei para a porta do papai, esperando para ver se a maçaneta se movia ou se eu o ouvia se mexer no quarto dele. Nada aconteceu. A porta permaneceu fechada e a casa continuou silenciosa, o que significava que ele ainda estava dormindo e eu ainda tinha tempo.

Desci as escadas devagar e silenciosamente como um rato para não fazer barulho. Eu tinha ficado boa em ser quieta. Muito boa, na verdade. Mesmo quando tentava falar, não conseguia. Papai dizia que era porque meninas obedientes só deviam acenar com a cabeça, e como eu era uma menina obediente, minha voz desaparecia magicamente.

A cozinha parecia maior sem o papai. Ele sempre ocupava muito espaço. Puxei uma cadeira para o balcão e subi nela, segurando firme na borda para não cair. A caixa de cereal estava no lugar de sempre, e eu a estiquei até conseguir pegá-la. Com os joelhos no balcão, me arrastei até o armário onde ficavam as tigelas e, depois de pegar uma, me virei para sentar e despejei o cereal até a tigela ficar cheia, do jeito que eu sempre queria. Comi com os dedos e mastiguei cada pedaço por tempo suficiente para saboreá-lo, porque não tinha certeza de quando teria outra chance de comer o quanto eu queria.

Enquanto comia, eu ficava olhando para a escada. Papai geralmente descia a essa hora, e assim que eu ouvia seus passos, guardava tudo e ia me sentar no sofá. Papai sempre ficava de olho em mim. Ele sempre observava o que eu estava fazendo. Mas hoje, os minutos se passaram, E a casa permaneceu silenciosa. Terminei o cereal e continuei ouvindo, porque o silêncio me deixava com uma sensação estranha. Papai nunca dormia tanto tempo assim. Nunca.

Ainda sentada no balcão, virei-me para a pia e enxaguei a caixa de cereal antes de guardá-la no armário, para que papai não percebesse que eu tinha comido dela sem ele saber. Guardei a caixa de cereal, pulei do balcão e empurrei a cadeira de volta para a mesa. Limpei a boca com as costas da mão para garantir que não havia nenhum vestígio de cereal, então saí da cozinha e fui em direção à escada. Algo parecia diferente hoje, mas eu não sabia o quê. Subi segurando no corrimão e, quando cheguei ao corredor, a porta do quarto do papai ainda estava fechada. E ainda não havia nenhum som vindo do quarto dele.

Parei em frente à porta, mas não me aproximei muito. Qualquer passo a mais me fazia sentir um frio na barriga. Só coisas ruins aconteciam lá dentro.

Fiquei parada ali por um longo momento antes de levantar a mão e, corajosamente, abrir um pouco a porta. O quarto estava escuro e vi papai na cama de costas para mim. Ele não estava fazendo os barulhos que costumava fazer quando dormia.

Caminhei tão lentamente que meus pés mal saíram do chão e parei ao lado da cama com a respiração presa na garganta. Esperei que ele se virasse, se sentasse ou dissesse alguma coisa.

Mas ele não fez absolutamente nada.

De certa forma, fiquei feliz. Porque se papai me visse ali parada, observando-o, ele ficaria bravo. Pensei em cutucá-lo, mesmo com medo. Mas algo estava errado.

Olhei para a cama e franzi a testa porque não gostei dela. As coisas que o papai fazia comigo aqui. Toda vez que ele me trazia aqui, eu acabava chorando e com dor, mas ele sempre me prometia que era para me fazer chorar porque significava que ele realmente me amava. O papai sempre dizia que eu ainda tinha muito a aprender e que, quando eu crescesse, entenderia melhor. Ele dizia que tudo o que ele fazia comigo me prepararia para um dia sair de casa.

Eu tinha apenas seis anos, e papai disse que eu teria que ficar em casa por mais doze anos.

Quando olhei para as costas do papai de novo, pensei que talvez ele estivesse apenas muito cansado e precisasse dormir mais do que o normal. Já tinha acontecido uma vez, quando ele me disse para não incomodá-lo porque precisava dormir mais uma manhã. Naquela época, havia um cheiro estranho vindo dele. Algo forte, como o cheiro das latas de refrigerante dele. Era refrigerante que eu não podia beber porque era para adultos, mas eu nem queria beber o refrigerante dele. Era fedido.

Fiz uma careta ao pensar nisso e dei um passo para trás porque não queria acordá-lo. Não queria incomodá-lo quando ele estava tão cansado.

Talvez, estando ele tão cansado, ele não quisesse colocar o palito para machucar dentro de mim.

Saí do quarto devagar e fechei a porta sem fazer muito barulho. Depois, desci as escadas e liguei a TV porque não sabia o que mais fazer. Papai não se importava que eu assistisse TV o dia todo. Não havia muita coisa que eu pudesse fazer, e ele disse que, contanto que eu ficasse quieta e não o incomodasse, assistir TV estava tudo bem.

Assisti a desenhos animados por horas, até meu estômago... rosnou, e continuou até começar a escurecer lá fora. Olhei para as escadas para ter certeza de que papai não apareceria de repente, e quando ele não apareceu, levantei e fui até a geladeira pegar a primeira coisa que consegui alcançar.

Durante o resto da tarde, fiquei sentada no sofá, tentando ouvir seus passos. Mas ainda não havia nenhum som.

Quando o sol se pôs completamente, a sensação ruim na minha barriga ficou mais pesada. Abracei meus joelhos contra o peito e fiquei olhando para a escada, repetindo para mim mesma que papai só estava cansado. Que talvez ele só precisasse de um longo cochilo e que desceria quando se sentisse melhor. Ele não passaria um dia sem me ver.

Ele me amava.

Ele era meu pai.

Mas ele não desceu as escadas.

Comecei a me sentir tão confusa que não consegui mais ficar sentada no sofá. Subi as escadas e, quando cheguei à porta do quarto do papai, fiquei parada no mesmo lugar de manhã, respirando fundo antes de estender a mão e empurrar a porta.

O corpo do papai estava numa posição diferente agora. Sua cabeça estava virada para mim, mas eu não conseguia ver sua expressão direito na escuridão. Dei um passo à frente e, quando seu rosto ficou mais nítido, notei algo estranho nele.

Seus olhos estavam fechados, mas havia espuma branca em sua boca.

Eu paralisei, e um arrepio quente percorreu meus pés, da ponta dos dedos até a cabeça. Então minhas mãos ficaram geladas, e meu coração começou a bater *forte,* muito rápido. Eu não sabia o que a espuma significava, mas me assustou porque eu nunca tinha visto o papai daquele jeito. O corpo dele não se mexia, e quanto mais eu o encarava, mais assustador o papai ficava.

Eu queria cutucá-lo, mas estava com muito medo. Meu coração disparou ainda mais no peito, e dei um passo para trás até meu ombro bater no batente da porta.

Papai estava doente. Mas papai também era médico. Por que ele não se curou como sempre fazia para me curar?

Minhas mãos tremiam enquanto eu saía de costas do quarto. Mantive os olhos nele até que a escuridão o engoliu. Corri pelo corredor e parei no topo da escada, sem saber o que fazer.

Eu queria me esconder debaixo do meu cobertor. Talvez um monstro o tivesse atacado. Talvez tivesse entrado nele e feito aquela espuma sair da sua boca. Será que o monstro também me atacaria? Se houvesse um monstro na casa, será que ele estaria me observando? Eu estava com medo. Eu queria que o papai se sentasse. Eu queria que ele olhasse para mim, mesmo que ele nunca ficasse feliz em me ver.

Desci as escadas correndo sem nem perceber. Meus pés descalços batiam com força na madeira, e minha respiração estava tão ofegante que meu peito doía. Eu não sabia para onde ir, mas sabia que precisava sair do quarto do papai. A casa não era mais segura, e eu sentia como se as paredes estivessem se fechando sobre mim.

No pé da escada, parei no corredor e olhei em volta. Tudo parecia normal, mas a sensação era estranha. Sentia como se algo ruim estivesse se movendo ao meu redor e quisesse me pegar, como fez com o papai.

Eu não queria que espuma saísse da minha boca. Eu não queria. Não quero me mexer nem tirar uma soneca por tanto tempo.

Meus olhos se voltaram para a porta da frente.

Eu precisava ir para um lugar externo onde os monstros não pudessem me alcançar.

Mas papai sempre dizia que eu não podia sair de casa por mais doze anos. Ele dizia que era perigoso. Dizia que o mundo ia me machucar. Mas papai estava deitado na cama, sem se mexer, com espuma na boca, e monstros não ficam presos em quartos para sempre.

Corri até o cabide. As botas de neve enormes do papai estavam embaixo dele. Eram pesadas e grandes demais, e eu nunca as tinha calçado antes, mas precisava se quisesse sair. Papai sempre as calçava quando saía de casa. Minhas mãos tremiam enquanto eu as pegava e me sentava no chão. Enfiei meus pés nelas. Meus dedos não alcançavam a ponta. Pareciam baldes gigantes em volta das minhas pernas. Papai também vestia seu casaco e luvas grandes quando saía, mas eu não conseguia alcançar o casaco. Estava muito alto. As luvas estavam enfiadas nos bolsos do casaco, e eu as peguei e as calcei. Eram grossas e muito grandes para as minhas mãos, mas eram macias e quentes, e eu não tinha nenhuma. Papai nunca tinha me dado nenhuma porque dizia que eu não precisava.

Levantei-me, cambaleando nas botas enormes, e olhei para a porta novamente. Minha respiração estava irregular e meu coração ainda batia acelerado. Talvez o monstro no quarto do papai quisesse me pegar em seguida. Talvez ele estivesse escondido nas paredes. Talvez estivesse esperando eu voltar para o andar de cima.

Agarrei a maçaneta com as duas mãos e girei com força. A porta se abriu e uma rajada de vento frio me assustou. Flocos de neve entraram e tocaram meu rosto, e eu Pisquei com a claridade lá fora. O jardim da frente era todo branco e estava muito mais claro do que dentro de casa.

Prendendo a respiração, ousei sair.

A neve chegava quase até o topo das botas, e minhas pernas afundavam a cada passo. O frio cortava minha pele através do pijama, mas continuei andando porque a casa me assustava mais do que qualquer coisa que me esperasse lá fora.

Papai estava lá dentro com espuma na boca, e eu não sabia se ele voltaria a se mexer, porque o monstro o havia atacado.

Eu não sabia para onde estava indo. Só sabia que precisava ir a algum lugar para encontrar alguém que pudesse me ajudar a acordar o papai. Ou fazer o monstro e a espuma desaparecerem.

Meus dentes começaram a doer de frio, mas continuei avançando corajosamente, um passo de cada vez, porque ficar em casa parecia mais assustador do que sair para o mundo branco que eu nunca tinha visto antes.

O ar cortante batia no meu nariz e meus dedos doíam dentro das luvas, mesmo que elas devessem me manter aquecida. Meu pijama grudava nas minhas pernas e a neve continuava entrando nas botas, mas tentei não pensar nisso. Apenas continuei andando.

Segui pela estrada. Papai sempre me dizia que o mundo lá fora era perigoso, mas a estrada não parecia perigosa. Parecia vazia. Onde os monstros se esconderiam? Não havia muros.

Depois de muito tempo, avistei algo vermelho à distância. Um prédio grande no final da rua. A princípio, não sabia o que era, mas então vi as portas altas e os caminhões enormes. atrás das janelas. Parei e fiquei olhando, porque já tinha visto lugares assim na TV.

Era um quartel de bombeiros.

Lembrei-me das pessoas na TV usando casacos grandes e capacetes. Elas carregavam mangueiras. Resgatavam pessoas de casas em chamas e as ajudavam quando estavam

feridas. Eu não sabia se elas ajudavam com monstros ou com espuma na boca das pessoas, mas elas ajudavam com muitas coisas na TV, então talvez pudessem me ajudar também.

A neve rangia mais alto à medida que eu acelerava o passo, e meus pés escorregavam um pouco nas botas do papai. Minhas pernas doíam, mas eu não parei. O prédio vermelho parecia ficar cada vez maior a cada passo, e quando finalmente cheguei à entrada da garagem, a neve ali não estava tão profunda. Continuei caminhando até parar bem em frente às grandes portas e procurei por alguém.

Havia luzes acesas dentro do quartel dos bombeiros, mas depois que levantei uma luva gigante e bati na porta, ninguém veio abrir. Bati com mais força, com toda a intensidade do meu coração, e esperei novamente. Esperava que alguém lá dentro me ouvisse. Esperava que alguém soubesse o que fazer com o papai, a espuma e o monstro na casa.

2

Milow

Um homem com um bigode engraçado abriu a porta. Por um segundo, ele me encarou como se eu fosse algo estranho. Eu fiquei ali tremendo nas botas do meu pai, me perguntando por que ele me olhava daquele jeito. Eu era apenas uma garotinha, não um monstro.

O homem piscou e murmurou algo que eu não consegui entender, depois se abaixou até que seu rosto estivesse perto do meu. Seus olhos azuis percorreram minhas bochechas, meu cabelo e meu pijama como se ele estivesse tentando descobrir o que eu era.

“Ei, querida”, disse ele suavemente. “O que você está fazendo aqui fora?”

Franzi a testa para ele. Aquela foi uma pergunta muito boba. Se eu pudesse falar, teria lhe contado imediatamente. Diria que vim porque papai estava espumando pela boca, havia um monstro em casa e eu precisava de ajuda. .

“Você deve estar congelando”, disse ele. “Entre, querida. Vamos te aquecer.” Ele sorriu, mas o bigode cobria a maior parte do sorriso. Parecia que ele tinha um bichinho peludo grudado no rosto. Talvez um esquilo.

Por um instante, quase sorri. Seria ridículo ter um esquilo no rosto.

No começo, fiquei meio insegura, mas depois deixei o homem de aparência engraçada me guiar para dentro, porque papai precisava de ajuda. O quartel dos bombeiros era grande e aconchegante, e as luzes no teto eram tão fortes que precisei piscar para me acostumar. O homem puxou uma cadeira e me ajudou a sentar. Assim que levantei as pernas, as botas do papai escorregaram dos meus pés e caíram com um baque no chão. Meus dedos se contraíram de frio, e eu os puxei para cima, apoiando-os na cadeira.

O homem se virou e pegou um cobertor grosso de uma prateleira, envolvendo meus ombros com ele. "Pronto", disse ele, agachando-se novamente para poder me olhar. Seu bigode se mexeu um pouco enquanto falava. "Vamos te aquecer primeiro. Meu nome é August, mas todos me chamam de Gus. Qual é o seu nome, querida?"

Ele esperou que eu falasse e repetisse meu nome, mas eu não consegui. Porque eu era uma menina obediente, e meninas obedientes falam. Permaneci imóvel, com as mãos cerradas nas luvas.

Gus olhou para o meu pijama e depois para as luvas gigantes que cobriam minhas mãos. "Você saiu vestida assim? Sozinha?" Sua voz agora soava preocupada.

Assenti com a cabeça uma vez.

Gus soltou um suspiro lento. Passou a mão pelo rosto, depois se levantou e chamou por alguém que estivesse no prédio. Outro homem apareceu por trás dos caminhões de bombeiros, e suas vozes ecoaram pelo espaço. .

Continuei sentada ali, tentando manter a calma enquanto Gus falava com o outro homem em voz baixa e séria. A cada poucos segundos, eles olhavam para mim, e cada vez que faziam isso, eu me perguntava se realmente sabiam como me ajudar. Na TV, os bombeiros sempre sabiam exatamente o que fazer. Eles salvavam pessoas o tempo todo. Os

bombeiros eram corajosos e confiantes. Mas Gus e o outro homem pareciam inseguros e não sabiam que eu precisava de ajuda.

Franzi a testa e esperei, esperei. Quando minha paciência se esgotou, desci da cadeira e enfiei os pés de volta nas botas do papai. Dei dois passos em direção a Gus, agarrei sua mão com as duas mãos e puxei com toda a força que pude.

Ele olhou para mim de novo e sorriu com aquele bigode de esquilo ridículo. Mas o sorriso não resolveu nada, e não ajudou o papai.

Puxei com mais força, e minha expressão de desagrado se aprofundou.

"Você pode nos dizer seu nome, querida?", perguntou Gus, agachando-se novamente na minha frente.

Balancei a cabeça negativamente e puxei sua mão mais uma vez, desta vez com mais desespero.

“Qual é o seu nome?”, perguntou o outro homem. Ele não tinha um bigode ridículo, apenas um rosto sério com rugas na testa. Parecia mais velho e rabugento, quase como o papai.

Balancei a cabeça negativamente mais uma vez. Eu não sabia como responder de outra forma. Não podia dar a eles algo que não conseguisse dizer.

“De onde você veio? Onde você mora?”, perguntou o homem mal-humorado.

Em vez disso, olhei para Gus, porque gostava mais dele. Ele era mais simpático. Então levantei uma das mãos e apontei para... a porta.

“Acho que ela quer te mostrar”, disse o homem mal-humorado.

Assenti rapidamente, aliviada por pelo menos um deles ter entendido o que eu estava tentando dizer.

Mas Gus suspirou e balançou a cabeça. "Você não pode voltar lá fora, querida. Está congelando."

Mas o papai é assim. O papai não se mexe. O papai precisa de ajuda!

"Talvez eu tenha que chamar a polícia", disse o mal-humorado, virando-se para ir embora.

Gus me guiou de volta para a cadeira.

Por que precisaram chamar a polícia se os bombeiros já estavam ajudando as pessoas também? Por que não quiseram me ajudar a encontrar o papai?

Tirei as luvas e apontei para a porta novamente, depois levantei as mãos e fiz a careta mais assustadora que consegui, na esperança de que Gus finalmente entendesse. Meus dedos se curvaram como garras. Meus olhos se arregalaram e minha boca se abriu em espanto.

Ele ergueu as sobrancelhas. "O que é isso? Um urso?"

Balancei a cabeça negativamente e repeti a careta.

"Um monstro?", ele arriscou.

Assenti com a cabeça tão rápido que fiquei tonta.

"Há um monstro? Onde?"

Apontei novamente para a porta.

“Lá fora? Na neve?”

Balancei a cabeça negativamente. Eu não sabia o que havia na neve, mas sabia que o monstro que fazia a espuma sair da boca do papai não estava lá fora. Se não estivesse, eu o teria visto. Estava na minha casa.

Apontei novamente.

“Na sua casa?” perguntou Gus.

Assenti com a cabeça vigorosamente, depois fiz a cara assustadora de novo e Apontou para Gus, porque ele era um homem adulto, e o papai também era um homem adulto, e talvez isso o fizesse entender melhor.

Mas os olhos de Gus apenas se estreitaram em confusão. Ele não entendeu. Não viu o que eu estava tentando lhe mostrar.

Ele colocou suas mãos quentes em meus braços e os acariciou suavemente com os polegares. "Estou tentando, querida. Juro que estou. Mas preciso que você me diga onde mora. Sabe o nome da sua rua?"

Eu o encarei. Aquilo era ridículo. Ruas não tinham nomes. Ruas não eram pessoas. Por que precisariam de nomes?

A frustração me dominou e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, o homem mal-humorado voltou, segurando um telefone na mão.

“A polícia está a caminho”, disse ele, olhando de Gus para mim. “Não vai demorar muito.”

Quando dois policiais chegaram, um deles me fez as mesmas perguntas que Gus. Ele continuou respondendo por mim. Parecia calmo e segurava minha mão, o que me fez sentir segura. Os policiais anotaram tudo, mas não sorriram como Gus. Pareciam sérios.

A pessoa que fazia as perguntas suspirou pesadamente e disse a Gus que teriam que me levar à delegacia. Meu estômago se contraiu. Eu não queria deixar Gus. Precisava que me levassem para casa, onde papai precisava de ajuda.

Olhei para Gus e apertei sua mão, sem querer que ele me soltasse.

“Você vai ficar bem”, ele me disse com um sorriso enquanto ajeitava o cobertor em volta dos meus ombros. “Eles vão cuidar de você.”

Balancei a cabeça negativamente e me aproximei dele na cadeira, envolvendo seu braço com uma das mãos enquanto mantinha a outra na dele.

Gus olhou para os policiais. "Eu vou com ela."

“Para nós, tudo bem”, disse um dos policiais.

Sua mão deslizou para fora da minha, e eu rapidamente estendi os braços para que ele me pegasse no colo. Meus pés estavam gelados demais, e eu não queria mais andar. Gus sorriu e passou as mãos por baixo dos meus braços, me levantando até que eu pudesse envolvê-lo com meus braços e pernas.

Seguimos os policiais até a rua. A viatura era exatamente igual às que víamos na TV, mas foi assustador entrar nela. Normalmente, só pessoas más são colocadas na parte de trás das viaturas por fazerem coisas ruins. Eu não fiz nada de errado. Eu estava tentando ajudar o papai.

Gus me acomodou cuidadosamente lá dentro, e eu segurei sua manga para ter certeza de que ele não me deixaria ali. Ele sorriu novamente e se sentou ao meu lado. "Estou aqui, garota. Não se preocupe."

Olhei para ele com os olhos arregalados, na esperança de que ele logo entendesse o que eu precisava. O carro começou a se mover e eu fiquei olhando pela janela. As casas passavam lentamente e eu sentia uma sensação estranha no peito. Eu não conseguia parar de pensar no papai, na espuma em sua boca e no monstro dentro da casa.

A rua por onde dirigíamos parecia familiar. Era a mesma rua por onde eu havia caminhado antes de chegar ao quartel dos bombeiros.

Então eu vi minha casa.

Eles sabiam onde era e finalmente estavam vindo para ajudar.

Meus olhos se arregalaram e eu segui a casa com o meu Os olhos dele se aproximávamos.

Mas o carro não diminuiu a velocidade.

Comecei a entrar em pânico e comecei a bater na janela com as mãos.

O policial da frente se virou. "O que houve—"

Bati com mais força na janela, ambas as palmas das mãos atingindo o vidro.

"Pare", disse Gus, e o carro parou imediatamente.

Tentei abrir a porta, mas estava trancada.

“A casa ali”, disse Gus, apontando para além de mim, na direção da minha casa. “Aquela com a porta aberta.”

“Isso não é bom”, disse o motorista antes de sair do carro. O outro se virou para olhar para Gus. “Fique aqui com ela”, disse ele, com voz firme.

“Sim.” Gus segurou a parte de trás da minha cabeça com sua mão grande, acariciando meu cabelo suavemente. Papai nunca fazia isso. “Essa é a sua casa, querida?”

Assenti rapidamente, encarando a casa novamente. Papai estava lá dentro. Ou, pelo menos, eu esperava que ainda estivesse.

E se o monstro o levasse embora?

Meu corpo inteiro estremeceu enquanto eu observava os policiais se aproximarem da casa, e quando eles entraram, torci para que o monstro não os pegasse também. Muito tempo se passou, e eu mantive meus olhos fixos na casa. As luzes se acenderam no andar de cima, e eu pude ver a sombra do policial na janela.

Gus continuava acariciando meu cabelo. Sua mão se movia lentamente enquanto ele murmurava coisas, mas eu não ouvia nada. Eu queria correr para dentro e ver o papai. Queria que tudo parasse de ser estranho e assustador. Mas a porta continuava trancada e o carro me impedia de sair.

"Merda…"

Virei a cabeça bruscamente na direção de Gus. Aquilo foi um palavrão. Papai sempre dizia que adultos não devem falar palavrões. e que as crianças não deveriam repeti-las. Não que eu fosse capaz, de qualquer forma. Gus tinha dito em voz alta, e se eu tivesse voz, eu o repreenderia por isso.

Luzes vermelhas e azuis piscaram em seu rosto, e virei a cabeça para ver uma ambulância parando em frente à casa. Duas pessoas saíram e se moveram rapidamente pela neve, carregando uma bolsa e puxando uma maca dobrada. Um dos policiais apontou para a porta, e eles entraram correndo sem diminuir o passo.

Meus olhos permaneceram fixos na porta, e inclinei-me para a frente o máximo que o cinto de segurança permitiu. Meu coração batia tão forte que eu podia ouvi-lo nos meus ouvidos.

Gus se moveu para o meu lado. "Garoto..." Sua voz soava cautelosa, mas eu não me virei.

Continuei esperando até que, finalmente, os dois paramédicos voltaram. Desta vez, eles estavam empurrando a maca com alguém em cima.

Eles pegaram o monstro!

Abri um largo sorriso enquanto um alívio me invadia.

Eles pegaram a coisa que machucou o papai!

Eles o detectaram e agora estão levando-o embora.

Olhei para Gus, esperando que ele sorrisse e também parecesse feliz.

Mas Gus não estava sorrindo.

Sua boca estava cerrada sob o bigode ridículo, e suas sobrancelhas franzidas. Parecia que ele não queria que eu visse seu rosto de jeito nenhum.

Voltei-me para a maca enquanto a rolavam pela neve.

O monstro não se mexeu. .

Não lutou.

O braço do monstro ficou pendurado para fora da borda por um instante antes de o levantarem.

Por que o braço dele era parecido com o do papai?

Meu coração apertou. Quanto mais aproximavam a maca da ambulância, mais nítida se tornava a forma do monstro sob o cobertor.

Não parecia um monstro.

O monstro era grande.

Olhei para Gus novamente, querendo que ele me dissesse por que o monstro não se parecia com um. Mas ele não olhou para mim.

Meu sorriso desapareceu e meus dedos se enroscaram no cobertor.

Aquilo não era um monstro.

Esse era o papai.

E essa foi a última vez que o vi.

3

Milow

Segunda-feira, 2 de fevereiro 4º

Eu sentia falta do papai, mas não sentia falta do palito machucado. Não sentia falta da dor, e não sentia falta do jeito que ele me fazia chorar, mesmo quando dizia que só fazia isso porque me amava.

Desde o último dia em que o vi, tenho vivido numa casa grande com muitas crianças. Os meninos moravam de um lado, as meninas do outro, mas na maior parte do tempo, estavam todos correndo pela casa toda. As meninas falavam o tempo todo. Elas não perderam a voz como eu. Isso significava que não eram obedientes. Eu era a única obediente aqui.

Tive que dividir o quarto com cinco meninas. As vozes delas não paravam nunca. À noite, eu ficava acordada porque não estava acostumada com barulho. Em casa, tudo ficava em silêncio, e eu Nunca dividi meu quarto com ninguém porque eu era filha única.

Quando me levaram para a casa grande, as crianças se aglomeraram ao meu redor. Elas me fizeram muitas perguntas. Sempre perguntavam por que eu não falava. Eu queria explicar que meninas boazinhas não falavam, e que falar não era permitido porque fazia de você uma menina má. Mas eu não podia dizer isso a elas.

Eles não paravam de rir e de fazer perguntas que eu não conseguia responder, e eu ficava franzindo a testa porque eles não entendiam por que o silêncio me fazia uma boa menina.

Talvez um dia as vozes deles também desaparecessem, como a minha quando a magia a levou. Então eles finalmente entenderiam.

Por ora, continuei orgulhosa de ser a única menina obediente em toda a casa.

Havia uma mulher chamada Jensen que brincava conosco quase todos os dias. Ela era muito bonita, quase como uma princesa, e eu desejava que meu cabelo fosse como o dela. Ela tinha cachos dourados e brilhantes que balançavam quando ela andava. Meu cabelo era castanho-escuro e liso como espaguete cru. Se eu dormisse de mau jeito, ele apontava para todas as direções e nunca me obedecia, mesmo quando eu o escovava todos os dias.

Mas eu e o Jensen tínhamos os mesmos olhos castanhos. Bem, só um dos meus olhos era castanho, e o outro era castanho e azul. Papai dizia que era porque ele tinha olhos azuis, e por ter as duas cores em um olho só, eu o teria comigo para sempre.

Um dia, Jensen se aproximou e sussurrou um segredo. Ela me disse que eu era sua criança favorita para brincar porque aprendia mais rápido do que as outras crianças da casa. Ela disse que eu entendia as coisas rapidamente, principalmente quando brincávamos. Jogos com números. Ela me ensinou a contar e me mostrou como resolver Sudoku. Eu adorava. Fazia três todos os dias. Jensen disse que nunca tinha conhecido uma criança de seis anos que conseguisse resolvê-los tão rápido quanto eu.

Depois dos números, ela me ensinou algo novo. Sentou-se ao meu lado e ergueu a mão num formato que eu não entendia. Depois, moveu os dedos para outro formato, e outro. Disse que era o alfabeto e que cada formato da mão representava uma letra. Pegou minhas mãos nas dela e me ajudou a copiar os formatos até meus dedos cansarem. Mas eu gostei de aprender uma linguagem secreta que só as crianças inteligentes conheciam.

Logo eu conseguia soletrar meu nome com as mãos. Depois, consegui soletrar o nome do Jensen. Depois, consegui soletrar os nomes das meninas barulhentas do meu quarto, mesmo que elas não merecessem porque falavam demais. E então aprendi outras palavras: animais, comidas e tudo o que eu gostava.

Jensen disse que se eu continuasse praticando, conseguiria comunicar qualquer coisa com as minhas mãos. Gostei da ideia, porque seria assim que finalmente conseguiria fazer as pessoas me entenderem.

Hoje, depois de tomar o café da manhã na sala grande com todas aquelas mesas compridas, voltei para o quarto porque estava cansado. Não queria brincar lá fora com os outros meninos e meninas. Eles eram sempre barulhentos e agitados, correndo em círculos e gritando sem motivo. De qualquer forma, nunca queriam brincar comigo. Eu preferia quando o quarto estava silencioso e eu podia sentar na minha cama e percorrer com os dedos o alfabeto que o Jensen tinha me ensinado.

Sentei-me com as pernas cruzadas, observando minhas mãos formarem as diferentes letras e sinais que havia aprendido. Gostei da sensação de calma. Isso me fez sentir algo. Não houve gritos. Nem pisadas fortes. Nem risos.

A porta se abriu suavemente e eu olhei para cima. Jensen entrou com seu sorriso radiante, que sempre me fazia sorrir também.

“Oi, querida”, disse ela, caminhando em minha direção. “Como você está?”

[Bom.]

“Você tomou um café da manhã reforçado?”, perguntou ela, sentando-se ao meu lado.

Assenti com a cabeça. Desde que moro aqui, sempre tomo um café da manhã reforçado. Posso comer o quanto quiser, até me sentir enjoada.

“Que bom.” O sorriso dela se suavizou quando ela se sentou ao meu lado. “Você se lembra de como se diz ‘café da manhã’ em linguagem de sinais?”

Observei-a por um instante e depois assenti novamente. [Café da manhã.]

“Muito bem!” Ela afastou alguns fios de cabelo bagunçados do meu rosto. “Fico feliz que você esteja bem hoje.”

Eu sorri para ela. [Brincar comigo?]

"Eu adoraria jogar com você, Milow, mas algo especial está acontecendo hoje."

Inclinei a cabeça e franzi a testa. [O quê?]

O rosto de Jensen ficou mais sério. Não diminuiu, mas ficou mais sério. "Você tem visitas hoje, Milow."

Visitantes? Pisquei rapidamente.

Eu não conhecia ninguém que pudesse me visitar. Papai foi levado pela ambulância.

Outras crianças recebiam visitas às vezes, e às vezes essas crianças não voltavam. Os visitantes as levavam embora, e ninguém explicava para onde iam. Eu não sabia se eu Eu queria isso. Mesmo que as outras crianças fossem muito barulhentas, mesmo que me dessem dor de cabeça quando gritavam, eu não queria deixar Jensen.

Balancei a cabeça rapidamente, com tanta força que fiquei tonta.

Jensen acariciou minhas costas suavemente. "É uma coisa boa, sabia?", disse ela, com voz carinhosa. "Você aprendeu muito aqui, e eu tenho orgulho de você. Tudo o que você faz de novo, você faz com tanta coragem."

Eu a encarei. Meus dedos se contraíram, querendo perguntar algo, mas eu não sabia que forma formular a pergunta. Ela já havia me ensinado muito, mas ainda não tudo. Como eu continuaria aprendendo sem ela?

Jensen pegou minha mão e apertou-a suavemente. "As pessoas que vierem hoje... querem te conhecer." Ela afastou outra mecha de cabelo do meu rosto. "E se tudo correr bem, você poderá ir para um lar definitivo."

Pisquei, sem entender. Era para lá que as crianças tinham ido? Para um lar definitivo?

“Um lar com pessoas boas”, continuou ela. “Pessoas que cuidarão de você. Pessoas que te amarão.”

Igual ao papai?

Eu não queria que eles me machucassem. Eu não queria sentir dor nem chorar de novo.

Jensen olhou para o meu rosto e viu o quanto eu estava assustada, e rapidamente me acalmou. "Ninguém vai te machucar, tá bem? Eles são pessoas boas, e você já conheceu uma delas antes."

Eu fiz isso? Então foi o papai. Tinha que ser.

Minhas expectativas eram altas, então assenti com a cabeça.

"Você está pronto, meu bem?", perguntou ela, com um sorriso suave novamente. .

Eu não me sentia realmente preparada, mas a Jensen não deixaria eu conhecer gente ruim, certo? A Jensen nunca deixou nada de ruim me acontecer. Olhei para a mão dela, depois para o seu rosto, e assenti lentamente.

Segurei a mão dela quando ela se levantou. Meus dedos se fecharam firmemente em torno dos dela. "Está tudo bem", ela sussurrou. "Você pode se segurar."

Caminhamos juntos pelo corredor, e a casa foi ficando mais barulhenta à medida que nos aproximávamos do andar de baixo. As crianças gritavam, mas Jensen me levou para o outro lado da casa, onde era mais silencioso.

Segurei a mão dela o tempo todo, apertando-a com mais força sempre que um som me assustava. Ela retribuía o aperto todas as vezes para me acalmar.

No pé da escada, ela me guiou até uma sala de estar grande, onde nós, crianças, não podíamos brincar. A porta estava fechada, mas eu sabia o que havia lá dentro. A sala tinha janelas grandes, poltronas macias e estantes cheias de livros que ninguém podia tocar.

Jensen parou em frente à porta e se agachou para me encarar. "Eles estão logo ali dentro", disse ela, apertando minha mão mais uma vez. "E eu vou ficar com você o tempo todo, tá bom?"

Assenti com a cabeça, observando-a com os olhos arregalados.

Ela deu um sorriso forçado, falando agora em tom baixo. "Eu sei que esta é uma situação nova para você, mas você é muito corajosa. Você aprendeu muito, e as pessoas que estão esperando por você lá dentro verão o quão inteligente e forte você é."

As palavras dela fizeram meu coração bater mais forte. Eram palavras bonitas, e que eu nunca tinha ouvido meu pai me dizer.

Levantei a outra mão para assinar. [Ok.]]

"Certo", disse Jensen, agora com um sorriso mais radiante. "Estou bem aqui."

Ela se levantou novamente e empurrou a porta, e eu me preparei para quem quer que estivesse me esperando lá dentro.

Eu não conseguia ver quem estava sentado no quarto porque fiquei escondida atrás de Jensen. Só vi sapatos no chão. Dois pares. Um era um par de tênis brancos. O outro, botas marrons. As botas eram menores que os tênis, o que significava que pertenciam a uma mulher e o outro a um homem. Os tênis não eram do papai, porém. Isso significava que o papai não estava lá, a menos que tivesse comprado sapatos novos.

“Milow”, disse Jensen gentilmente, estendendo a mão para trás e acariciando a minha nuca. “Vamos sentar.”

Ela me guiou até o sofá, e eu subi nele mantendo os olhos baixos, sem olhar para as pessoas do outro lado. Meus dedos se agarraram ao tecido da almofada, e quando a curiosidade falou mais alto, finalmente olhei para cima. Eu era uma garota corajosa, e com Jensen ao meu lado, eu não precisava ter medo.

Meus olhos se arregalaram quando vi o homem sentado ali.

Foi o bombeiro.

Ele se inclinou para a frente no sofá, com os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando para mim com o mesmo olhar gentil daquela noite. O bigode grande e ridículo ainda estava em seu rosto.

“Oi, Milow”, disse ele suavemente. “Sou eu, Gus. Lembra de mim?”

Eu me lembrava dele. Eu me lembrava do quartel dos bombeiros. Eu me lembrava de cada detalhe da noite em que fui buscar ajuda porque papai não acordava.

Observei seu rosto, depois levantei as mãos e passei os dedos pelo meu lábio superior. .

[Bigode.]

Jensen riu baixinho ao meu lado. Gus olhou para ela com uma sobrancelha arqueada.

“Ela está fazendo o sinal de 'bigode'”, disse Jensen.

Gus deu uma risadinha e estendeu a mão para tocá-lo. "Meu bigode, hein? Ainda está aqui. Ainda com uma aparência ridícula."

Assenti com a cabeça uma vez e depois levantei as mãos novamente.

[Esquilo.]

Gus olhou para Jensen novamente.

Jensen fez o mesmo sinal e explicou: "Significa esquilo".

Dessa vez, Gus riu mais alto. "Você acha que meu bigode parece um esquilo?"

Assenti com a cabeça, mordendo a parte interna da bochecha para não sorrir, embora quisesse.

“Já ouvi isso antes”, admitiu ele, com um largo sorriso. Ele se ajeitou e passou um braço em volta da mulher ao seu lado. “Milow, esta é Iris, minha esposa.”

Meus olhos se voltaram para a mulher ao lado dele quando ela se inclinou para a frente. Suas botas se moveram no tapete e seu sorriso se alargou. Ela parecia cautelosa, como se não quisesse me assustar. Mas eu não estava com medo. Eu era corajosa, e Iris também parecia uma princesa. Igualzinha à Jensen, só que com cabelos castanhos como os meus.

“Olá, Milow. Prazer em conhecê-lo”, disse ela. Sua voz era tão suave e reconfortante.

Olhei para o cabelo dela, depois para o rosto. Ela tinha olhos azuis gentis e bondosos. Desta vez, não levantei as mãos. Apenas a observei em silêncio, tentando entender por que ambos estavam ali.

A princípio, pensei que estivessem ali apenas de visita. Apenas um. tempo, para ver como eu estava. Mas por que Gus traria a esposa se ela não tinha nada a ver com a noite em que Gus ficou sentado ao meu lado enquanto a ambulância levava o papai? Já houve outras visitas antes. As pessoas vinham, sentavam nesta sala com as crianças e depois iam embora. As crianças cochichavam sobre isso depois. Às vezes, essas crianças desapareciam. Às vezes, não. Eu não sabia que tipo de visita era essa.

Mas logo descobri que Gus e Iris tinham voltado.

Não fiquei muito animada em vê-los novamente quando vieram nos visitar pela segunda vez. Gus sorriu abertamente, e Iris também parecia feliz em me ver de novo. Eles se sentaram no chão comigo em vez do sofá, me mostraram os livros que tinham trazido, e Iris até fez cupcakes de chocolate para mim, que comemos juntos antes do jantar.

Então, eles vieram pela terceira vez.

Dessa vez, Iris trouxe papel e giz de cera. Ela desenhou comigo um pouco enquanto Gus conversava com Jensen, e depois, foi a vez de Iris conversar com Jensen, e Gus veio desenhar comigo. Naquele dia, eles ficaram mais tempo do que antes. Eles até jantaram comigo, e eu ouvi Jensen dizer a Gus e Iris que eu tinha uma coisa chamada mutismo. Eu não sabia o que era isso, mas Jensen disse que eu voltaria a falar um dia. Eu não tinha tanta certeza disso. Eu era uma menina obediente e perdi a voz por causa da magia. Minha voz certamente não voltaria a menos que eu começasse a ser tão selvagem quanto todas as outras crianças.

Quando eles foram embora, Iris me abraçou forte e disse que me veria em breve. Ela fez parecer uma promessa, e eu comecei a esperá-los novamente.

Na quarta visita, Jensen me ajudou a pentear o cabelo com ainda mais cuidado. Ela separou as calças mais bonitas e Ela até mandou limpar meu suéter e minhas botas para que ficassem brilhando, assim como as da Iris.

Gus e Iris sorriram quando me viram, mas seus sorrisos pareciam diferentes desta vez. Maiores e nervosos.

Elas conversaram com Jensen por um longo tempo enquanto eu ficava sentada no sofá olhando um dos livros que Iris havia me dado de presente. Então Jensen se ajoelhou na minha frente e pegou minhas mãos. Ela parecia triste, e eu não entendia o porquê.

“Você vai com eles hoje”, disse ela suavemente.

Para onde vai? E por quanto tempo?

Mas eu não perguntei. Eu era uma menina corajosa e obediente, então apenas assenti com a cabeça e deixei que Gus e Iris me levassem embora.

4

Milow

Quinta-feira, 27 de março

Dirigimos por um longo tempo. As casas foram ficando cada vez mais escassas e as árvores mais próximas umas das outras. Mais neve cobria a estrada, e eu observava com a testa colada na janela enquanto ela continuava a cair. Vi tudo passar e tentei me lembrar de tudo. Eu não sabia para onde estávamos indo, mas Gus e Iris pareciam animados. Eles tinham um segredo, mas não me contaram.

Inclinei-me para o banco do meio para olhar entre eles. Gus dirigia com uma mão no volante, e Iris sentava-se ao lado dele, ligeiramente virada para ele. A outra mão de Gus repousava na coxa dela, e a mão dela segurava a dele. Eu tinha reparado que eles andavam de mãos dadas com frequência. Eu também gostava de andar de mãos dadas. Costumava segurar a mão de Jensen porque me fazia sentir segura. Pensando Só de pensar nisso, meu peito doía. Eu não sabia quando voltaria a segurar a mão dela, mas talvez Iris e Gus me deixassem segurar a deles.

Antes de irmos embora, Jensen me abraçou forte. Ela me disse que eu teria meu próprio quarto, muitos brinquedos e silêncio sempre que quisesse. Ela sorriu como se estivesse feliz por mim, embora seus olhos estivessem marejados.

Eu não me importava com quartos, brinquedos ou silêncio. A única coisa que me importava era que Jensen não viesse comigo.

Iris se virou na cadeira e sorriu para mim. "Estamos quase lá, querida", disse ela. "Só mais cinco minutos."

Assenti com a cabeça porque não havia mais nada que eu pudesse fazer. Cinco minutos não era muito tempo. Eram apenas cinco vezes sessenta segundos.

Comecei a contar mentalmente e nos dedos. Observei a neve passar rapidamente pela janela enquanto contava. Faltavam apenas trinta e nove segundos para o fim do terceiro minuto quando o carro diminuiu a velocidade.

Viramos para uma longa entrada de automóveis e, no final dela, havia uma casa grande com folhas subindo pelas paredes como se a estivessem abraçando. Franzi a testa, tentando entender como plantas podiam crescer em uma casa na neve.

“Chegamos”, disse Gus enquanto estacionava o carro.

Virei-me para olhá-lo.

Iris se remexeu na cadeira novamente, o sorriso vacilando um pouco. "É aqui que você mora agora, Milow", disse ela suavemente. "Conosco."

Eu a encarei porque ainda não conseguia entender muito bem o que aquilo significava.

Gus assentiu com a cabeça, olhando também para mim. "Esta é a sua casa agora", disse ele. "Para sempre." ”

"Para sempre" era uma palavra muito forte. Maior que cinco minutos. Maior que um dia inteiro.

Íris estendeu a mão e tocou meu joelho. Sua mão era quente e delicada. Ela queria dizer algo, mas nenhuma palavra saiu. Em vez disso, lágrimas arderam em seus olhos e ela se virou rapidamente.

Gus estendeu a mão para acariciar o rosto dela, e eu observei, maravilhado, enquanto eles se olhavam com carinho.

Quando ele olhou para mim novamente, eu franzi a testa e levantei as mãos para fazer um sinal. [Ela está triste.]

Gus sorriu para mim novamente. Mesmo que não tivesse me entendido de primeira quando usei a linguagem de sinais, ele parecia ter aprendido algumas coisas, pois não precisava mais que Jensen lhe dissesse o que eu sinalizava. "Não, ela não está triste, querida. Ela está feliz, e eu também."

Minha confusão diminuiu um pouco quando olhei para Iris. Ela riu baixinho, enxugou as lágrimas, assentiu com a cabeça e estendeu a mão para tocar meu joelho novamente. "Estou feliz. Estas são lágrimas de felicidade."

Analisei o rosto dela para descobrir se ela estava sendo sincera e concluí que sim. [Feliz!]

“Sim, é isso mesmo.” Ela apertou os lábios e levantou as mãos para fazer o sinal da mesma forma que eu, enquanto dizia: “Feliz”.

Gus saiu do carro e deu a volta para abrir a minha porta. Hesitei antes de pegar na mão dele, mas quando o fiz, ele a segurou como se não quisesse soltá-la. Iris esperou que nos mexêssemos, mas antes que eu o fizesse, deslizei minha mão na dela. Ambos me transmitiram uma sensação de segurança, e finalmente eu estava pronta para ir com eles.

O interior da casa era grande, e mesmo com todos os As cores nas paredes, as fotos e os pôsteres por toda parte, não davam a sensação de aperto. Havia prateleiras repletas de livros, enfileirados e empilhados de lado, e tapetes cobrindo o chão, sobrepostos, como se não conseguissem decidir qual gostavam mais.

Parei de andar e olhei em volta, sentindo-me um pouco sobrecarregada.

Gus deu uma risadinha. "Há muito para ver", disse-me. "Vamos com calma."

Iris apertou minha mão, olhando para mim com um sorriso encorajador. Enquanto me mostravam tudo, disseram que eu podia ir a qualquer lugar e tocar em qualquer coisa que quisesse, porque agora aquela casa também era minha. Era estranho poder fazer tudo, já que a vida inteira eu tinha que ter cuidado para não tocar em nada sem pedir permissão.

A sala de estar tinha dois sofás grandes com muitas almofadas e mantas, e ainda mais prateleiras com livros e objetos de decoração. A cozinha tinha armários e gavetas verde-escuros, e uma parede inteira estava coberta de desenhos. Pareciam desenhos de crianças.

Os três cômodos seguintes eram um banheiro, um escritório e um quarto grande com vista para um amplo jardim. Quanto mais eu via, mais me maravilhava com aquele lugar, e me perguntava o quão mais bonito ele poderia ficar se cada cômodo fosse mais bonito que o anterior.

Eles me conduziram até o andar de cima, onde me mostraram mais dois quartos e um banheiro grande com uma banheira enorme. Um dos quartos parecia quarto de criança, com troféus e medalhas em uma estante e lençóis com desenhos de tacos de hóquei e patins de gelo, enquanto o outro... O quarto parecia mais simples.

Não tive tempo de questionar de quem eram aqueles quartos, pois Iris e Gus já estavam me guiando por mais um lance de escadas. Estávamos em um corredor menor, com uma porta à nossa frente e duas de cada lado.

“Aquele é outro banheiro”, explicou Iris, empurrando a porta à frente. “E este…” Ela se virou para a porta à esquerda. “Este é o seu quarto.”

Entrei com cuidado. Jensen tinha me dito que eu teria meu próprio quarto, mas não imaginava que seria tão grande. As paredes eram de cores suaves e terrosas, e duas grandes janelas deixavam entrar muita luz.

Do outro lado havia uma cama grande e uma estante que já estava meio cheia. Havia brinquedos — muitos deles — e um grande puff num canto.

Absorvi tudo enquanto estava ali parada, admirando cada pequeno detalhe.

Iris ajoelhou-se à minha frente, com um sorriso suave. "Vamos preenchê-lo juntas", disse-me ela. "No seu ritmo."

Eu a observei por um tempo antes de assentir. [Certo.]

"Está bem", ela repetiu com uma risada aliviada, soletrando a palavra com os dedos, como eu havia feito.

Olhei em volta novamente, minha mente ainda sem compreender totalmente que eu ficaria ali para sempre.

Quando voltei meu olhar para Iris, levantei minhas mãos lentamente e fiz o sinal: [Meu?]

“Sim, isto é seu”, respondeu Iris, apertando meus braços delicadamente.

Meus olhos se voltaram para a janela, depois para a cama e, em seguida, voltaram para Iris. [Obrigada.]

“Oh, meu bem.” Os olhos de Iris se encheram de lágrimas. Novamente, e como eu não queria que ela ficasse triste, passei meus braços em volta do pescoço dela e lhe dei um grande abraço.

Seu corpo tremia, e eu pensei que talvez abraçá-la não tivesse sido uma boa ideia, afinal. Parecia que só a fazia chorar mais. Mas, quando eu estava prestes a soltá-la, ela me envolveu em seus braços e me apertou forte.

"Lágrimas de alegria", ouvi Gus dizer, e olhei para onde ele estava parado. "Essas são lágrimas de alegria."

Assenti lentamente com a cabeça e mantive meus braços em volta de Iris, sem soltá-la até que ela o fizesse.

Mais tarde naquele dia, sentei-me no sofá com meu livro de Sudoku no colo e um lápis na mão esquerda.

Como Jensen me presenteou com o livro, eu já tinha resolvido metade dos Sudokus e logo precisaria de um novo. Mas não sabia bem como pedir outro, porque Iris e Gus já tinham me dado esta casa, e pedir mais parecia desrespeitoso, e eu não queria parecer ganancioso, porque não era.

Iris sentou-se ao meu lado, com o braço apoiado no encosto do sofá, e o corpo ligeiramente virado para mim. Ela me observava resolver os quebra-cabeças, e de vez em quando eu olhava para ela, e ela sorria, dizendo o quanto eu era boa nisso. Eu sorria, aproveitando o momento com ela.

Iris era paciente. Ela não me pressionava para fazer nada e também não ficava correndo pela casa como Jensen fazia quando não tinha tempo para ficar comigo. Mesmo assim, ela ainda passava a maior parte do tempo comigo, me ensinando coisas novas. Eu esperava que

Iris também me ensinasse coisas novas. Mas, por enquanto, eu gostava de simplesmente ficar sentada ali com ela.

Antes, depois de me mostrarem a casa toda, ela e Gus me disseram que dois meninos viriam. .

Disseram que os meninos eram seus filhos. Um morava no quarto ao lado do meu, e o outro no quarto com os lençóis de hóquei. Eu não tinha certeza se queria morar ali com dois meninos. Meninos eram barulhentos. Meninos corriam, gritavam e não obedeciam. Mas Gus e Iris não pareciam ter medo dos filhos deles, então talvez os filhos deles fossem diferentes.

Eu não sabia se devia fazer perguntas sobre eles. Estava intrigada, mas também gostava da ideia de ser a única criança naquela casa. Então, apenas assenti depois que me contaram. Gus saiu de casa há algum tempo e me disse que viria buscar os meninos, e novamente assenti.

Algum tempo depois, a porta da frente se abriu e uma rajada de ar frio entrou antes de se fechar novamente.

“Ei, estamos em casa”, disse Gus.

Levantei os olhos do livro e observei Gus sacudir a neve dos ombros. Seu chapéu também estava coberto, assim como seu bigode engraçado. Atrás dele vieram os dois meninos, parando ao lado de Gus na entrada. Um era mais alto, o outro mais baixo, e ambos tinham neve nos chapéus e casacos também.

Iris sorriu imediatamente. "Olá, meus amores." Ela se virou para mim novamente e se inclinou para perto, sua voz baixa para que só eu pudesse ouvi-la. "Você está pronta para conhecê-los?"

A princípio, dei de ombros porque realmente não sabia. Os garotos nunca tinham sido bons comigo. Eram barulhentos, rudes, não me ouviam e sempre riam de mim. Eu não queria passar por isso de novo. Mas então me lembrei de que eu era corajosa. Jensen tinha dito isso. Gus e Iris também. Eu podia enfrentar meus medos.

Então, assenti com a cabeça e coloquei meu livro cuidadosamente sobre a mesa de centro.

Íris se levantou e estendeu a mão. Eu entrelacei a minha na dela. E ela se levantou também. Ela me conduziu até a entrada, onde os dois meninos já haviam tirado os casacos e as botas. Paramos bem em frente a eles e, de repente, não havia mais para onde fugir.

O garoto mais alto tinha cabelos loiros muito claros. Eram ondulados e estavam arrepiados, como se ele não os tivesse penteado há dias. Seus olhos eram azul-claros e ele estava sorrindo para mim. Os garotos geralmente me olhavam de um jeito estranho, mas esse não. Decidi que talvez ele não fosse um garoto barulhento e irritante, afinal.

Meus olhos se voltaram para o garoto mais baixo. Ao contrário do irmão, ele me *olhava* de um jeito estranho. Estava me encarando com os olhos castanhos arregalados e a boca aberta. Tive vontade de fazer uma careta para ele. Não era educado ficar encarando alguém daquele jeito.

O menino tinha cabelo castanho, embora a maior parte estivesse escondida sob um estranho chapéu azul que era grande demais para sua cabeça. Tinha abas compridas nas laterais que pendiam perto dos ombros e uma larga parte peluda na frente. Seu nariz era salpicado de sardas, o que me deixou confusa. Eu pensava que as pessoas só tinham sardas quando o sol brilhava, mas o sol não brilhava há muito tempo. Estava sempre nevando e

cinzento lá fora. Talvez algumas crianças simplesmente tivessem sardas independentemente de tudo. Talvez esse menino fosse diferente, e por isso ele me encarava daquele jeito.

“Milow, este é o Wesley. Ele tem treze anos”, disse Gus, colocando a mão no ombro do menino mais alto e apertando-o levemente. Em seguida, colocou a outra mão no ombro do menino mais baixo. “E este é o Ashby. Ele tem sete anos.”

“Oi, Milow”, disse Wesley, com um sorriso ainda maior. “Gostou do seu quarto? Eu ajudei a decorá-lo.”

Apertei a mão de Iris com mais força e então a envolvi com meu corpo. com a outra mão também. Wesley falava bastante, mas não em voz alta. Parecia feliz em me ver. E ele me ajudou com o meu quarto, o que foi muito gentil da parte dele.

Assenti com a cabeça para que ele soubesse que eu tinha gostado.

Wesley continuou sorrindo, mas as sobrancelhas de Ashby se franziram.

Olhei para ele, sentindo uma vontade enorme de mostrar a língua porque ele ainda estava me encarando. Mas me contive. Meninas obedientes não faziam isso.

Como Ashby continuou encarando, Wesley deu-lhe uma cotovelada. "Não seja estranho."

Ashby piscou, como se tivesse acabado de acordar, e então gaguejou. "Oi. Eu sou Ashby."

"Ela já sabe disso, seu bobão", disse Wesley, franzindo a testa para ele.

Ashby deu de ombros e lançou um olhar para Wesley. "O que mais eu deveria dizer a ela?" Ele olhou para mim, pensativo, antes de perguntar: "Você gosta da nossa casa?"

Assenti com a cabeça.

Ele inclinou a cabeça, me estudando como se estivesse tentando resolver um enigma. "Você não pode falar?"

Eu odiava a pergunta porque ela me lembrava de tudo que eu não conseguia fazer. Mas também me fazia sentir forte, porque eu sabia algo que ele não sabia. Levantei o queixo e balancei a cabeça lentamente. [Não, eu não consigo.]

Ashby olhou fixamente para minhas mãos enquanto elas desciam, sua expressão mudando. Por um segundo, ele pareceu confuso. Olhou para Gus, depois para Iris e, em seguida, de volta para mim. Seus olhos se arregalaram, não de medo, mas com algo brilhante e curioso. Então, um sorriso se espalhou por seu rosto.

“O que isso significa?”, perguntou ele. “É algum segredo?” linguagem?"

De repente, senti um aperto estranho no peito. Ele estava fazendo uma pergunta que nenhuma criança jamais havia me feito. Eles não se importavam com o meu idioma. Não se importavam em aprendê-lo para poderem me entender.

Assenti com a cabeça lentamente, endireitando um pouco a postura porque sabia que minha língua era especial.

"Que legal!", disse Ashby rapidamente. "Você pode me ensinar?"

Ensiná-lo? Ele queria que eu lhe ensinasse a minha língua?

Inclinei a cabeça para o lado, imaginando se ele estava falando sério. O sorriso permaneceu estampado em seu rosto, e ele esperou minha resposta.

Assenti com a cabeça novamente e, desta vez, sorri também. Era um sorriso verdadeiro que chegou aos meus olhos, fazendo meu rosto doer.

O sorriso de Ashby se alargou ainda mais ao ver aquilo. "Incrível! E talvez você possa ensinar o Wesley também, para que nós dois saibamos sua língua secreta."

O entusiasmo dele me fez sorrir, e fez Gus e Iris darem risadinhas.

“Parece uma ideia superdivertida”, disse Gus, colocando as mãos sobre a cabeça dos meninos. “Mas primeiro, vocês dois precisam tomar banho e se limpar.”

Ambos gemeram baixinho, mas não discutiram.

“Depois disso”, acrescentou Iris, olhando para nós três, “vamos jantar e nos conhecer um pouco melhor”.

"Tudo bem, mãe", disse Wesley, e então olhou para mim novamente. Ele ainda estava sorrindo. "Até mais, Milow."

"É, até mais, Milow. Mal posso esperar para aprender sua língua secreta!" disse Ashby, e então ambos desapareceram. lá em cima com Gus.

Olhei para Iris para ver seu rosto. Ela pareceu satisfeita com aquele primeiro contato. Sorriu para mim e passou a mão pelos meus cabelos. "Eles estavam tão animados para te conhecer", disse ela. "Você gostaria de me ajudar a preparar o jantar?"

Assenti rapidamente. Nunca tive a oportunidade de ajudar a cozinhar, mas sempre me senti fascinado por isso, pois podia usar as mãos e aprender coisas novas.

“Perfeito.” Ela pegou minha mão e me levou até a cozinha. “Vamos fazer frango com batatas e espinafre. E também vamos fazer uma fornada de biscoitos.”

Levantei a mão livre e fiz o sinal de "Que delícia!"

Ela olhou para mim e sorriu. "Parece delicioso, né?"

Ela puxou um banquinho até a bancada e eu subi nele para observá-la. Ela lavou as batatas, me deu uma e me mostrou como descascá-la.

Enquanto o frango assava, Iris me deixou rasgar o espinafre com os dedos e colocá-lo em uma tigela. Era muito espinafre, e eu me perguntei se nós, só nós cinco, realmente comeríamos tudo isso.

[Isso é muito espinafre.]

Iris observou minhas mãos por um instante, depois olhou para o espinafre. Levou um momento para ela entender o que eu queria dizer, mas então perguntou: "Espinafre? Você acha que é demais?"

Assenti com a cabeça, repetindo o mesmo gesto com as mãos. [Demais para todos nós.]

Ela franziu os lábios, levando um momento para entender o que eu estava sinalizando. Adorei a paciência que ela tinha comigo e consigo mesma, porque isso significava que ela realmente se importava. Ela e Gus Eles haviam aprendido muito da minha língua secreta, o que me mostrou o quanto se importavam.

“Ah, você acha que isso é espinafre demais para nós?”

Dessa vez, assenti com mais firmeza.

Ela sorriu e olhou para a tigela. "Parece muita coisa, não é? Mas sabe de uma coisa?"

[O que?]

“Quando cozinhamos o espinafre, ele encolhe.”

Meus olhos se arregalaram. [Sério?]

“Sim.” Ela pegou a tigela e a colocou ao lado da panela no fogão. “Veja bem, o espinafre é composto por mais de 90% de água, e quando é cozido, essa água evapora.”

Evapo-o quê?

Inclinei a cabeça, lançando-lhe um olhar estranho.

Íris riu baixinho. "Aqui, observe com atenção."

Ela colocou todo o espinafre na panela. Algumas folhas caíram porque havia tanto que mal cabia na panela. Fiquei de olho e, com o tempo, percebi que a pilha de espinafre estava diminuindo.

"Viu?", disse Iris, inclinando-se um pouco mais para perto de mim, com os olhos também fixos no espinafre. "A água dentro do espinafre está evaporando."

[O que é aquilo?]

Ela olhou para mim. "Evaporar? É quando a água se transforma em gás. É química."

Já tinha ouvido essa palavra antes, mas não sabia que espinafre tinha algo a ver com isso. Franzindo os lábios, olhei para a panela novamente e meus olhos se arregalaram ao ver que as folhas agora eram apenas uma pequena massa.

"Legal, né?"

Assenti com a cabeça, na esperança de aprender mais coisas divertidas como esta. no futuro.

Ouvi passos e vozes se aproximando e virei a cabeça para ver Gus entrar na cozinha, com Wesley e Ashby logo atrás. Ambos estavam com os cabelos úmidos e agora vestiam pijamas. Era a primeira vez que eu via Ashby sem seu chapéu engraçado, e ele parecia menos bobo agora.

“Tem alguma coisa com um cheiro muito bom”, disse Wesley.

"É porque você finalmente está limpo", respondeu Iris em tom de brincadeira.

Wesley fez uma careta. "Boa, mãe."

Ashby se colocou entre nós, espiando por cima do balcão para ver o que estávamos preparando. "O que tem nessa panela?"

[Espinafre,] eu soletrei com os dedos.

Ashby olhou fixamente para minha mão, com os olhos arregalados de espanto novamente. "Uau. Não faço ideia do que você acabou de dizer."

Fiz uma careta e olhei para Iris em busca de ajuda. Ela sorriu suavemente e olhou para Ashby. "É espinafre. E tente dizer 'sinalizado' em vez de 'dito', querido."

O rosto de Ashby se contorceu em uma carranca. "Por quê?"

“Porque é mais apropriado. Sinais de Milow.”

Era uma explicação simples, mas eu realmente não entendia por que era tão importante.

Ashby refletiu sobre as palavras da mãe, depois assentiu lentamente antes de olhar para mim novamente. "Você fala com as mãos."

Eu gesticulei bastante. Era a maneira mais fácil de dizer. Assenti com a cabeça e levantei as mãos novamente. [Frango com batatas também.]

Quanto mais eu assinava, mais fascinado ele parecia, e isso me fazia sorrir porque ele ainda não estava rindo nem zombando de mim. Ele estava realmente tentando... Entenda-me.

“Também tem frango com batatas, e de sobremesa, fizemos…”

[Biscoitos!]

“Biscoitos”, repetiu Iris.

“Que delícia!”

“Muito bem, meninos, ajudem o papai a pôr a mesa.”

Gus carregou os pratos, Wesley ajudou com os copos e Ashby cuidou dos talheres.

Quando todos nos sentamos, peguei a cadeira mais próxima de Iris. Comi devagar enquanto observava os outros. Wesley falou sobre a casa da avó e o forte de neve que ele

construiu no quintal dela. Ele disse que tinha que reconstruí-lo constantemente porque Ashby pulava em cima dele. Ashby riu e nem tentou negar.

Eu queria dizer para o Ashby que destruir o forte de neve de outra pessoa de propósito não era legal. Mas o Wesley estava sorrindo quando contou a história, como se fosse engraçada em vez de ruim. Então continuei comendo e decidi que podia deixar para lá.

Eu ouvi e observei seus rostos. Ninguém me pediu para participar da conversa. Ninguém esperou que eu levantasse as mãos e assinasse. Eu pude estar ali e absorver tudo.

Uma nova sensação, que eu não conseguia identificar, se fez notar no meu peito, e eu a contive ali, tentando entender o que significava. Eles eram uma família, e mesmo tendo estado ali apenas um dia antes, eu sentia como se já pertencesse a eles também.

5

Milow

Depois do jantar, fomos para a sala de estar. Gus trouxe o prato de biscoitos e Iris trouxe o leite morno. Sentamos todos juntos, eu ao lado de Iris e Gus, e o calor deles era tão reconfortante. Era algo que eu nunca tinha sentido antes. Iris puxou um cobertor sobre minhas pernas sem que eu pedisse, e eu gostei que ela simplesmente soubesse do que eu precisava.

Ashby estava sentado no chão em frente à mesa de centro, já comendo os biscoitos. Ele já havia comido bastante no jantar e parecia que não comia há anos. Era um menino faminto, e isso me fez torcer o nariz. Mas não por nojo. Na verdade, eu estava fascinada com a quantidade de comida que aquele menino conseguia ingerir.

Wesley sentou-se no outro sofá. Seus olhos pousaram no livro que estava sobre a mesa. Ele o pegou e folheou as páginas, arqueando as sobrancelhas cada vez mais. .

"Sudokus?", perguntou ele, olhando do livro para mim. "Você os resolveu?"

Assenti lentamente com a cabeça, esperando que ele risse. Que me chamasse de "nerd", como algumas outras crianças faziam no orfanato.

Mas os olhos de Wesley se arregalaram quando ele olhou para baixo novamente, virando outra página e soltando um assobio baixo. "Esses são difíceis. Tipo, muito difíceis." Ele olhou para mim, dessa vez com algo novo no olhar. Parecia orgulhoso. "Só pessoas muito inteligentes sabem como resolver isso."

Uma onda de calor me invadiu, e sem querer levantei o queixo. Gostei que ele tivesse dito aquilo. Gostei que ele pensasse aquilo de mim.

"É, superinteligente", disse Ashby com a boca cheia. Ele mastigou e engoliu, depois acrescentou: "Mais inteligente que o Wesley, porque ele não consegue resolvê-los."

Wesley fez uma careta para o irmãozinho e deu um leve chute nas pernas dele. "Você também não consegue resolver isso."

“Meninos”, disse Iris suavemente, lançando-lhes um olhar sério.

"Ainda não tentei resolver nenhum", murmurou Ashby, olhando para mim. "Você me ensinaria? E você também precisa me ensinar sua língua secreta."

Foi avassalador. Tudo o que eu via e ouvia fazia meu coração disparar, e tudo o que eu sentia era tão intenso que eu não sabia como lidar com isso. Mas mantive a calma, sabendo que ficar agitada só causaria mais caos dentro de mim.

Olhei para Ashby e assenti com a cabeça. [Eu posso te ensinar.]

Como sempre, ele lançou um olhar rápido para Iris, esperando que ela lhe dissesse o que eu havia assinado.

“Ela vai te ensinar”, assegurou-lhe ela.

“Obrigado, Milow!”

“Experimente isto”, disse Gus, levando a mão espalmada ao queixo e movendo-a para a frente e para baixo. “Significa 'obrigado'.”

Ashby observou Gus fazer isso novamente, depois tentou ele mesmo, e Wesley também fez.

"Assim?", perguntou Wesley, e eu assenti com a cabeça, encorajando-o.

Ashby sorriu radiante quando acertou, sua mão se movendo um pouco rápido demais e de forma um pouco exagerada, mas ele estava perto o suficiente.

Eu os observei, e meu coração se encheu de tanta alegria que parecia que ia explodir. Nunca havia me sentido assim. Desde que Iris e Gus me trouxeram para cá, só tinha tido bons sentimentos. Isso devia significar alguma coisa. Meu coração batia forte, e sem querer, me inclinei um pouco mais para perto de Iris. Ela me abraçou imediatamente, seu abraço quente e reconfortante.

"Você está bem, querida?", ela perguntou baixinho.

Assenti com a cabeça, mas meus olhos começaram a arder. Estava ficando cansada e sentia meu corpo afundando no sofá. Não conseguia mais me sustentar.

Ashby ainda me observava atentamente, aguardando o próximo sinal, sua empolgação transparecendo em suas palavras e movimentos. "E outro?", perguntou ele. "Qual é o sinal para... para o meu nome?"

Gus deu uma risadinha discreta. "Talvez isso sirva de lição para amanhã, amigão."

"Mas-"

"Ela está cansada", disse Iris gentilmente, afastando meu cabelo do meu rosto. "Foi um dia longo para ela."

Tentei manter os olhos abertos, mas eles se fechavam sozinhos. Meus cílios tremiam e pareciam pesados demais. para levantar. Apoiei a cabeça completamente no ombro de Iris, e o quarto começou a parecer distante.

“Vocês dois também tiveram um dia longo”, disse Gus.

“Mas eu queria que ela me ensinasse mais da sua língua secreta”, disse Ashby, com a voz mais suave do que antes. Ele parecia desapontado, mas não zangado.

"Eu sei", respondeu Gus. "Ela vai. Amanhã."

"Certo", murmurou ele. Houve uma pequena pausa, então Ashby acrescentou: "Eu gosto dela. Acho que serei o melhor amigo dela, se ela quiser."

Essa foi a última coisa que ouvi antes de adormecer.

—

Quinta-feira, 17 de abril

Jensen tinha me dito a verdade quando afirmou que este seria meu lar para sempre. Iris e Gus não me trouxeram de volta, nem uma única vez, e todos os dias, durante os últimos vinte e um dias — que descobri serem exatamente três semanas — eles me mostraram repetidamente que me queriam ali. Não diziam isso o tempo todo. Demonstravam de maneiras sutis, perguntando como eu estava me sentindo, me abraçando, e ninguém jamais me disse que eu não pertencia àquele lugar.

Na maioria dos dias, éramos só eu e a Iris em casa. O Gus saía para ajudar as pessoas porque era bombeiro, e o Ashby e o Wesley também não estavam em casa porque estavam na escola. A casa ficava mais silenciosa nesses dias, mas eu gostava de ter a Iris só para mim. Ela preenchia o silêncio com música suave e sua voz doce, e todos os dias fazíamos coisas para passar o tempo. Cozinhávamos, jogávamos cartas e assistíamos a filmes. Tudo o

que eu tinha vontade de fazer, ela topava. Ela até me levou a diferentes parques com grandes parquinhos, e um dia, nós até fomos ao shopping.

Mas, por mais que eu adorasse passar tempo sozinha com ela, eu sentia muita falta do Gus e dos meninos. Eu também queria ir para a escola. Eu disse isso para a Iris com gestos, e ela sorriu e disse que eu iria, mas não agora. Eu tinha que esperar o verão acabar. O pensamento fez meu peito palpitar de duas maneiras diferentes. Eu me senti animada, porque a escola era onde eu aprenderia muito. Mas também me senti nervosa, porque a escola significava ainda mais crianças. Muitas delas. E eu não tinha certeza se gostaria delas. Eu gostava do Ashby e do Wesley, e eles não eram como as crianças de antes. Eles eram gentis e nunca eram malvados. Eles conversavam comigo e brincavam comigo, mas eu nunca passava muito tempo com eles. Não tanto tempo quanto passava com a Iris.

Ela me disse que as férias de verão dos meninos chegariam em breve. Mais algumas semanas e eu poderia passar todos os dias com eles. Naquela época, eu só conseguia brincar com Ashby e Wesley à noite e nos fins de semana. E às vezes nem isso. Wesley jogava hóquei no gelo todo sábado, e Ashby às vezes ia ao centro aquático. Ele era nadador, explicou Iris, e disse que era muito bom para a idade dele. Eu me perguntava como seria vê-lo nadar. Me perguntava se um dia eu conseguiria ver, e talvez até nadar com ele.

Hoje, esperei que eles chegassem em casa, observando atentamente o relógio. Quando a porta da frente finalmente se abriu, Ashby imediatamente tirou os sapatos e o casaco, mantendo o boné na cabeça como sempre fazia, antes de... Ele segurou minha mão. Me puxou escada acima até seu quarto, falando rapidamente sobre o que queria jogar.

Ele tirou a caixa de super-heróis do armário e despejou todos no chão. Ele os adorava. Adorava falar sobre eles e fazê-los realizar as coisas mais engraçadas. Eu também gostava deles, principalmente porque às vezes ele me deixava brincar com o seu favorito: o Hulk.

Ashby alinhou todos os bonecos de ação na beira da mesa, explicando tudo enquanto eu ficava sentado observando.

"Todos eles têm que pular para sobreviver", disse ele seriamente. "Os bandidos colocaram explosivos aqui em cima, e se eles não pularem, todos morrerão."

Meus olhos se arregalaram e toquei em seu ombro até que ele olhasse para mim. Quando ele olhou, levantei as mãos e fiz um sinal com cuidado. [Isso é perigoso.]

Ele observava minhas mãos atentamente, franzindo a testa enquanto tentava acompanhar. Depois de um instante, seu semblante se iluminou e ele assentiu. "Sim. É perigoso." Então sorriu, como se soubesse algo que eu não sabia. "Mas eles são super-heróis, lembra?"

Ele voltou-se para a mesa e colocou os últimos quatro bonecos de ação bem na beirada, alinhando-os perfeitamente. "Eles não vão se machucar", disse ele com confiança. "Nunca se machucam."

Fiz uma careta e fiquei olhando para eles. Eram só brinquedos. Eu sabia disso. Mas eram os favoritos do Ashby e significavam muito para ele. Então, significavam muito para mim também, e eu não queria que se machucassem.

Antes que eu pudesse encontrar uma maneira de conter meus sentimentos avassaladores, Ashby de repente fez um barulho alto. Ele soltou um som de explosão com a boca e balançou o braço sobre a mesa.

Todos os bonecos de ação tombaram de uma vez, caindo no tapete.

Tapei a boca com a mão, arregalando os olhos. Ashby caiu na gargalhada e soltou umas gargalhadas ainda mais altas, gesticulando com os braços. Depois, ajoelhou-se e começou a colocar os bonecos de ação em pé novamente, um por um.

“Eles pousaram em segurança”, disse ele com voz muito séria, erguendo o Hulk na minha frente. “Viu? Estão todos bem.”

Observei os super-heróis parados ali, mas não estava totalmente convencido. Quando Ashby olhou para cima e percebeu a preocupação ainda estampada em meu rosto, seu sorriso se suavizou. Ele estendeu a mão e a colocou em meu ombro.

“Não se preocupe com eles, Milow”, disse ele gentilmente. “Eles estão todos bem.”

Seus cabelos estavam espetados para todos os lados por baixo do boné virado para trás, o que o fazia parecer ridículo.

“Eles são fortes”, acrescentou, acenando com a cabeça e dando um tapinha no peito do Hulk. “E os super-heróis sempre cuidam uns dos outros. Assim como nós cuidamos uns dos outros nesta família. Isso significa que eu vou proteger você. E o Wesley também. E a mamãe e o papai.”

Éramos apenas crianças, mas aquelas palavras pareciam importantes e significativas. Algo que eu deveria lembrar. Assenti lentamente, deixando que suas palavras penetrassem em minha mente enquanto ele se voltava para seus brinquedos, instruindo-os sobre a próxima travessura.

Continuei a observá-lo. Ele estava se divertindo muito, e eu gostei que ele me quisesse ali. Ele não estava me forçando a brincar com ele. Em vez disso, ele simplesmente me deixou observar. .

Depois de um tempo, Ashby começou a alinhar as figuras de volta na mesa, cantarolando baixinho para si mesmo. Foi então que ouvi passos fortes no corredor. Virei a cabeça, pensando que era Wesley vindo brincar conosco, mas não era.

Um garoto que eu nunca tinha visto antes parou na porta. Ele respirava com dificuldade por ter subido as escadas correndo. Seu cabelo era preto e grudado na testa, e seus olhos eram azuis e confusos quando encontraram os meus. Ele apenas me encarou, e eu retribuí o olhar.

O que aquele menino estranho estava fazendo em nossa casa?

Seu rosto se contorceu, como se tivesse sentido um cheiro ruim. "Hum, Ashby?", disse ele, com a voz cheia de incredulidade. "Por que tem uma *garota* no seu quarto?"

Franzi a testa. Queria que ele soubesse que Ashby tinha me convidado para estar ali. Que eu tinha permissão para estar ali e que não estava fazendo nada de errado. Mas eu já sabia que ele não me entenderia. Garotos como ele não conheciam minha linguagem secreta e nunca se importaram em aprendê-la. Então, coloquei as mãos atrás das costas e apertei os lábios, permanecendo imóvel.

Ashby olhou para ele, completamente impassível. Deu um sorriso radiante. "Stan", disse alegremente. "Venha brincar. Você pode ser o Homem de Ferro." Estendeu a figura em sua direção.

Stan não aceitou. Nem sequer olhou para aquilo. Seus olhos permaneceram fixos em mim, estreitos e desconfiados.

“Ashby”, disse ele novamente, mais devagar desta vez, “estou falando sério. Tem uma *garota* no seu quarto.”

Ashby ergueu uma sobrancelha e olhou para mim como se estivesse confirmando. Depois, olhou para Stan e assentiu. "Sim. Eu sei." ”

Ele apontou para mim com um sorriso orgulhoso. "Essa é a Milow. Ela mora aqui."

Stan piscou, ainda imóvel.

“Ela… mora aqui?”, ele repetiu.

Ashby assentiu novamente. "Sim. Mamãe e papai a adotaram."

Adotado . Seria essa a palavra para se tornar parte de uma nova família e ficar para sempre?

O olhar de Stan percorreu meu corpo novamente. Ele ainda não estava convencido se eu deveria estar ali. Permaneci imóvel enquanto ele me observava. Talvez, se eu não me movesse, ele não encontrasse nada de errado comigo. A expressão em seu rosto mudou. O nojo agudo se dissipou, dando lugar à confusão e, em seguida, à curiosidade. Eu não sabia qual era pior.

“Milow”, disse Ashby orgulhosamente, apontando para mim, “este é meu melhor amigo no mundo inteiro. Stan. Nós estudamos juntos.”

Olhei de Ashby para Stan e depois de volta para Ashby. Eu não sabia o que fazer. Acenar parecia muito arriscado, e conversar não era uma opção. Stan continuou me observando enquanto se aproximava. Ele parou bem na minha frente e inclinou a cabeça. "Olá."

Minha garganta apertou como sempre acontecia quando as pessoas esperavam que eu falasse, mas eu sabia que nada sairia, e meu silêncio poderia provocar qualquer reação. Principalmente daquele garoto; eu tinha a sensação de que a reação dele seria maior do que a da maioria.

E eu estava certo.

Stan franziu a testa. "Ela está quebrada?"

“Ela não está quebrada”, disse Ashby imediatamente, franzindo profundamente a testa enquanto se aproximava. Ele parou em frente a ela. me protegeu, como se seu corpo pudesse bloquear as palavras dolorosas do menino. "Ela é super legal e muito inteligente. E fala uma língua secreta."

"De jeito nenhum", disse Stan, balançando a cabeça. "Não acredito em você."

“Mas ela faz sim!” Ashby insistiu, virando-se para mim com um sorriso esperançoso. “Mostre para ele, Milow.”

Senti minhas mãos pesadas. Eu não queria. Não queria ter que provar nada para alguém que já me olhava como se eu fosse estranha e errada. Mas Ashby estava sorrindo tão radiante para mim, e eu não queria decepcioná-lo. Eu faria isso por ele, não pelo garoto malvado. Lentamente, levantei uma das mãos.

[Olá.]

Stan apertou os olhos e franziu o nariz. "Isso não é uma língua secreta. Ela só acenou." Ele zombou. "Ela é estranha."

A mesma dor que eu tantas vezes sentira no orfanato se instalou em meu peito. Eu não gostei nada disso. Desviei meu olhar para Ashby. [Eu não gosto dele.]

Os olhos de Ashby se arregalaram. Por um segundo, pensei que tivesse feito algo errado. Então, sua expressão mudou e ele pareceu zangado. Mas não estava zangado comigo.

"Ela não é estranha, Stan!", ele retrucou. "Você não pode dizer coisas maldosas assim."

"Mas ela *é* estranha!", retrucou Stan. "Ela fica me encarando como se eu fosse uma boneca assustadora."

A boca de Ashby se contraiu. Ele parecia realmente chateado agora. "Pare com isso, Stanley. Isso não é legal!"

Antes que Stan pudesse responder, uma voz grave ecoou pela sala.

“Rapazes, o que está acontecendo?” ”

Gus estava parado na porta. Um alívio tão grande me invadiu que meus olhos arderam. Levantei num pulo e corri até ele sem pensar. Ele tinha passado o dia todo no quartel dos bombeiros, e eu só percebi o quanto sentia falta dele quando ele estava ali, bem na minha frente. Ele me levantou e me deu um beijo na bochecha.

“Ei, querida.”

Envolvi meus braços em volta do pescoço dele e me inclinei para perto dele.

"Pai", disse Ashby rapidamente, "Stan chamou Milow de estranho e assustador. Diga a ele que isso não é legal."

"Mas você mentiu!", argumentou Stan. "Você disse que ela conhece uma língua secreta!"

“Ela faz sim! E está me ensinando!”

“Rapazes”, ordenou Gus, agora com a voz mais firme. “Sentem-se na cama por um instante.”

Ambos gemeram, mas subiram na cama. Gus caminhou até a escrivaninha e sentou-se na cadeira, colocando-me em seu colo. Seu braço me envolveu, mantendo-me perto dele.

“Vamos nos acalmar”, disse ele, olhando entre os dois. “Stanley, Ashby não te contou sobre Milow?”

Stan cruzou os braços e deu de ombros. "Não."

“Certo”, disse Gus calmamente. “Bem, esta é a Milow. Ela mora aqui conosco agora.”

Stan deu de ombros novamente. "Certo. E daí?"

“Então”, Gus repetiu com uma risadinha divertida. Parecia que não era a primeira vez que lidava com ele. “Ela é da família. E eu gostaria que vocês se dessem bem, já que você é o melhor amigo da Ashby e vocês passam muito tempo juntos.” ”

Stan abriu a boca, mas fechou-a novamente. "Mas... mas..." Ele franziu a testa, procurando as palavras certas. "Por que ela não fala comigo? Isso é falta de educação."

"Ela não é mal-educada!", disse Ashby imediatamente. "Ela simplesmente não quer falar."

“Mas eu disse oi, e ela não respondeu!”

“Meninos”, Gus advertiu novamente. Os dois se calaram. Quando conseguiu a atenção deles, continuou com uma voz mais suave. “Vejam bem, a Milow não fala do mesmo jeito que vocês”, explicou Gus. Sua mão repousou nas minhas costas enquanto ele falava, me dando o conforto que eu precisava naquele momento. “Ela tem uma condição chamada mutismo seletivo. Isso significa que ela consegue falar, mas nem sempre se sente segura para usar a própria voz. Então, ela escolhe não falar.”

Stan piscou e descruzou os braços. Mas ele ainda não entendeu.

“Ela ainda não escolheu falar”, continuou Gus. “E tudo bem. Ela se comunica de outras maneiras. Com as mãos. Com as expressões. Ouvindo. E um dia, quando estiver pronta, talvez use a voz também.”

Encostei meu rosto no ombro de Gus. Nunca pensei que faria isso. Queria continuar obediente e não queria que minha voz voltasse, porque isso significaria que eu era má. A magia tinha me roubado a voz por um motivo, e eu queria que continuasse assim.

Stan ficou em silêncio por um longo momento. Espiei-o de onde estava sentada, com o coração batendo forte no peito. Seu rosto suavizou.

“Ah”, disse ele finalmente. “Então… ela não está sendo grosseira comigo.”

"Não", disse Gus. "Ela está apenas sendo ela mesma." ”

Stan assentiu lentamente. Olhou para Ashby e depois para mim. "Eu não sabia", murmurou, um pouco sem jeito. "Desculpe por ter dito que você era estranha."

Eu o observei e pude ver a honestidade em seus olhos. Ele balançou os pés e brincou com os dedos, depois ergueu uma das mãos num pequeno aceno. "Oi, Milow. Prazer em conhecê-lo."

Hesitei. Ele estava tentando recomeçar. Ninguém nunca quis tentar recomeçar, porque, depois de não me entenderem, simplesmente me deixaram de lado. Ninguém nunca quis acompanhar meu ritmo porque era muito mais fácil. Mas Stan era diferente nesse sentido. Talvez ele não estivesse fazendo isso necessariamente por mim, mas por Ashby e Gus, mas era o suficiente.

Lentamente, levantei as mãos, obrigando-me a ser corajosa.

[O prazer é meu.]

Ashby ficou boquiaberto, como se fosse a coisa mais incrível que já tinha visto, como se nunca tivesse me visto assinar antes. "Viu só!", disse ele. triunfantemente. "Eu te disse!"

Stan ficou boquiaberto. "Uau! Isso é... muito legal mesmo. Você pode me ensinar também?"

“Claro que pode”, respondeu Ashby por mim.

"Incrível!" exclamou Stan, erguendo as mãos para o ar antes de me olhar com uma expressão mais séria. "Não serei malvado de novo. Prometo."

Eu sabia que promessas eram algo sério. Papai sempre prometia me proteger e me fazer feliz, e sempre prometia nunca me machucar. Mas papai quebrou suas promessas. Eu não tinha certeza se podia confiar em Stan quando ele prometeu não ser mais malvado comigo, mas que escolha eu tinha? Ele era o melhor amigo de Ashby, e Gus também parecia gostar dele.

Gus encostou a bochecha na lateral da minha cabeça. "Tudo bem", disse ele gentilmente. "Fico feliz que tenhamos conversado sobre isso. Vamos jantar daqui a pouco, amigo."

Ashby gemeu, mas não discutiu. "O Stan pode ficar para o jantar?"

Gus refletiu sobre isso enquanto me colocava de volta no chão e se levantava da cadeira. "Por mim, tudo bem. Vou ligar para o Dean e perguntar."

Presumi que Dean fosse o pai de Stan.

"Ele vai dizer sim de qualquer jeito", afirmou Stan, com a atenção já voltada para os super-heróis espalhados pelo tapete.

“Ainda vou ligar e perguntar. Ashby, mais dez minutos, ok?”

"OK."

Eu estava dividido entre seguir Gus escada abaixo e ficar aqui em cima. Agora que Stan estava aqui, eu não tinha tanta certeza se Ashby ainda queria que eu brincasse com ele. Ele já estava explicando algo para Stan com gestos amplos de braço, e Stan estava ouvindo, posicionando os super-heróis do jeito que Ash queria.

Gus passou a mão na minha nuca e saiu, me deixando ali parada no meio do quarto. Observei a cena à minha frente mais uma vez, vendo os garotos continuarem a preparar os heróis, falando uns por cima dos outros sem discutir.

Eles se davam bem, e uma pequena parte de mim queria fazer parte do que eles tinham. Stan era amigo de Ashby, e isso devia significar alguma coisa.

Então, eu disse a mim mesmo que faria o possível para estar aberto a Stan — ou a qualquer outro amigo de Ashby que eu viesse a conhecer ao longo do caminho.

Eu queria fazer isso por Ashby. E, talvez, uma pequena parte de mim também quisesse fazer isso por mim mesma.

6

Milow

Terça-feira, 22 de abril

Aniversários eram um conceito totalmente estranho para mim. Eu sabia que as pessoas envelheciam. Sabia que o corpo mudava. Mas não sabia que existia um dia dedicado exclusivamente a você — um dia em que as pessoas celebravam o seu nascimento. Não sabia que outros acendiam velas e cantavam para você nesse dia.

Mas todos estavam cantando: Iris, Gus, os meninos. Minha garganta apertou e meus olhos arderam.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto antes que eu entendesse o que estava acontecendo. Eu não estava acostumada a sentir alegria e medo ao mesmo tempo. Era sempre uma coisa ou outra. Eu não sabia como lidar com ambas ao mesmo tempo. ao mesmo tempo.

Vi os olhos de Iris se arregalarem e Gus congelar com o bolo no ar. O pânico deles me deixou ainda mais em pânico.

Íris se moveu primeiro. "Oh, querida."

Ela me tirou da cadeira e eu a abracei pelo pescoço. Meu rosto se pressionou contra seu ombro enquanto meu corpo tremia.

"Por que ela está chorando?", perguntou Ashby. Olhei para ele e vi que suas mãos ainda estavam juntas por causa das palmas. E ele estava franzindo a testa para mim. "Só estamos cantando parabéns para ela."

"Eu sei, amigo." Gus colocou o bolo na mesa e depois pôs uma das mãos no ombro de Ashby. "Ela ficou surpresa."

"Talvez estivéssemos fazendo muito barulho", disse Wesley, com um olhar preocupado. Seus olhos pálidos estavam cheios de apreensão.

Ashby franziu o nariz. "Ou talvez seu canto tenha sido tão ruim que a fez chorar."

Wesley deu um tapa no braço dele, e Gus lançou um olhar para os dois, silenciando-os. "Meninos, sejam gentis."

"Você está bem", sussurrou Iris, acariciando minhas costas suavemente. A cadeira rangeu quando ela se sentou, me acomodando em seu colo, e eu a abracei com força pela cintura. Meus dedos se agarraram à sua blusa. Eu não queria soltá-la. Não até que essa confusão dentro de mim desaparecesse.

Eu respirava calmamente, com uma voz dentro da minha cabeça me dizendo que eu estava segura nos braços de Iris. Nada me machucaria ali. Mas a onda de emoção ainda persistia, mesmo que ninguém me dissesse para parar de chorar.

Encarei as velas no bolo e, com o passar do tempo, as lágrimas cessaram e secaram em minhas bochechas. Levantei um pouco a cabeça e observei o rosto de Iris. Queria que ela entendesse tudo aquilo. Queria saber por que eles tinham começado. Cantando para mim,

perguntando por que havia um bolo com velas e por que todos pareciam tão felizes por eu ter nascido sete anos atrás.

Meu nascimento nunca importou para o papai. Minha existência significava apenas ficar dentro de casa, ser machucada por sua vara de machucar e ser punida se eu pedisse mais comida.

Os olhos de Iris brilhavam com lágrimas. Havia culpa e tristeza neles, e eu não gostava de vê-la assim. Eu não queria ser o motivo daqueles sentimentos ruins, mas era difícil fazê-la se sentir melhor quando eu mesmo estava afundando em sentimentos ruins.

Com um sorriso suave, ela afastou os cabelos do meu rosto.

“Estamos comemorando você”, ela me disse baixinho. “Estamos muito felizes por você estar aqui, Milow.”

Gus se aproximou e se agachou ao nosso lado, levando a mão até a minha lombar. "Este é o seu dia", explicou ele. "Seu aniversário."

Continuei apenas olhando, precisando de mais tempo para entender tudo. Eu havia criado essa confusão chorando quando tudo o que eles estavam tentando fazer era celebrar comigo.

Ashby se ajoelhou na cadeira. "Aniversários são muito divertidos", começou ele, com os olhos brilhando. Ele estava tentando me animar, e nunca falhava. "Nos aniversários, você ganha bolo e presentes. E é o seu aniversário, então você ganha tudo isso hoje."

Quis perguntar porquê, mas mantive as mãos longe de mim.

"Não é para isso que servem os aniversários, Ashby", disse Wesley, franzindo a testa.

“Sim, claro! Mas os presentes e o bolo são a melhor parte.” ”

Wesley revirou os olhos e depois sorriu para mim. "Estamos felizes que você tenha nascido e esteja aqui conosco, e é por isso que estamos comemorando."

Observei-o por um instante. Eu queria desesperadamente entender. Queria saber por que alguém ficaria feliz por eu ter nascido.

Iris deve ter pressentido a pergunta que me consumia por dentro, e me puxou para mais perto. "Você merece ser amada."

Gus assentiu com a cabeça, com um sorriso gentil e encorajador. "Se aniversários parecem assustadores agora, tudo bem. Vamos devagar. Estamos aqui com você."

Assenti lentamente com a cabeça porque não queria mais ignorá-los. Eles mereciam mais do que o meu silêncio.

Ashby mudou o peso do corpo de forma desajeitada e batucava os dedos na mesa com impaciência. Seus olhos constantemente se voltavam para as velas no bolo, enquanto a cera pingava.

“Podemos ajudá-la a apagar as bolhas?”, perguntou ele.

Gus deu um leve sorriso. "Se ela quiser."

Olhei para as chamas brilhantes e me perguntei por que papai nunca me fez apagar as velas. Ou por que ele não achava meu aniversário importante o suficiente para ser comemorado. Talvez ele nem soubesse que deveríamos comemorá-lo, porque o dele também nunca foi comemorado.

[OK.]

Os olhos de Ashby se arregalaram. "Que legal!"

Gus puxou o bolo para mais perto de nós, e Iris sussurrou: "Faça um pedido".

Eu não sabia como fazer um pedido. Não sabia o que os pedidos deveriam fazer, ou o que significavam. Minha mente fervilhava com tantas possibilidades. O que eu poderia pedir? O que não me seria tirado? O que era seguro desejar? Seria certo desejar ter minha voz de volta sem deixar de ser obediente?

Minha respiração tremia, mas mesmo assim me inclinei para a frente, seguindo o exemplo de Ashby. Ele se aproximou até que seu braço roçou no meu, e encheu os pulmões com uma inspiração dramática. Então, sopramos juntos. Nossas respirações se misturaram. As chamas se curvaram e desapareceram em uma fina fumaça que subiu em espirais.

Ashby vibrou tão alto que a mesa tremeu, e Wesley bateu palmas com um sorriso orgulhoso.

Meu peito doía e relaxava ao mesmo tempo. Eu ainda sentia muita coisa, mas agora, em sua maioria, eram sensações boas.

Eu poderia aprender a gostar dos meus aniversários.

Eu poderia aprender a celebrar o meu nascimento.

—

Naquela noite, Gus e Iris me cobriram com o cobertor e leram uma história em voz alta. Suas vozes eram calmas, e eu me concentrei mais neles do que nas palavras que diziam. Eles tornaram o dia suportável, sem me pressionar para brincar quando os meninos pediram, e me dando tempo para me adaptar aos sentimentos avassaladores que eu sentia desde que acordei naquela manhã. Quando a história terminou, eles beijaram minha testa e sussurraram que me amavam. Então, apagaram a luz e saíram, sorrindo enquanto fechavam a porta.

Para mim, vê-los felizes era mais importante do que as velas ou o bolo.

Eu me enrolei de lado, abraçando meu novo ursinho de pelúcia contra o peito, com sua pelagem macia pressionada contra minha bochecha. Meus olhos estavam pesados, mas minha mente ainda estava a mil, e seria mais uma noite difícil para pegar no sono.

Meus olhos se voltaram para a porta assim que a maçaneta fez um clique. O medo me invadiu, e por um instante pensei que fosse o papai vindo me buscar. Ele costumava vir à noite, dizendo que era hora de eu ser uma menina obediente, e eu sempre ia com ele sem reclamar. Porque se eu reclamasse, a palmatória ia doer ainda mais.

Apertei o ursinho de pelúcia com mais força quando a porta se abriu lentamente e uma pequena sombra se moveu pelo chão. Meu coração disparou e prendi a respiração enquanto o medo crescia. Mas o alívio logo veio quando vi o pequeno corpo de Ashby entrar.

"Milow?" ele sussurrou na escuridão. "Você está dormindo?"

Me levantei com esforço e balancei a cabeça negativamente.

Ele parou e me encarou por um instante. Então sussurrou: "Posso entrar?"

Ele já estava no quarto. Cruzara a soleira sem esperar, mas eu não me importei. Assenti lentamente. Meus olhos o seguiram enquanto ele dava um passo à frente e fechava a porta suavemente. Caminhou até a cama e parou ao lado dela. O luar que entrava pela janela iluminava metade do seu rosto, e ele acendeu o abajur para que eu pudesse vê-lo melhor. Apertei o ursinho de pelúcia contra o meu colo, com os braços em volta dele, sem saber ao certo, mas curiosa para saber por que ele tinha vindo.

Os lábios de Ashby se curvaram num sorriso travesso que se espalhou pelo seu rosto. Instintivamente, inclinei a cabeça. Esperei que ele dissesse algo, mas ele permaneceu em silêncio. Com um movimento rápido, levou a mão para trás e, quando retornou, segurava uma folha de papel enrolada. Devia estar enfiado no cós do seu calção de pijama, porque eu não o tinha visto nas mãos dele antes.

"Isto é para você", disse ele, com a voz cheia de entusiasmo, enquanto me estendia o papel.

Eu fiquei olhando fixamente para ele, meus dedos apertando o urso.

"Pode pegar", insistiu ele, empurrando o papel enrolado contra minha mão. "Eu desenhei para você. É um presente de aniversário que eu fiz."

Um presente. Mais um. Eu já tinha aberto cinco hoje. Um de cada um deles, e um que disseram ser de todos juntos. Cinco presentes já me pareciam demais, e agora Ashby estava me oferecendo um sexto.

Meus dedos afrouxaram ao redor do urso. Estendi a mão lentamente para pegá-lo e retirei o elástico antes de desenrolar o papel.

Apareceu um desenho brilhante e colorido.

"Este sou eu. E este é você. E nós somos super-heróis." Ele se inclinou para perto, apontando para duas figuras de palito usando capas. Explicou cada detalhe com entusiasmo. "Nós podemos voar, viu? Ali estamos nós no céu. E aquela é a piscina onde eu nado. E este é o quintal com o parquinho que o papai prometeu construir. E—ah! Aquela é a sua almofada de feijão com o seu livro de Sudoku em cima."

Seu dedo batucava em cada parte, e sua voz saía apressada, sem fôlego.

Continuei olhando fixamente para o desenho. Meus olhos percorriam cada forma e cor.

"E comecei outro com a mamãe, o papai e o Wesley", disse ele. "Ainda não está terminado, mas amanhã vou terminar. Aí você poderá pendurá-lo no seu quarto."

Ele se virou para olhar para a parede acima da minha mesa e apontou com certeza.

"Bem ali. E talvez você possa desenhar algo também, para que eu possa pendurar no meu quarto."

Seus olhos brilharam com a ideia. Sua voz falava tão rápido que eu mal conseguia acompanhar. Meu raciocínio ficava um pouco atrás de suas palavras, mas isso não era novidade.

Quando ele finalmente se calou, aguardando uma resposta, eu assenti lentamente.

[OK.]

Ele esboçou um sorriso, pegou o desenho da minha mão e o colocou na mesa de cabeceira, depois subiu na cama sem avisar.

Me afastei um pouco para abrir espaço, e ele se enfiou debaixo das cobertas, movendo-se com a confiança de quem já tinha feito aquilo mil vezes. Observei-o se acomodar ao meu lado. Hesitei, sem saber se devia ficar imóvel ou me aproximar mais. Mas aquele era Ashby. Se havia alguém a quem eu podia permitir que se aproximasse de mim, era ele.

Então, deitei-me novamente e virei-me para ele, com meu ursinho de pelúcia aconchegado contra o peito. O luar filtrava-se pelas cortinas, deixando o quarto com um tom azul claro. Seus cabelos despenteados caíam sobre a testa, sem o chapéu para os conter. Ele só tirava o chapéu quando dormia. Seus olhos percorreram meu rosto, e eu retribuí o olhar.

"Milow", ele sussurrou. "Você pode me mostrar como dizer 'mamãe' e 'papai' em sua língua secreta?"

Eu nunca tinha usado esses dois sinais, mas os conhecia porque Jensen os havia me ensinado lá no orfanato. Levantei as mãos e fiz os sinais, e ele os repetiu para mim com os dedos rígidos e um pouco desajeitados. Mas ele tentou de novo até acertar. .

Ele sorriu com orgulho. "Talvez vocês também possam chamá-los de mãe e pai. Levei alguns anos para conseguir. Wesley também. Costumávamos dizer os nomes deles. Mas agora dizemos 'mãe' e 'pai' porque eles são nossos pais. E são os seus também."

Pisquei para ele, confusa com suas palavras. Eu pensava que Iris e Gus sempre tivessem sido seus pais. Pensava que Ashby e Wesley pertenciam a este lugar desde que nasceram. Nunca imaginei que eles também fossem adotados.

Então eles vieram de outro lugar.

Outra pessoa os havia doado.

Outra pessoa não os queria.

Ou talvez o pai deles também tivesse sido levado por um monstro, e eles tivessem tido a sorte de encontrar Gus no quartel dos bombeiros. Meu coração batia forte contra as minhas costelas enquanto eu o olhava. Ficamos nos encarando, e eu me perguntava se ele sabia da tempestade que havia desencadeado dentro de mim.

7

Milow

Terça-feira, 2 de abril 9º

A sala de exames era branca e fria, e o papel sob mim amassava a cada movimento meu. Iris estava sentada perto de mim num banquinho, e Gus estava na cadeira perto da porta. Ambos tentavam parecer calmos, mas eu percebia que estavam nervosos. Era a minha primeira consulta médica, e vi um lampejo de culpa nos olhos deles, como se me trazer até ali tivesse sido difícil para eles.

Mas eu não estava com medo. Ashby tinha me dito que os médicos eram pessoas boas que só queriam ter certeza de que eu estava bem. E papai também era médico. Ele tinha um consultório igualzinho a este lá em casa, e eu já tinha entrado nele algumas vezes.

Quando o médico entrou, falou comigo primeiro. Fez-me perguntas e eu apenas assenti com a cabeça ou balancei-a negativamente. Ele examinou minha cabeça porque não conhecia minha língua secreta. Depois, verificou meus ouvidos, olhos e boca. Fiz tudo o que ele me pediu e fiquei completamente imóvel, pois sempre sigo instruções.

Quando ele me pediu para deitar, eu obedeci e fiquei olhando para o teto azul-claro, que tinha grandes nuvens brancas pintadas. O médico me pediu para levantar a blusa para que ele pudesse examinar minha barriga. Ele pressionou levemente meu estômago, perguntando se algo doía, e eu sempre balançava a cabeça negativamente. Ele pareceu satisfeito com a minha resposta e, em seguida, pegou um objeto de aparência estranha, dizendo que era como uma câmera que permitia que ele visse o interior da minha barriga.

Ele virou uma pequena tela na minha direção e mandou que eu olhasse. Algo frio tocou minha pele, e então ele moveu o aparelho ao redor da minha barriga.

"Olha só isso, Milow", disse Gus, entusiasmado. "Você sabe o que são essas coisas?"

Eu fiquei olhando para a tela, vendo apenas formas cinzentas estranhas. [Não.]

"Esses são os seus órgãos."

"Exatamente", disse o médico, sorrindo gentilmente enquanto mantinha os olhos na tela. "E tudo parece perfeito. Seu estômago está cheio. Você almoçou bem?"

[Sim, eu comi pizza!]

O médico lançou um olhar rápido para Gus, esperando que ele traduzisse.

"Ela comeu pizza. É a comida favorita dela."

"É mesmo? Essa também é a minha comida favorita", ele me disse. "Tudo bem. Parece tudo ótimo." Ele olhou para mim, seus olhos percorrendo meu rosto antes de pousarem no meu pescoço. "Incline a cabeça para trás para mim." "

Eu não sabia por que ele queria que eu fizesse aquilo, mas obedeci. Todos ao meu redor pareciam mais tensos, mas eu continuei olhando para o teto. O médico colocou o aparelho delicadamente na minha garganta e o moveu lentamente para cima e para baixo. Abaixei o olhar para ele, vendo sua expressão de alegria mudar aos poucos.

Ele continuou olhando para a tela, e a tensão no ar aumentou. Finalmente, ele afastou o aparelho, colocou-o de volta no lugar e limpou o gel da minha garganta.

Ele se virou para Gus e Iris, fazendo-lhes perguntas diferentes.

“Ela já conversou com você?”

“Alguém explicou algo sobre o estado de saúde dela?”

“O que você sabe sobre a infância dela?”

Iris franzia a testa, e Gus se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Eles tentaram explicar que eu não falava porque escolhia não falar. Eu tinha mutismo seletivo, mas queria dizer a eles que não conseguia falar porque a magia havia me roubado a voz. Eles não entenderiam. Pensariam que eu estava sendo boba.

O médico começou a falar sobre coisas que eu não entendia. Ele usava palavras difíceis, falava baixo, e eu tentei acompanhar observando as expressões faciais deles. Mas não consegui.

Então ele disse algo em voz mais clara, mas ainda assim não fazia sentido para mim.

“Ela não os tem.”

O que me faltou?

O silêncio tomou conta do ambiente, e eu vi Gus se mexer na cadeira. Sua cabeça estava baixa, e quando voltei meu olhar para Iris, a vi enxugando uma lágrima. .

O médico continuou, explicando as coisas calmamente, mas eu ainda não entendia. Só entendi algumas coisas quando ele começou a falar sobre a polícia, mas não fazia ideia do porquê de ele mencionar isso.

Iris cobriu a boca para abafar um som. Lágrimas escorriam por suas bochechas. Gus se levantou abruptamente, fazendo a cadeira arrastar no chão. Suas mãos se fecharam em punhos. Ele parecia chocado, furioso e assustado ao mesmo tempo. Eu nunca tinha visto Gus daquele jeito. Fiquei tão assustada que automaticamente estendi a mão para Iris.

"Está tudo bem, querida", disse ela baixinho, puxando-me para o seu colo com um sorriso que não chegava aos olhos. Ela estava chateada, e vê-la assim me deixou chateada também.

"Isso é uma loucura", disse Gus entre dentes cerrados, e eu olhei para ele para ver o quão irritado ele estava.

Eu tinha feito alguma coisa? Eu era claramente a razão para aqueles sentimentos ruins. Mas eu não tinha feito nada. Eu tinha sido obediente e deixado o médico me examinar.

Franzi a testa e baixei o olhar para as minhas mãos no colo, incapaz de encarar seus rostos por mais tempo. Eles estavam sofrendo, e eu começava a me sentir sobrecarregada. O dia tinha começado tão bem, com nós cinco sentados felizes à mesa do café da manhã. E agora, Gus e Iris estavam chateados e irritados. E era porque algo estava errado comigo.

Minhas unhas arranharam meu polegar até que a pele começou a se soltar.

Iris fungava sem parar, seus ombros tremendo enquanto me abraçava forte. Eu não entendia o motivo das reações deles. Não sabia por que aquilo era uma notícia tão terrível. Eu não falava há muito tempo. Achava que o silêncio fazia parte de quem eu era, e eles sabiam disso. .

"Vou investigar isso", ouvi o médico dizer. "Houve uma cirurgia."

Eu consegui captar alguns fragmentos do que ele dizia, mas não o suficiente para entender o que realmente queria dizer. Nenhum deles falou diretamente comigo. Falavam ao meu redor, como se as palavras fossem pesadas demais para uma criança. Mas talvez

fosse melhor assim. Segurei a camisa de Iris com força e me encostei em seu ombro, ouvindo sua respiração irregular. Eu não sabia o que havia de errado comigo agora, mas isso não me preocupava tanto, porque já havia tanta coisa errada comigo.

—

Iris e Gus ainda estavam muito chateados, mesmo depois de chegarmos em casa. Iris foi direto para a cozinha preparar o jantar, e Gus andava de um lado para o outro na sala. A preocupação deles deixava a casa com um ar pesado. Iris tinha me dito para brincar até o jantar ficar pronto, mas eu não estava com vontade. Em vez disso, procurei por Ashby. Eu queria que ele ficasse perto de mim porque ele sempre conversava e fazia as coisas parecerem normais. Puxei a manga da camisa de Gus para chamar sua atenção. Ele parou de se mexer e olhou para mim com olhos cansados. "Sim, querida?"

Levantei as mãos para assinar. [Onde está Ashby?]

Ele esfregou a nuca e disse: "Ashby está na casa do Stan. Ele voltará para casa em breve."

Franzi a testa, mas assenti com a cabeça. [Onde está Wesley?]

“O Wes está lá em cima, no quarto dele.” Ele sorriu e se inclinou para beijar minha testa. “Estamos bem, querida. Não se preocupe com a gente.” ”

Ele entendeu que eu também tinha sentimentos e pensamentos confusos e intensos, e só estava tentando me fazer sentir melhor. Eu também queria fazê-lo se sentir melhor, então levantei as mãos novamente e fiz o sinal: [Eu te amo, pai. E amo a mãe. Porque você também me ama.]

Seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo, e então se encheram de lágrimas. Desta vez, eu tinha certeza de que eram lágrimas de felicidade. "Nós te amamos, Milow. Agora, brinque um pouco. O jantar estará pronto em breve."

[OK.]

Dei um rápido aperto nas pernas dele e subi para o quarto do Wesley. A porta estava entreaberta e eu o vi sentado na cama com uma pilha de livros à sua frente. Ele olhou para cima quando me ouviu na porta e eu acenei para ele.

Ele deu um pequeno sorriso. "E aí, Milow. Tudo bem?"

[Pode me ajudar?]

Ele inclinou a cabeça como sempre fazia quando me observava usar a língua de sinais. Todos eles tinham muito interesse em aprender minha língua secreta, mas Wesley estava frequentemente ocupado com a escola e, por isso, não era tão bom quanto os outros. Mesmo assim, ele se esforçava e sempre queria continuar aprendendo.

“Você quer que eu te ajude? Com o quê?”

[Colhendo flores.]

Ele piscou uma vez e fechou o livro à sua frente. "Colhendo flores? Do jardim?"

Assenti rapidamente, feliz e orgulhosa por ele ter entendido.

“Sim. Eu consigo fazer isso.”

Senti um pequeno alívio. Queria levar flores de íris para ela. Flores sempre a faziam sorrir. Eu sabia disso porque Gus frequentemente... Comprei flores para ela, que depois ela colocou num vaso bonito. Desta vez, eu queria ser quem lhes desse as flores.

Wesley deslizou da cama e me seguiu escada abaixo, onde passamos pela porta dos fundos para o quintal. Wesley ficou perto enquanto eu me ajoelhava em frente ao canteiro

de flores. Escolhi todas as cores, selecionando-as com cuidado e segurando os caules com firmeza para que não se quebrassem.

Wesley agachou-se ao meu lado e estendeu a mão. "Posso segurá-los para você."

Coloquei cada flor na palma da mão dele para que ele pudesse segurá-las em um pequeno buquê. Ele ficou me observando, e eu me concentrei em escolher as flores mais bonitas.

Depois de um tempo, ele perguntou suavemente: "Como foi a consulta com o médico, Milow?"

Levantei um ombro para mostrar que não tinha sido tão ruim assim. [Não doeu.]

"Não doeu?" Ele assentiu. "Ótimo. O médico disse algo sobre o seu estado de saúde?"

Endireitei-me e assenti com a cabeça novamente. Senti orgulho disso.

[Estou saudável e forte.]

"Isso é bom."

Peguei uma flor roxa e a coloquei junto com as outras. Então, assinei novamente. [Mas ele disse que algo está faltando em mim.]

Wesley fez uma pausa, tentando entender. Suas sobrancelhas se franziram. "Faltando alguma coisa? O que você quer dizer?"

Dei de ombros novamente. Eu não sabia como explicar. [Algo que os deixou tristes.]

Ele olhou para as minhas mãos e depois para o buquê de flores que segurava. Sua expressão suavizou-se. "Foi por isso que você quis colher flores? Porque a mamãe e o papai estão tristes?" ”

[Sim.]

“Que fofo, Milow. Eles vão adorar.”

Quando terminei de colher as flores mais bonitas, levei-as para dentro enquanto Wesley me seguia. Fui direto para a cozinha, onde Iris e Gus estavam.

“Mãe. Pai. Milow tem uma coisa para vocês”, disse Wesley.

Os dois se viraram, e eu estendi o lindo embrulho em direção a eles com um grande sorriso.

“Oh, meu bem”, sussurrou Iris, pegando as flores das minhas mãos. Ela as apertou contra o peito, depois se inclinou para a frente e beijou o topo da minha cabeça. “São lindas.”

[Eles te fazem feliz.]

“Sim, têm sim”, disse Gus, passando a mão pelos meus cabelos. “Vamos colocá-las num vaso e tê-las na mesa de jantar.”

Assenti rapidamente e observei Iris ir em busca do vaso perfeito. Enquanto ela os arrumava cuidadosamente, Gus pediu a Wesley que ajudasse a pôr a mesa. Eu também queria ajudar e, assim que coloquei o último copo na mesa, ouvi a porta da frente se abrir.

"Cheguei!" A voz de Ashby soou da entrada, e eu me virei rapidamente. Ele estava tirando os sapatos e jogando a jaqueta no banco antes de correr pela sala em nossa direção. Ele não diminuiu o passo antes de se atirar em mim, me abraçando com força. Sua bochecha pressionou meu cabelo.

“Senti sua falta”, disse ele.

Fiquei paralisada por um segundo, depois o abracei também. Seu abraço me fez sentir que tudo estava bem novamente. .

“Nós também sentimos sua falta, amigo”, disse Gus. “Vá lavar as mãos e depois venha se sentar. O jantar está pronto.”

Eu não queria soltá-lo, mas também não queria perdê-lo. Jantaríamos com toda a família e eu sabia que, depois, brincaríamos até a hora de dormir.

8

Milow

Sábado, 14 de junho

Hoje foi um grande dia. Esperei muito tempo para ver o Ashby nadar, e finalmente estava acontecendo. Acordei cedo porque não conseguia parar de pensar nisso. Queria abraçar o Ashby e desejar-lhe boa sorte, mas ele já tinha ido embora. Papai o levou ao centro aquático logo cedo para o aquecimento. Mamãe, Wesley e eu tomamos café da manhã juntos e, depois, mamãe me ajudou a vestir meu maiô.

Eu só tinha usado a sunga uma vez quando a compramos, duas semanas atrás. Ela me fez sentir atlética e pronta para pular na piscina. Mamãe disse que eu precisava esperar a competição terminar para poder entrar. Wesley também usou sua sunga e prometeu me segurar onde meus pés não alcançassem. tocar o fundo. Eu não conseguia parar de pensar nisso — meus pés boiando na água funda. Eu só tinha estado na banheira até então, e lá sempre tinha sido seguro. A piscina seria diferente, mas eu não estava com medo.

Eu queria aprender a nadar. Queria sentir o que o Ashby sentia, porque sabia o quanto a natação era importante para ele. Mas, por mais animada que estivesse para entrar na piscina, estava ainda mais ansiosa para vê-lo nadar. Mamãe e papai sempre falavam de como ele era forte e rápido na água. Eu queria ver com meus próprios olhos e tinha certeza de que ele venceria hoje.

Quando chegamos ao centro aquático, olhei em volta com os olhos arregalados. A piscina se estendia à nossa frente, e a água parecia infinita. Havia longas cordas dividindo-a em caminhos extensos, e eu estava fascinado com tudo naquele lugar. Imediatamente, entendi por que Ashby se sentia tão à vontade ali.

Apertei a mão da minha mãe para que ela olhasse para mim, depois soltei para que eu pudesse assinar.

[Será que Ashby vai nadar aqui?]

Mamãe assentiu com a cabeça e sorriu. "Ele vai."

Olhei fixamente para a água e depois assinei novamente.

[As faixas são muito longas!]

“São mesmo”, disse ela, apontando em direção às arquibancadas. “Vamos sentar ali.”

Caminhamos sobre os azulejos molhados. Meus pés descalços batiam contra eles, e a água espirrava das outras crianças que corriam por nós. Famílias lotavam as arquibancadas, e eu observei todos os rostos. Alguns deles eu já tinha visto pela cidade. Mamãe cumprimentou um casal e acenou para uma mulher mais acima nas arquibancadas. Sentamos perto da última fileira. Bem perto da água, inclinei-me para a frente, olhando para o azul. Meu coração palpitava no peito de expectativa. Mamãe colocou a mão no meu ombro e apontou para a entrada.

“Olha, Milow. Os pais do Stanley estão aqui.”

Segui o dedo dela e vi o casal caminhando em nossa direção. Dean tinha o mesmo cabelo escuro que Stan, e seus rostos eram parecidos, o que deixava claro que eram pai e filho. Chelsea acenou com as duas mãos quando nos viu. Quando chegaram à nossa fileira, minha mãe se levantou e os abraçou.

Chelsea se abaixou para poder me olhar nos olhos. Seu sorriso era amplo e radiante.

“Oi, querida. Como você está hoje?”

Eu já tinha conhecido os dois antes, quando vieram jantar em casa uma vez. Eles foram simpáticos e até trouxeram bolo de sobremesa. Eu gostava do Dean e da Chelsea, mas ainda tinha dificuldade em aceitar o Stan como meu amigo. Ele podia ser muito barulhento e gostava de transformar todas as brincadeiras em um caos. Mesmo assim, ele sempre me incluía. Compartilhava seus brinquedos e lanches, mesmo que gritasse demais enquanto fazia isso. O Ashby nunca pareceu se importar, então eu também tentei não me importar.

Sorri e levantei as mãos para assinar.

[Estou bem.]

Chelsea observou atentamente, certificando-se de que havia entendido. Então, assentiu com a cabeça.

“Que bom! Você está animado para ver os meninos nadando?”

Assenti com a cabeça vigorosamente. Minha empolgação era por Ashby. Stan também estaria na água, mas eu não me importava tanto em vê-lo nadar. Eu gostava dele, mesmo quando ele me irritava. Às vezes era assim comigo. Mas com o Ashby era diferente. Eu queria que ele ganhasse. Queria que todos torcessem por ele.

Enquanto Chelsea e mamãe se sentavam, vi papai se aproximar. Acenei e esperei que ele chegasse perto de mim, então deixei que me pegasse no colo. "Ei, querida. Nossa, olha só você!" Ele cutucou minha barriga. "Gostei do seu maiô."

[Obrigado.]

Papai sorriu e me deu um beijo na bochecha, depois me colocou de volta no chão para cumprimentar mamãe e Wesley antes de se sentar ao lado de Dean.

Os adultos começaram a falar sobre o cronograma das corridas e quando os meninos iriam começar. Suas vozes se misturavam ao barulho da piscina. Quando minha mãe se inclinou para mais perto de mim, apontou para uma piscina menor do outro lado da grande. Várias crianças estavam na borda enquanto os treinadores conversavam com elas.

"Está vendo Ashby?", perguntou minha mãe. "É lá que eles se aquecem antes da corrida."

Analisei a multidão de nadadores e avistei sua touca de natação azul-escura enquanto ele corria em direção à borda da piscina.

“Aí está o nosso menino”, disse o pai, orgulhoso.

Observei-o pular na água, com as outras crianças seguindo-o, e prendi a respiração enquanto Ashby se impulsionava na borda e chutava com força. Seus braços cortavam a água e suas pernas se moviam rapidamente. Ele parecia concentrado, e tentei me imaginar nadando também. Eu não seria tão bom quanto ele — ou qualquer uma das crianças. Mas eu estava disposto a aprender.

Ashby chegou ao outro lado e levantou a cabeça. Inclinei-me para a frente e levantei a mão, acenando repetidamente. .

Ele virou a cabeça na nossa direção e, por um instante, não tive certeza se ele nos reconheceria dali. Mas então ele sorriu, tirou um braço da água e acenou de volta antes que

o treinador gritasse algo para ele. Ele mergulhou na água novamente e se impulsionou na borda da piscina.

Recostei-me e senti um calor se espalhar pela minha barriga enquanto mantinha os olhos em Ashby.

Depois de um tempo, Wesley se aproximou mais de nós, com seus olhos claros fixos na mamãe e no papai.

“Posso tomar um sorvete enquanto esperamos a corrida começar?”

Papai tirou a carteira do bolso sem hesitar e entregou algumas notas para Wesley. "Leve Milow com você."

Eu adorava sorvete, especialmente em dias quentes como hoje. Wesley se levantou e estendeu a mão. "Vamos lá, Milow. Vamos tomar sorvete."

Coloquei a minha mão na palma da mão dele, e ele segurou a minha com firmeza enquanto descíamos as arquibancadas com cuidado. Observei a água cintilar à nossa passagem, ficando cada vez mais ansiosa para pular.

O quiosque ficava perto da entrada, e uma pequena fila se formou em frente a ele. Um ventilador zumbia atrás do balcão, soprando o ar fresco em nossa direção. Havia uma vitrine de vidro cheia de sorvetes de diferentes cores em potes, e quando chegou a nossa vez, pressionei as duas mãos contra a borda para espiar lá dentro.

Wesley se inclinou para perto de mim. "Qual sabor você quer?" Ele apontou para os potes um por um. "Tem chocolate, baunilha, morango, menta com chocolate e limão."

Encarei atentamente cada cor, tentando imaginar o sabor de cada uma. Desejei poder provar todos os sabores, mas não conseguiria comer tudo. Wesley esperou pacientemente, dando-me todo o tempo necessário para fazer uma escolha da qual não me arrependeria. .

[Chocolate, por favor.]

Wesley assentiu com a cabeça e olhou para a mulher atrás do balcão. "Chocolate para minha irmã e baunilha para mim, por favor."

Ele pagou com o dinheiro que papai nos dera. Quando ele me entregou a casquinha, segurei-a cuidadosamente com uma mão enquanto pegava a mão de Wesley com a outra. Caminhamos de volta em direção às arquibancadas. Pessoas circulavam ao nosso redor carregando toalhas e boias, e eu lambi o sorvete para que não pingasse. À nossa frente, uma menina saiu de um grupo de crianças. Ela tinha longos cabelos ruivos trançados e usava um maiô roxo. Parecia ter mais ou menos a idade de Wesley.

“Olá, Wesley”, disse ela, com um sorriso tímido.

Ele congelou e parou, o rosto ficando vermelho vivo. Endireitou um pouco a postura e limpou a boca com as costas da mão.

“Ah, oi, Evie”, ele respondeu.

Parei ao lado dele, olhando para cima com atenção. Nunca tinha visto Wesley tão corado e nervoso. Ele geralmente era tranquilo e relaxado, mas essa garota parecia ter mudado isso nele. Wesley ainda segurava minha mão, mas seu aperto ficou mais forte.

Evie olhou para mim com um sorriso.

“Essa é sua irmã?”

Wesley assentiu rapidamente. "Sim. Esta é Milow."

Evie se abaixou um pouco para poder me olhar melhor. "Prazer em conhecê-lo, Milow."

Eu sorri. Ela não franziu a testa nem fez careta porque eu não usei a voz. Ela apenas continuou sorrindo. "Ela é fofa."

Wesley pigarreou e transferiu o peso de um pé para o outro. "Hum, você vai nadar hoje?" ”

Evie voltou seu olhar para Wesley. "Sim. Nado peito. Estou um pouco nervosa, mas sei que consigo. E você?"

Wesley balançou a cabeça e desviou o olhar. "Não. Só estou observando o Ashby."

“Ah.” Ela hesitou, depois sorriu novamente. “Bem… talvez a gente se veja mais tarde?”

"Sim", disse Wesley rapidamente. "Certo."

Ela acenou e caminhou em direção ao seu grupo, e Wesley soltou um suspiro lento pelo nariz, ainda segurando minha mão com mais força do que antes. Seu rosto continuava vermelho, e quando olhou para mim, tentou agir normalmente.

Ergui uma sobrancelha para ele, divertida com a forma como ele havia reagido a Evie.

“Vamos lá”, ele sussurrou. “Deveríamos voltar antes que a corrida comece.”

Continuamos caminhando em direção aos nossos lugares, e eu fiquei observando o rosto de Wesley enquanto ele lambia o sorvete, fingindo que nada tinha acontecido.

Ele gostava da Evie? A Evie definitivamente gostava dele. Eu conseguia ver nos olhos dela. Era o mesmo jeito que eu olhava para o Ashby, e o Ashby olhava para mim também. E nós gostávamos muito um do outro.

Quando chegamos aos nossos lugares, Iris sorriu e disse: "Depressa, sentem-se. A eliminatória do Ashby é a próxima."

Nos apertamos ao lado da mamãe e do papai, e eu olhei para a outra extremidade da piscina, onde os nadadores se alinhavam atrás dos blocos de partida. Eu já tinha quase terminado meu sorvete quando ouvi a voz saindo dos alto-falantes, chamando os nomes um por um.

“Na faixa número quatro… Rua Ashby atler!”

Papai deu um soco no ar. "Esse é o meu garoto!" Sua voz ecoou pelas arquibancadas, e algumas pessoas riram baixinho.

Íris bateu palmas. "Vai, Ashby!"

Wesley inclinou-se para a frente, levando a mão livre à boca. "Você consegue, amigo!"

Eu queria ter podido gritar por ele também. Às vezes, eu desejava que, em situações como essa, a magia me devolvesse a voz. Só por um segundo, para torcer por Ashby. Em vez disso, apenas sorri radiante com o coração batendo forte no peito.

O locutor prosseguiu.

“E na raia cinco temos Stanley Whitt!”

Chelsea e Dean se levantaram e aplaudiram ruidosamente. "Você consegue, Stan!", gritou Dean.

Stan subiu no bloco. Seus óculos de proteção escondiam seus olhos, mas dava para perceber que ele estava com medo e nervoso. Ashby olhou para o seu melhor amigo e fez um sinal de positivo com o polegar. Stan tentou sorrir, mas apenas deu de ombros antes de se mexer inquieto no bloco. Eles estavam competindo um contra o outro, e Ashby ainda tentava deixar o amigo mais à vontade, demonstrando seu apoio.

Os nadadores se agacharam na posição inicial, e eu prendi a respiração, olhando fixamente para o corpo de Ashby curvado para a frente, com os dedos dos pés encolhidos na borda.

Uma buzina alta soou, e todos mergulharam de cabeça. Bem, todos menos Stan, que pulou de pés.

A água espirrava alto e Ashby disparava para a frente com braçadas suaves e fortes. Ele estava na liderança, enquanto Stan chutava com força, mas perdia o ritmo.

Todos estavam torcendo por eles, e eu me esqueci do meu sorvete quando Ashby se aproximou da outra extremidade da... piscina. Meus olhos o seguiram, depois se desviaram para Stan por um instante. Ele ficou para trás rapidamente, erguendo a cabeça bruscamente a cada poucas braçadas em busca de ar.

"Talvez a gente deixe ele fazer caratê, como ele pediu", murmurou Dean. "Natação não é para qualquer um."

Chelsea suspirou, mas assentiu com a cabeça, com os olhos preocupados enquanto Stan se aproximava da metade do caminho.

Senti uma pontada no peito enquanto observava Stan se debater na água. Ele parecia indefeso, mas eu sabia que não o tinham forçado a nadar. Aposto que seus pais só queriam que ele experimentasse tudo pelo menos uma vez, assim como a mãe e o pai deixaram os meninos experimentarem tudo antes de Ashby escolher a natação e Wesley o hóquei no gelo.

Ashby deslizou à frente, alcançando a parede primeiro em um instante. Papai se levantou, comemorando em voz alta.

Stan tocou na parede muito depois dos outros, levantando a cabeça e ofegando. Ele estava tossindo e parecia exausto, mas Chelsea aplaudiu mesmo assim, com a voz trêmula, mas orgulhosa. "Bom trabalho, Stan! Estou orgulhosa de você!"

Meus olhos voltaram para Ashby. Ele saiu da piscina, tirou os óculos de natação e a touca e, depois de receber um "toca aqui" e um abraço do treinador, virou-se para as arquibancadas. Todos acenamos e ele correu ao redor da piscina com água escorrendo pelo cabelo e ombros. Seu sorriso não se desfez. Quando chegou até nós, meu pai o abraçou forte e bagunçou seu cabelo. Iris lhe deu um beijo na bochecha e Wesley lhe deu um tapinha nas costas.

"Você é um campeão", disse Wesley, orgulhoso. "Você foi incrivelmente rápido."

“Estamos orgulhosos de você, filhinha”, acrescentou o pai. .

Ashby agradeceu a eles, e quando papai o colocou de volta no chão, olhou para mim. Seus braços me envolveram, levantando meus pés do chão. A água fria molhou meu maiô, mas eu não me importei. Me agarrei a ele, segurando firme. Ele se afastou o suficiente para olhar meu rosto. Ele ainda respirava com dificuldade por causa da corrida, e seus olhos brilhavam de orgulho.

“Eu venci porque você estava aqui”, disse ele, com a voz repleta de certeza. “Eu vi você, e isso me fez nadar mais rápido.”

Eu não tinha tanta certeza se aquilo era verdade, mas gostava de acreditar. Meu peito apertou como sempre acontecia quando ele dizia ou fazia algo tão doce. Sorri e encostei minha testa em seu ombro, desejando mais do que tudo poder dizer com palavras o quanto eu estava feliz.

“Muito bem, crianças”, disse a mãe, sorrindo para nós. “Vamos estender as toalhas ali na grama, e vocês podem ir brincar na piscina.”

Estava tão animada por Ashby que me esqueci completamente de entrar na piscina pela primeira vez. Durante o resto da tarde, Ashby e Wesley ficaram perto de mim na parte rasa, mostrando-me como chutar e mover os braços, enquanto mantinham as mãos embaixo de mim para que eu não afundasse.

9

Ashby

Eu tinha apenas sete anos, mas entendia muita coisa. Eu não era superinteligente como a Milow, porque ela era craque em números e na sua linguagem secreta. Mas eu sabia que alguém tinha feito algo ruim com ela antes de ela vir para cá. Algo que a fez parar de querer falar. Eu não sabia o que tinha acontecido. Não queria perguntar e deixá-la triste. O Wesley disse uma vez que algumas crianças paravam de falar quando se machucavam muito, e a ideia me assustava. Me dava um nó no estômago toda vez que eu imaginava alguém machucando a Milow.

Mas Milow estava segura aqui conosco, e eu a protegia de tudo e de todos.

Depois do jantar, sentamos à mesa da cozinha, colorindo com nossos marcadores espalhados por toda parte. Mamãe lavou a louça na pia e papai a secou. Wesley sentou-se à minha frente, fazendo uma folha de exercícios de matemática. Milow sentou-se ao meu lado, com as pernas para fora. Aconchegada na cadeira, seus cabelos caíam ao redor do rosto enquanto ela desenhava um grande céu azul, e eu a observei por um tempo. Gostava de vê-la desenhar. Ela sempre se concentrava tanto que suas sobrancelhas se franziam, e sua mão se movia lenta e cuidadosamente.

"O que você está desenhando?", perguntei, inclinando-me um pouco mais para perto.

Ela levantou a cabeça e olhou para mim. [Uma selva com muitos animais.]

“Ah, legal! Você pode desenhar uma cobra, aranhas, uma onça-pintada e lagartos!”

Ela me olhava com os olhos arregalados. Sempre fazia isso quando eu falava tão rápido, mas eu não conseguia me controlar.

"Calma aí, amigão", disse papai, dando uma risadinha.

"Desculpe! Eu sei que o desenho dela vai ficar incrível. Quer saber o que eu estou desenhando?", perguntei a Milow com um sorriso, e quando ela assentiu, continuei. "Estou desenhando a piscina e nós nadando."

Ela olhou para o meu trabalho, sorriu para mim e assinou: [Isso é incrível.]

Sorri orgulhosamente e escolhi a próxima cor para continuar meu desenho.

Depois de um tempo, quando terminaram de lavar a louça, mamãe se virou e sorriu para nós. "Vocês dois poderiam abrir uma galeria. Aposto que as pessoas pagariam milhões por essas obras."

Meus olhos se arregalaram. "Você acha? Nossa! Eu tenho, tipo, uma centena de desenhos lá em cima."

Papai pendurou a toalha e veio ficar atrás de nós. "Podemos falar de negócios amanhã. Você deveria se preparar para dormir. Já está tarde."

“Ah, que pena.” Eu me deixei cair na cadeira. “Só mais cinco minutinhos?” ”

Mamãe sorriu e endireitou-se. "Cinco minutos. Depois, dentes e pijama."

Os cinco minutos passaram muito rápido, e depois de dar boa noite a Wesley, Milow e eu corremos para o andar de cima para nos prepararmos para dormir.

Escovamos os dentes rapidamente e fomos para nossos quartos. Eu me deitei na cama, mas não fiquei muito tempo. Assim que mamãe e papai me cobriam, eu saía da cama sorrateiramente e ia para o quarto da Milow. Era o que eu fazia quase todas as noites.

Depois de ficar um longo tempo olhando para o teto, escutando atentamente até ouvi-los descer as escadas, levantei-me de um salto e me movi rápida, mas silenciosamente.

Atravessei o corredor na ponta dos pés, chegando à porta de Milow. Sem bater, abri a porta devagar e espiei para dentro. "Milow?"

Ela estava sentada na cama, já me esperando. Sorri e entrei, fechando a porta atrás de mim, antes de me aproximar e subir na cama. Ela se ajeitou para o lado e nos deitamos uma de frente para a outra.

“Milow, você sabe que a mamãe estava só brincando quando disse que a gente podia colocar nossos desenhos numa galeria, né?”

Ela assentiu com a cabeça. [Eu sei.]

“Certo, ótimo. Porque eu jamais gostaria que meus desenhos fossem pendurados em outro lugar que não fosse o seu quarto”, eu disse a ela. “Eu os desenhei para você, não para mais ninguém.”

Ela me observava com um sorriso satisfeito na sala iluminada pelo luar. Ela olhou para a parede acima de sua mesa. [Certo.]

“Ok”, repeti com um sorriso. Queria dizer as próximas palavras em voz alta, mas decidi usar as mãos. Com concentração e precisão, fiz o sinal: [Você é meu melhor amigo.]

Os olhos dela se arregalaram um pouco, e então ela me respondeu com a mesma mensagem em linguagem de sinais: [Você também é minha melhor amiga.]

Meu coração deu um salto. Sempre dava em momentos como esse. Coloquei a mão no colchão entre nós, e o olhar dela se fixou nos meus dedos enquanto ela movia a mão em direção à minha. Seus dedos se entrelaçaram nos meus, e eu os apertei levemente.

Ela apertou-me de volta com força, depois fechou os olhos, sem nunca me soltar. Nossas pálpebras ficaram pesadas, e eu ouvi sua respiração se acalmar até que também adormeci.

Milow

Abri os olhos ao som de passos vindos do corredor e sentei-me imediatamente, sabendo quem estava prestes a abrir a porta do quarto. Meus olhos permaneceram fixos na porta enquanto minha pele se arrepiava e meu estômago se revirava.

A porta entreabriu, inundando o quarto com uma luz forte vinda do corredor. Ele surgiu na entrada, o rosto indecifrável e a voz monótona enquanto me mandava levantar. Seu tom não admitia hesitação nem discussão.

Minhas mãos se aconchegaram nos cobertores, e quando ele se aproximou, estendeu a mão, seus dedos envolvendo meu braço com um aperto firme e urgente. Ele me puxou da cama, guiando-me pelo corredor e escada abaixo. A casa estava silenciosa. E cada degrau era gelado sob meus pés descalços. Eu pensei que ele me levaria de volta para o quarto dele, mas descemos mais um lance de escadas, e depois outro.

Ele empurrou a porta do porão e a luz branca e ofuscante atingiu meus olhos com força. O cômodo era tão claro e estéril que doía, fazendo-me semicerrar os olhos enquanto o medo crescia dentro de mim, sufocando minha voz antes mesmo que eu pudesse pensar em usá-la.

Ele me conduziu a uma sala cuja existência eu desconhecia. Era um espaço retangular comprido, com paredes brancas e uma mesa de metal no centro, sob uma lâmpada brilhante. O cheiro de álcool queimava meu nariz enquanto minhas pernas tremiam incontrolavelmente.

Ele mandou que eu me deitasse e, embora cada parte de mim gritasse para fugir, subi na mesa. Sua mão pressionou entre minhas omoplatas e me manteve ali, segurando-me no lugar enquanto a superfície fria chocava minha pele.

O mundo se reduziu à luz acima de mim quando algo perfurou meu pulso. Um sono repentino me dominou e tentei abrir a boca para falar, mas nada saiu. O quarto zumbia e meu coração batia mais forte nos meus ouvidos enquanto eu lutava com cada centímetro do meu corpo para me manter acordado. Mas eu não conseguia. Estava fraco demais.

"Deixe-se levar", ouvi-o dizer, sentindo suas mãos percorrerem minhas coxas. "Deixe-se levar, princesa. Papai vai cuidar de você."

10

Milow

Sábado, 1 de julho 9º

As férias de verão começaram há umas três semanas e, desde então, Ashby e Wesley ficaram em casa o tempo todo. Brincávamos da manhã até o pôr do sol e, quando mamãe e papai não estavam trabalhando, nos levavam para a piscina. Eu já sabia nadar e isso me deixava orgulhoso, mas Ashby ainda se movia na água mais rápido e com mais desenvoltura do que eu jamais conseguiria.

Stan tinha dormido aqui ontem à noite — o que ele vinha fazendo pelo menos duas vezes por semana até então — e esta manhã ainda estava transbordando de energia. Ele correu pela casa, pegou todos os brinquedos ao seu alcance e riu de tudo. Ele nunca nos empurrou nem foi malvado. Ele estava apenas sendo selvagem, como sempre. Stan estava simplesmente sendo Stan, e enquanto Sua energia contagiante nunca me incomodou de verdade, mas eu ainda me perguntava como seria vê-lo calmo pelo menos uma vez.

Estávamos lá fora, no quintal, brincando de pega-pega. O parquinho de madeira que o papai construiu ficava no meio da grama, e a gente corria atrás um do outro entre os balanços e a caixa de areia. O Stan era o pegador, e por mais rápido que fosse, ainda não tinha me pegado. Eu sabia que ele estava atrás de mim porque nunca ia atrás do Ashby, o que eu achava injusto, mas eu era rápido demais para ele de qualquer jeito.

De repente, Stan parou de correr, os olhos arregalados enquanto se virava e disparava de volta para a varanda. Ele gritava a plenos pulmões, com os braços gesticulando no ar. Congelei no meio da escada e minhas mãos se agarraram ao corrimão enquanto eu seguia seu olhar. A cerca viva farfalhou e minha mente buscou uma explicação. Talvez ele tivesse visto uma cobra ou algo maior. Um monstro, pensei, mas Wesley sempre dizia que monstros não existiam, e eu confiava nele, então fiquei onde estava e esperei o que quer que fosse aparecer.

"De que você está fugindo?" Ashby gritou da ponte do parquinho, com a voz confusa, mas também um pouco divertida, enquanto se debruçava sobre o parapeito. "Stan, do que é agora?"

"Um monstro!" gritou Stan de volta. Sua voz era alta e dramática, repleta de puro horror enquanto ele batia com as mãos nas laterais da cabeça. "Está ali! Está vindo direto para cima de nós!"

Um monstro.

Meu rosto empalideceu e senti um frio na barriga quando me virei para olhar para Ashby com os olhos arregalados de pânico. Quando ele percebeu que eu estava olhando, levantei as mãos rapidamente. [Será que é mesmo um monstro?]

Ashby nem hesitou. Balançou a cabeça firmemente e franziu a testa, como se a resposta devesse ser óbvia. "Claro que não, Milow. Monstros não existem."

"Sim, são eles!" Stan gritou novamente, apontando freneticamente para as sebes. "E está bem ali! Ah—aí está!"

Eu não queria olhar. Cada parte de mim dizia para não olhar, mas o medo era grande demais para ignorar. Meu coração batia forte no peito enquanto eu virava a cabeça lentamente, me preparando para algo terrível. Mas o medo se dissipou quase instantaneamente quando a vi.

Era apenas uma menina.

Ela estava ali parada, com os cabelos loiro-escuros presos num rabo de cavalo desarrumado, as mãos firmemente apoiadas nos quadris, encarando Stan como se já não aguentasse mais.

"Eu não sou um monstro, Stanley", disse ela bruscamente.

"Você também é! Você é assustador e feio!" Stan gritou de volta, sem nem pensar antes de as palavras saírem de sua boca.

Mas a garota estava longe de ser feia. Ela parecia uma princesa, mesmo com mechas de cabelo grudadas na testa suada e as bochechas vermelhas como tomates.

"E você é um bebê!", retrucou a menina imediatamente, com voz firme e destemida. Ela começou a caminhar em linha reta em direção ao parquinho, como se não tivesse medo nenhum dele.

Stan olhou para a garota que se aproximava e decidiu que correr era a melhor opção. Virou-se nos calcanhares e disparou pela grama. Eu fiquei onde estava, observando com os olhos arregalados enquanto a garota o perseguia sem diminuir o passo nem um pouco. Ashby caiu na gargalhada, com os braços cruzados sobre a barriga. .

A garota era rápida. Muito mais rápida que o Stan. Eu nem tinha me dado conta da velocidade dela até que ela o alcançou em segundos e o derrubou no chão como um jogador de futebol americano, fazendo os dois rolarem pela grama. Eles lutaram por um instante, braços e pernas para todos os lados enquanto Stan gritava dramaticamente. Ashby riu ainda mais alto, e eu me vi sorrindo um pouquinho também.

No final, ela venceu, subiu em cima da barriga de Stan e sentou-se ali orgulhosamente com as mãos nas coxas, um sorriso triunfante se espalhando pelo seu rosto enquanto Stan gemia embaixo dela.

"Viu?", disse ela, com um sorriso presunçoso. "Você é tão infantil."

"Sai de cima de mim!" gritou Stan. Ele se debatia, chutando as pernas descontroladamente como se isso pudesse ajudá-lo de alguma forma.

"Peça com jeitinho", disse a garota calmamente. Ela tinha todo o tempo do mundo e o deixaria sofrer o máximo possível.

"Não!"

“Então eu não vou sair de cima de você, seu bebê chorão”, ela respondeu, acomodando seu peso ainda mais confortavelmente sobre a barriga dele.

Ashby ria tanto que teve que se curvar, o riso borbulhando de dentro dele como se não conseguisse controlá-lo mesmo se tentasse. Meu próprio sorriso se alargou enquanto eu observava. Era estranho e engraçado ver Stan assim, não o mais barulhento ou descontrolado, pelo menos dessa vez. Normalmente, ele era quem ninguém conseguia acalmar, mas essa garota parecia estar fazendo algo que ninguém mais conseguia.

"Alguém me ajude!" Stan gemeu, tentando mais uma vez empurrá-la para longe dele, com o rosto contorcido de frustração.

“Peça com educação”, repetiu ela, encarando-o com um olhar expectante. .

“Não, não, não, nunca!”

“O que está acontecendo aqui fora?”

Virei a cabeça em direção à varanda e vi papai parado ali, seus olhos encontrando primeiro a mim, depois Ashby, e finalmente pousando em Stan e na garota enroscada na grama. Ele nem esperou por uma resposta. Sua expressão mudou para divertimento, e ele soltou uma risadinha baixa. "Ah, você finalmente voltou", disse ele. "Ninguém mais conseguiu parar esse furacão durante todo o verão."

A garota olhou por cima do ombro com um sorriso largo e orgulhoso. "Oi, Sr. Statler!"

Papai acenou rapidamente com a mão. "Comportem-se, crianças. Entrem se quiserem um lanche." Então, virou-se e voltou para dentro de casa.

Stan bufou e resfolegou debaixo dela por mais alguns segundos, suas pernas ainda se debatendo e suas mãos pressionando inutilmente os braços dela. Então, ele parou de se mover completamente. Seu rosto se contraiu como se estivesse mastigando algo muito amargo.

“…Por favor”, ele murmurou. “Você pode sair de cima de mim, por favor?”

A garota ergueu uma sobrancelha, claramente surpresa, e até Ashby parou de rir. Então ela sorriu, parecendo satisfeita, como se tivesse acabado de ganhar algo. "Viu? Não foi tão difícil."

Ela se levantou com esforço, sacudindo a poeira dos joelhos, enquanto Stan se virou de lado e suspirou dramaticamente, segurando a barriga como se tivesse sobrevivido a uma grande batalha.

Eu o encarei, fascinada. Nunca tinha visto Stan agir assim. Nunca. Ele era barulhento e teimoso, sempre fazendo o que queria, e agora ele tinha acabado de… stened.

A menina se virou para Ashby enquanto ele descia do parquinho. O rosto dele se iluminou, assim como o das meninas, e quando se encontraram no meio do caminho, se abraçaram apertado.

"Estou tão feliz que você voltou da Austrália!", disse ele, animado. "Pensei que você nunca mais voltaria!"

Notei duas coisas: os olhos de Ashby estavam mais brilhantes do que nunca, e meu coração batia forte, mas de um jeito doloroso. Eu não gostei da sensação. Nem um pouco. Então tentei ignorá-la.

“Mamãe queria visitar a família”, disse a menina, afastando-se dele. Ela fez uma careta. “Eu gostei, mas senti falta de casa e de todos vocês.”

"Não sentimos sua falta", murmurou Stan, ainda sentado na grama.

A menina revirou os olhos com força. "Espero mesmo não estar na sua turma na segunda série."

Eu fiquei fascinado por ela. Ela falava como uma adulta e não tinha medo de nada. Era confiante e extrovertida, mas não de um jeito irritante como o Stan. Era gentil e engraçada, e o Ashby gostava dela. E quando o Ashby gostava de alguém, eu também tinha que gostar.

Stan gemeu alto. "Vou pedir aos meus pais para me convencerem a trocar de quarto. Aliás, agora que você voltou, vou perguntar se podemos nos mudar."

Por mais dramático que ele estivesse sendo, eu sabia que ele não podia desgostar tanto dela. Ela era super legal. Mais legal do que qualquer garota que eu já tinha conhecido. Talvez Stan estivesse intimidado por ela.

Ela não respondeu e se virou para mim em seguida. Ela me olhou de um jeito diferente do que Stan me olhou da primeira vez que me viu. Ela não estava confusa nem dizendo para Ashby que eu não deveria estar ali. Ela parecia curiosa, inclinando a cabeça e sorrindo. .

“Sou Scottie”, disse ela, dando alguns passos para mais perto. “Você é novo por aqui?”

Senti todos os olhares sobre mim. Meu coração continuava batendo forte no peito, mas eu não estava com medo. Apenas... preocupada. Com a possibilidade de ela mudar de ideia a meu respeito no instante em que eu levantasse as mãos.

Mas mamãe e papai sempre me disseram para ser corajoso em situações como essa.

Lancei um olhar rápido para Ashby e, em seguida, levantei lentamente as mãos para assinar.

[Eu sou Milow.]

Ela observou minhas mãos enquanto eu as abaixava, e eu me preparei para sua reação sincera. Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Ashby interveio. Ele pegou minha mão na sua e sorriu orgulhosamente. "Ela mora aqui agora."

O sorriso de Scottie não se desfez. Pelo contrário, ficou ainda mais caloroso. "Legal", disse ela com naturalidade. "Prazer em te conhecer, uh..."

“Milow. O nome dela é Milow. Ela soletrou para você, mas também tem sinais diferentes para cada um de nós. Este é o sinal para o nome dela”, explicou ele, fazendo o sinal de M e, em seguida, afastando dois dedos do olho direito. Mamãe nos ensinou sobre isso. Que as pessoas que usam a língua de sinais criam sinais únicos como identificadores, em vez de soletrar os nomes todas as vezes. Meu sinal especial era a minha inicial e a indicação de que meu olho direito tinha duas cores.

A placa com o nome do Ashby era uma combinação da inicial dele com o sinal de água, porque ele era nadador. Já a placa com o nome do Stan era um pouco mais engraçada, mas combinava da mesma forma: a inicial dele e o sinal de palhaço. Eu que inventei essa, e fiquei orgulhoso dela. .

“E ela é muito mais legal que você”, acrescentou Stan, agora a poucos metros de nós, mas ainda a uma distância suficiente para se afastar de Scottie se precisasse.

Não era minha intenção ignorar as palavras de Stan, porque ele nunca tinha me dito nada tão gentil. Ele nunca foi rude ou grosseiro comigo, mas eu nunca o tinha ouvido dizer que eu era legal. Mas eu não conseguia parar de olhar para a Scottie. Algo nela me deixava curiosa, e enquanto aquela sensação estranha ainda persistia no meu peito, eu realmente queria ser amiga dela.

Stan simplesmente não conseguia deixar isso para lá. "Quer saber por que ela é muito mais legal que você? A Milow nunca me persegue nem me empurra no chão, e sempre me deixa usar os lápis de cor dela. E ela tem um nome muito mais legal", disse ele, respirando fundo como se o que tivesse dito o tivesse incomodado. "Você tem nome de menino. Meninas não podem ter nomes de menino."

Isso me deixou confusa, porque Wesley disse uma vez que meu nome também não era muito de menina. Ele disse que era um… um… uniforme… *não* , um nome de uniforme… *hum* … não conseguia me lembrar da palavra. Mas ele disse que meu nome era raro e que isso me tornava especial.

A expressão de Scottie mudou, e agora ela parecia irritada. Ela lançou um olhar fulminante para Stan e bufou, cruzando os braços, mas mantendo-se firme em sua posição.

"Meu nome é uma homenagem ao meu pai, que se chamava Scott, e ele morreu pouco antes de eu nascer, então você está sendo muito *insensível* , Stanley."

Isso o fez calar a boca, e me fez encará-la ainda mais.

O pai dela também tinha ido embora.

Ela entendia o que significava não ter um pai.

Talvez seja por isso que eu fiquei tão fascinado por ela. Ela era forte mesmo depois de perder alguém importante.

"Pare com isso agora, Stanley", murmurou Ashby, parecendo envergonhado pelo comportamento do seu melhor amigo. Ele ainda segurava minha mão, e eu a apertei levemente para chamar sua atenção.

Quando ele olhou para mim, eu sorri e levantei as mãos para assinar. [Eu gosto dela.]

Os olhos de Ashby se arregalaram e sua expressão voltou a ser alegre. "É, eu também gosto muito dela." Ele olhou para Scottie com um sorriso de desculpas. "Desculpe que o Stan esteja sendo tão malvado."

"Tudo bem." Ela olhou para Stan e deu de ombros. "Ele só é malvado comigo porque gosta muito de mim."

Stan deu um suspiro mais alto do que jamais havia dado, levando as mãos à cintura. "Eu *não* gosto de você!"

“Faça você também!”

“Não, não!”

“Sim, sim!”

Eu as observei discutindo, e quando finalmente pararam, Scottie se virou para nós com um sorriso. Ela estendeu a mão e tocou o ombro de Ashby, gritando: "Pega-pega, você é a pegadora!" antes de sair correndo e rindo.

Fiquei paralisada por um instante, ainda muito confusa, mas ao mesmo tempo animada com aquela garota nova que aparecera de repente em nosso jardim. Foi naquele dia quente de verão que ganhei mais uma amiga, que me ensinou a ser destemida e forte.

Ashby

Terça-feira, 5 de agosto

Larguei o lápis e inclinei-me um pouco para trás, estudando o desenho com atenção para ter certeza de que não havia esquecido nada importante. O céu era azul, a grama era verde e o parquinho ficava bem no meio da página, exatamente como era na vida real. Endireitei-me na cadeira, satisfeita com meu trabalho. Este era mais um desenho que Milow poderia pendurar na parede do seu quarto.

Estendi o presente para ela com um sorriso.

“Aqui está, Milow. Para você.”

Ela desviou o olhar do próprio desenho e se ajeitou no colchão para poder se sentar direito. Pegou o papel das minhas mãos e o examinou atentamente, seus olhos percorrendo lentamente cada linha e cor. Ela não queria perder nenhum detalhe.

Os olhos dela brilhavam de felicidade. Essa era a minha maneira favorita de olhar para os olhos dela, especialmente quando brilhavam assim só para mim.

"Você gostou?", perguntei, aguardando impacientemente que ela me dissesse o que achava.

Ela assentiu imediatamente e colocou cuidadosamente o desenho na cama ao lado dela. Suas mãos se ergueram. [É incrível. Você é uma artista!]

Suas palavras encheram meu coração de alegria, como se ele fosse explodir ali mesmo no meu peito. Meu sorriso se alargou ainda mais. "Obrigada", eu disse, e acrescentei honestamente: "mas eu nado muito melhor." ”

Um gemido alto veio da direção da minha mesa. "Quantos desenhos mais você vai fazer para ela?", reclamou Stan, largado na cadeira enquanto desmontava o Lego em que estava trabalhando.

"Quantos eu puder", respondi sem hesitar. "Pelo resto da minha vida." Nem pensei duas vezes antes de dizer. Simplesmente pareceu verdade. Como uma promessa que eu já havia feito a mim mesmo e que não tinha a menor intenção de quebrar.

Stan franziu o nariz e balançou a cabeça levemente. "Parece que você está apaixonado por ela ou algo assim."

Franzi a testa e o encarei por alguns segundos, depois meus olhos voltaram para Milow. Ela estava me observando agora, com os olhos arregalados e curiosos. Ela estava esperando para ver o que eu diria em seguida.

Eu sabia que outras crianças da minha idade teriam feito caretas de nojo ou negado aquela afirmação. Elas argumentariam que não era verdade, que era estranho e bobo estar apaixonado por alguém, porque o amor era coisa de adulto. Mas eu não queria fazer nada disso, porque a verdade era simples, mesmo que as palavras parecessem difíceis demais para admitir.

Eu estava apaixonado por ela.

E mesmo tendo apenas sete anos, eu sabia que era exatamente isso que eu sentia por Milow.

PARTE 2

11

Milow

Sexta-feira, setembro 5º

16 anos

Eu não era tão destemida ou forte quanto minha versão mais jovem gostaria que eu fosse. Eu vivia ansiosa, e em alguns dias, não conseguia descobrir como não parecer fraca. Eu era inteligente, o que pelo menos era algo bom, mas isso não anulava o resto. Eu ainda era vulnerável e fingia estar bem só para que ninguém se preocupasse. Eu odiava ver aquela expressão no rosto da minha família e dos meus amigos quando pensavam que algo estava errado comigo, então me certificava de que eles nunca percebessem. No começo, era fácil. Eu era mais jovem e esconder as coisas era simples. Conforme fui crescendo, ficou mais difícil manter tudo sob controle e carregar esse fardo. sem deixar transparecer. Falar sobre isso parecia impossível, porque significaria expor ainda mais de mim, e a vulnerabilidade só parecia atrair mais problemas.

Meu Deus, eu parecia insuportável até mesmo dentro da minha própria cabeça. É claro que ninguém ia querer ficar ali me ouvindo reclamar dos meus pensamentos e sentimentos.

Então fiz o que sempre fazia. Ignorei tudo e segui com o meu dia como se nada tivesse acontecido. As férias de verão tinham acabado e as aulas recomeçavam esta semana, o que significava horários, expectativas e pilhas de trabalho para fazer.

Não que a carga de trabalho me incomodasse. Eu sempre pedia tarefas extras, porque terminava o que os professores nos davam durante a aula ou no almoço. Gostava de manter meu cérebro ocupado. Ler os mesmos tipos de livros ou fazer Sudokus e palavras cruzadas todos os dias já não era suficiente. Não se comparava a aprender algo novo, a ser desafiada e a sentir que minha mente estava fazendo exatamente o que deveria fazer.

Era sexta-feira e eu tinha acabado de chegar da escola. Hoje à noite ia ter uma festa de volta às aulas na casa do Scottie. Claro que eu queria ir. Só não tinha perguntado para a minha mãe e para o meu pai ainda, e como eu só tinha dezesseis anos, não tinha certeza se devia sequer tocar no assunto, com medo da resposta deles. No entanto, eu tinha a sensação de que eles diriam sim. Eles queriam que eu fizesse coisas, que saísse, que me divertisse. Que experimentasse coisas novas. Eles queriam que eu vivesse.

Eu também queria isso, pelo menos em teoria. Na realidade, muitas vezes tive dificuldade em me encaixar, por mais que tentasse.

O motivo foi o meu silêncio. .

Mamãe e papai nunca me pressionaram a falar. Nunca me disseram para usar a minha voz, nunca agiram como se fosse algo que eu pudesse simplesmente decidir fazer. Eu apreciava isso mais do que eles provavelmente imaginavam. Mas a verdade é que, se eu pudesse ter falado, teria falado há muito tempo. Eu queria. Eu simplesmente não conseguia.

Desde pequena, as pessoas me diziam que eu tinha mutismo seletivo. Que eu era uma daquelas crianças que passou por muitos traumas, que se fecharam e pararam de falar por causa disso. Diziam que um dia eu escolheria falar novamente, porque eu já havia usado minha voz, e isso significava que ela ainda estava lá.

E eu sabia que já tínhamos falado isso antes, algo não fazia sentido.

"Ei, Milow."

Eu estava tão absorta em meus pensamentos que nem tinha percebido que havia mais alguém em casa. Virei a cabeça e vi Evie sentada no sofá, com o sorriso tão doce e acolhedor de sempre. Seus olhos castanhos tinham uma doçura que fazia todos se sentirem à vontade. Desde que ela e Wesley começaram a namorar, ela passava todos os feriados e aniversários conosco. Agora que ambos se formaram na universidade no início do ano, ela estava ainda mais presente. Ela praticamente morava aqui, embora estivessem planejando se mudar para um apartamento próprio. Papai concordava plenamente, dizendo que eles já eram adultos o suficiente e tinham o futuro próximo planejado. Mamãe os manteria aqui para sempre, se pudesse. Eu também não me importaria.

Sorri de volta para ela, coloquei minha mochila no chão e fui para a sala de estar. [Oi, Evie. O que você está fazendo?]]

Assim como todos os meus familiares e amigos próximos, Evie aprendeu a língua de sinais. Eu nunca havia pedido a ninguém que fizesse isso por mim. Eles simplesmente fizeram, por amor, por paciência, por quererem me incluir sem fazer disso um grande problema.

"Ah, estou só folheando alguns dos livros de receitas antigos da Iris. Quero preparar algo para o jantar hoje à noite, porque ela só chega do trabalho mais tarde." Ela olhou para o livro grosso que estava em seu colo, com os lábios franzidos em hesitação. "Só não sei bem o quê ainda…"

Sentei-me ao lado dela, encolhendo as pernas enquanto me inclinava para olhar a página aberta. Apontei para a foto da berinjela à parmegiana e esperei até que ela olhasse para mim antes de assinar novamente. [Esta parece deliciosa.]

"Hum, sim… mas o Wesley não gosta muito de berinjelas."

Apertei os lábios e olhei de relance para o livro de receitas, examinando a página mais uma vez antes de levantar as mãos. [Você pode fazer metade como uma lasanha normal. É praticamente a mesma coisa.]

"Você tem razão." Ela assentiu, já convencida. "Farei isso."

Satisfeita, levantei-me do sofá. [Preciso guardar minhas coisas. Posso te ajudar a cozinhar depois?]

"Eu adoraria", disse ela, sorrindo para mim.

Ótimo. Aliás, onde está o Wesley?

"Ele está na cama. Teve um treino bem intenso hoje de manhã. Está só descansando um pouco." Então ela inclinou a cabeça. "E o Ashby? Você não foi para casa com ele?"

Eu geralmente ia. Quase sempre. Mas hoje foi diferente. Depois da escola, fui à biblioteca. Precisava de alguns livros, e mesmo que Ashby tivesse esperado sem Reclamando, eu não queria fazê-lo esperar. De qualquer forma, eu presumi que ele chegaria em casa antes de mim.

Dei de ombros levemente. [Não. Não o vejo desde o almoço.]

Evie assentiu com a cabeça e voltou a olhar para o livro de receitas. Eu me dirigi para as escadas e coloquei minha mochila em um ombro.

Lá em cima, meu quarto me recebeu exatamente como eu o havia deixado esta manhã. A cama estava impecavelmente arrumada e o quarto estava organizado, com cada coisa em seu devido lugar. Fechei a porta atrás de mim e coloquei minha mochila na cadeira antes de abri-la. Os livros saíram primeiro e eu os empilhei ordenadamente sobre a escrivaninha. Depois, peguei meu caderno e estojo.

Depois de fazer uma lista mental de tarefas para o fim de semana e ficar animada com todo o trabalho extra que trouxe para casa hoje, voltei para o andar de baixo e encontrei Evie na cozinha. Ela estava tirando ingredientes da geladeira e colocando-os na bancada. Lavei as mãos e peguei a faca que ela me entregou, começando pelos legumes enquanto ela preparava o molho.

Em determinado momento, a porta da frente abriu e fechou novamente, e a voz de Ashby ecoou pelo corredor.

“Milow!”

"Ela está aqui", respondeu Evie.

Um segundo depois, Ashby apareceu na porta da cozinha. Ele estava usando o boné para trás, como de costume, com o cabelo despenteado aparecendo por baixo, e uma de suas camisetas vintage. Seus olhos me encontraram imediatamente, e um lampejo de alívio surgiu em seu olhar antes de ser substituído por preocupação.

“Eu estava te procurando por toda a escola”, disse ele, entrando completamente na cozinha. “E você não me respondeu.” ”

Fiquei paralisado por meio segundo, depois me lembrei... [Deixei meu celular em casa.]

Ele franziu as sobrancelhas. "O dia todo?"

Assenti com a cabeça.

Ele soltou um suspiro e passou a mão no rosto. "Meu Deus, Milow. Achei que algo tivesse acontecido. Você não estava no seu armário. Você não estava no estacionamento. Procurei na biblioteca e nas salas de estudo. Stan disse que também não te viu depois da aula."

A culpa me oprimiu. Eu não queria preocupá-lo tanto. [Fui à biblioteca. Precisava de livros. Não queria—]

"Eu sei", disse ele rapidamente. "Eu sei. Eu só... eu estava preocupado."

Evie olhou de um para o outro. Ela sempre tinha aquele olhar, como se soubesse de algo que nós não sabíamos. "Por que você não se senta um segundo, Ash?"

Ele bufou, mas não se sentou. Em vez disso, aproximou-se de mim, baixando a voz. "Da próxima vez, é só me procurar e deixar que eu faça isso. Certo?"

Assenti novamente, elevando o olhar para encontrar seus olhos castanho-escuros. Ashby havia mudado muito ao longo dos anos. Era alto, bem mais de um metro e oitenta, com ombros largos e braços fortes, resultado de anos de treino. Sua equipe de natação exigia isso de seu melhor nadador, e ele levava essa responsabilidade a sério. Seu corpo havia crescido, tornando-se algo completamente diferente do garoto que costumava ser. Não que eu me importasse. Ele parecia saudável e bonito.

Mas seus olhos nunca mudaram. Continuavam bondosos, cheios de lealdade e com um calor natural e inconfundível que sempre me fazia sentir segura e amada. .

Ele relaxou então, os ombros caindo enquanto seu olhar permanecia fixo em mim. Ele me observou atentamente, depois sua mão se moveu, apertando a minha uma vez antes de

soltá-la novamente. O pequeno gesto me causou um arrepio familiar. Não era incomum darmos as mãos. Fazíamos isso desde pequenos. Era reconfortante, mas ultimamente seu toque me deixava nervosa.

“Vou tomar banho”, ele nos disse.

Assenti com a cabeça, um pequeno sorriso surgindo em meus lábios. Observei-o se virar e seguir em direção às escadas, já levando a mão à cabeça para tirar o boné enquanto subia. Ouvi seus passos até que desaparecessem lá em cima, só então percebendo o quão atentamente eu o observava.

Evie não disse nada de imediato. Ela apenas cantarolava baixinho, fingindo estar concentrada em cortar os legumes, embora os cantos de sua boca se levantassem constantemente, como se estivesse escondendo algo que achava muito engraçado.

"Sabe", disse ela casualmente, sem olhar para mim, "a maioria dos garotos não fica correndo pela escola toda procurando alguém a menos que gostem muito dessa pessoa."

Senti meu rosto corar instantaneamente e baixei o olhar para o balcão. Ela sabia que Ashby sempre se preocupava comigo. Não importava o contexto. Sempre que eu estava longe dele, ele se certificava de que eu estava bem. Mesmo quando estávamos na aula, ele me mandava mensagens curtas, e eu sempre respondia com um joinha.

“E a maioria das pessoas”, continuou ela, finalmente lançando-me um olhar com um sorriso cúmplice, “não olha para alguém da maneira como vocês dois acabaram de fazer, a menos que haja algo mais acontecendo do que qualquer um de vocês esteja disposto a admitir.” ”

Lancei-lhe um olhar envergonhado, e ela riu baixinho, balançando a cabeça. "Acho muito fofo."

Ele fica ainda mais preocupado toda vez que um novo ano letivo começa. Por causa das mudanças e tudo mais.

"Eu sei, eu sei." Evie sorriu suavemente, estendendo a mão para apertar meu braço. "E fico feliz que vocês dois tenham um ao outro como melhores amigos." Ela se virou para o balcão e continuou a arrumar. "Se eu não tivesse tido o Wesley durante o ensino médio e a faculdade, acho que não teria conseguido."

Eles também já tinham sido melhores amigos. Até que um dia, Wesley simplesmente admitiu abertamente seu amor por ela na frente de todo o seu time de hóquei. E da cidade inteira. Porque ele fez isso no gelo, depois de terem ganhado o campeonato estadual.

Foi a coisa mais linda que já vi, mas não me surpreendeu. Eu sabia que eles eram feitos um para o outro. Eu sabia desde aquele dia em que vi aquela interação na piscina, muitos anos atrás.

12

Milow

"...e o treinador disse que eu teria que me esforçar mais se quisesse ter alguma chance contra aqueles caras da Dunst High."

Virei a cabeça quando Ashby e Wesley entraram na sala de jantar. O cabelo de Ashby estava úmido do banho e ele o havia penteado para trás, o que era raro. Esse penteado deixava seu rosto completamente à mostra. Percebi que não estava acostumada a vê-lo assim, sem o cabelo caindo sobre a testa como de costume, mas mesmo assim, ou talvez por causa disso, ele estava muito bonito.

Wesley caminhava ao lado dele. Seus cabelos tinham clareado como sempre acontecia no verão, passando de loiro claro para quase branco por causa do sol, devido a todo o tempo que passava ao ar livre. Às vezes, eu pensava que o sol fazia o mesmo com seus olhos. Por mais pálidos que já fossem, sempre pareciam alguns tons mais claros nos meses de verão. Principalmente quando ele ficava bronzeado depois de se exercitar ao ar livre, eles ficavam impressionantes.

"Você já está se esforçando bastante", disse Wesley, com um tom firme enquanto olhava para Ashby. "Conversei com o papai sobre isso há alguns dias. Você já está fazendo muito, e estamos preocupados que seu treinador esteja te sobrecarregando."

Wesley não parecia nada satisfeito, e enquanto eu observava os ombros de Ashby se tensionarem levemente com suas palavras, soube que concordava com ele. Ashby ia aos treinos de natação três vezes por semana, às vezes mais quando havia competições se aproximando, e nos fins de semana, frequentemente tinha torneios que ocupavam a maior parte do dia. Além disso, ele tinha acabado de começar o último ano do ensino médio, e mesmo não estando com dificuldades e sempre tendo sido um bom aluno, a carga de trabalho não iria diminuir.

Com a pressão constante do treinador somada a tudo o mais, eu temia que um dia tudo se tornasse demais, mesmo para alguém tão forte e determinado quanto Ashby.

A situação ficou insustentável para Wesley quando ele estava no ensino médio, e houve um momento em que ele quase desistiu do hóquei de vez. Naquela época, a pressão era constante: sair da escola, treinar, as expectativas e o simples fato de que nunca parecia haver horas suficientes no dia.

Por sorte, a mãe e o pai intervieram antes que ele desmoronasse, reorganizando sua rotina para que tivesse tempo livre suficiente para respirar, descansar e se sentir como um adolescente normal de vez em quando. Graças a isso, ele não se esgotou. Ele se formou e entrou para o time de esportes da universidade. na Universidade da Colúmbia Britânica, e agora ele joga por uma das melhores equipes de todo o Canadá, o Vancouver Redwinds, bem como pela seleção nacional.

Os garotos eram atletas talentosos com futuros brilhantes e promissores pela frente. E aí tinha eu. Eu ainda não tinha nada tão impressionante definido, nenhum caminho claro ou plano traçado. Mas eu ainda tinha tempo para descobrir.

"Vai ficar tudo bem", disse Ashby, franzindo a testa e soltando um suspiro pesado. Então, um sorriso surgiu em seus lábios. "Não tenho tempo para me preocupar com isso agora. Tenho uma festa para ir hoje à noite."

Seus olhos encontraram os meus, e eu sorri de volta imediatamente. Só de olhar para ele, meu coração começou a palpitar incontrolavelmente.

“E Milow vem comigo.”

Meus olhos se arregalaram e rapidamente levantei as mãos. [Ainda não perguntei para a mamãe e o papai.]

“Não será necessário”, disse Wesley com naturalidade. Ele caminhou até onde eu estava sentada à mesa e apertou meu ombro num gesto breve, mas reconfortante, antes de passar os braços em volta de Evie, que acabara de entrar carregando dois pratos.

"Cuidado, Wes, os pratos estão quentes", ela avisou.

Ele deu um rápido beijo na bochecha dela, depois pegou os pratos e os colocou sobre a mesa.

Franzi ligeiramente a testa e olhei para ele. [Por que não será necessário?]

“Porque a mamãe e o papai só vão chegar mais tarde”, explicou Wesley. “O papai mandou uma mensagem mais cedo dizendo que vai buscar a mamãe no trabalho para eles saírem para um encontro.” Isso significa que eu estou no comando esta noite, e digo que você definitivamente deve ir a essa festa.”

Mordi a parte interna da minha bochecha, olhando para Ashby, que ainda sorria para mim como se tudo já estivesse resolvido.

"Ótimo."

Franzi a testa. [Estou com medo.]

A expressão de Ashby suavizou-se imediatamente. Seu sorriso desapareceu enquanto Wesley ria baixinho. "Com medo? De ir a uma festa de colegial?"

Dei de ombros e olhei para ele. [Será minha primeira festa oficial. Não sei o que as pessoas fazem em festas.]

“Eles dançam e se divertem”, disse ele com um sorriso tranquilo. “E algumas pessoas ficam bêbadas a ponto de desmaiar. Mas como somos uma família que não consome álcool—”

"E nós somos menores de idade", interrompeu Ashby rapidamente.

—Você só precisa dançar.

Fiz uma careta e baixei o olhar para as minhas mãos, flexionando os dedos contra o meu colo. Evie trouxe mais dois pratos e os colocou sobre a mesa. Assim que todos se sentaram, ela olhou em volta com curiosidade. "Afinal, de quem é a festa?"

“Na casa da Scottie”, respondeu Ashby. “Então, sim, provavelmente vai ser uma festa animada. Mas vai ser divertido. Ela só convidou pessoas de quem realmente gosta, não todos os alunos da Bowen High.”

"Parece divertido", disse Evie, cutucando-me com o cotovelo. "Você devia ir."

Levantei o olhar e observei os três sentados à mesa redonda, todos me encarando com a mesma expressão expectante, como se essa decisão importasse mais do que eu imaginava. .

Larguei o garfo que acabara de pegar e assinei. [E se eu ficar entediado?]

"Não vai", disse Ashby rapidamente. "Eu estarei lá e vou entretê-los. E se eu não for divertido o suficiente, vocês podem simplesmente assistir Stan pagar mico."

Um sorriso surgiu em meus lábios. Eu gostava de ver Stanley fazendo coisas estúpidas e depois lidando com as consequências. Ele ainda era um furacão, barulhento e sempre passando dos limites.

"Eu pagaria para ver aquele garoto passar vergonha", disse Wesley, cutucando a lasanha com o garfo. "Lembra do seu décimo aniversário, Ash? Quando ele se desafiou a correr pelado na piscina pública. Meu Deus, que palhaço."

Evie riu baixinho, enquanto Ashby soltou um suspiro pesado, incapaz de defender seu melhor amigo. "É... não foi o momento mais brilhante dele."

“Nunca há momentos bons com essa aí”, disse Wesley, voltando sua atenção para mim. “Então é o seguinte. Você vai à festa e, se por algum motivo se sentir desconfortável e quiser voltar para casa, me manda uma mensagem que eu vou te buscar. Combinado?”

Observei-o por um instante, tentando imaginar como seria uma festa na casa da Scottie. Não que eu nunca tivesse ido a festas antes. Já tinha ido às festas de aniversário da Ashby e do Wesley também. Mas meus pais sempre estavam por perto, e eu podia sempre subir correndo se a coisa ficasse muito barulhenta. Também já tinha ido aos aniversários da Scottie, mas esta era diferente. Esta seria a primeira festa de verdade dela em casa, sem a mãe por perto. Iria ter crianças mais velhas com quem eu não convivia na escola. E aparentemente... álcool.

"Não vou sair do seu lado", disse Ashby calmamente. "Vou ficar com você a noite toda."

Isso foi muita gentileza da parte dele, e foi demais. Eu não queria que ele sacrificasse a noite dele só para ter certeza de que eu estava bem. Balancei a cabeça e fiz um sinal: [Você não precisa fazer isso. Mas eu irei.]

Seu sorriso voltou instantaneamente. "Perfeito."

Depois do jantar, fiquei na sala de jantar, fingindo ouvir Wesley e Ashby conversando, embora minha mente não estivesse prestando atenção nisso. A festa me preocupava bastante agora que eu ia. Eu tinha concordado em ir. Não fazia ideia do que deveria vestir, e essa incerteza me deixava nervosa de novo. Era uma coisa pequena, mas escolher uma roupa para ir a qualquer lugar sempre me pressionava.

Talvez fosse porque eu valorizava cada peça de roupa que tinha no meu guarda-roupa. Antes de ser adotada, eu me lembro de usar apenas uma camiseta larga, uma calcinha e meias furadas.

Olhei para a cozinha, onde Evie tinha acabado de colocar os pratos na lava-louças. Ela era sempre tão calma e parecia estar em casa em qualquer lugar. Eu invejava isso nela. Provavelmente nunca se preocupava com a roupa. Não precisava. Ela ficava linda com qualquer coisa que vestisse. Depois de um momento sentada ali, debatendo comigo mesma, finalmente fui até ela.

Ela ergueu os olhos quando me viu pairando sobre ela. "O que foi?"

Você pode me ajudar a escolher uma roupa para usar na festa?]

Seu rosto imediatamente se iluminou com um sorriso caloroso. "Claro que posso", disse ela sem hesitar, como se nunca tivesse havido qualquer dúvida. "Eu adoraria."

Um alívio me invadiu, feliz por não ter que fazer isso sozinha.

Assim que ela terminou de limpar, subimos. Abri a porta do meu quarto e entrei, acendendo a luz. Evie entrou e olhou em volta com um pequeno sorriso. "Certo", disse ela, batendo palmas suavemente uma vez. "Vamos ver com o que estamos lidando."

Fui até meu closet e abri as portas de correr, de repente me dando conta e me sentindo sobrecarregada com a quantidade de roupas que eu tinha. Mesmo assim, nenhuma delas parecia a escolha certa para a festa. Olhei para ela, um pouco insegura, e suspirei: [Não quero parecer estranha. Ou que estou me esforçando demais.]

Ela se aproximou e olhou as roupas, passando os dedos pelos tecidos. Seu olhar era de compreensão. "Você não vai", disse ela com naturalidade. "Vamos encontrar algo que te deixe confortável e, ao mesmo tempo, bonita."

Trinta minutos depois, eu estava no meio do meu quarto, encarando meu reflexo enquanto Evie me observava com um sorriso largo e aprovador. "Acho que você está super fofa", disse ela, satisfeita consigo mesma.

Olhei novamente para a saia jeans e a blusa branca, percebendo como era estranho ter tanta pele à mostra. Eu não tinha problemas em usar biquíni na piscina, mas isso era diferente. Mordi o lábio inferior, transferindo o peso de um pé para o outro. .

"Você não gosta disso", disse Evie suavemente, seu sorriso desaparecendo enquanto cruzava um braço sobre o estômago e apoiava a bochecha na mão.

Balancei a cabeça negativamente. [Gosto. É só que... me sinto nua.]

"Nua?" Ela inclinou a cabeça e me examinou novamente. Seus olhos percorreram minha roupa, meu guarda-roupa e voltaram para mim. "Certo. Isso é fácil de resolver. Você pode usar camadas de roupa."

Ela se aproximou, tirou um casaquinho verde-claro do bolso e o mostrou para mim. "Vai ficar muito bonito."

Analisei a peça no espelho, assenti com a cabeça e a vesti. Abotoei o primeiro botão e deixei o resto aberto, de modo que a blusa branca por baixo ainda ficasse visível. Quase instantaneamente, me senti mais eu mesma.

"Melhor?", perguntou ela.

Inclinei a cabeça para me observar mais atentamente e, em seguida, assenti: [Sim. Está perfeito.]

"Ótimo", disse ela com um sorriso satisfeito. Ela se agachou e pegou um par de tênis Adidas brancos e marrons. "E estes. Confie em mim."

Eu as calcei, amarrei os cadarços e me levantei, exatamente quando bateram na porta.

"Milow?" A voz de Ashby ecoou pela floresta. "Você está pronto?"

Evie me lançou um olhar cúmplice. "Entre."

A porta se abriu e Ashby entrou. Ele parou abruptamente ao me ver. Seus olhos percorreram meu corpo lentamente. Ele me olhou como sempre fazia, com uma ternura que sempre acelerava meu coração. Então, ele sorriu.

“Você está muito bonita”, disse ele, quase surpreso com as próprias palavras. .

Meu peito apertou daquela maneira familiar novamente, e senti o calor subir pelo meu pescoço. Dei um pequeno sinal de agradecimento com a mão.

Evie pigarreou. "O Wesley pode te levar de carro até a festa?"

Ashby não desviou o olhar de mim enquanto respondia. "Sim... ele vai."

“Ótimo.” Evie sorriu novamente e apertou minha mão delicadamente. “Divirta-se, tá? E se você quiser ir embora, mande uma mensagem para o Wes.”

Desviei o olhar de Ashby e olhei para ela, assentindo com a cabeça uma vez.

Evie saiu, e eu fiquei onde estava, parada em frente ao espelho com as mãos entrelaçadas, sem apertar muito. Ashby estava a poucos passos de distância. Ele sempre foi bem-vindo no meu quarto, sempre foi. Quando éramos pequenos, ele tinha o hábito de se esgueirar para a minha cama. Conforme fomos crescendo, ele parou de fazer isso. Eu sentia falta, mas sabia que não podíamos continuar dormindo juntos na mesma cama. Estávamos no ensino médio, não éramos mais crianças.

Ashby não falou de imediato. Mudou o peso de um pé para o outro, um dos tênis arrastando no tapete. Suas mãos ainda estavam enfiadas nos bolsos. Observei seu reflexo em vez de olhar diretamente para ele.

“Ei”, disse ele finalmente.

Então me virei para ele. Ele deu um passo à frente, depois outro, parando bem na minha frente. Sempre era assim.

"Na verdade, fiquei muito preocupado mais cedo", admitiu ele, franzindo a testa. "Quando não consegui te encontrar na escola."

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, mas logo desapareceu. .

Meu coração apertou enquanto eu ouvia. Eu sabia que, quando ele chegou em casa mais cedo e me encontrou sã e salva na cozinha, o alívio que sentiu não durou muito. Com Ashby, nunca durava mesmo. Sua preocupação sempre ia além de simples explicações ou mensagens perdidas. Ele não se limitava a se perguntar onde eu estivera. Ele se preocupava com o porquê. Se alguém me impediu. Se alguém quis me fazer mal. Ele sempre carregava esse medo consigo, mesmo em dias sem motivo algum.

Precisava avisá-lo de que nada tinha acontecido. [Fui à biblioteca logo depois da aula e achei que você já tivesse ido embora, então fui para casa.]

Seus ombros relaxaram, mas só um pouco. "Faz sentido." Ele soltou um suspiro, massageando a nuca. "Eu só ficava pensando que talvez algo tivesse acontecido. Eu sei que é uma bobagem."

Balancei a cabeça rapidamente. [Não é estúpido.]

Ele me olhou por um longo momento, com os olhos examinando meu rosto. Então, deu um passo à frente e abriu os braços, me dando tempo para me afastar, se eu quisesse.

Mas eu não fiz isso. Nunca fiz quando ele queria me abraçar.

Aproximei-me dele, meus braços envolvendo sua cintura enquanto os dele me envolviam pelos ombros. Seus abraços sempre me faziam sentir que nada de ruim poderia me atingir. Seu queixo repousou no topo da minha cabeça, e eu aspirei seu perfume, que sempre me transportava de volta aos momentos mais reconfortantes do nosso passado.

"Que bom que você está bem", murmurou ele. "Não gosto de ficar sem saber onde você está."

Encostei minha bochecha no peito dele, meus dedos se agarrando ao tecido da sua camisa. Eu odiava quando ele se preocupava. .

Depois de um tempo, ele se afastou e sorriu para mim, observando meu look antes de dizer: "Você está realmente incrível. Estou falando sério."

Senti minhas bochechas corarem e desviei o olhar para evitar o dele.

Ele riu baixinho e estendeu a mão para beliscar delicadamente minha bochecha com as costas dos dedos: "Pronta?"

Assenti com a cabeça, sentindo-me nervosa e animada ao mesmo tempo. Mas eu sabia que ele ficaria perto de mim a noite toda e tornaria a noite suportável.

13

Milow

"Me manda uma mensagem quando quiser que eu te busque, tá bom, Milow?"

Olhei para Wesley pela janela aberta do carro e acenei com a cabeça, sorrindo enquanto lhe fazia um rápido sinal de positivo com o polegar.

Então, ele voltou sua atenção para Ashby, com uma expressão séria. "Cuide dela."

"Sim, eu vou. Não vou sair do lado dela." Ashby disse isso com certeza. Ele já havia me prometido isso antes e não precisava repetir. Eu sabia que ele estava falando sério.

“Ótimo.” Wesley assentiu uma vez. “Então… divirtam-se, crianças.”

[Obrigada.] Acenei enquanto ele se afastava, observando o carro desaparecer rua abaixo. Quando me virei para Ashby, esperei que ele me guiasse até a porta da frente escancarada da casa de Scottie, de onde música e vozes se espalhavam pelo ar quente da noite. .

Ele se aproximou de mim, pegando minha mão na sua enquanto eu olhava para cima.

“Assim que entrarmos lá…” ele começou, franzindo a testa como se o que estivesse prestes a dizer o preocupasse. “Eu realmente preciso que você simplesmente… aproveite.”

Inclinei a cabeça, esperando que ele continuasse.

“Quer dizer”, continuou ele, “quero que você se divirta. Sei que esta não é a sua sexta-feira à noite ideal, mas acho que você pode gostar. E se não gostar…” Deu de ombros levemente. “Vamos para casa.”

Dessa vez, franzi a testa e balancei a cabeça, soltando delicadamente minha mão para poder assinar. [Se eu quiser ir para casa, você não precisa vir comigo.]

“Eu sei, eu sei.” Ele suspirou e sorriu para mim. “Mas, sinceramente… eu só aceitei ir a essa festa porque achei que você gostaria de ir. Pelo Scottie.”

Isso mudou tudo para mim. Um sorriso surgiu em meus lábios. [Você não precisava.]

“Sim”, disse ele, dando de ombros novamente. “Mesmo assim. Se você quiser ir embora, nós vamos. Certo?”

Observei seu rosto por um instante e então assenti lentamente. [Certo.]

“Ótimo. Vamos entrar.”

O barulho me atingiu em cheio no momento em que entramos.

A música pulsava pela casa, fazendo o chão vibrar e penetrando diretamente em meu corpo. Vozes se sobrepunham, e havia risos e gritos por toda parte. O ar cheirava a perfume barato e suor. Quase como o vestiário feminino da escola. Não era meu cheiro favorito, e tentei ignorá-lo. Pessoas se aglomeravam na entrada, Em pé, agrupados dispersos, com xícaras nas mãos e corpos balançando mesmo quando não estavam dançando.

Parei quando um cara entrou no meu caminho, e Ashby imediatamente se colocou entre nós. Ele lançou um olhar fulminante para o cara, e sem precisar de outro aviso, o cara levantou as mãos em sinal de defesa e foi embora.

Ashby olhou para mim. "Você está bem?"

Assenti com a cabeça.

Continuamos caminhando, e ele diminuiu o passo, inclinando o corpo levemente em minha direção para criar espaço. Por instinto, estendi a mão e agarrei um punhado de sua camisa nas costas, meus dedos se enroscando no tecido. Ele olhou para mim de relance para se certificar de que eu estava bem, e eu lhe dei um sorriso forçado para tranquilizá-lo.

“Vamos para a cozinha”, disse ele, inclinando-se para mais perto para que eu pudesse ouvi-lo. Ele gesticulou em direção ao corredor lotado.

Eu nunca tinha visto a casa do Scottie tão cheia, mas era grande o suficiente para acomodar todas aquelas pessoas. Ashby gentilmente abria caminho com os ombros, murmurando desculpas rápidas quando alguém esbarrava nele. Eu permaneci perto, quase encostada em suas costas, e minha mão ainda segurava sua camisa.

As pessoas nos olhavam enquanto passávamos. Algumas sorriam, outras pareciam curiosas, seus olhares demorando em mim antes de voltarem para Ashby. A princípio, pensei que talvez estivessem olhando porque eu era um ano mais nova. A maioria dessas pessoas era do último ano. Algumas eu não reconheci, mas pareciam ainda mais velhas. Eu ainda não tinha visto ninguém da minha turma, mas duvidava que Scottie os tivesse convidado. Eu era a única do penúltimo ano com quem ela saía.

Mantive o olhar baixo, concentrando-me na sensação familiar de suas roupas sob meus dedos e na maneira como ele se movia com confiança pela multidão. A sala de estar se abriu à nossa esquerda e vi alguém dançando em cima de uma mesa de centro. Outra pessoa derrubou uma bebida e riu disso, e um grupo de garotas incentivava um rapaz que bebia um destilado transparente direto da garrafa. Senti como se estivesse em uma cena de filme.

Ashby olhou para trás mais uma vez para me checar. Eu sorri sem jeito, mesmo com o coração batendo tão forte que chegava a doer. Eu ainda estava muito nervosa, mas tentei ao máximo não demonstrar.

O corredor foi se estreitando e a atmosfera mudou. Ainda estava barulhento, mas mais por causa das vozes do que da música. Quanto mais nos aproximávamos da cozinha, mais forte era o cheiro de comida.

Então chegamos à porta. A cozinha também estava cheia, mas menos caótica. As pessoas se encostavam nos balcões, sentavam-se nas bordas e conversavam em grupos menores. Perto do centro de tudo, Scottie estava de pé, encarando Stan, ambos com semblantes tensos. Suas vozes estavam tão altas que, mesmo com todos os outros sons, eu conseguia perceber que estavam discutindo. Bem... suas expressões entregaram tudo primeiro.

Ashby parou bruscamente assim que entramos na cozinha, e senti imediatamente a tensão em seu corpo. Seus ombros se ergueram e, em seguida, caíram com um suspiro pesado. Permaneci atrás dele, perto o suficiente para que meu ombro roçasse suas costas enquanto eu espiava por cima do ombro dele o que quer que estivesse acontecendo no centro da cozinha.

"E que porra você quer que eu faça a respeito?" Stan disse em voz alta, com a voz áspera, erguendo os braços. para o ar. "Não fui eu quem enviou todas aquelas mensagens sobre a festa."

Scottie parecia furiosa. Seu maxilar estava tenso e seus olhos castanhos faiscavam de raiva enquanto o encarava de frente. "Eu enviei para meus contatos, Stan. Pessoas que eu conheço pessoalmente. Essa mensagem não era para ser encaminhada para mais ninguém."

“Acabei de enviar para dois amigos com quem treino.”

“E foi aí que você errou.”

“Certo. Então a culpa é minha por todas essas pessoas que você não convidou terem aparecido.”

Scottie parecia pronta para ir embora, mas suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo e, em vez de sair, ela se virou bruscamente e o encarou. "Sim, Stanley. A culpa é sua. Porque seus dois amigos convidaram toda a turma da faculdade deles."

"Ah, cara..." Ashby murmurou baixinho.

Olhei para ele, meus lábios cerrados enquanto meus dedos puxavam o tecido de sua camisa. Ele virou a cabeça e suspirou mais uma vez, depois se inclinou o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo.

“Não se preocupe”, disse ele em voz baixa. “Eu resolvo isso.”

Ashby me guiou para frente, me conduzindo em direção aos nossos amigos. No instante em que Stan nos viu, sua expressão mudou. A tensão se dissipou de seu rosto, dando lugar a um sorriso largo e familiar.

“Ace, minha garota!”

Ele passou por Scottie a toda velocidade e me abraçou pela cintura, me levantando do chão como sempre fazia. Stan começou a me chamar de Ace durante meu primeiro ano de... no ensino médio, porque eu sempre tirava notas máximas. O apelido nunca me incomodou, e na verdade, acabei gostando.

Stan tinha ficado enorme com o passar dos anos. Ele não era muito mais alto que Ashby, mas era tão forte e musculoso quanto ele. Era extremamente forte, o que era essencial para um lutador de MMA.

Sorri, sem conseguir me conter. Não importava o quão caótico ele fosse, não importava o quão difíceis as coisas tivessem sido entre nós quando éramos mais jovens, nós tínhamos nos tornado próximos. Nós quatro tínhamos. Scottie e Stan simplesmente... se desentendiam às vezes. Um dia, eles eram inseparáveis, de mãos dadas na frente da escola inteira. E no dia seguinte, estavam se matando assim. Mas eles eram amigos. Ou algo mais.

"Solte-a", disse Ashby, com a voz embargada pela preocupação novamente.

Stan riu, me ajudando a levantar. Ajustei minha saia, alisando-a, e acenei para Stan. Logo em seguida, minha atenção se voltou para Scottie.

Ela se encostou no balcão com os braços cruzados sobre o peito, e sua expressão ainda era dura. Seu olhar estava fixo em algum lugar além de nós. Apertei meus lábios e me aproximei dela, colocando delicadamente minha mão em seu braço e apertando-o suavemente.

Ela não olhou para mim imediatamente.

Esperei, dando-lhe um momento para respirar. Quando seus olhos finalmente se ergueram para encontrar os meus, a severidade em sua expressão suavizou-se e ela sorriu gentilmente.

"Sinto muito que você tenha tido que ver isso", disse ela. Então, seu sorriso se alargou um pouco. "Você veio."

Eu assenti com a cabeça. [Você me pediu.]

“Sim”, disse ela baixinho. “Obrigada.” ”

"O que está acontecendo?" perguntou Ashby, aproximando-se. Sua mão envolveu o braço de Stan para mantê-lo ali.

Scottie suspirou e balançou a cabeça, deixando o olhar cair para o chão. "Nada."

"É", murmurou Stan. Sua voz era baixa e carregada de culpa. "Agora não é nada."

Ashby e eu trocamos olhares. A tensão era palpável e tão familiar. Mudei o peso de um pé para o outro e então olhei para Ashby, esperando que ele fizesse o que sempre fazia: intervir, acalmar os ânimos e fazer com que eles voltassem a se dar bem.

Ele olhou para Stan novamente e perguntou: "Quem você convidou?"

Stan passou a mão na nuca. "Dois caras do clube. Só isso. Não achei que eles fossem repassar a mensagem para mais ninguém."

Scottie soltou uma risada sem humor. "Você nunca pensa."

Stan estremeceu com aquilo. Pela primeira vez, ele não revidou. Sua expressão mudou. A defensiva se dissipou, dando lugar à dor. Ele odiava discutir com ela tanto quanto qualquer um odiaria discutir com alguém próximo.

"Desculpe", disse ele. Sua voz carregava um peso que pairava no ar. Ele se aproximou e estendeu a mão para ela. Ela poderia ter se afastado se quisesse, mas não o fez. "Eu errei. Não queria estragar sua noite."

Scottie hesitou, depois seus dedos se fecharam em torno dos dele.

"Você sempre faz isso", disse ela, mas não havia mais raiva em sua voz. Pelo contrário, ela parecia exausta.

"Eu sei", respondeu Stan suavemente. "E odeio saber disso." ”

Ele a puxou para mais perto e, como ela não resistiu, a envolveu em seus braços. Scottie soltou um suspiro e se aconchegou nele, a testa encostada em seu peito enquanto seus braços o envolviam pelas costas. Ele se inclinou e afundou o rosto em seus cabelos loiros escuros, inalando profundamente seu perfume.

Eu os observei e sorri. Era assim que eles sempre encontravam o caminho de volta um para o outro. Havia uma longa história entre eles. Uma que levaria muito tempo para contar. Mas eu tinha esperança de que, à medida que crescessem, o que estava crescendo entre eles se tornaria mais claro.

Os ombros de Ashby finalmente relaxaram ao meu lado, e ele se virou para mim com um sorriso. "Você quer beber alguma coisa?"

Assenti com a cabeça e deixei meu olhar vagar pela cozinha. Garrafas se amontoavam nas bancadas e na mesa. Havia copos por toda parte. Fiz uma careta e olhei para Ashby. Ele também estava examinando o cômodo, com a expressão tensa. "O que você estava planejando, Scott? Dar intoxicação alcoólica em todo mundo?"

Scottie virou a cabeça na direção dele, com os braços ainda em volta de Stan, enquanto suspirava. "Mamãe comprou só um terço disso, talvez", disse ela. "Outras pessoas trouxeram o resto."

Scottie tinha dezessete anos, mas a mãe dela comprou a bebida para ela. Eu sabia que era porque confiava na mãe. Eu sabia que Scottie não bebia muito, mas não dá para fazer uma festa em casa sem álcool, né?

"Coloquei Pepsi na geladeira para você, Milow", acrescentou Scottie, olhando para mim.

Foi muito atencioso da parte dela. [Obrigado.]]

"Claro." Ela sorriu suavemente e finalmente soltou Stan, que parecia mais do que satisfeito por terem feito as pazes. "Tem alguns petiscos ali na mesa, mas se você quiser outra coisa, é só olhar na geladeira."

"Você está com fome?", perguntou Ashby, e eu dei de ombros.

Não. Mas eu gostaria de beber algo.

Ele assentiu com a cabeça. "Vou pegar algo para você."

Ele foi até a geladeira, e Stan o seguiu como um cachorrinho, falando sem parar sobre qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Quando voltaram, ele colocou uma lata gelada de Pepsi na minha mão.

[Obrigado.]

Ele sorriu, o canto da boca se erguendo. "Não vou demorar", disse-me, e então foi ficar ao lado de Stan e de um grupo de rapazes que eu reconheci. Eram todos veteranos e costumavam sentar-se conosco no almoço.

Virei-me para Scottie e cutuquei-a no braço enquanto abria a lata. Ela suspirou profundamente e se aconchegou em mim, apoiando a cabeça no meu ombro por um instante.

"Sinto muito que você sempre tenha que nos ver brigando", disse ela baixinho.

Dei um gole, balancei a cabeça e coloquei a lata atrás de mim. [Não me incomoda. Não gosto de te ver sofrer.]

O maxilar dela se contraiu. Ela desviou o olhar de mim, seus olhos percorrendo a cozinha até pararem em Stan. Ele estava rindo agora, gesticulando freneticamente enquanto falava, completamente alheio ao jeito como ela o olhava. Ou talvez ele soubesse e também não soubesse o que fazer a respeito. .

“É isso aí”, ela sussurrou. “Ele me machuca sem nem tentar. E, de alguma forma, ele também é o único que me faz sentir tão...” Sua mão se ergueu e pressionou contra o peito. “Bem. E compreendida.”

Mantive as mãos ao lado do corpo.

“Tenho todos esses sentimentos intensos por ele. Bons e ruins”, disse ela, as palavras saindo atropeladas como se tivesse medo de que ficassem presas se diminuísse o ritmo. “Nem quero fingir que não sinto isso. E odeio isso, porque ele é a mesma pessoa que consegue me deixar furiosa em cinco segundos.” Seus olhos permaneceram fixos nele. “Como uma pessoa pode ser assim?”

Meu peito doía por ela. Eram sentimentos complexos, e eu queria poder ajudá-la a entendê-los. Mas eu mesmo tinha dificuldade até com os sentimentos mais simples. Mesmo assim, tentei dar o melhor conselho que pude.

[Eu acho... você sabe que ele é mais importante para você do que os outros,] suspirei quando ela olhou para mim. [Ele sempre esteve por perto, e vocês dois sempre tiveram uma conexão especial.]

Ela engoliu em seco. "É isso que me assusta."

[Eu sei], respondi. [Ter alguém tão próximo dá a essa pessoa o poder de te machucar. Mas também significa que o que você sente é real. E eu não acho que isso deva ser ignorado.]

Scottie piscou. "Você sempre faz as coisas parecerem tão simples."

[Não acho que seja simples,] assinei. [Acho que você é corajoso o suficiente para sentir isso em vez de fugir disso.]

Ela soltou um suspiro trêmulo. "Meu Deus. Você é sábio demais para o seu próprio bem."
”

Dei de ombros, sentindo-me um pouco envergonhada. Peguei minha bebida novamente. Não me considerava sábia. Simplesmente sentia as coisas profundamente, amava sem restrições e me refugiava em meus pensamentos quando minhas emoções ficavam intensas

demais. Pensar sempre me pareceu mais seguro do que sentir quando tudo ameaçava transbordar.

Do outro lado da sala, os olhos de Ashby encontraram os meus. Ele estava meio virado para Stan, mas sua atenção estava totalmente voltada para mim. Sorri para que ele soubesse que eu estava bem, e seus ombros relaxaram, só um pouquinho, antes que ele voltasse a prestar atenção na conversa.

Scottie seguiu meu olhar e sorriu suavemente. "Ele realmente cuida de você."

[Ele sempre teve.]

Seus olhos voltaram-se para Stan mais uma vez, agora com um olhar mais suave. "Eu queria que amar alguém não fosse como estar no meio de uma tempestade."

Não era a primeira vez que ela usava a palavra amor ao falar de Stan. Não me surpreendeu. Não quando se tratava dos dois. Eles tentavam se afastar desde a infância, mas algo mais forte sempre os puxava de volta.

Esperei que Scottie olhasse para mim novamente antes de assinar. [Acho que vale a pena enfrentar a tempestade pelas pessoas certas.]

Scottie assentiu lentamente. Do outro lado da cozinha, Stan riu alto e de coração, e pelo canto do olho, vi Scottie sorrir.

“Ele é um completo idiota.”

Concordei. Mas ele era o idiota dela.

14

Ashby

Eu queria ir para casa.

Não porque algo estivesse errado ou porque Milow não estivesse bem, mas porque eu estava exausta depois de um longo dia de aula e um treino de natação ainda mais longo. Meus ombros ainda doíam, minha cabeça parecia pesada, e tudo o que eu conseguia pensar era em como seria muito melhor passar uma sexta-feira à noite em casa com ela. Sentadas no sofá. Assistindo a algum filme aleatório que ambas ignoraríamos parcialmente. Ou observando-a resolver o que parecia ser sua enésima palavra cruzada ou Sudoku, completamente concentrada, com a língua levemente pressionada contra a bochecha, como sempre fazia quando se concentrava.

Ainda assim, Milow parecia feliz.

Ela sorria com frequência, ficava perto de Scottie e acompanhava as conversas com facilidade, até mesmo gesticulando com as mãos. E então... Ninguém além de nós quatro entendíamos a língua de sinais, mas Scottie nunca perdeu o ritmo, sempre traduzindo as palavras de Milow em voz alta como se fosse a coisa mais natural do mundo. Eu a amava por isso. Eu amava qualquer pessoa que facilitasse as coisas para Milow sem fazer disso um grande problema.

Milow tinha se soltado à medida que crescia. Lentamente, e à sua maneira. Ela ainda lutava para se encaixar às vezes, e eu não achava isso ruim. Ela não se misturava à multidão. Ela não desaparecia no meio da multidão. Ela era diferente, e para mim, essa diferença parecia frágil e preciosa. Eu carregava esse medo silencioso de que um dia ela mudasse de uma forma que eu não pudesse mais proteger. Que ela acordasse e decidisse que não precisava de mim por perto o tempo todo.

Eu tinha tido pesadelos com isso.

Sobre ela, de repente, encontrar a própria voz e usá-la para me dizer para me afastar. Para parar de me preocupar. Em um sonho, ela olhou diretamente para mim e me chamou de idiota por nunca sair do lado dela. Acordei suando frio, com o coração acelerado, abalado pelas palavras, mesmo sabendo que não eram reais. E por pior que o sonho tivesse sido, havia uma parte terrível de mim que se agarrava ao som da voz dela. Porque eu nunca a tinha ouvido falar. Ninguém tinha. E eu odiava que o que quer que tivesse acontecido antes de ela ser adotada a tivesse machucado tanto a ponto de ela ter aprendido a manter essa parte de si trancada.

“Ash… Ashby, cara, onde você foi?”

A voz de Stan cortou meus pensamentos, tão aguda que me trouxe de volta à realidade. Pisquei, minha visão clareando ao perceber que estava encarando o vazio. .

Meus olhos foram direto para Milow.

Ela ficou ao lado de Scottie, sorrindo suavemente enquanto ouvia a conversa entre as duas. Milow assentiu com a cabeça, sua postura relaxada e presente, como se pertencesse àquele lugar.

"Hm?" Desviei o olhar para Stan.

Ele me olhava com aquele sorriso presunçoso e ligeiramente irritante que sempre exibia quando achava que tinha descoberto alguma coisa — o que era raro. Ele seguiu meu olhar até Milow e então olhou para mim novamente.

“Cara”, disse ele, baixando a voz o suficiente para não ser ouvida do outro lado da cozinha. “Um dia você vai ter que admitir seus sentimentos e—”

"Pare." Lancei-lhe um olhar fulminante e virei-me antes que ele pudesse terminar a frase, pegando minha Pepsi no balcão. Dei um longo gole.

"Eu sei, eu sei", disse ele com naturalidade, completamente impassível. "É difícil ouvir a verdade." Ele encostou o quadril no balcão, com os braços cruzados. "Mas você está sofrendo aqui, amigo."

"Sofrendo?" Ergui uma sobrancelha para ele, abaixando a lata. "Isso é um pouco dramático."

“Sim”, ele assentiu, agora com uma expressão séria. “Você está. Você é apaixonado por ela desde que éramos crianças. Todo mundo percebe. Acho que chegou a hora.”

Balancei a cabeça lentamente, já sentindo aquele nó familiar apertando meu peito. Meu amor por Milow não era algo que eu pudesse simplesmente dizer em voz alta. Não agora. Talvez nunca. Eu não sabia como ela se sentia, e os sentimentos dela importavam mais do que qualquer coisa. Éramos melhores amigas. Tínhamos crescido juntas, compartilhado cada momento, não importando o quão pequeno ou grande fosse. Éramos o porto seguro uma da outra. E isso era tudo para mim. *Ela* era tudo para mim . .

Admitir o que eu realmente sentia mudaria as coisas. Colocaria algo frágil em risco. E eu não estava disposta a fazer isso.

Estendi a mão e apertei seu ombro. "Obrigada", disse baixinho, "mas acho que você deveria se concentrar na sua própria história de amor."

Seu sorriso voltou instantaneamente, largo e confiante. "Ah, estou realmente concentrado."

Antes que eu tivesse a chance de revirar os olhos, Scottie apareceu ao nosso lado, batendo palmas uma vez para chamar nossa atenção. "Ok", disse ela, sorrindo para nós. "Vamos lá fora. Hora de ir para o jardim."

Stan se animou imediatamente. "Beer pong?"

"Obviamente", ela respondeu prontamente. "Mas, por favor, não me envergonhe."

“Não faço promessas”, disse ele, já se mexendo.

Scottie revirou os olhos e olhou para Milow, com o sorriso suavizado. "Você vem?"

Milow assentiu com a cabeça, aproximando-se de mim. Senti seu ombro roçar meu braço e, sem desviar o olhar, ajustei minha postura para ficar um pouco mais perto dela. Havia pequenos momentos como esses que só nós percebíamos. Ninguém mais via o jeito como nos olhávamos, com toda a confiança que tínhamos, e ninguém notava que cada toque — intencional ou não — me causava um arrepio na espinha.

“Vamos lá”, disse Scottie, seguindo Stan até a porta dos fundos.

Saímos e o barulho da casa diminuiu um pouco. Havia menos gente lá fora, mas ainda mais do que eu esperava. Paramos perto da mesa onde quatro garotas estavam terminando

uma partida de beer pong. Antes que eu pudesse dizer algo, Sem mais nem menos, Stan deu um passo à frente e puxou Scottie para perto de si, já reivindicando seu lugar.

“Ash, Milow, vamos lá”, disse ele, apontando com o queixo para o outro lado da mesa, claramente esperando que nos juntássemos a ele.

Virei a cabeça e olhei para Milow, deixando a escolha para ela. Ela hesitou, o olhar percorrendo a mesa, os copos e as pessoas ao redor. Duvidei que ela sequer soubesse do que se tratava o jogo e, por um breve instante, me esqueci de mim mesma, só então me lembrando de que havia álcool em todos os copos.

"Vamos passar", eu disse.

Senti Milow relaxar instantaneamente ao meu lado, seus ombros se soltando um pouquinho. O dorso da minha mão direita roçou em seu braço, o tecido macio do seu cardigã tocando minha pele. Quis segurar sua mão. Sabia que isso a acalmaria ainda mais, e estava escuro o suficiente lá fora para que ninguém percebesse. A ideia daqueles pequenos toques secretos me deixou com a cabeça leve.

"Tudo bem", disse Stan, já distraído. Ele examinou o grupo e apontou para dois de nossos amigos que estavam por perto. "Jasper, Bennett. É a vez de vocês."

Os dois eram da nossa turma. O Jasper estava no time de natação comigo. Ao contrário de alguns outros na escola, ele e o Bennett realmente repreenderam o Stan quando ele passou dos limites. Eles não pareciam muito animados para jogar contra ele, mas mesmo assim se apresentaram e começaram a encher os copos vermelhos.

"É injusto", disse Jasper, balançando a cabeça.

Stan ergueu uma sobrancelha, atirou a bola de pingue-pongue para o ar e apanhou-a novamente. "O que é injusto?"

Jasper acenou com a cabeça na direção de Scottie. "Ela é uma profissional nesse jogo." ”

Scottie sorriu sem pudor, dando de ombros discretamente. "Não se preocupem, meninos", disse ela com leveza. "Vou pegar leve com vocês."

"Graças a Deus", murmurou Bennett baixinho.

Não consegui conter uma risadinha. Quando se tratava da Scottie, a maioria dos garotos da escola mantinha distância. Mas não porque tivessem medo dela. Eles tinham medo de serem rejeitados. Eu sabia que isso a incomodava, e ela desejava que mais pessoas a vissem apenas como uma amiga, e não como alguém com quem poderiam namorar. Embora a Scottie só tivesse olhos para o Stan, e a maioria dos garotos sabia disso.

O jogo recomeçou, risos e gemidos se misturando ao baque da bola atingindo o plástico. Continuei onde estava, observando distraidamente. Minha atenção sempre voltava para Milow, que estava um pouco atrás de mim. Ela estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor do seu corpo. Ela mudou o peso de um pé para o outro. O movimento foi pequeno, mas sua mão roçou a minha novamente.

Dessa vez, demorou, e não foi por acaso. Não me movi imediatamente. Não queria estragar o momento. Então, lentamente, virei a mão, abrindo os dedos em vez de os fechar, e deixei-a ali, como um convite que fingia não notar. Um segundo se passou, depois outro.

E, finalmente, seus dedos deslizaram para dentro dos meus.

De repente, tudo ficou em silêncio entre nós, mesmo com o barulho ao redor. Ela ficou um pouco atrás do meu ombro, perto o suficiente para que ninguém visse nossas mãos. Apenas nos abraçamos, ambos conscientes da fragilidade daquele momento.

A mão dela estava um pouco fria e encaixou perfeitamente na minha. Meu polegar roçou na lateral do dedo dela, e ela respondeu apertando um pouco mais a minha mão. .

Engoli em seco e mantive os olhos fixos no jogo, fingindo me importar se Stan acertaria o arremesso ou não. Meu coração batia rápido demais para isso. Cada nervo do meu corpo parecia sintonizado com aquele único ponto onde nossas mãos se encontraram. Ninguém percebeu. Stan estava ocupado demais provocando. Scottie ria, já se preparando para o próximo arremesso. Jasper reclamava alto. E tudo continuou como se nada tivesse acontecido.

Mas para mim, tudo pareceu diferente.

Milow se inclinou um pouco mais para perto, seu ombro roçando meu braço, e eu tive que me convencer de que aquilo não era nada, mesmo que fosse tudo. Apertei sua mão suavemente uma vez, e ela retribuiu o aperto.

Eu não sabia o que aquilo significava, nem o que ela pensava a respeito. Se era apenas um simples toque que ela precisava para se acalmar, ou se ela sentia o mesmo que eu. Mas o que eu sabia era que, pela primeira vez naquela noite, eu parei de querer ir para casa.

“Olá, Ashby.”

A mão de Milow escapou da minha imediatamente. A perda do seu toque foi como uma facada no meu coração. Os pelos da minha nuca se eriçaram, e aquela mistura horrível de estar presa e irritada se instalou no fundo de mim.

Virei a cabeça e vi Hailie parada muito perto. Aspen estava logo atrás dela. Ambas eram da mesma turma de Milow. Eu sabia que elas tinham aulas juntas. E também sabia exatamente o quão insuportáveis elas eram.

“Hum, oi.”

“Festa legal, né? Eu precisava ter vindo”, disse Hailie, com um sorriso exagerado. Seus dois dentes da frente eram grandes demais para ela. "Aspen soube por Leah, que soube por Molly que haveria uma festa esta noite, então tínhamos que aparecer."

Ergui uma sobrancelha sem querer. Leah e Molly eram da minha turma. Scottie até gostava delas. Eu tinha certeza de que elas tinham sido convidadas. Mas Hailie e Aspen? Definitivamente não eram amigas do Scottie.

"Sentimos muita falta das festas", continuou Hailie. "Passei o verão inteiro na Itália com a minha família, e Aspen ficava na Flórida, então não vimos ninguém da escola. Foi muuuito chato."

Eu não liguei. Nem um pouco. Mesmo assim, eu não fui um idiota. Não queria ser grosseiro. Forcei um sorriso e acenei com a cabeça uma vez. "Legal."

"Totalmente legal", Aspen concordou, com sua voz aguda e ensaiada.

Ambas me encararam com aqueles olhares expectantes. Seus cabelos loiros estavam lisos e pareciam — e cheiravam — a queimados. A maquiagem era carregada. Usavam muito mais do que qualquer garota de dezessete anos precisaria. Mas isso não era da minha conta.

Mudei o peso do corpo, inclinando-o o suficiente para ver como Milow estava. Precisava vê-la. Ter certeza de que ela ainda estava ali. Ela observava a mesa de beer pong, o rosto calmo, concentrado em outro lugar. Mas eu sabia que não era bem assim. Ela estava ouvindo essa conversa unilateral.

Quis estender a mão para tocar a dela novamente. Enlaçar meus dedos nos dela mais uma vez e desaparecer naquele espaço tranquilo e secreto que havíamos criado momentos antes. Queria aquela calma de volta, mas não me atrevi.

Era arriscado demais.

“Então, Ashby…” disse Hailie, inclinando a cabeça e franzindo seus lábios rosados e brilhantes. “Aspen e eu estávamos pensando.” ”

“Estávamos pensando *nisso* ”, acrescentou Aspen rapidamente.

"Estávamos pensando que talvez nós quatro pudéssemos sair em um encontro duplo?", disse Hailie, com um tom leve, como se fosse a ideia mais natural do mundo.

Franzi a testa. Quatro de nós, quem? Com certeza não estavam falando da Milow…

“Nós dois, você e o Stan”, esclareceu Aspen, com os olhos brilhando ao mencionar o nome de Stan.

Oh .

“Hum, eu não sei bem—”

“Sair para encontros, aff, a gente sabe”, interrompeu Hailie, revirando os olhos. Então, ela agarrou meu antebraço com as duas mãos e deu um puxão brincalhão que me pareceu errado. E agressivo demais. “Mas a gente acha que você precisa tirar um tempo para si de vez em quando e se divertir de verdade. Você está sempre no treino de natação.”

Como ela sabia disso, eu não fazia ideia. Claro, as pessoas falavam. Eu era bom no que fazia. Mas ainda assim me incomodava que ela falasse como se me conhecesse.

“E como você e o Stan já estão sempre juntos”, continuou Aspen, “e eu e a Hailie estamos sempre juntas, achamos que seria fácil. Só nós todos saindo juntos.”

Olhei para Aspen. Depois, voltei a olhar para Hailie. Meu maxilar se contraiu.

Eu odiava aquilo. Odiava tanto que minha cabeça começou a esquentar. Queria mandar eles se foderem. Simples assim. As palavras estavam na ponta da língua, e eu estava prestes a soltá-las quando Scottie se colocou na minha frente.

Hailie finalmente soltou meu braço.

"Por que você está aqui?", perguntou Scottie. Sua voz era monótona. .

Hailie suspirou dramaticamente e cruzou os braços sobre o peito excessivamente exposto. Não que eu estivesse olhando. Era simplesmente impossível não notar. Seus seios estavam empinados até o queixo de uma forma nada natural.

“Fomos convidados.”

“Por quem?”

Hailie não tinha uma resposta direta para isso, então permaneceu em silêncio, abrindo e fechando a boca como se pudesse inventar uma se tivesse tempo suficiente.

“De qualquer forma, já estamos aqui. Vocês não podem nos expulsar”, disse Aspen, transbordando confiança como se nunca tivesse ouvido um “não” antes, o que provavelmente era verdade.

Não vi o rosto de Scottie, mas percebi pela sua voz. Ela estava divertida, mas já estava farta daquela conversa. "Certo. Na verdade? Posso sim. Esta é a minha casa. Além disso, vocês são do penúltimo ano. Esta festa é para os veteranos."

A expressão de Hailie franziu ainda mais a testa. "Então, o que o mudo está fazendo aqui?"

Algo dentro de mim estalou imediatamente.

Sem pensar duas vezes, contornei Scottie, ficando completamente à frente de Milow e bloqueando sua visão. Meu corpo agiu por instinto, antes mesmo que meu cérebro conseguisse processar a informação. Eu protegeria Milow. Sempre, sem hesitar.

"Tudo bem", eu disse, tentando manter a voz baixa. "Você não foi convidado. Deveria ir embora."

“Mas isso não é justo”, retrucou Hailie, apontando para além de mim como se Milow fosse um objeto sobre o qual ela pudesse discutir. “Se ela está aqui, nós também podemos estar. Estamos curtindo a festa muito mais do que ela. Ninguém a entende.” ”

Os dedos de Milow roçaram as costas da minha camisa, e meu corpo ficou tão tenso que eu estava prestes a explodir. Mas me controlei por causa de Milow.

Scottie deu um passo à frente novamente, desta vez ficando completamente ao meu lado. "Você está acabada", disse ela. Não havia humor em sua voz agora. Apenas pura autoridade e um toque de raiva. "Saia da minha casa. Não estou pedindo."

Aspen zombou. "Nossa. Tá bom. Que abuso de poder, hein?"

“Sim”, disse Scottie calmamente. “Minha casa. Minhas regras. Fora.”

Eles ficaram ali parados por mais um segundo, claramente esperando que alguém os apoiasse. Mas ninguém apareceu. As pessoas começaram a observar tudo acontecer, e eu precisava que aquilo acabasse antes que a situação piorasse.

Hailie bufou e deu meia-volta. "Tanto faz. Essa festa é um saco mesmo."

"É", murmurou Aspen, seguindo-a. "Que ridículo."

Eles desapareceram pela casa, derrubando algumas xícaras das mesas ao saírem.

Respirei fundo e balancei a cabeça, voltando-me para Milow no exato momento em que Stan apareceu ao meu lado. Suas sobrancelhas estavam franzidas. "O que acabou de acontecer? Parecia que alguém tinha assassinado o ego deles."

“Eles estavam sendo grosseiros”, eu disse sem rodeios.

“Como sempre”, murmurou Scottie, e acrescentou: “E, aparentemente, eles estão a fim de vocês dois”.

"Nós?", repetiu Stan.

Dei um aceno curto com a cabeça, depois balancei-a negativamente novamente porque detestava até mesmo a ideia de deixar aquelas duas garotas se aproximarem. .

Stan piscou uma vez, e então seu rosto se contorceu como se tivesse acabado de colocar algo horrível na boca. "Eca. Elas? Jamais. As únicas duas garotas com quem eu sairia seriam a Scottie e a Milow."

Olhei para Milow então. Suas bochechas coraram levemente, um rosa suave que chegava até as orelhas. Era sutil, mas eu vi. Sempre via. Sempre notava os mínimos detalhes nela. Sorri para ela e enfiei as mãos nos bolsos, me forçando a mantê-las lá em vez de tocá-la como meu instinto me dizia para fazer. Mesmo assim, me inclinei para mais perto. "Você está bem?"

Ela assentiu imediatamente e levantou uma das mãos. [Bruxas.]

Uma risada escapou de mim antes que eu pudesse impedi-la. "Sim. São mesmo."

E ela estava realmente bem. Esse era o ponto. Ela sempre estava. Coisas assim não a afetavam da mesma forma que me afetavam. Eu carregava esses momentos comigo, guardava-os no fundo do meu ser e os deixava persistir. Quando as pessoas falavam mal da Milow, eu me apegava a isso porque sempre haveria oportunidades de usar contra elas se

tentassem mudar de ideia sobre ela. Eu sentia ressentimento, mas ela não. Ela nunca se apegava a isso. Deixava passar, como se não valesse a pena ocupar espaço na cabeça dela.

Foi fascinante ver como ela sempre escolhia a calma em vez da amargura, e essa gentileza silenciosa era exatamente o que me deixava tão orgulhoso dela.

15

Milow

Aquilo me incomodava. Muito, na verdade. O jeito como Hailie e Aspen falavam com Ashby. O jeito como falavam de mim sem um pingo de vergonha na voz. Aprendi cedo a não dar a elas a atenção que tanto desejavam. Era o que elas mais queriam. Uma reação. Um motivo para continuarem sendo maldosas. Mas parecia que, mesmo com o meu silêncio, elas ficavam ainda mais irritadas.

Eu sempre tive problemas com eles, desde o começo. No meu primeiro dia de aula, eles decidiram que era sua obrigação me explicar para todos os outros. Disseram a cada aluno da minha turma que eu era muda. Disseram que eu era diferente e que eu não falava porque achava que todos os outros eram burros.

Nada disso era verdade. Eu nunca sequer me atrevi a pensar em coisas assim. Eu era apenas uma criança assustada de sete anos, tentando... Fiz o possível para ouvir a professora, entender as regras e ser boa e obediente, como meu pai me ensinou. Fui corajosa todos os dias ao entrar naquela sala de aula, mesmo sentando sozinha na primeira fila. Mesmo ouvindo os cochichos e risinhos atrás de mim, e todos os comentários que nunca tinham a intenção de serem gentis.

Lembro-me claramente de um dia. Virei-me no meio da aula depois de Hailie me chamar de órfã indesejada e sem pais. As palavras me magoaram, e eu queria dizer duas coisas a ela. Primeiro, que "sem pais" e "órfã" significavam a mesma coisa e, segundo, que ela estava sendo cruel.

Mas eu não consegui dizer uma palavra. Tudo o que eu conseguia fazer era encará-la... e mostrar o dedo do meio.

É claro que ela me dedurou, e eu tive que ouvir minha professora explicar por que mostrar o dedo do meio para alguém não era certo.

Houve outros momentos assim ao longo dos anos, mas aprendi a sobreviver a eles sem piorar as coisas. Nunca dei a Hailie e Aspen o que elas queriam e me concentrei nos estudos e nos meus amigos. Permaneci em silêncio, porque não havia nada que eu pudesse fazer. Mesmo quando elas riam, mesmo quando falavam de mim como se eu não estivesse ali, aprendi a ignorar. Ou pelo menos a fingir que ignorava.

Eu cutuquei a pele solta ao redor do meu polegar, com o olhar fixo nas minhas mãos enquanto a festa continuava ao meu redor. Normalmente, eu só cutucava a pele quando estava ansiosa, mas às vezes acontecia por puro tédio. Em algum momento, nos mudamos para a sala de estar. O espaço estava cheio de gente, mas eu já tinha parado de prestar atenção há um tempo. Meu foco mudou para... Eu ficava acordada porque minhas pálpebras não paravam de cair, não importava o quanto eu lutasse contra isso.

Meu corpo afundou lentamente mais no sofá. Ashby deve ter percebido. Ele se inclinou para mais perto, seu ombro roçando no meu.

"Cansado?", perguntou ele em voz baixa.

Meu olhar se voltou para o dele, e eu assenti levemente com a cabeça.

"Você quer ir para casa?" Havia um toque de esperança em sua voz. Ele só tinha vindo por minha causa. Eu sabia disso. Mas também sabia que ele estava se divertindo — pelo menos antes de Hailie e Aspen aparecerem e estragarem o clima.

Dei de ombros e olhei ao redor da sala antes de voltar a encará-lo. [Você faz isso?]

Ele deu de ombros também. "Sim. Acho que sim."

Um alívio me invadiu. Assenti novamente. [Ok.]

Um sorriso se formou em seus lábios, como se ele já tivesse tomado a decisão antes de mim. Ele enfiou a mão no bolso e tirou o celular. "Vou mandar uma mensagem para o Wesley", disse ele.

Ele digitava rapidamente, o polegar deslizando velozmente pela tela. Eu o observava com um sorriso nos lábios. Ashby estava sempre pronto para me tirar de lugares onde eu não queria estar. Isso me fazia sentir protegida, mas às vezes também me entristecia. Porque o que aconteceria quando ficássemos mais velhos? Como adultos, ele não poderia mais estar ao meu lado como estivera todo esse tempo. Ele seguiria em frente. Iria para a faculdade, provavelmente se tornaria um grande atleta e encontraria alguém novo. Era egoísmo da minha parte pensar que ele ficaria ao meu lado para sempre, mas eu desejava desesperadamente que isso acontecesse.

“Tudo bem”, disse ele um instante depois, guardando o telefone. “Ele já está a caminho.”
”

Meus ombros finalmente relaxaram. Recostei-me no sofá, o cansaço me vencendo agora que eu sabia que não precisaria ficar por muito tempo. Ashby permaneceu ali ao meu lado, seu joelho roçando o meu, e eu me disse para não pensar muito naquele simples toque.

"Estou muito triste que você já esteja indo embora", disse Scottie momentos depois, enquanto me abraçava forte, "mas estou muito feliz que você tenha vindo." Ela se afastou o suficiente para me olhar. "Você ao menos se divertiu?"

Assenti com a cabeça e, quando ela me soltou, sorri e fiz o sinal de: [Foi muito divertido. Obrigada pelo convite.]

"Você está brincando?", disse ela imediatamente. "Da próxima vez, você será a única que eu convidarei." Ela franziu o nariz, olhou ao redor da sala e, em seguida, ergueu as mãos novamente. [Sinto muito que aquelas garotas tenham sido tão malvadas com você.]

[Está tudo bem. Já me acostumei.]

Ela franziu as sobrancelhas. "Sim, mas você não deveria. Da próxima vez que eles agirem assim, venha me contar—"

“Ou eu”, acrescentou Stan, do lado dela. “Eu realmente não suporto aquelas garotas. Já é ruim o suficiente que cada palavra que elas dizem seja repleta de ódio, mas elas também exalam um cheiro horrível de ovo podre, o que realmente não ajuda em nada a situação delas.”

Apertei os lábios e olhei para ele, tentando não sorrir com suas palavras. Por mais que eu detestasse Hailie e Aspen, me recusava a ser cruel como elas. Claro, eu já havia mostrado o dedo do meio para elas mais de uma vez ao longo dos anos, e sim, na minha cabeça, elas ainda eram bruxas, mas isso era tudo que eu fazia. .

"Obrigado por isso, Stanley", disse Scottie, dando um tapinha no braço dele antes de se virar para mim com um sorriso. "Te vejo na segunda-feira."

Assenti com a cabeça. [Te vejo na escola.]

"Tchau, Ashby", acrescentou ela, dando-lhe um rápido abraço antes que ele e Stan retomassem o cumprimento habitual.

Stan se virou para mim em seguida, piscou e me puxou para um abraço que durou um pouco mais do que o normal, como sempre acontecia. "Você é muito mais inteligente e muito mais bonita do que aquelas garotas", disse ele com firmeza. "E você sempre cheira bem. Não se esqueça disso."

Quando dei um passo para trás e olhei para ele, seus olhos azuis estavam sérios. Havia algo mais ali também. Raiva, talvez. Ele sempre odiou ver alguém me perseguindo, e quando nos conhecemos, eu pensei que ele nunca seria gentil comigo. Felizmente, Stan acabou gostando de mim, o que me deixou feliz.

[Obrigado, Stan.]

“De nada, Milow”, disse ele com um sorriso. Scottie revirou os olhos ao lado dele.

"Se ele fosse ao menos metade tão encantador comigo quanto é com você..." ela murmurou.

"Ei, eu sou encantador com você", argumentou Stan. "Você é que está sempre brava comigo."

"Nem sempre estou brava com você", ela retrucou. "E quando estou, é porque você me irrita."

Eles continuaram discutindo, como sempre faziam, enquanto Ashby me guiava gentilmente para fora de casa em direção à rua, onde o carro de Wesley já estava estacionado e à espera.

À medida que nos aproximávamos, notei Evie sentada lá dentro com Wesley. Ela sorriu assim que nos viu e levantou-se. Ele estendeu a mão para acenar. Acenei de volta antes que Ashby abrisse a porta para mim, deixando-me entrar primeiro e depois entrando ao meu lado.

“Ei, você”, disse Evie calorosamente, virando-se na cadeira para me olhar. “Como foi? Você se divertiu?”

[Sim, foi divertido], assinei, com um sorriso um pouco contido. [Mas acho que festas não são bem a minha praia.]

Ela assentiu, como se entendesse perfeitamente. "Tudo bem. Pelo menos você experimentou uma vez." Ela estendeu a mão para trás e acariciou meu joelho delicadamente, depois olhou para Ashby por um breve instante antes de voltar a me encarar. "O que você acha de sorvete?"

"Sorvete?" Ashby repetiu, franzindo as sobrancelhas. "Agora mesmo?"

"Sim", disse Evie com naturalidade. "Estou com muita vontade." Então ela sorriu para mim. "O que você acha?"

Eu estava exausta e minha cabeça parecia confusa devido ao cansaço que ameaçava tomar conta do meu corpo, mas não havia a menor possibilidade de eu recusar um sorvete. [Eu topo um sorvete.]]

"Perfeito", disse Evie, sorrindo enquanto se virava para frente novamente. "Vamos ao Sutter's."

Wesley assentiu com a cabeça e estendeu a mão direita, colocando-a na coxa de Evie. Ela colocou a mão sobre a dele e, imediatamente, me lembrei da mamãe e do papai. Dar as mãos sempre significou algo para mim. Era estranho. Eu não tinha ninguém com quem dar as mãos — não como a mamãe e o papai, ou a Evie e o Wesley. Mas eu costumava segurar a

mão do Ashby com frequência antes de dormir ao lado dele quando éramos mais novos. Não fazíamos mais isso. Mas quando ele segurou minha mão de volta na festa, em segredo e escondido de todos ao nosso redor, me fez desejar poder segurar a mão dele com mais frequência.

Deixei minha mente divagar, olhando pela janela enquanto dirigíamos para o Sutter's. O Sutter's era o único posto de gasolina em Bowen e o único lugar na cidade que, de alguma forma, tinha um sorvete expresso melhor do que qualquer lanchonete. Íamos lá desde pequenos. Algumas das minhas lembranças favoritas são das tardes quentes de verão em que Wesley levava Ashby e eu lá, só para tomar sorvete ou um refrigerante gelado, nós três sentados na varanda de madeira quando não tínhamos outro lugar para ir.

“A propósito”, disse Wesley, tirando-me dos meus pensamentos, “a mãe e o pai ainda estão no encontro deles. Foram para a cidade e vão passar a noite aqui.”

Sorri ao ver isso. Sempre sentia falta deles quando estavam fora, mas me deixava feliz saber que ainda se amavam tanto e ainda escolhiam passar tempo a sós. Agora que estávamos mais velhos e Wesley estava em casa para cuidar de nós, eles saíam para encontros com mais frequência. Adorei isso por eles.

"Que bom", disse Ashby baixinho ao meu lado.

Virei a cabeça na direção dele ao mesmo tempo que ele olhava para mim. Nossos olhares se encontraram e, por um segundo, nenhum de nós desviou o olhar. Ambos sorrimos e meu coração, como sempre, acelerou e palpitou forte no peito.

Meu olhar desviou-se de seus olhos castanhos para sua mão repousando na coxa. Seus dedos se flexionaram, como se ele também estivesse pensando nisso. Minha própria mão se fechou em meu colo.

Estávamos pensando a mesma coisa, mas nenhum de nós se mexeu. Estávamos tímidos demais e conscientes demais do momento para continuarmos sorrindo, fingindo não perceber o que estávamos fazendo. O que sentíamos um pelo outro já havia se transformado em algo maior do que estávamos preparados para compreender.

Na sorveteria Sutter's, entramos e fomos direto para a máquina de sorvete expresso. A loja estava vazia, exceto pelo próprio Sutter, que saiu de trás do balcão para reabastecer a pilha de copos de papel embaixo do dispenser. Sua longa barba branca se moveu enquanto ele falava. "Vocês, crianças, estão bem?"

“Estou ótimo”, respondeu Wesley com naturalidade. “E você?”

“Ah, você sabe…” Sutter resmungou enquanto se endireitava e passava a mão pela barba. “A mesma coisa de sempre.”

"Ouvi um boato de que vocês vão fechar", disse Wesley, e o velho imediatamente franziu a testa.

“É só isso, rapaz. Um boato.”

"Ótimo", disse Evie com um sorriso enquanto começava a encher sua xícara. "Porque vocês têm o melhor sorvete de toda a Colúmbia Britânica."

Ashby me entregou uma xícara, e eu a peguei, agradecendo-lhe ao me encostar em seu ombro. "O que você vai querer? Baunilha?", perguntou ele.

Fiz um biquinho e examinei os quatro sabores de sorvete. Eu sempre escolhia baunilha. Era o meu favorito, e o sorvete de baunilha da Sutter's tinha gosto de baunilha de verdade, ao contrário daquele sem graça de outros lugares. Por um breve instante, considerei outra opção, meu olhar demorando-se no sorvete de avelã, mas desisti e assenti.

Assim que todos receberam seus sorvetes e Wesley pagou, nos despedimos de Sutter e saímos para sentar nos amplos degraus de madeira da varanda. Comecei a comer imediatamente, mas minha atenção não parava de voltar para Ashby, porque naquela noite, em vez do seu habitual chocolate, ele havia escolhido avelã. .

Quando ele me pegou encarando, deu um sorriso irônico e se aproximou mais. "Quer tentar?"

Encarei seus olhos e percebi que ele só havia escolhido aquele sabor porque eu havia hesitado antes. Ele havia notado algo tão pequeno, e isso significava mais para mim do que eu poderia explicar.

Assenti rapidamente com a cabeça e, quando ele me ofereceu a colher de plástico, inclinei-me para dar uma mordida. Ele me observou atentamente enquanto o sorvete derretia na minha língua. "Você gostou?"

Assenti com a cabeça novamente. Estava realmente muito bom. Em todos os anos que viemos aqui, eu só tinha pedido baunilha. Às vezes chocolate. Nunca avelã ou morango. Eu não gostava de morangos. Wesley e Evie adoraram.

[É delicioso.]

“Você quer trocar?”

Pensei nisso por alguns segundos. [Certo.]

"Amor, você também quer trocar de lugar?", perguntou Wesley a Evie, com um sorriso travesso.

Ela deu uma risadinha. Eles claramente tinham observado nossa pequena conversa. Então, ela assentiu e entregou seu sorvete de morango para Wesley, que também havia escolhido morango.

"Você é péssimo", murmurou Ashby, embora um sorriso tenha surgido em seus lábios.

O calor subiu às minhas bochechas e desviei o olhar para o meu novo sorvete, concentrando-me repentinamente em não olhar para ele. Porque se eu olhasse, meu rosto inteiro ficaria vermelho como um pimentão.

16

Ashby

Assim que chegamos em casa, Milow deu boa noite e subiu as escadas. Eu não a segui imediatamente. Não queria incomodá-la nem correr o risco de irritá-la. Eu sabia que ela nunca se cansaria de mim, mas queria dar-lhe espaço.

Ela estava exausta. Já era tarde, e eu não queria mantê-la acordada por mais tempo depois de uma festa que eu sabia que a tinha deixado mais esgotada do que ela demonstrava. Em vez disso, segui Wesley até a cozinha. Ele pegou um copo d'água, e eu me encostei no balcão, com um cotovelo apoiado atrás de mim.

"O que está te incomodando?", perguntou Wes.

Franzi a testa. Ele sempre sabia quando algo estava errado. Às vezes isso me irritava, porque havia momentos em que eu não queria falar sobre certas coisas. Mesmo que, no fim, eu sempre ficasse feliz por ter falado. .

Respirei fundo e dei de ombros levemente. "Algumas coisas, na verdade."

Wesley estava de pé à minha frente, encostado na ilha da cozinha, com o copo na mão. "Manda ver."

Escolhi apenas uma coisa. Eu também estava cansada e não queria prolongar isso. Além disso, não queria mantê-lo acordado quando Evie já estava na cama, provavelmente esperando por ele.

“Havia umas garotas na festa”, eu disse. “Elas estavam sendo malvadas com a Milow.”

As sobrancelhas de Wesley se ergueram ligeiramente enquanto ele esperava que eu continuasse, seu maxilar se contraindo enquanto tentava conter a raiva que eu sabia que já estava ali. Quando se tratava de Milow, nós dois éramos superprotetores.

Ao longo dos anos, houve muitos momentos em que tivemos que intervir, garantindo que outras crianças não a machucassem — física ou emocionalmente. Mas, como Wes estava fora da escola, ele nem sempre podia estar lá para intervir.

Eu estava lá. Mas mesmo eu não estava com ela o tempo todo. Eu estava um ano à frente dela e só a via nos intervalos, no almoço e depois da aula.

"Acho que eles já a incomodaram antes", eu disse. "Mas hoje ela ignorou. Simplesmente os desconsiderou como se nem existissem."

"Isso não é uma coisa ruim, é?", disse Wesley, embora parecesse que ainda estava refletindo sobre o assunto.

"Eu sei. Eu só..." Esfreguei a nuca. "Ela é boa em fingir que as coisas não a afetam. E eu sei que isso a afetou."

Wesley tomou outro gole de água, me observando atentamente. "Se algo realmente a magoasse e a incomodasse, ela nos diria." ”

Franzi a testa. "Você não sabe disso."

“Sim, eu reclamo”, disse ele calmamente. “A Milow não reclama por reclamar. Nunca reclamou. Quando ela menciona algo, é porque quer que seja resolvido. Ela não desperdiça energia com coisas que pode resolver sozinha.”

"Isso não significa que não continue sendo uma droga", murmurei.

“Não, não faz sentido”, concordou ele. “Mas há uma diferença entre algo ser irritante e algo realmente prejudicial. E se entrasse nessa segunda categoria, ela não guardaria isso para si para sempre.”

Permaneci em silêncio, olhando fixamente para o chão.

“E você está lá”, continuou Wesley. “Todos os dias. Você a vê na escola mais do que qualquer outra pessoa. Você percebe quando ela está estranha. Se aquelas garotas realmente se tornassem um problema, você notaria.”

"Eu tento", eu disse. "Mas não estou com ela o tempo todo. Não estou nas aulas dela, mas aquelas meninas estão."

“Mesmo assim”, disse ele. “Você está por perto. Você a acompanha até a sala de aula. Você almoça com ela. Você repara nos pequenos detalhes. E se alguém a incomoda quando você está presente, você não deixa passar batido. Isso conta muito.”

Suspirei. "Odeio não poder consertar isso. Que as pessoas ainda achem que é normal serem babacas com ela. Ou com qualquer pessoa, aliás."

"Sim", disse Wesley. "Eu sei. Eu também odeio isso. Mas você não pode controlar todo mundo. O que você pode fazer é exatamente o que você já está fazendo."

Olhei para ele. "Qual é?"

"Estar presente", disse ele. "Garantir que ela não esteja sozinha. Garantir que ela se sinta segura. E confiar nela o suficiente para acreditar que ela lhe dirá quando precisar de ajuda." ”

Mudei o peso do corpo. "Só não quero perder nada."

“Você não vai”, ele me assegurou sem hesitar. “E se algum dia acontecer, lidaremos com isso na hora. Juntos.”

Assenti com a cabeça lentamente.

“E Ash”, acrescentou Wesley, agora com a voz mais suave. “Você não está falhando com ela só porque não consegue protegê-la de todas as pessoas horríveis que ela encontra. Você está indo bem. E ela também. Essa garota é mais forte do que imaginamos.”

Eu não duvidava disso.

Deixei suas palavras me reverberarem, grata por seus conselhos como sempre fui. Eu sempre podia contar com ele para conselhos e perspectiva quando precisava. "Certo. Obrigada, Wes."

Ele assentiu uma vez, pousou o copo no balcão, aproximou-se e me abraçou. Deu um tapinha nas minhas costas antes de me soltar, com um sorriso encorajador. "Sempre que precisar, garoto. Agora vá dormir. Você mal consegue ficar em pé."

Soltei uma risada abafada e passei a mão pelos cabelos. "É... boa noite, Wes."

Subindo as escadas, desci os degraus com cuidado, movendo-me o mais silenciosamente possível até chegar ao terceiro andar, onde ficavam o quarto de Milow e o meu. O corredor estreito estava escuro, e parei em frente à porta dela, encarando-a por um instante.

Estava fechado e nenhuma luz entrava por baixo.

Ela provavelmente já estava na cama. Mesmo assim, estendi a mão para a maçaneta.

Abri a porta devagar, apenas o suficiente para espiar lá dentro.

Seu quarto estava escuro, iluminado apenas pelo brilho tênue do luar. Milow estava encolhida de lado sob ela. Ela estava coberta com cobertores e com os cabelos espalhados pelo travesseiro. Já dormia profundamente.

Fiquei ali parada por um segundo a mais do que o necessário, observando-a e tentando me convencer de que ela estava bem. Quando me convenci disso, fechei a porta com o máximo cuidado possível, para não fazer barulho.

Acordei tarde na manhã seguinte. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão cansada. As aulas tinham recomeçado apenas algumas semanas antes, e antes disso, durante as férias de verão, eu conseguia dormir o quanto queria. Meu corpo claramente ainda não tinha se adaptado.

Fiquei na cama por um tempo, encarando o teto até me sentir desperta o suficiente para me mexer. Quando finalmente olhei meu celular, já eram quase dez e meia. Provavelmente todos os outros na casa já estavam acordados. Mesmo assim, não me apressei. Tomei um banho rápido, vesti uma calça de moletom e uma camiseta branca limpa e desci as escadas.

Antes de descer, passei no quarto da Milow e dei uma espiada. Ela não estava lá.

Lá embaixo, encontrei-a sentada à mesa redonda da sala de jantar com a mamãe e o papai, tomando café da manhã. Wesley e Evie não estavam lá, então presumi que tivessem saído para passar o dia fora. Sorri ao ver Milow e sentei-me na cadeira vazia ao lado dela. "Bom dia. Como foi seu encontro?", perguntei, olhando para a mamãe e o papai enquanto comiam.

“E aí, campeão”, disse o pai, deixando a resposta para a mãe.

“Ah, foi maravilhoso”, disse minha mãe. “Fomos a Vancouver e jantamos num restaurante francês muito charmoso. Experimentei escargot pela primeira vez.” ”

Fiz uma careta e olhei para Milow, que fez a mesma cara. Sorri e olhei para minha mãe enquanto pegava uma fatia de pão de fermentação natural. "E aí? Gostou?"

“Ah, sim”, disse a mãe, sorrindo para o pai. “Quem diria que caracóis poderiam ser tão gostosos?”

Pelo canto do olho, vi Milow girar a colher no cereal, de repente bem menos interessada em comer enquanto a mãe falava sobre caracóis. Dei uma risadinha e resolvi mudar de assunto. "E o hotel? Como foi?"

“Caro, mas bom”, disse a mãe, lançando um olhar rápido para o pai. “Mas tivemos uma ótima noite.”

"Que bom", eu disse enquanto espalhava manteiga e depois mel no pão.

Quando mamãe e papai começaram outra conversa, me virei para Milow. "O que você vai fazer hoje?"

Ela deu de ombros e pousou a colher para assinar. [Tenho trabalhos da escola para fazer.]

"Eu também", menti. Precisava de uma desculpa para passar um tempo com ela. "Quer fazer isso comigo?"

Sua expressão mudou imediatamente, seus olhos brilharam. [Ok.]

"Perfeito."

Cerca de uma hora depois, sentei-me na cama com um livro didático qualquer aberto, esperando Milow se juntar a mim. Ela entrou carregando quatro livros contra o peito, com o estojo por cima. Sorriu ao me ver e se virou para a minha escrivaninha como se

pretendesse estudar ali, mas eu a interrompi e dei um tapinha no espaço ao meu lado na cama.

"Venha aqui. ”

Ela parou e olhou para mim, claramente ponderando se queria ficar mais à vontade ou mais perto. Tentei manter uma expressão neutra, mas meu coração ainda disparou quando ela escolheu a cama e caminhou até nós. Sentou-se, deixando uma distância cuidadosa entre nós.

Ela organizou seus livros cuidadosamente, abriu os dois primeiros que queria ler, pegou um lápis e se concentrou imediatamente. Não houve hesitação. Quando Milow estudava, fazia isso sem desculpas. Eu mantive meu livro de ciências aberto, mas não o estava lendo. Em vez disso, fiquei observando-a, como se eu tivesse o direito de fazê-lo.

Depois de um minuto, notei um leve rubor nas suas bochechas. Ela estava sentada ali, escrevendo, mas estava corada. Será que ela percebeu que eu a estava observando? Provavelmente. Milow estava sempre atenta ao que acontecia ao seu redor e notava os mínimos detalhes.

Ela se mexeu, e então finalmente olhou para mim. Seus olhos se moveram para o meu livro aberto, e depois voltaram para o meu rosto.

[Você precisa de ajuda com alguma coisa?]

Pisquei e dei uma olhada rápida no meu livro, fingindo que tinha alguma ideia do que estava escrito nele, e então olhei para ela novamente.

“Hum. Talvez”, eu disse. “Eu ainda nem comecei.”

Ela assentiu, como se fizesse sentido, e voltou ao trabalho, com o rubor ainda nas bochechas. Permaneci onde estava, fingindo ler, plenamente consciente de sua presença ao meu lado e tentando não pensar muito sobre por que ela continuava a me afetar tanto.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, eu estava entediado. Sentei-me encostado na cabeceira da minha cama, jogando uma bola de beisebol para o alto e a pegando de volta. Milow ainda estava lá. Estudando, seu foco era mais aguçado do que o de qualquer pessoa que eu já tivesse visto. Ela não havia levantado o olhar uma única vez. Era impressionante, e mesmo que eu não estivesse fazendo muita coisa, gostava de observá-la trabalhar.

Durante o tempo em que esteve no meu quarto, ela terminou várias páginas de problemas de matemática e leu umas vinte páginas de um livro do qual eu só tinha visto a versão cinematográfica. Quando travou em algumas questões de outra folha de exercícios, pegou um Sudoku e resolveu-o primeiro para clarear a mente. Parecia que isso a ajudava a pensar. De alguma forma, ajudava mesmo. Observá-la alternar entre as tarefas com tanta facilidade era fascinante e, honestamente, um pouco intimidante. Que adolescente de dezesseis anos tinha esse tipo de concentração? Essa determinação para realizar as coisas com tanta eficiência e calma?

Não eu. E definitivamente não o garoto que acabou de entrar no meu quarto sem avisar.

"O que vocês estão fazendo?" perguntou Stan, olhando para nós como se não acreditasse no que via. "É sábado e vocês estão estudando? Não acredito nisso." Ele levou a mão à testa. "Pensei que tivesse criado vocês melhor."

Eu sorri e olhei para Milow, esperando sua reação. Ela nunca deixava Stan zombar dela por muito tempo. Ela franziu o nariz e largou o lápis antes de assinar: [A escola é importante, Stanley.]

“Não, se você quiser ser um atleta profissional como o Ash ou eu.”

[Não quero me tornar uma atleta profissional.] As mãos de Milow se moviam rapidamente, sua expressão divertida.

“Não… mas você ainda pode mudar de ideia.” Ele puxou a cadeira e sentou-se, pegando a primeira coisa que encontrou na minha mesa, que por acaso era minha garrafa de água. “Você poderia tentar dançar. Ou jogar futebol, como o Scottie.” ”

Scottie era ótima no futebol, mas não planejava fazer isso para sempre. Ela queria ser médica. Que tipo de médica, eu não sabia. Mas ela era ambiciosa, e eu podia vê-la alcançar seus objetivos.

[Não sou bom em esportes.]

"Sempre se pode aprender", disse Stan, dando de ombros. Então, mudou de assunto, porque eu sabia que falar sobre o futuro o deixava desconfortável. "Eu estava pensando que poderíamos sair hoje. Quando você estiver livre, claro."

“A Milow ainda não terminou de estudar”, eu disse, lançando-lhe um olhar.

[Quase pronto], ela me assegurou.

"Ela simplesmente não consegue resistir a mim", provocou Stan.

Milow balançou a cabeça negativamente, seus lábios se curvando em um sorriso irônico, claramente nada impressionada. Ela voltou ao trabalho sem dizer mais nada, e Stan começou a falar sobre algo que aconteceu na festa.

Assim que Milow terminou, ela empilhou seus livros e fechou o estojo, e todos nós descemos. Fizemos um lanche rápido, nada de especial, o que encontramos, e levamos para fora. Passamos o resto da tarde no jardim, sentados ao sol e ficando lá o máximo que podíamos, sabendo que os dias quentes já estavam começando a acabar.

17

Milow

Segunda-feira, setembro 8º

Na manhã de segunda-feira, antes da minha primeira aula, esperei por Ashby no meu armário. Todas as segundas-feiras, antes mesmo da maioria das pessoas acordar, ele ia para o treino de natação. Normalmente, ele treinava no Centro Aquático Dunst, a cerca de 15 minutos de carro de Bowen. Mas como nossa escola tinha uma piscina coberta, mesmo que fosse relativamente pequena, ele a usava sempre que podia. E todas as segundas-feiras de manhã, seu treinador dirigia de Dunst até lá só para estar presente enquanto Ashby treinava.

Seu treinador, Ruben, estava com ele desde que ele começou a nadar, quando tinha apenas quatro anos de idade. Ruben havia prometido a Ashby que ficaria ao seu lado até que Ashby ganhasse sua primeira medalha olímpica. Isso era muito importante para ele. Não há nada que eu possa fazer, mas se alguém pode ganhar uma medalha olímpica, esse alguém é Ashby.

Enquanto esperava que ele caminhasse até o prédio principal, organizei meus livros na ordem em que precisaria deles para o dia. Os alunos se aglomeravam ao meu redor ou passavam apressados pelo corredor, a maioria deles claramente não tão animada para o início das aulas quanto eu. Os corredores sempre me deixavam ansiosa, principalmente quando nenhum dos meus amigos estava por perto. Mantive a cabeça baixa, meio dentro do meu armário, e tentei ignorar tudo ao meu redor até que alguém familiar aparecesse.

Os alunos do penúltimo e último ano compartilhavam o mesmo lado do prédio, e como eu agora estava no penúltimo ano, meu armário tinha sido transferido. Nem todos tinham a sorte de ficar mais perto das salas de aula, mas eu tinha a impressão de que meus pais tinham algo a ver com isso. Provavelmente, eles tinham enviado um e-mail para a escola, pedindo que meu armário ficasse mais perto de Ashby, Scottie e Stan.

Fiquei contente com isso, mas ao mesmo tempo, detestei ser tratada de forma diferente. Eu ainda era perfeitamente capaz de dar alguns passos a mais para chegar à aula. E de qualquer forma, eu teria visto meus amigos durante o intervalo e o almoço.

Esta manhã, Scottie foi a primeira a me abordar. Ela se encostou no armário ao lado do meu e sorriu, mas seus olhos a entregaram. Ela parecia exausta. "E aí, amiga. Como você está?"

Eu sorri de volta e fechei meu armário. [Ótimo, obrigada. E você?]

Ela deu de ombros, dando um pequeno encolher de ombros. "É segunda-feira de manhã", disse ela, como se isso explicasse tudo. .

Não era que Scottie odiasse a escola. Ela simplesmente não era uma pessoa matinal. E quando algo a incomodava, geralmente transparecia em seu humor, mesmo que ela se esforçasse para esconder. Ela nunca gostava de arrastar os outros para baixo com ela e

sempre forçava um sorriso, mesmo quando claramente não estava com vontade. Às vezes eu me perguntava se havia algo a incomodando que ninguém mais sabia. Nem eu. Nem Stan.

[Algo te incomoda?] perguntei. Eu estava sempre pronto para ouvi-la se ela precisasse conversar.

"Sim", admitiu ela, soltando um suspiro silencioso. "Algumas coisas, na verdade. Mas isso é assunto para outra hora. Não quero te contar logo de manhã."

[Você nunca me incomoda], assinei, dando-lhe um sorriso tranquilizador.

Antes que ela pudesse responder, Stan apareceu no final da fileira de armários, já com um sorriso no rosto como se fosse dizer alguma besteira. Scottie o viu imediatamente.

"Ah, ótimo", murmurou ela. Então, afastou-se do armário e endireitou-se. "Te vejo depois, tá bom?"

Ela apertou meu braço e saiu correndo pelo corredor antes que Stan pudesse nos alcançar, me deixando parada ali bem na hora em que ele parou em frente ao meu armário.

Ele a observou se afastar com aquele mesmo olhar de saudade que sempre tinha quando se tratava dela. Então, soltou um suspiro e cruzou os braços sobre o peito. Eles tinham brigado de novo. Isso era óbvio. Ultimamente, parecia que era só o que faziam. Ou estavam discutindo, ou se evitando, ou mal se falavam. E então, de vez em quando, voltavam a ser inseparáveis, como se nada tivesse acontecido. Eu nunca estive errada. Isso me deixava triste toda vez que percebia. Eu odiava vê-los assim. Gostaria de saber como consertar a situação, ou pelo menos torná-la mais fácil para ambos.

Quando Stan percebeu a minha expressão, a dele mudou rapidamente. A tristeza desapareceu, dando lugar a algo mais descontraído. "Bom dia", disse ele. "Espero que esteja tendo uma manhã melhor que a minha."

Apertei os lábios, já me preparando para lhe dizer que as coisas com Scottie se resolveriam. Que sempre se resolviam. Que fosse o que fosse, não duraria para sempre. Mas antes que eu pudesse assinar qualquer coisa, ele falou novamente, mudando de assunto.

“Ashby ainda não chegou?”

Balancei a cabeça negativamente. [Ele provavelmente ainda está na piscina.]

"Sim." Ele fez uma pausa, tirou a mochila do ombro e vasculhou até encontrar uma única folha de papel coberta de rabiscos de problemas de matemática. Ele me estendeu a folha. "Ei... você pode dar uma olhada e ver se tem algum erro? Eu realmente não quero ter que refazer tudo."

Peguei o papel sem hesitar. Gostava de ajudar meus amigos e adorava matemática, então aproveitava qualquer oportunidade gratuita para analisar problemas como esse sem pensar duas vezes. A página estava cheia de álgebra. Coisas básicas. Fácil para mim. Mas eu sabia que Stan odiava matemática, e o fato de ele sequer ter tentado fazer aquilo já era uma grande conquista para ele.

"Nem sequer pesquisei nada no Google nem usei a calculadora", acrescentou rapidamente. "Fiz tudo com a minha inteligência."

Olhei para ele de relance e sorri antes de voltar a olhar para o papel. Ele realmente deve ter se esforçado bastante, porque, à medida que eu resolvia cada problema, eu Percebi que não havia um único erro. Nenhum. Devolvi o papel para ele, assenti com a cabeça e assinei: [Sem erros. Bom trabalho.]

Seus olhos se arregalaram enquanto ele encarava o papel e depois me encarava. "Sério? Não se meta comigo, Milow."

Eu sorri. [Não estou brincando. Você se saiu muito bem.]

Ele soltou um suspiro pesado de alívio e pressionou o papel contra o peito. "Graças a Deus. Eu literalmente fiquei três horas inteiras trabalhando nisso."

Três horas era muito tempo para se dedicar a dez problemas de álgebra, mas mesmo assim fiquei impressionado. O fato de ele conseguir ficar sentado por tanto tempo já dizia muito. Ele guardou a folha na mochila e, quando olhou para mim novamente, sorriu.

“Sabe”, disse ele, “eu daria tudo para ter um cérebro como o seu. Mas eu simplesmente… gosto mais de outras coisas.”

[E tudo bem], assegurei-lhe.

“É… acho que sim.” O sorriso dele se desfez quando seu olhar passou por mim, e aquele olhar protetor familiar se instalou em seus olhos. Eu não queria me virar. Estava com medo do que ele estava vendo. Mas então ouvi a voz de Ashby, e minha cabeça virou bruscamente em sua direção.

Ele estava vindo em nossa direção, e Aspen estava logo atrás dele. Ashby não parecia feliz com isso, mas também não a estava afastando. Senti aquele aperto no peito de novo, aquele que eu sempre me esforçava tanto para ignorar. Não era ciúme. Não exatamente. Parecia mais uma sensação de traição.

Voltei-me para o meu armário e o abri novamente, forçando-me a concentrar-me em algo que não fosse vê-los caminhando juntos. .

Meu corpo se retesou quando eles se aproximaram. Quando pararam ao nosso lado, espiei por trás da cortina de cabelo que caía sobre meu rosto, apenas o suficiente para dar uma olhada rápida em Ashby. Ele já estava me observando. Seu cabelo ainda estava úmido e ele parecia cansado, como sempre depois do treino. Desviei o olhar novamente, fingindo procurar um livro específico no meu armário.

"E aí?" perguntou Stan.

Eu tinha certeza de que a pergunta era para Ashby, não para Aspen, mas ela respondeu mesmo assim. "Oi, Stan. Eu e a Ashby estávamos na piscina, nadando um pouco. É tão bom fazer um pouco de exercício antes da aula. Me dá bastante energia para o dia todo."

Meus dedos se apertaram em torno dos livros amontoados contra meu peito, e minha outra mão se fechou em punho dentro do armário. A sensação que me invadiu era desconhecida e aguda. Parecia raiva, e eu a odiava. Eu não era uma pessoa raivosa. Eu simplesmente não gostava da Aspen. E eu realmente não gostava do jeito como ela falava, como se ela e Ashby fossem amigas. Elas não eram.

"Hum, legal", respondeu Stan, claramente desinteressado.

“Milow”, Ashby disse meu nome baixinho. Quando não reagi — o que eu detestava, porque não queria que nenhum deles, especialmente Aspen, pensasse que tinha me afetado — ele contornou Stan e se encostou no armário ao lado do meu. Inclinou a cabeça para baixo para poder ver meu rosto melhor. “Oi.”

Meu coração deu aquele palpitar estúpido de novo, e meus olhos se ergueram para os dele sem pensar. O branco dos olhos estava um pouco avermelhado, provavelmente por causa do cloro. A multidão no corredor desapareceu como sempre acontecia quando eu olhava para ele. Ele sorriu para mim, dando-me toda a sua atenção, deixando claro que não se importava que Aspen ainda estivesse ali parada.

Mordi a parte interna da minha bochecha enquanto um sorriso se formava nos meus lábios. Levantei a mão num pequeno aceno.

"Você estará na piscina novamente amanhã de manhã, Ashby?", perguntou Aspen.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e fechei meu armário, observando Ashby finalmente desviar o olhar de mim para ela. "Não." Foi tudo o que ele disse. Sem explicação. Sem mais nada. Sem um plano alternativo. Eu tinha quase certeza de que ele nem sabia que ela estaria lá esta manhã e que simplesmente aceitou a situação porque queria treinar.

Aspen fez beicinho, mas só por um segundo.

Eu estava pronta para que ela fosse embora, mas então Hailie se aproximou. "Ah, aqui está você!"

“Ah, olá, Hails.”

Eles se abraçaram. Então Hailie se virou e deu um sorriso radiante para Ashby e Stan, me ignorando completamente. "Oi, meninos."

O rosto de Stan se contorceu em irritação, incapaz de esconder o que sentia por eles. Ashby permaneceu em silêncio, já farta da conversa. Hailie olhou para Aspen. "Onde você estava, As?"

“Nadando com Ashby. Eu te disse que estaria aqui cedo hoje de manhã, lembra?”

“Ah, sim, com certeza. Devo ter esquecido.”

“Espere aí um segundo”, disse Stan, com um tom de diversão na voz. “Você a chama de 'As'?”

Hailie inclinou a cabeça, semicerrando os olhos. "Sim. Por quê?"

“Como em 'bunda'?” ”

“Sim. Por quê?”

Ela ainda não tinha entendido. Ashby e eu, sim. Olhei para ele, apertando os lábios para não sorrir. Um canto da boca dele se curvou levemente, e seus olhos encontraram os meus com um discreto divertimento.

"Você não vê nenhum problema nisso?", perguntou Stan a Aspen.

“Não. Por quê?”

Enquanto Stan tentava não rir, Ashby se moveu o suficiente para alcançar minha mão. Seu dedo roçou o meu primeiro, depois se curvou delicadamente em torno de dois dos meus dedos. Stan ficou parado bem na nossa frente, bloqueando a visão, escondendo nosso toque de todos os outros no corredor.

Mantive meus olhos fixos em Ashby e me concentrei naquele pequeno toque secreto. Eu queria guardá-lo para sempre. Queria que durasse.

"Se um dos meus amigos tivesse um apelido desses para mim, eu ficaria puto", acrescentou Stan.

“Bem, não me importo”, disse Aspen, agora com um tom de irritação na voz. “Enfim… Ashby?”

Recuei a mão, com o coração acelerado. Estava com muito medo de que alguém tivesse visto, mesmo que o toque tivesse durado apenas um segundo. Ashby franziu a testa ao olhar para ela, visivelmente irritado.

"A gente se vê por aí?", disse ela.

“Hum, claro.”

Quando finalmente foram embora, Ashby soltou um suspiro pesado. "Meu Deus, eles são insuportáveis."

"Nem me fale. Ela literalmente chama a amiga de 'idiota'."

Apertei meus livros contra o peito e esperei que um deles se movesse. As aulas estavam prestes a começar e eu não queria ser a última a entrar na sala de novo. Ashby claramente não queria continuar falando sobre eles. Ele deu de ombros e olhou para mim, com a expressão suavizando. "Eu te acompanho até a sala de aula."

"Eu também. Eu te acompanho até a sala de aula", acrescentou Stan, e murmurou baixinho: "Porque minha namorada vai sozinha para a sala de aula."

Apertei meus lábios e estendi a mão para tocar seu braço e chamar sua atenção, guardando meus livros debaixo do braço para autografá-los. [Você quer que eu fale com ela?]

Ele parecia cansado. "Não. Mas obrigado", disse ele baixinho. "Eu mesmo cuidarei disso."

Dei uma olhada rápida em Ashby, um olhar que dizia tudo o que eu estava pensando. De qualquer forma, perguntaria a Scottie mais tarde o que estava acontecendo. Eu odiava vê-los assim e esperava que, talvez, depois da aula, eles pudessem conversar e resolver a situação. Seja lá o que fosse. Ashby assentiu rapidamente, garantindo que veria como Stan estava.

Quando chegamos à minha sala de aula, virei-me para eles e sorri. [Até logo.]

“Sim. Até mais”, disse Ashby, sorrindo para mim.

O momento se prolongou, e eu pude sentir a mesma atração que sabia que ele também sentia. A vontade de estender a mão e tocar. Mas não o fizemos. Ficamos ali parados por um segundo a mais, olhando um para o outro, até que finalmente me virei e entrei na sala de aula. Eu ainda podia sentir o olhar dele sobre mim até me sentar.

Sentei-me perto da janela como sempre, coloquei meus livros sobre a mesa e abri meu estojo, pronta para mais uma manhã de aprendizado.

18

Ashby

Eu estava sozinha à beira da piscina quando Aspen apareceu, usando um biquíni rosa-choque que não cobria muito bem o que deveria. Eu tinha acabado de me aquecer, alongando os braços e as pernas, e estava prestes a entrar na água quando ela chegou.

Geralmente, eu era a única a nadar tão cedo. Normalmente, meu treinador, Ruben, vinha comigo, mas naquela manhã ele mandou uma mensagem dizendo que precisava ficar em casa porque a filha dele estava doente. Então, vim sozinha. Treinar sozinha não me incomodava. Eu já estava acostumada. Mesmo assim, com o Ruben lá, as coisas ficavam mais fáceis. Ele me incentivava quando minha motivação diminuía, corrigia minha técnica e, às vezes, me filmava nadando para que eu pudesse me assistir depois e corrigir o que precisava ser corrigido na próxima vez. .

Meu primeiro instinto ao ver Aspen foi ignorá-la. Talvez ela também tivesse decidido começar a nadar. Aquela não era minha piscina particular. Qualquer aluno podia usá-la, e às vezes eu não estava sozinha. Jasper também vinha aqui, e outras crianças mais novas vinham nadar de vez em quando. Algumas eram do clube de natação do qual eu fazia parte. Elas nunca me incomodavam. Vinham nadar e iam embora. Ao contrário de Aspen, como logo percebi.

"Olá, Ashby", disse ela, com um sorriso radiante.

Ela estava usando maquiagem, o que me pareceu estranho se ela realmente planejava entrar na água.

"Oi", respondi. Fui criada para ser educada e gentil. Nunca quis dar a ninguém motivos para pensar o contrário. Mesmo assim, quando se tratava de Aspen, ou de sua amiga, eu teria preferido não dizer nada.

“É tão bom nadar tão cedo, né?” ela continuou. “Eu sou super matutina. Às vezes acordo tão cedo que nem sei o que fazer antes da escola. Aí me lembrei de você dizendo que vem aqui toda segunda-feira.”

Eu não tinha contado isso a ela. Não diretamente. Nunca. Ela deve ter ouvido alguma conversa minha com outra pessoa. Eu tinha certeza disso. Ela e Hailie tinham o hábito de ouvir nossas conversas e depois falar de mim como se fôssemos amigas. Não éramos. Nunca fomos, e eu não tinha o menor interesse em mudar isso. Principalmente porque eram as mesmas duas pessoas que passaram anos dizendo coisas cruéis para e sobre Milow. Desde o início das aulas, eu sabia que elas eram parte do motivo pelo qual ela se mantinha discreta e sempre tentava passar despercebida. Milow fazia de tudo para ocupar o mínimo de espaço possível, e o comportamento delas estava ligado a isso.

Não respondi. Dei-lhe um sorriso forçado e educado e caminhei pela borda da piscina em direção ao bloco de partida. na raia dois. Eu detestava nadar nas raias externas e, como a piscina estava vazia, eu podia escolher qualquer uma que quisesse.

Coloquei a touca e ajustei os óculos de natação, tentando voltar a concentrar-me no que realmente importava. Quando nadava, tudo o mais geralmente desaparecia, e só existiam meu corpo, minha respiração e a água. Era só isso. Nadar era a única coisa em que eu sabia que era realmente boa — a única coisa que eu queria fazer profissionalmente.

Eu vinha me preparando para isso desde os quatro anos de idade. Quando era pequena, nem sabia que existia natação profissional. Mas quanto mais eu crescia, mais as pessoas me diziam que eu era boa e mais recordes eu quebrava, mais sério tudo se tornava. Eu queria mais. Estava no caminho certo e não ia deixar nada — nem ninguém — me desviar dele.

Enquanto eu tentava voltar a me concentrar em mim mesma, Aspen de repente se aproximou. Ela ainda sorria, mas estava muito perto. Espaço pessoal parecia ser um conceito totalmente desconhecido para ela. Tive que me conter para não gemer. Em vez disso, olhei para ela com uma sobrancelha arqueada. "Posso ajudar?"

Ela deu uma risadinha, como se eu tivesse dito algo engraçado. "Não, acho que entendi. Eu também sou uma boa nadadora, sabia? Nado o tempo todo no verão e estava pensando em entrar para a equipe de natação de Dunst."

"Legal", respondi secamente.

“Totalmente legal.” Ela mordeu o lábio inferior de forma exagerada e, em seguida, deixou seu olhar percorrer meu corpo de um jeito que me deixou tenso. .

Eu estava usando meu calção de treino de sempre. Roupa de treino de verdade, como qualquer nadadora séria usaria, ao contrário da Aspen. O biquíni dela parecia deslocado ali, principalmente se ela realmente pensasse em entrar para uma equipe competitiva. Quase disse a ela que precisaria de um equipamento adequado se levasse isso a sério. Que precisaria de um maiô de cano alto, como todas as outras meninas da equipe de natação usavam. Mas me contive. Não queria incentivá-la.

Os olhos dela demoraram-se na minha virilha, e isso me deixou desconfortável. O calção de ginástica era justo, como deveria ser, mas eu não estava acostumada a ser observada daquela forma. Normalmente, as pessoas estavam concentradas no próprio treino. Eram respeitosas e não ficavam encarando quem usava roupas tão justas. Mas Aspen não era respeitosa. Ela não parava de me encarar. Limpei a garganta e me virei para o bloco de partida, subindo nele e sacudindo os braços e as pernas.

Sem dizer mais nada, coloquei meus óculos de proteção e respirei fundo, enchendo meus pulmões com todo o ar que precisava. Aspen ainda estava lá, perto o suficiente para me distrair, mas me forcei a ignorá-la. Eu tinha vindo até aqui por um motivo. Queria me concentrar em mim mesma, exatamente como havia planejado.

Depois de cinquenta voltas, saí da água com dificuldade e tirei a touca e os óculos de natação. Eu só fazia cinquenta voltas aqui na piscina da escola, principalmente porque não tinha mais tempo. Nos treinos de verdade no centro aquático, eu costumava fazer perto de 200, às vezes mais. Cinquenta voltas estavam ótimas para uma manhã de segunda-feira.

Aspen ainda estava lá. Sentada no banco ao lado, me observando como se eu tivesse dado permissão. Forcei-me a não pensar nisso. Eu tinha acabado de fazer um treino intenso e tudo o que eu queria era tomar um banho e depois encontrar Milow. Eu sentia falta dela. Ela. Eu detestava ir para a escola sem ela, mas não queria fazê-la acordar mais cedo do que o necessário só para que eu pudesse nadar antes da aula. Eu sabia que nas manhãs em que ela não ia de carro comigo, minha mãe ou meu pai a levavam, dependendo de quem saía para o trabalho primeiro.

Enquanto eu caminhava até onde havia deixado minha toalha, Aspen se levantou e se aproximou demais novamente. "Eu estava pensando...", disse ela.

Ela não tinha entrado na água nenhuma vez. Ficou sentada lá o tempo todo, me observando. Eu queria dizer a ela o quanto isso me incomodava, mas não disse.

“Sobre o encontro duplo”, ela continuou. “Hailie e eu queremos muito experimentar aquele restaurante novo na cidade. Sabe, o italiano?”

Franzi a testa. Stan e eu nunca tínhamos combinado um encontro duplo. Tinha certeza de que tínhamos deixado isso bem claro na festa do Scottie. Detestei o tom arrogante dela, como se pudesse decidir tudo por nós. Me sequei e enrolei a toalha na cintura, em parte para me aquecer e em parte para garantir que ela não ficasse olhando para a minha virilha. Antes que eu pudesse responder, ela continuou.

"Estávamos pensando que sexta-feira seria uma boa data. Você tem tempo? Pode perguntar ao Stan? Talvez você possa me dar seu número para que eu possa criar um grupo de bate-papo com nós quatro."

Eu não queria isso. Nem agora. Nem nunca. A paciência que eu vinha cultivando finalmente se esgotou. "Desculpe, Aspen, mas não estou interessado. E o Stan também não. Ele está namorando a Scottie."

"Namorando?", ela riu. "Eles não estão namorando. Brigam o tempo todo."

Ela falava dos meus amigos como se os conhecesse tão bem quanto eu. Meu maxilar se contraiu enquanto eu balançava a cabeça. "Não estamos interessados", repeti. .

“Ah, bem… talvez você mude de ideia se, sabe, se você vir isso.”

Foi um instante. Um único segundo em que ela perdeu toda a sua autoestima e decidiu se exibir para mim. Ela puxou a parte de cima do biquíni, que mal cobria seus seios, para os lados, seus olhos verdes sem demonstrar um pingo de vergonha. Eu não estava olhando para os seios dela. Eu estava encarando seus olhos, chocado com o que ela acabara de fazer.

"Você gosta deles?", perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado, tentando ao máximo flertar comigo. "Todos os garotos da escola gostam."

E esse era o maldito problema. Eu sabia que ela já tinha dormido com vários caras dessa escola. Eu não estava julgando-a por ser promíscua. Eram apenas fatos. E essa palhaçada dela provava, mais uma vez, o quão baixo ela era capaz de chegar para chamar a atenção de alguém. O pior era que, assim que conseguisse a atenção que tanto desejava, ela partiria para o próximo cara. Eu nunca seria mais um na lista dela. Nem o Stan. Nós tínhamos princípios. Não estávamos a fim de uma transa rápida só por transar, e nos cercávamos de duas das garotas mais bondosas da cidade. Stan e eu queríamos algo sério. Não garotas que faziam coisas assim para chamar a atenção de alguém.

Queria gritar com ela. Dar-lhe uma bronca sobre o fato de que o que ela estava fazendo podia ser classificado como assédio sexual. Mas nenhuma palavra saiu. Virei-me e fui direto para os chuveiros, aliviada por haver vestiários separados para homens e mulheres. Embora, depois do que ela fez, aposto que ela ainda invadiria minha privacidade e ignoraria regras simples. Minha mente estava a mil, e tudo o que eu queria era sair dali. Tomei um banho, me vesti, tirei Peguei minha mochila no armário e fui em direção ao prédio principal.

Minha mente estava em Milow. Eu precisava vê-la. Precisava do rosto dela na minha frente para desviar meus pensamentos de tudo. Eu não podia contar a ela o que aconteceu. Isso a deixaria chateada, e era a última coisa que eu queria para ela. Encontrei-a

rapidamente, parada perto do armário dela com Stan, e o alívio me atingiu no instante em que a vi.

Mas não durou muito. Aspen estava logo atrás de mim. Ela não me soltava. Se agarrava a mim como um carrapato, teimosa e implacável, drenando cada gota de paciência que me restava. Não importava o quanto eu tentasse me livrar dela, ela continuava lá. Felizmente, depois que Hailie apareceu e Stan zombou do apelido que ela deu para Aspen, ela finalmente se afastou, e eu pude acompanhar Milow até a aula. Só isso já fez a manhã parecer suportável novamente.

Aquele pequeno e discreto momento que compartilhamos permaneceu na minha mente. Achei fascinante como tudo ao nosso redor desaparecia quando nossas mãos se tocavam. Eu já havia notado isso na festa da Scottie e depois perto do armário dela. Só aquele toque já me deu forças para enfrentar a manhã. Enquanto ela desaparecia na sala de aula, eu já estava contando os minutos para o próximo intervalo.

Durante o primeiro período, tentei me concentrar o máximo possível. História nunca foi muito a minha praia, mas eu sabia que, se quisesse alcançar meus objetivos e entrar na UBC — assim como Wesley tinha feito —, não poderia depender apenas do esporte. Eu também precisava de boas notas. O sucesso esportivo não era suficiente. O desempenho acadêmico era tão importante quanto.

Perdi a concentração quando meu celular vibrou. Normalmente eu o ignorava durante a aula, mas sempre que recebia uma mensagem, minha primeira reação era... Pensei em Milow. Se ela precisasse de mim, eu queria saber. Com cuidado, tirei meu celular do bolso da frente do meu moletom e olhei para a tela.

Aspen adicionou você ao grupo "DOUBLE DATE"

Franzi a testa. Onde diabos ela conseguiu meu número?

Apertei meu celular com mais força. Primeiro, ela apareceu na piscina e ficou me observando nadar. Depois, ultrapassou um limite que eu ainda não conseguia entender completamente. E agora, depois de eu não ter dado a ela nenhum motivo para pensar que eu estava interessado, ela continuava insistindo.

"Cara", Stan sibilou da mesa à minha direita, perto do fundo da sala.

Olhei para ele. Ele segurava o celular na altura da cintura, a mesma mensagem brilhando na tela. Meu maxilar se contraiu. Eu queria que hoje fosse um dia normal, como de costume. Em vez disso, estávamos sendo arrastados para algo com o qual nunca concordamos e que nunca desejamos.

Digitei uma mensagem rápida para Stan, mantendo meu celular escondido da professora que estava na frente da sala.

Meu
Saia do grupo.

Stan
Como ela conseguiu nossos números? Você os forneceu a eles?

Meu
Porra, não .

Hesitei por um segundo, mas depois decidi contar-lhe o que tinha acontecido mais cedo na piscina.

Meu
Aspen mostrou os seios para mim na piscina. Ela ainda está insistindo nesse negócio de encontro duplo.

Ouvi Stan inspirar profundamente antes de rapidamente disfarçar com uma tosse.

Stan
Que diabos?!
Você deve denunciar isso.

Meu
Sim…
Saia do grupo.

Fiz isso um segundo depois, exatamente quando chegou outra mensagem dele.

Stan
Sinceramente, que porra é essa? Ela mostrou os seios para você??

Meu
Não conte nada a ninguém. Vou falar com o irmão mais velho dela. Ele sabe lidar com isso.

Stan
Que vaca. Desculpa, cara. Isso não está certo.

M e
Que bom que estamos em sintonia.

Olhei para ele de relance e dei um sorriso forçado antes de guardar o celular no bolso do meu moletom. Stan apenas balançou a cabeça, ainda tentando processar o que Aspen tinha feito. Pensei em procurar Lando, o irmão de Aspen. Ele também era do último ano e eu só tinha uma aula com ele. Mas não tinha certeza se queria mesmo contar o que aconteceu. Ele poderia achar que eu estava mentindo. Aspen tinha um jeito de convencer as pessoas, e eu tinha certeza de que ele acreditaria na irmã em vez de um cara acusando-a de mostrar os seios.

A ideia de ele ficar do lado dela me dava um nó no estômago. Eu não queria começar uma situação pior. Já era exaustivo o suficiente lidar com ela.

Quando a voz da professora me trouxe de volta à sala, eu já havia decidido guardar aquilo para mim. Pelo menos por enquanto. Parecia mais seguro assim. Mesmo que não me parecesse certo.

19

Milow

Scottie estava me esperando no meu armário, e assim que cheguei perto dela, percebi que seu humor tinha piorado ainda mais desde a manhã. Mesmo assim, quando me viu, ela sorriu e exibiu aquela expressão alegre de sempre. Fez isso sem pensar. Nunca a culpei por isso. Só desejei que ela não se sentisse na obrigação de esconder como realmente se sentia perto de mim.

“Ei. Então, eu estava pensando”, disse ela, um pouco animada demais. “A gente podia ir ao shopping depois da aula. Preciso de roupas novas, e a gente podia dar uma passada na livraria para tomar um café. O que você acha?”

Abri meu armário, coloquei meus livros lá dentro, me virei para ela e assinei: [Vou ter que perguntar para a mamãe, mas tenho quase certeza de que ela vai dizer sim].]

“Perfeito.” Ela sorriu e inclinou a cabeça. “Como foi sua manhã?”

Quando começamos a caminhar em direção ao refeitório, ela automaticamente pegou meu almoço da minha mão para que eu pudesse assinar com mais facilidade. Ela sempre foi assim. Sempre facilitando as pequenas coisas para mim sem fazer disso um grande problema.

[Ótimo,] assinei. [Estou gostando muito da matéria mais difícil. O terceiro ano vai ser divertido.]

Ela riu baixinho. "Você é literalmente a única pessoa que eu conheço que gosta tanto assim da escola. Fico feliz em te informar que o último ano é ainda pior, então pode se preparar para isso."

[Eu estava ansiosa por isso desde os seis anos], respondi em sinal de positivo, sorrindo. Embora, quando eu estivesse no último ano, nenhum dos meus amigos estaria mais nesta escola. Olhei para ela mais atentamente. [Como você está?]

Ela deu de ombros, mas em vez de relaxar, seu rosto se contraiu. Eu já havia feito essa pergunta a ela inúmeras vezes e já sabia que a resposta que geralmente recebia não era toda a verdade. Mesmo assim, perguntei, embora não esperasse muita coisa.

"Só quero passar um dia sem me sentir tão irritado."

O que está te incomodando?

Paramos em frente às grandes portas do refeitório. Se isso tivesse a ver com Stan, eu sabia que ela não ia querer falar sobre o assunto quando entrássemos.

"Só... uma besteira qualquer que não deveria me incomodar", disse ela, franzindo a testa antes de suspirar.

[O que aconteceu?]

Ele me buscou e eu pensei que iríamos de carro para a escola sozinhas. Mas a Ava estava no carro com ele. ”

Eu conhecia a Ava. Ela estava em algumas das aulas do Ashby e sempre foi gentil. Ela nunca me deu motivos para não gostar dela. Ava era deslumbrante. Não que o Scottie não

fosse. Mesmo assim, Ava era alta, com lindos cachos castanhos e uma beleza natural, de estrela de cinema, que atraía olhares sem esforço. Além disso, ela era genuinamente simpática. Eu conseguia entender por que vê-la no carro do Stan tinha doído.

“E eu sei que não deveria ter ciúmes”, continuou Scottie, agora com a voz mais baixa. “Mas ela é perfeita. Todos os caras desta escola dariam tudo para namorá-la.”

Qualquer cara?

Até mesmo Ashby?

O pensamento surgiu sem ser convidado, e eu o afastei imediatamente. Era inútil e inapropriado. Havia regras. E mesmo que Ashby e eu já tivéssemos ultrapassado alguns limites de forma sutil, eu não podia deixar minha mente divagar por esse assunto agora.

[Eles são apenas amigos], assinei. [Você sabe que o Stan sempre teve uma queda por você.]

"Sim", disse ela, com os ombros caídos, "mas continuo dando motivos para ele não fazer mais isso. Devo ser exaustiva. É essa a sensação que tenho."

[Você não é exaustivo, Scottie. E o Stan também não é exatamente perfeito.] Assinei. [Ele gosta de provocar uma reação em você. Você sabe disso. Ele só não sabe demonstrar afeto sem ser irritante.]

Talvez minhas palavras tenham soado duras. Eu gostava do Stan, mas sempre foi assim. Mesmo quando crianças, eles se provocavam e implicavam um com o outro o tempo todo. Qualquer um que prestasse atenção perceberia que aquilo vinha de sentimentos que nenhum dos dois queria admitir em voz alta. .

Scottie suspirou e franziu o nariz. "É. Eu sei. Mesmo assim... vê-los juntos daquele jeito doía."

Eu entendi. Estendi a mão, apertei o braço dela e lhe dei um sorriso encorajador. [Confie em mim. Stanley só tem olhos para você. Sempre teve. E sempre terá.]

“É…” Ela sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. “Você é a melhor, Milow. Você sempre sabe como me animar.”

Era para isso que serviam os amigos. Passei meu braço pelo dela e fomos para o refeitório, tentando ignorar as vozes altas dos outros alunos enquanto procurava os garotos. Eles estavam na nossa mesa de sempre, perto das janelas. Assim que nos aproximamos, Ashby olhou para cima. Seu rosto suavizou instantaneamente e ele puxou uma cadeira para mim sem nem pensar duas vezes.

"Ei", disse ele baixinho enquanto eu me sentava ao lado dele.

Scottie sentou-se do meu outro lado, bem em frente a Stan. Ele já a observava, com a postura rígida, como se quisesse dizer algo, mas não confiasse em si mesmo para conseguir. Eles ainda não tinham falado. Apenas se entreolhavam. Por mais tensa que fosse a situação, imaginei que o silêncio fosse melhor do que palavras que não pudessem retirar.

Virei-me para Ashby e sorri. [Olá.]

“O que você trouxe para o almoço?”, perguntou ele, inclinando-se um pouco mais para perto para ver o que eu estava desempacotando.

Peguei o sanduíche de peru que havia preparado naquela manhã e o coloquei sobre a mesa, depois abri meu recipiente com palitos de legumes e molho de creme azedo. Olhei para ele novamente.

[Podemos compartilhar isso], assinei, empurrando o recipiente para mais perto dele. .

O sorriso dele se alargou. Ele só tinha trazido um sanduíche, e eu sabia que isso não o saciaria até depois da aula. "Que gentil. Obrigada, Milow."

Retribui o sorriso e comecei a comer, sentindo aquele conforto tranquilo se instalar em meu peito sempre que estava rodeada pelas pessoas em quem confiava. Ao nosso redor, a mesa foi se enchendo aos poucos com a chegada de Jasper e Bennett, a conversa foi se intensificando, e eu apenas ouvi.

Assim que terminei meu sanduíche, comecei a beliscar os palitos de vegetais, meus olhos voltando para Ashby repetidamente, sem que eu realmente quisesse. Ele estava completamente envolvido na conversa agora. Eles estavam falando sobre esportes e depois sobre diferentes videogames, e bem na hora em que Stan lançou mais uma pergunta, uma garota se aproximou da nossa mesa. Eu não conseguia me lembrar do nome dela, mas sabia que ela era do último ano.

A mesa ficou em silêncio instantaneamente. Ela não pareceu se incomodar com a atenção. Ela sorriu diretamente para Jasper.

“Oi, Jasper”, disse ela.

Ele se virou para ela, e o sorriso em seu rosto deixou claro que estava feliz em vê-la. "E aí, Lacey. Tudo bem?"

"Eu só queria saber se você gostaria de sair comigo amanhã à noite", disse ela. "Talvez pudéssemos ir assistir a um filme."

Aquilo nos pegou a todos de surpresa. Lacey não hesitou, não pareceu nervosa ao convidá-lo para sair na frente de todos. Havia confiança em sua voz, e isso me causou um arrepio estranho. Eu queria ter esse tipo de confiança.

Todos esperamos, observando Jasper atentamente. .

"Sim", disse ele depois de um segundo, com um sorriso ainda maior. "Claro. Parece ótimo."

"Legal", respondeu Lacey, com um sorriso mais suave. "Te mando uma mensagem."

“Sim. Ótimo.”

“Ok. Tchau, pessoal.”

Ela se afastou, e Jasper se virou para nós, visivelmente satisfeito consigo mesmo.

“Puta merda…” disse Bennett. “Há quanto tempo isso vem acontecendo?”

Jasper deu de ombros. "Conversamos na festa do Scottie e trocamos números."

“Ela é legal”, disse Bennett.

“Sim”, concordou Jasper. “Ela é.”

Na ponta da mesa, Stan soltou um suspiro irritado, amassando um guardanapo com a mão. "Poderia ser tão fácil assim."

Oh não.

Olhei para Scottie bem a tempo de ver sua expressão mudar.

"Droga", murmurou Ashby ao meu lado, já sabendo aonde isso ia dar.

Os ombros de Scottie se enrijeceram. Ela se levantou rapidamente, batendo as mãos na mesa com mais força do que o necessário. Seus olhos estavam penetrantes, e eu imediatamente fiquei feliz por não ser Stan. Ele só tinha dito quatro palavras, e elas poderiam ter significados diferentes, mas nenhum de nós duvidava do que ele queria dizer.

“E por que você acha que eu deveria te convidar para sair?”, disse ela. Ela não esperou por uma resposta. Antes mesmo que Stan pudesse abrir a boca, ela já estava indo embora.

“Cara…” disse Jasper, balançando a cabeça. .

“Você realmente precisa guardar alguns pensamentos para si”, acrescentou Bennett.

"Eu juro por Deus..." Stan gemeu, escondendo o rosto nas mãos. "Ela teria lido meus pensamentos de qualquer jeito."

Mordi a parte interna da minha bochecha, querendo dizer a ele que tudo ficaria bem, mas não era da minha conta. Isso era algo que os meninos tinham que resolver.

Ashby inclinou-se para a frente e estendeu a mão por cima da mesa, dando um tapinha no ombro de Stan. "Vá falar com ela."

"O que diabos eu deveria dizer?" Stan retrucou, olhando para Ashby com os olhos arregalados e estressados. "Tudo o que eu digo me mete em encrenca. Não consigo fazer nada certo com ela."

“Sim, você pode”, disse Ashby. “Você só precisa contar até dez antes de falar.”

“Talvez uns vinte”, acrescentou Jasper.

Bennett fez uma careta. "Trinta. Mas Ashby tem razão. Às vezes é preciso usar o cérebro."

Stan balançou a cabeça e passou as mãos pelos cabelos negros como azeviche, visivelmente perturbado. Pela primeira vez, ficou em silêncio, e ninguém mais o quebrou. Olhei para Ashby e cerrei os lábios. Ele me deu um sorriso tenso e reconfortante. Também estava preocupado, mas não queria piorar a situação. Todos sabíamos que aquilo não tinha acabado, mas também sabíamos que eles encontrariam o caminho de volta um para o outro. Só não seria fácil.

Após um instante, Stan se levantou e pegou sua mochila. "Me desejem sorte", disse ele.

Antes que ele pudesse sair, estendi a mão por cima da mesa e peguei a barra de chocolate que Scottie havia deixado intocada. Ofereci-a a ele.

“Stan”, disse Ashby, interrompendo-o. .

Stan olhou para Ashby e depois para a barra de chocolate. Suspirou e a pegou. "Não sei se isso vai ajudar, mas... obrigado."

Balancei levemente a cabeça e levantei as mãos para que ele olhasse para mim. Ele olhou, com uma expressão cansada e insegura.

[Não tente ser engraçado,] eu sinalizei devagar, certificando-me de que ele entendesse cada palavra. [Seja honesto. Diga a ela como você se sente, mesmo que não saia bem.]

Ele engoliu em seco e assentiu com a cabeça uma vez.

[E ouça-a], acrescentei. [Não a interrompa, mesmo que doa. Ela precisa se sentir ouvida.]

Stan soltou um suspiro silencioso e me deu um sorriso sincero. "Você é inteligente demais para todos nós", disse ele.

"O que ela assinou?", perguntou Bennett. "Quero saber."

"Agora não", murmurou Jasper.

Olhei para Stan novamente. [Eu sei. Agora vá.]

Ele assentiu com a cabeça, ajeitou a mochila e finalmente saiu andando atrás dela, com a barra de chocolate firmemente presa na mão. Chocolate geralmente me fazia feliz, então não via por que não ajudaria.

“Eles são como um velho casal casado”, disse Bennett, parecendo mais divertido do que preocupado.

“Sim”, concordou Jasper. “Eles vão dar um jeito.”

Eu sabia que eles iriam conseguir. Eles só precisavam de tempo, e talvez de uma conversa longa e sincera.

Ashby empurrou a cadeira para trás e se levantou, jogando a mochila sobre um ombro. "Vamos", disse ele, olhando para mim. "Eu te acompanho até a sala de aula."

Juntei minhas coisas e me levantei também, acenando rapidamente para os meninos antes de seguir Ashby para o corredor. O barulho do refeitório foi se dissipando atrás de nós enquanto caminhávamos. lado a lado. Estávamos perto, mas sem nos tocar, porém a vontade era intensa demais para ignorar. Os corredores começavam a se encher novamente, com estudantes se movendo em todas as direções e armários batendo.

"Eu meio que preferia não ter aula agora", disse Ashby depois de um instante. Ele olhou para mim de relance e depois voltou a olhar para frente. "A gente podia ir para a biblioteca. Sentar lá um pouco. Não estou com vontade de prestar atenção."

Sorri, já sabendo o que ele estava fazendo. Ele estava evitando responsabilidades e tudo que não fosse eu. Era até fofo, de certa forma, mas eu não podia deixar que ele perdesse o foco.

Levantei as mãos. [Você não pode pular.]

Ele gemeu baixinho. "Eu sei. Mas a biblioteca é silenciosa. E nós poderíamos ficar por lá."

Fiz uma careta. [Podemos sair depois da aula. E você se importa com suas notas. Não finja que não.]

Ele bufou. "Você tem razão. Mas às vezes, faltar a uma aula não tem problema."

[Não é, mas boa tentativa.] Sorri e continuei andando, acompanhando seu ritmo. [Você ficaria bravo consigo mesmo se faltasse. E seu treinador te mataria se isso afetasse sua elegibilidade.]

“É uma boa observação”, admitiu ele. “Uma observação assustadora.”

Paramos em frente à minha sala de aula. Ashby mudou o peso de um pé para o outro, claramente sem querer ir embora ainda.

“Te vejo depois”, disse ele.

[Talvez. Scottie quer ir comprar roupas.]

"Oh."

Eu sorri sem graça. [Ainda não perguntei para a mamãe.]]

“Ela provavelmente vai dizer que está tudo bem.” Ele não parecia feliz, mas não ia me impedir de sair com o Scottie. “Certo, então… te vejo hoje à noite.”

Assenti com a cabeça, e ele hesitou. "Está bem. Eu vou."

[OK.]

Senti o olhar dele sobre mim enquanto eu ia até minha carteira, e quando me sentei, olhei para onde ele ainda estava parado do lado de fora da porta. Ele acenou antes de ir embora, e de repente, me arrependi de não ter matado aula.

20

Milow

Scottie e Stan conversaram e resolveram suas diferenças. Scottie falou sobre isso o tempo todo enquanto estávamos fazendo compras. Não me incomodou. Eu a ouvi, feliz por eles finalmente parecerem ter chegado a um entendimento dessa vez. Quando perguntei a ela se eles finalmente tinham decidido sair juntos, ela disse que não. Em vez disso, concordaram em continuar amigos por enquanto e esperar algumas semanas sem brigas antes mesmo de pensar em namorar.

Parecia razoável. Provavelmente mais inteligente do que se precipitar em algo enquanto tudo ainda estava confuso.

Quando cheguei em casa, mamãe e Evie estavam na cozinha, preparando o jantar juntas. Papai ainda estava no trabalho e Wesley estava no treino. Fui direto para o meu quarto e desempacotei minha mochila, separando meus livros na ordem em que queria estudá-los mais tarde. Depois disso, peguei os dois livros que tinha comprado na livraria. Eu tinha dinheiro suficiente na medida certa. por dois livros de bolso. Dois livros que eu queria ler há algum tempo, e eu já estava tentando descobrir quando poderia começar um deles.

Li a sinopse na contracapa do primeiro livro, depois a do segundo, alternando entre eles enquanto tentava decidir qual ler primeiro.

“Você voltou.”

Virei a cabeça bruscamente em direção à porta e vi Ashby parado ali com um sorriso no rosto. Sorri de volta e acenei com a cabeça, erguendo os dois livros para mostrá-los a ele antes de colocá-los sobre a cama. [Ganhei livros novos.]

“Sim? Posso ver?”

Assenti com a cabeça e dei um passo para o lado, deixando-o se aproximar e pegar um. "Um suspense psicológico?", perguntou ele, olhando para trás. "Você gosta desse tipo de livro?"

Dei de ombros. [Eu nunca li um antes, mas este parece ser cheio de reviravoltas, então pensei em experimentar.]

“Parece ótimo”, disse ele, e então pegou o segundo livro. Era do mesmo gênero. “Posso ler este? Parece bem interessante. Podemos ler juntos.”

A ideia de lermos livros juntos me animou. Me lembrou dos dias em que olhávamos livros infantis quando éramos pequenos, então assenti rapidamente. [Ok.]

"Perfeito." Ele sorriu e sentou-se na beirada da cama, com o livro no colo, apoiando-se nos cotovelos.

Virei-me para a minha mesa e terminei de guardar as minhas coisas, empilhando os livros escolares e colocando os cadernos no lugar. Quando olhei para o lado, ele ainda me observava, parecendo extremamente à vontade no meu quarto. Sorri. Gostava da presença dele. Parecia que ultimamente tínhamos voltado a passar mais tempo juntos, e eu gostava disso.

Pouco tempo depois, a mãe nos chamou para jantar lá de baixo, e Ashby suspirou ao se levantar. "Quer ler comigo depois do jantar?"

[Preciso fazer minha lição de casa primeiro.]

“Tudo bem. Vou começar o livro agora mesmo para já sair na frente.”

Eu terminaria o outro livro mais rápido do que ele. Isso era certo.

[OK.]

—

Sexta-feira, 12 de setembro

Toda sexta-feira eu tinha um período livre antes do almoço. Eu sempre o passava na biblioteca. Ninguém me incomodava lá. Mesmo com outros alunos por perto, eles eram do tipo que realmente trabalhavam em vez de ficarem sentados fazendo barulho. Eu estava no meio de um problema de matemática quando meu celular vibrou dentro da minha mochila. Peguei-o e vi uma mensagem do Ashby. Ele deveria estar concentrado na aula, mas isso claramente não importava para ele. Ele também sabia que eu tinha um período livre.

Ashby
Você está na biblioteca?

Apertei os lábios e digitei uma resposta rápida. .

Meu
Sim.

Ashby
Perfeito.

Eu estava prestes a avisá-lo para não vir — porque ele definitivamente tinha outro compromisso — mas não tive a chance. Segundos depois, ele estava caminhando em direção à minha mesa com um sorriso presunçoso. Abaixei o celular e franzi a testa. [Você deveria estar na aula.]

Ele se sentou na cadeira ao meu lado. "Eu deveria", disse ele baixinho. "Mas prefiro ficar com você."

Observei-o por um momento, absorvendo o olhar cansado em seus olhos. [Estou resolvendo problemas de matemática.]

“Eu consigo ver isso.” Ele recostou-se na cadeira. “Continue. Eu vou observar.”

Eu não me importava que ele me observasse enquanto eu trabalhava, mas gostaria que ele levasse os estudos um pouco mais a sério. [Você está perdendo alguma coisa importante?]

“Não, eu—”

"Silêncio, por favor", sussurrou a Sra. Chancey, a bibliotecária, de sua mesa perto da entrada.

Nós duas olhamos para ela, e depois uma para a outra.

Falar já não era uma opção para ele, mas havia uma solução simples. Ashby levantou as mãos e fez um sinal. [Não estou a perder nada importante. Só geografia chata.]

Fiz um biquinho. [O que você disse para sua professora?]

Ele deu de ombros. [Nada. Apenas me desculpei.]]

Claro que sim. E claro que o professor o deixou ir. Ser o atleta estrela tinha suas vantagens. Eu sabia que não duraria para sempre, porém. Um dia, alguém ia parar de deixá-lo faltar às aulas. Até lá, ele provavelmente faltaria mais cinquenta. [Mamãe e papai não vão gostar disso.]

[Mamãe e papai não vão saber.] Ele ergueu uma sobrancelha e suspirou. [O treino foi intenso ontem à noite. Não dormi bem. Estou cansado. Meu corpo dói. Não quero usar meu cérebro agora.]

Observei-o por mais um instante. Eu entendi. Não queria que ele se envolvesse em algo do qual não pudesse sair facilmente. Por ora, ele tinha a situação sob controle. Era permitido que ele se sentisse exausto, principalmente depois de um longo treino de natação.

Eu sorri suavemente. [Certo. Ainda preciso terminar isso.]

[Tudo bem.] Ele sorriu de volta. [Vou observar.]

Voltei para a minha folha de exercícios e me forcei a concentrar, meu lápis deslizando pela página enquanto eu resolvia o próximo problema. Percebi que Ashby estava sentado ao meu lado o tempo todo, mas ele não me distraía. Pelo contrário, me fazia sentir mais segura e relaxada. Depois de alguns minutos, ele aproximou a cadeira.

Sua mão moveu-se para a minha esquerda, onde eu segurava o lápis, e ele hesitou por um instante antes de pegá-lo, seus dedos envolvendo minha mão delicadamente. Seu olhar desceu e repousou sobre meu polegar, e senti uma pontada familiar de constrangimento ao perceber como a pele estava irritada. Eu nem sequer havia notado que estava cutucando-o hoje.

A expressão de Ashby mudou sutilmente, seu maxilar se contraindo enquanto ele virava minha mão para olhar mais de perto. Ele não comentou nada nem afastou a mão. Em vez disso, roçou o polegar suavemente sobre a minha, como se estivesse tentando acabar com o hábito com um simples toque.

Engoli em seco e olhei para ele. [Desculpe], fiz um sinal com a outra mão.

Ele balançou a cabeça imediatamente e apertou o aperto, com uma expressão firme, mas gentil. "Você não precisa se desculpar."

Retirei minha mão da dele e encarei meu polegar, sentindo uma onda familiar de frustração ao perceber o quão vermelha e irritada a pele estava. Eu odiava que estivesse tão óbvio de novo, odiava que eu nem tivesse percebido que estava fazendo aquilo até ele notar.

Por mais que eu desejasse parar, e por mais que doesse quando a mania de cutucar piorava, eu honestamente não sabia como. Meu pai me disse uma vez que era apenas um hábito, algo que eu poderia quebrar se me concentrasse bastante e realmente tentasse, mas eu já tinha tentado. Tentei mais vezes do que consigo contar. Eu fazia isso desde os cinco anos, desde que o medo começou a se instalar no meu corpo de maneiras que eu não sabia explicar. Cutucar sempre foi uma forma de me centrar quando tudo ao redor parecia muito barulhento, e no fim, comecei a fazer isso inconscientemente.

Quando olhei para Ashby novamente, sua expressão havia mudado, a preocupação estampada em seu rosto. Ele queria ajudar, eu percebi, mas não sabia o que fazer, e eu também não. Eu não esperava que ele resolvesse isso para mim. Era problema meu. Eu dizia a mim mesma que isso passaria com o tempo. Que, quando a escola deixasse de ser

uma fonte constante de pressão e ansiedade, talvez minhas mãos finalmente descansassem.
.

[Eu realmente quero terminar isso], assinei, pegando meu lápis novamente e voltando para a folha de exercícios.

"Está bem", disse ele baixinho, permanecendo exatamente onde estava.

Resolvi os últimos problemas com ele ao meu lado na biblioteca silenciosa, e embora a ansiedade nunca tenha desaparecido completamente, não parecia tão pesada quando ele estava lá.

21

Ashby

Durante o almoço, não conseguia parar de pensar em maneiras de ajudá-la com a mania de cutucar a pele. Eu sabia que ela fazia isso desde que me lembro, mas quanto mais velha ficava, pior parecia ficar. Às vezes, chegava a sangrar, por isso ela frequentemente tinha um curativo no polegar. Ela nunca falava sobre o quanto isso a incomodava ou doía, nunca fazia disso um grande problema, mas eu sabia que incomodava. Tinha que incomodar. Ninguém consegue ficar cutucando a própria pele, deixando-a em carne viva e irritada, sem que isso a afete. Anotei mentalmente para pesquisar mais tarde, para ver se havia algo que pudesse realmente ajudar. Talvez existissem técnicas que ela ainda não tivesse tentado. Talvez um médico pudesse fazer algo além de simplesmente dizer para ela parar.

Fui arrancado dos meus pensamentos quando Bennett disse o nome de Milow. Olhei para cima bem a tempo de vê-lo deslizar um Um pequeno recipiente com morangos foi colocado do outro lado da mesa, na direção dela. "Você quer um?", perguntou ele casualmente, e eu imediatamente franzi a testa.

“Ela não gosta de morangos.”

Milow se remexeu na cadeira e deu a Bennett um sorriso de desculpas.

"Quem não gosta de morangos?", disse Bennett, rindo. "Vamos lá, provavelmente são os últimos que você vai comer este ano."

Ela balançou a cabeça negativamente, e eu repeti, desta vez com mais firmeza: "Ela não gosta deles."

Bennett franziu a testa, olhou para mim e depois para Milow. "Droga, desculpa."

[Está tudo bem], disse Milow, com um sorriso forçado. Ela não queria criar um clima estranho.

“Ela disse que não tem problema”, traduzi.

Bennett assentiu com a cabeça e sorriu para ela novamente. "Então, qual fruta você gosta?"

Eu não sabia por que meu humor tinha mudado tão bruscamente, mas eu não gostava dessa conversa. Mesmo que Bennett fosse meu amigo, mesmo que ele sempre tivesse sido gentil com ela, eu não queria que ele se aproximasse. Eu não queria que ele descobrisse suas preferências ou tentasse fazê-la rir.

Milow o observou por um momento antes de assinar: [Eu gosto de mirtilos e laranjas.]

Bennett olhou para mim, esperando. Suspirei e traduzi: "Mirtilos e laranjas".

Ele sorriu. "Então, se eu te levar para jantar, você topa tomar um milkshake de mirtilo comigo?"

Stan soltou um assobio baixo do outro lado da mesa. "Você acabou de convidar minha namorada para sair sem mais nem menos?" ”

A namorada dele? Se alguém tinha direito a isso, era eu. É melhor ele continuar chamando-a de Ace. E desde quando Bennett se interessa por Milow desse jeito? Como ele imaginava sair com ela se nem conseguia entendê-la sem que alguém falasse por ela?

As bochechas de Milow coraram intensamente, e a sensação de aperto no meu peito só piorou. Nunca me considerei uma pessoa ciumenta, mas seja lá o que fosse aquilo, despertou algo que eu nem sabia que existia em mim.

“Estou só brincando com você”, disse Bennett rapidamente, com um sorriso irônico ainda nos lábios, e quando percebeu como minha expressão endureceu, apressou-se em se corrigir. “Quer dizer, não estou brincando com você. Eu estava tentando ser engraçado. Não que eu não namoraria com você. Você é linda—”

"Acho que já chega", interrompi, com a voz mais áspera do que pretendia.

A mesa ficou em silêncio por um instante. Bennett piscou ao perceber que havia ido longe demais e recostou-se na cadeira com as mãos erguidas, recuando sem querer piorar a situação. "Tudo bem. Sim. Desculpe", murmurou.

Milow mantinha os olhos fixos no almoço, com os ombros curvados. Percebi o pequeno movimento de sua mão no colo. Desviei o olhar e observei seus dedos encontrarem o polegar esquerdo. Ela começou a beliscá-lo sem nem perceber. Seu olhar se voltou para dentro.

Fiquei tensa. Com cuidado, sem chamar a atenção de ninguém, deslizei minha mão por baixo da mesa e alcancei a dela. Meus dedos se fecharam delicadamente em torno da mão dela, impedindo o movimento antes que ela pudesse romper a pele novamente. Ela se assustou, mas relaxou ao perceber o que eu estava fazendo. .

Ela olhou para mim, com uma expressão suave, mas envergonhada. Não queria que ninguém notasse, mas eu sabia que nem ela mesma tinha percebido. Apertei sua mão delicadamente para lembrá-la de que não estava sozinha e que não precisava lidar com aquilo sozinha. Ela deixou sua mão na minha e, depois de um instante, respirou fundo antes de usar a mão direita para terminar o almoço.

Eu precisava controlar minhas emoções. Ser grosseiro com meus amigos não era do meu feitio, e eu não queria que nenhum deles começasse a pensar que eu estava me tornando alguém desagradável ou imprevisível. Mais do que isso, eu não queria correr o risco de pressionar a Milow de forma alguma. A última coisa que eu queria era fazê-la se sentir encurralada, principalmente por mim. No momento, ela parecia confortável com a minha mão segurando a dela, e eu permaneci atento a isso, pronto para me afastar assim que ela precisasse de espaço. O que ela não sabia era que sentir a mão dela na minha me ajudava a manter a calma quando tudo dentro de mim parecia uma tempestade prestes a acontecer.

Naquela mesma noite, levantei da cama e fui sorrateiramente até o quarto de Milow, do outro lado do corredor. Eu não conseguia dormir e sabia que ela ainda estaria acordada, lendo. Bati na porta e a abri devagar, só um pouquinho, para dar uma olhada lá dentro. "Milow?"

Ela virou a cabeça, sentando-se na cama enquanto abaixava o livro até o colo. Sem precisar pedir permissão, entrei e fechei a porta silenciosamente atrás de mim antes de atravessar o quarto. Apenas o abajur estava aceso, mas era o suficiente para iluminar seu rosto. Ela se moveu na cama, abrindo espaço para mim como sempre fazia. Aceitei o convite de bom grado. Deitei-me ao lado dela, com cuidado para não a incomodar, e então me virei

de lado para poder observá-la. Ela me encarou e hesitou, mas apenas por um instante. Então, colocou o livro na mesa de cabeceira e se deitou, ficando de frente para mim.

Eu não falei nada. Não senti necessidade. Ficamos ali deitadas sob o mesmo cobertor, com a cabeça no mesmo travesseiro. A respiração dela era calma, o que automaticamente me fez respirar devagar também. Observei seus olhos suavizarem, admirando as cores neles como tantas vezes fazia. E ela me observava de volta. Estendi a mão, incapaz de resistir à vontade, e a coloquei sobre a dela. Ela não se afastou. Em vez disso, seus dedos deslizaram para dentro dos meus. Depois de um tempo, meus olhos se voltaram para a mão dela. Mesmo na penumbra, eu conseguia ver a vermelhidão em seu polegar. Lentamente, para não assustá-la, passei meu polegar sobre o dela com cuidado.

Seus olhos se voltaram para nossas mãos, depois para o meu rosto. Reconheci o olhar imediatamente. Ela estava prestes a se desculpar novamente, e aquele lampejo familiar de constrangimento apareceu em seus olhos. Eu odiava isso. Ela se sentia culpada por algo que nunca teve controle. Devia doer muito nela, e ela parecia tão perdida cada vez que tentava, sem sucesso, parar de cutucar a pele. Ela fazia isso desde que eu me lembro. Desde que éramos crianças. E me irritava que nenhum médico jamais a tivesse ajudado ou sequer levado a situação a sério o suficiente para tentar algo. Eu sabia que devia estar ligado à sua ansiedade, mas mesmo assim, eu não entendia completamente onde tudo começou ou o que tinha causado isso.

“Você nem percebe quando faz isso”, eu disse baixinho. Eu não a estava acusando. “Acontece quando você está ansiosa, não é?”

Ela engoliu em seco, os dedos tremendo enquanto assentia com a cabeça. .

Apertei um pouco mais a mão dela, ainda movendo meu polegar sobre o dela. "Se você se sentir assim de novo", eu disse baixinho, "quero que segure a minha mão. Você pode apertá-la se precisar. Com a força que quiser." Hesitei por meio segundo e então acrescentei, para simplificar: "Pense na minha mão como um brinquedo antiestresse. Só algo para manter suas mãos ocupadas quando seus pensamentos ficarem muito agitados."

Os olhos dela se arregalaram, surpresa com a minha proposta. Eu não podia estar perto dela quando estávamos na escola, e minha ideia seria inútil naquela época, mas sempre que estivesse perto dela, eu queria que ela se lembrasse disso.

Ela assentiu com a cabeça, e um sorriso surgiu nos cantos de sua boca. Então, seu olhar se voltou para nossas mãos, e ela testou minha proposta, apertando minha mão delicadamente. Ela pareceu satisfeita ao olhar em meus olhos novamente, e com um sorriso, acrescentei: "Não quero que você se machuque. Quero ajudar no que for possível."

Ela assentiu lentamente, depois se aproximou mais de mim, diminuindo a distância entre nós. Seus olhos se fecharam lentamente, e eu permaneci imóvel, observando seu rosto suavizar novamente. Meu olhar se deteve em seus lábios por mais tempo do que deveria, e eu odiei a estranha sensação que se seguiu. Éramos próximas há tanto tempo. Nunca deveríamos ter sido mais do que amigas, mas eu também nunca a chamei de minha irmã adotiva. Não porque eu não a aceitasse como família, mas porque sempre soube que estávamos destinadas a ser algo diferente.

Contrariando todos os meus instintos, movi-me sobre o cotovelo, sem soltar a mão dela. Seus olhos se abriram de repente, e eu me movi lentamente, dando-lhe tempo suficiente para se afastar, se quisesse. Mas ela não o fez. Deitou-se de costas e olhou diretamente para

mim. Seus lábios estavam... Nos separamos, e ela ficou apenas me observando, com a atenção totalmente voltada para cada um dos meus movimentos.

Levantei nossas mãos unidas e as coloquei delicadamente ao lado da cabeça dela, nos acomodando numa posição mais confortável. Seus olhos estavam arregalados e ela parecia nervosa, mas não me afastou. Seus dedos permaneceram entrelaçados aos meus, e só isso já me deixou tonto. Inclinei-me lentamente, dando-lhe uma última chance de me impedir. Como ela não o fez, dei-lhe um beijo suave na bochecha. Foi breve e cuidadoso, e não me demorei mais do que o necessário. Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que ela podia ouvi-lo no silêncio. Eu juraria que ouvi o dela batendo forte no peito.

Quando me afastei e seus olhares se encontraram novamente, não havia pânico em seus olhos. Ela ainda parecia nervosa, mas não assustada. Percebi que eu também estava nervoso, parado bem na beira de algo que eu não sabia como definir, e sem ter certeza se havia acabado de cruzar mais uma linha.

"Tudo bem?", perguntei em um sussurro.

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos descendo para meus lábios. Meu peito comprimiu meus pulmões, dificultando a respiração.

"Não faça isso", eu disse, balançando a cabeça. "Não olhe para os meus lábios desse jeito, Milow."

Ela olhou para mim novamente, com uma expressão de confusão no rosto. Suas sobrancelhas se franziram, tentando entender o que eu queria dizer. Sua mão deslizou da minha e repousou no meu peito. Seus dedos se enroscaram no tecido da minha camisa, e ela me puxou um pouco mais para perto. Ela estava realmente me testando, mesmo sem querer. A princípio, não me movi. Estava perdido em meus pensamentos, tentando descobrir o que deveria fazer. O problema era que, sinceramente, eu não sabia mais. Manter distância parecia a escolha responsável, aquela que eu deveria fazer, mas aproximar-me parecia melhor de uma forma que eu não conseguia simplesmente ignorar.

Eu sempre me considerei confiante, principalmente quando se tratava de garotas, mas nada dessa confiança importava aqui. Não me ajudou em nada. Eu já tinha beijado duas garotas antes, e nenhum desses momentos significou nada para mim. Ambas as vezes foram durante brincadeiras esquecíveis de verdade ou desafio com garotas da escola. Eu não pensei nesses beijos depois e nem me importei em lembrar. Beijar garotas aleatórias nunca foi algo que eu quisesse continuar fazendo, e depois disso, nunca mais senti nenhuma vontade de beijar ninguém.

Até agora, não.

Eu sabia que ela nunca tinha sido beijada. Só de pensar nisso, meu estômago se revirou de medo de fazer algo errado. Então, em vez de beijar seus lábios e arriscar estragar tudo, inclinei-me lentamente e pressionei meus lábios contra seu queixo. Foi outro beijo cuidadoso, mas desta vez, mais demorado. Ela inspirou profundamente e sua mão deslizou do meu peito para a minha nuca. Segui a linha do seu queixo, descendo um pouco mais. Movimentei-me devagar, dando-lhe tempo para se afastar se quisesse. Mas ela não se afastou e, em vez disso, inclinou a cabeça mais para o lado, expondo o pescoço. Recuei e prendi a respiração, lutando contra outro impulso de sair daquela cama imediatamente. Minha mente não obedecia. Tudo aquilo era obra do meu coração.

Ela estava se aconchegando em mim, e era a coisa mais doce que eu já havia sentido. O ar no quarto começou a ficar mais denso, e o calor debaixo do cobertor aumentou, me

dando vontade de chutá-lo para longe de nós. Mas eu sabia que o cobertor estava lhe dando conforto. algum conforto. Eu queria ficar assim para sempre, e a necessidade de provar mais dela tomou conta de mim. Eu queria explorar esse território recém-descoberto com uma devoção que beirava a adoração.

Recuei o suficiente para ver seu rosto, para ter certeza de que ela ainda estava confortável com aquilo. Seus cílios roçavam suas bochechas, e seus lábios ainda estavam entreabertos. Aquela visão foi minha perdição. "Você é tão linda", murmurei, incapaz de conter as palavras.

Abaixei a cabeça, contornando seus lábios, e depositei uma série de beijos suaves e de boca aberta ao longo da lateral de seu pescoço. Comecei logo abaixo de sua orelha, sentindo sua pulsação contra meus lábios. Era um ritmo frenético, porém constante, que espelhava o meu, e permaneci ali com a língua deslizando para saborear sua pele. Ela me recompensou com um puxão em meu cabelo.

Minha mão deslizou da cintura dela até a parte inferior das costas, pressionando-a ainda mais contra si enquanto meus beijos desciam. Eu poderia ter passado o resto da noite assim, apenas beijando seu pescoço e descobrindo o que ela gostava. Mas eventualmente tive que parar, com medo de levar as coisas a um ponto para o qual ela não estivesse preparada.

Finalmente parei, erguendo a cabeça para encostar minha testa na dela por um instante. Então, olhei para ela. Seus olhos ainda estavam fechados, e a expressão serena em seu rosto me fez sentir mais à vontade. Incapaz de resistir à atração que ainda me puxava, inclinei-me e dei um último beijo demorado em sua bochecha, perto do canto da boca.

“Vem cá”, sussurrei, me ajeitando para poder envolvê-la completamente. Rolei nós duas até que ela estivesse aconchegada em meus braços. Ao meu lado, puxei-a para os meus braços até que sua cabeça se acomodou sob meu queixo. Acariciei seus cabelos, suas costas, qualquer parte dela que eu pudesse alcançar, e me deixei relaxar até que meus batimentos cardíacos se acalmassem.

Não disse mais nada, e ela apertou minha camisa com uma das mãos. Não me soltou, e continuei acariciando suas costas, ouvindo sua respiração ficar mais profunda e regular. Quando seu aperto na minha camisa afrouxou, soube que ela havia adormecido. Meu braço começou a ficar dormente por estar preso sob ela, mas não me mexi. Não queria acordá-la. Esperei alguns minutos para ter certeza de que ela estava completamente dormindo, então estendi cuidadosamente meu braço livre em direção ao criado-mudo. Meus dedos encontraram o interruptor da lâmpada e o desligaram, mergulhando o quarto na escuridão. Recostei-me no travesseiro, aninhando sua cabeça sob meu queixo novamente, e me permiti fechar os olhos com a certeza de que ela ficaria em meus braços a noite toda.

22

Milow

Assim que abri os olhos, meu coração começou a bater tão forte quanto na noite anterior. Eu ainda sentia seus lábios no meu pescoço, minha pele formigando onde ele havia pressionado a boca. Nunca tinha sentido nada parecido, nunca imaginei que ele pudesse me fazer sentir algo ainda mais intenso do que quando simplesmente segurava minha mão em segredo. Talvez fosse porque eu não me permitia pensar mais a respeito. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo entre nós, mas não queria questionar. Tinha medo de que terminasse mais rápido do que começou, e se eu pudesse sentir seus lábios em mim daquela forma novamente, não queria arriscar falar sobre isso.

Quando ele beijou meu pescoço ontem à noite, um nó se formou na minha garganta. Meu corpo tentou encontrar uma maneira de dizer a ele o quanto ele me fazia sentir bem, e eu sabia que, em momentos como aquele, a maioria das garotas teria soltado um gemido. Já vi isso em filmes. e li isso em livros. Quando algo era bom, você automaticamente emitia sons suaves porque estava se sentindo incrível. Mas, por mais que eu quisesse deixar minha garganta emitir um som para mostrar a Ashby o quão bons eram seus beijos, nada saía. Em vez disso, eu tinha que continuar passando as mãos pelos cabelos dele, puxando-os para dizer que eu não queria que ele parasse.

Havia algo errado com a minha garganta. Sempre soube que, se fosse realmente capaz de emitir o menor som, já o teria feito há muito tempo. Mas, por mais que me esforçasse ou me dedicasse, nenhum som saía. Às vezes, me perguntava se era porque havia parado de falar aos quatro anos de idade. Talvez eu tivesse ficado em silêncio por tanto tempo que minhas cordas vocais simplesmente enferrujaram e pararam de funcionar. Seja como for, eu poderia pedir para minha mãe perguntar ao meu médico em breve, já que ela havia marcado uma consulta, para que eu fosse examinada e minhas vacinas fossem atualizadas.

Eu ainda estava na cama com Ashby deitado ao meu lado. Ele dormia de lado, de frente para mim, com a mão direita sob a bochecha e a outra apoiada entre nós no colchão. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos, mas ele respirava lentamente pelo nariz. Eu não queria acordá-lo, sabendo que ele gostava de dormir até mais tarde nos fins de semana, quando não tinha competição de natação. Então, fiquei observando-o, absorvendo cada centímetro do seu rosto. Havia sardas tênues espalhadas pelo nariz e bochechas, sardas que sempre estiveram ali. Quando ele era pequeno, as sardas eram mais visíveis, mas foram desaparecendo à medida que ele cresceu. Eu ainda conseguia ver cada uma delas. Eu as havia memorizado. Senti vontade de levantar a mão e contorná-las, mas me contive, sem querer arriscar acordá-lo. .

Em algum momento da noite, paramos de nos abraçar. Seus braços me envolviam com força, e nossas pernas estavam entrelaçadas enquanto adormecíamos. Seu calor me confortava, e embora eu não estivesse mais deitada em seus braços, ele ainda estava ao meu lado. Ele não tinha ido embora, o que devia significar alguma coisa.

Com cuidado para não o perturbar, tirei as pernas de debaixo das cobertas e sentei-me na beira da cama. Olhei para ele uma última vez, certificando-me de que ainda estava dormindo, antes de sair na ponta dos pés do quarto.

Assim que desci as escadas, ouvi música vindo do andar de baixo. Era uma música animada dos anos 80, e eu sabia que mamãe e papai estavam preparando o café da manhã. Não era incomum eles acordarem cedo para preparar o café da manhã para toda a família, e quando faziam isso, geralmente aumentavam o volume do rádio. Desci as escadas na ponta dos pés, passando pela porta fechada do quarto de Wesley, e quando cheguei à cozinha, vi exatamente o que esperava.

Mamãe estava no fogão, virando panquecas na frigideira enquanto o outro preparava ovos mexidos. Ela usava o avental por cima do pijama e balançava os quadris no ritmo da música, cantando junto com o refrão de "Just Can't Get Enough", do Depeche Mode. Papai estava perto da ilha da cozinha, picando frutas com uma precisão rítmica, mas não estava ali parado. A cada poucos segundos, ele dava um passinho, girando para se exibir para mamãe antes de voltar a cortar as frutas. Os dois riam, perdidos em seu próprio mundo, completamente alheios à minha presença, observando-os.

Eu não queria me mexer e interromper aquele momento. Eu adorava observá-los porque isso provava, a cada vez, que Eles ainda estavam muito apaixonados um pelo outro. Descobri como se conheceram há algum tempo, quando contaram a história no Natal. Ambos estudavam juntos na Bowen High, como todos nós, e embora houvesse atração de ambos os lados, minha mãe deixou meu pai se esforçar bastante. Fiquei feliz por meu pai nunca ter desistido do interesse, porque se tivesse desistido, eles nunca teriam se casado e me adotado. Devo esta vida à persistência dele.

Fui arrancada dos meus pensamentos quando Wesley apareceu ao meu lado, com uma expressão divertida franzindo as sobrancelhas. "Eles são tão adolescentes", disse ele, sorrindo para mim.

Olhei para ele e sorri, dando de ombros levemente, pois preferia ter pais assim do que pais que brigavam o tempo todo.

“Meus bebês!” Mamãe exclamou quando finalmente nos viu. Ela veio até nós com um grande sorriso no rosto, estendendo a mão para cada um de nós. “Dancem comigo. Vocês conhecem essa música, não é? Era a música favorita do seu pai no ensino médio.”

Ela se moveu ao ritmo da música, e Wesley e eu não tivemos escolha a não ser segui-la. Se havia um lugar onde eu me sentia à vontade para dançar, era nesta casa e com a minha família. Fiz uma careta quando papai me abraçou por trás, segurando minhas mãos e as agitando no ar ao som da música, enquanto mamãe girava, sentindo o ritmo de verdade.

"Fico feliz que tudo isso permaneça para sempre escondido do mundo", disse Wesley, claramente em tom de brincadeira.

“O quê, você está com vergonha da gente, filho?” perguntou meu pai, me girando antes de soltar meus braços para pegar Wesley e colocá-lo em posição de dança. “Iris, querida, grave um vídeo.” de nós. Vamos tocar isso no aniversário dele na frente de todos os amigos dele.”

Meu sorriso se alargou quando vi minha mãe pegar o celular para filmar os dois. Wesley revirou os olhos, deixando o pai liderar, e por mais irritado que parecesse, eu sabia que ele estava se divertindo tanto quanto eu.

“Muito bem, meninos. Dá uma voltinha, Wes”, incentivou a mãe.

Eu queria rir. É o que qualquer pessoa normal faria em momentos de alegria e felicidade. Mas, como sempre, nenhum som saiu. Eu não queria estragar o momento arruinando o humor de todos, então me forcei a afastar esses pensamentos e simplesmente deixar a felicidade transparecer no meu rosto.

“Ah, Wes, você é uma princesa.”

Virei a cabeça e vi Ashby parado na porta com um sorriso nos lábios. Ele parecia cansado, com o cabelo todo despenteado. Olhou para mim por mais um segundo, seus olhos suavizando quando encontraram os meus. Sorri para ele, sem conseguir me conter, e então desviei o olhar porque senti minhas bochechas corarem.

“Bom dia, pessoal”, disse ele ao entrar na cozinha, com a voz ainda rouca de sono.

“Bom dia, campeão”, respondeu o pai, finalmente deixando Wesley parar com sua dança dramática.

Mamãe bateu palmas uma vez e abaixou o volume da música. "Muito bem. Vamos comer antes que isso vire uma festa."

Todos nos sentamos, passando os pratos de mão em mão enquanto minha mãe trazia a comida para a mesa. Quando todos começaram a comer, olhei ao redor da mesa.

Onde está Evie?]

Wesley engoliu em seco e balançou a cabeça. "Ela não está se sentindo muito bem esta manhã."

[O que está errado?]

"Ela está com enxaqueca", disse-me ele, com uma expressão de dor no rosto.

"Ah, Wes, você não nos contou isso. Estivemos ouvindo música alta aqui embaixo a manhã toda", disse a mãe com uma expressão preocupada.

“Está tudo bem, mãe. Não foi tão alto assim.”

Evie sofria de enxaquecas, e podia levar horas, ou até dias, para que ela se sentisse melhor. Eu não conseguia imaginar o quão dolorosas eram as enxaquecas. Eu só tinha tido dores de cabeça antes, mas sabia que aquela dor não era nada comparada ao que Evie sentia.

Continuamos comendo, e tentei não deixar muito óbvio que estava pensando em Ashby e no que tínhamos feito na noite anterior.

Depois de todos nós ajudarmos a limpar a cozinha, subi para fazer a lição de casa. Tentei me concentrar, mas meus olhos não paravam de se voltar para a minha cama, para o lugar onde Ashby e eu tínhamos dormido na noite anterior. Cada vez que eu olhava para ela, minha mente preenchia as lembranças sozinha. Ele debruçado sobre mim. A boca dele no meu pescoço. A forma como meu corpo reagiu sem que eu o controlasse. Meus dedos dos pés se contraíam toda vez que a sensação voltava, e eu tinha que me obrigar a olhar para o caderno e continuar trabalhando.

Eu não conseguia parar de pensar se Ashby também estava pensando nisso. Se ele repassava a cena como eu e achava que tinha sido um erro. Ou se ele queria que acontecesse de novo, como eu secretamente esperava. Esses pensamentos inundavam minha mente. E, pela primeira vez, tornou realmente difícil concluir meu trabalho. Franzi a testa e me inclinei para trás na cadeira, levando as mãos ao rosto sem que eu percebesse, e comecei a cutucar meu polegar novamente. Desta vez, não era por ansiedade. Eu estava

nervosa, mas, mais do que isso, inquieta, e mesmo sabendo exatamente o que estava fazendo, não conseguia parar.

Belisquei a pele solta na parte interna do meu polegar esquerdo e puxei até que um pequeno pedaço se desprendesse. Então, fiz de novo, mais abaixo, onde a pele já estava vermelha, onde havia outra fina aba que me incomodava até que uma picada aguda finalmente me fez congelar. Uma minúscula gota de sangue surgiu e estalei a língua baixinho, irritada comigo mesma por ter deixado chegar a esse ponto. Eu deveria ter parado antes. Sempre deveria. Mas às vezes eu não conseguia parar até doer, como se a dor fosse a única coisa forte o suficiente para quebrar o ciclo. Só por um instante.

Empurrei a cadeira para trás, levantei-me da escrivaninha e saí do quarto, indo direto para o banheiro. Abri o armário e comecei a vasculhar minhas coisas, procurando um curativo. A embalagem que encontrei estava vazia, mas eu sabia que tinha outro em algum lugar. Sempre tinha. Eu usava curativos com muita frequência.

"O que você está procurando?"

Virei a cabeça e vi Ashby parado na porta, com a touca de natação e os óculos de natação presos juntos em uma das mãos.

[Um curativo], assinei, e então mostrei a caixa vazia para que ele pudesse ver.

“Acho que tenho alguns.” ”

Ele se virou e voltou para o quarto, e eu o segui pelo corredor, mas parei na porta em vez de entrar. Ele colocou o boné e os óculos de proteção na cama, depois se inclinou sobre a mochila e vasculhou-a antes de tirar duas bandagens soltas. "Aqui", disse ele, me entregando-as.

[Obrigada], assinei, sorrindo para ele.

Ele não desviou o olhar. Seu olhar permaneceu fixo em mim, tentando entender por que eu precisava do curativo. Ele provavelmente já sabia, ou pelo menos suspeitava, e isso me fez instintivamente curvar a mão para dentro, tentando esconder o polegar. O movimento provocou outra ardência aguda, e isso foi o suficiente para me convencer de que eu não deveria esperar mais para cobri-lo.

Virei-me e voltei ao banheiro, lavei o pequeno ferimento e cuidadosamente o enrolei com uma das bandagens. Ao fazer isso, pude sentir aquela presença familiar novamente, sabendo que estava sendo observada mesmo sem me virar.

"O que aconteceu?", perguntou Ashby atrás de mim, com preocupação evidente na voz.

Virei-me para ele e dei um sorriso forçado. [Nada.]

“Você cutucou a pele de novo”, disse ele. Não estava me acusando, apenas constatando um fato. Seus olhos percorreram meu polegar por um breve instante antes de voltarem ao meu rosto.

[Sim, mas não foi nada. Só me distraí por um momento.] Assinei.

Ele continuou me observando com aquela preocupação silenciosa nos olhos, que deixava claro que ele estava tentando decifrar algo. Queria saber se era porque eu sentia ansioso. Eu conseguia ver isso em sua expressão. Ele estava cuidando de mim como sempre fazia.

[Estou bem. Prometo], acrescentei.

Ele sustentou meu olhar por mais um segundo, depois assentiu brevemente. "Certo."

[Você vai treinar?] Perguntei em seguida, olhando novamente para a touca de natação e os óculos de natação que ele segurava.

"É, eu não tinha planejado isso a princípio, mas o Ruben mandou uma mensagem dizendo que a piscina está fechada para não-sócios hoje. Como geralmente fica lotada nos fins de semana, pensei em aproveitar."

[Muito legal.]

"Você quer vir?", perguntou ele. "Você também pode nadar, ou pode simplesmente ficar no café assistindo."

Eu costumava ir com ele com mais frequência quando éramos mais jovens, na época em que mamãe ou papai o levavam ao centro aquático para treinar. Enquanto ele nadava, nós sentávamos no café do andar de cima, aquele com janelas do chão ao teto que davam para toda a piscina. Tinha uma máquina de venda automática com o melhor chocolate quente de lá, e só de pensar nisso a decisão já era fácil.

[Ok,] assinei sem hesitar.

Sua expressão se transformou em um sorriso irônico. "Perfeito. Preciso terminar de arrumar as malas e aí podemos ir. Você está pronta?", perguntou ele, seus olhos percorrendo rapidamente o que eu estava vestindo.

Dei uma olhada nas minhas roupas de ficar em casa e decidi que eram confortáveis o suficiente para ficar sentada assistindo, então assenti com a cabeça.

“Ótimo. Me dê quinze minutos.” Ele se virou e desapareceu de volta para o quarto, e eu fui pegar meu livro novo para levá-lo comigo. .

No caminho para o Centro Aquático Dunst, que ficava a poucos minutos de casa, mantive os olhos fixos na estrada. Mesmo tendo sido próximos a vida toda, estar sozinha com ele no carro de repente parecia diferente. O rádio estava ligado, mas o volume não era suficiente para abafar os pensamentos nervosos que me invadiam a mente.

Eu queria puxar conversa só para quebrar o silêncio, mas ele estava dirigindo e não conseguia me ver assinar enquanto mantinha os olhos na estrada.

Então, como se isso fizesse mais sentido, virei a cabeça e olhei para ele.

Ashby estava concentrado, com as mãos firmes no volante e a atenção totalmente voltada para a direção. Eu já percebia que ele havia entrado no modo de treino. A natação tinha esse efeito nele. Ele se importava profundamente com aquilo. Aquele esporte ia além da rotina ou da obrigação, e eu sempre o admirei por isso. Poucas pessoas tinham algo pelo qual se sentissem tão apaixonadas.

Eu gostava de pensar que era apaixonada pela escola, mas não era a mesma coisa. A escola era prática e necessária e, para ser sincera, a única coisa em que eu era boa. Eventualmente, ela me ajudaria a chegar a algum lugar, assim que eu descobrisse o que realmente queria fazer no futuro. Para ele, a natação era diferente. Era algo que ele escolheu, algo em que se dedicou de corpo e alma, e ver essa concentração tomar conta dele a cada vez me deixava orgulhosa.

O canto da sua boca se curvou num sorriso, mas seus olhos permaneceram fixos na estrada. "O quê?", perguntou ele. "Tem alguma coisa no meu rosto?"

Beleza. Era isso que ele tinha no rosto.

Apertei os lábios e baixei o olhar para as minhas mãos que repousavam no meu colo, enquanto o calor subia às minhas bochechas. Ashby deu uma risadinha suave e estendeu a mão, roçando os dedos nos meus antes de deixá-los repousar ali. Ele não precisava dizer nada. Estava relaxado, e essa tranquilidade contagiou a mim.

Quando chegamos ao centro aquático, entramos e encontramos Ruben já esperando perto da entrada. Ele deu um rápido abraço em Ashby e se virou para mim com um sorriso tranquilo. "E aí, filhote. Você também veio nadar?"

Eu sorri de volta e balancei a cabeça negativamente.

"Ela só está observando", disse Ashby, ajustando a alça da sua mochila esportiva mais para cima no ombro.

“Ótimo, ótimo.” Ruben acenou com a cabeça na direção da escada que levava aos vestiários. “Jasper também está aqui.”

“Ótimo, obrigado.” Ashby olhou para mim e sorriu. “Pode ir. Subo mais tarde para comermos alguma coisa.”

Assenti com a cabeça. [Tenha um bom treino.]

"Obrigado."

Acenei antes de subir as escadas em direção ao café. O andar superior estava vazio e, embora normalmente houvesse funcionários, eles não estavam lá. Não havia motivo para estarem, já que apenas os membros do clube tinham permissão para entrar hoje. Ao longo da parede do fundo, máquinas de venda automática ofereciam bebidas quentes, lanches e sanduíches. Comprei um chocolate quente e sentei-me a uma mesa perto da janela.

A área da piscina lá embaixo estava vazia. A água estava calma e tranquila, e todo o centro estava silencioso, com apenas a música ambiente do rádio tocando baixinho nos alto-falantes. Tirei meu livro da bolsa e o coloquei sobre a mesa, depois me inclinei para frente para olhar para o deck da piscina. Ruben apareceu primeiro, colocando seu cronômetro em volta do pescoço e Ele colocou a prancheta debaixo do braço. Um instante depois, Ashby saiu com Jasper ao seu lado. O cabelo loiro-escuro de Jasper já estava escondido sob o boné. Ashby se virou, examinando o andar de cima até me avistar. Acenou com a mão antes de colocar o próprio boné.

Acenei de volta. Jasper seguiu o olhar de Ashby e olhou para mim também, levantando a mão com um sorriso amigável. Então, apontou para Ashby e sorriu, mantendo os olhos em mim enquanto sussurrava: "Ele vai cair."

Fiz uma careta e observei-os esbarrando ombro a ombro e rindo enquanto caminhavam em direção à piscina. Essa era outra coisa que eu admirava em Ashby. Ele construía amizades destinadas a durar para sempre, e eu sentia uma imensa gratidão não só por ver essas amizades crescerem, mas também por Ashby me permitir vê-los como meus amigos também.

23

Ashby

Não fiquei satisfeita com meu desempenho. O treino em si tinha corrido bem, e eu e o Jasper tínhamos competido um contra o outro três vezes só para nos desafiarmos. Normalmente, e sem querer parecer arrogante, eu teria vencido as três provas. Desta vez, só ganhei uma, e mesmo assim por uma margem mínima. Na verdade, não significava nada. Eu ainda nadava bem, e o Jasper também era um ótimo nadador. Tínhamos entrado para a DST juntos, quando éramos crianças, e nunca nos tratamos como rivais. Pelo contrário, sempre fizemos o oposto. Nos incentivávamos mutuamente. Torcíamos um pelo outro, mesmo quando competíamos em raias lado a lado.

Não havia motivo para se frustrar com alguém por ser mais rápido. A natação era individual. Você nadava por si mesmo, e esse deveria ser o único foco. Mesmo assim, eu Não conseguia parar de pensar em como me senti sem foco na água. Culpar a escola parecia preguiçoso, principalmente porque Jasper também estava no último ano e tinha a mesma pressão acadêmica que eu. Ele não parecia tão sobrecarregado. Isso provavelmente facilitou para ele clarear a mente quando entrou na piscina.

Jasper estendeu a mão, olhando para mim da beirada. Eu ainda estava agarrado ao bloco, sem estar pronto para descer depois das nossas últimas voltas.

"Você está bem, cara?", ele perguntou.

"Sim", eu disse, pegando em sua mão e deixando que ele me puxasse para fora. "Só estou com algumas coisas na cabeça."

"Estou aqui se você quiser conversar", disse ele, passando a mão pelos cabelos úmidos.

Agradeci. Sabia que um dia aceitaria a oferta, mas não agora. "Obrigado, Jasper."

"A qualquer momento."

“Meninos.”

Ruben se levantou da arquibancada depois de terminar suas anotações e caminhou até nós, coçando a lateral da cabeça raspada. "Estou satisfeito com o desempenho de hoje. Se há uma coisa em que eu gostaria que vocês dois trabalhassem, é não negligenciar os chutes. Seus braços são fortes, seus golpes parecem bons, mas parece que às vezes vocês se esquecem dos pés. Vocês também notaram isso, ou estou apenas sendo muito exigente?"

Jasper deu de ombros. "Não reparei, mas vou ter isso em mente."

"Igualmente", eu disse.

“Ótimo.” Ele olhou para sua prancheta e continuou: “Há uma competição de natação aqui daqui a duas semanas com Equipes de toda a província. Ainda não inscrevi vocês, mas posso fazer isso se quiserem participar.” Ele olhou para nós novamente. “É amigável. Nada de pressão.”

"Parece ótimo", eu disse, assentindo com a cabeça. "Estou dentro."

“Sim, eu também”, acrescentou Jasper.

“Ótimo.” Ruben sorriu e nos deu um rápido abraço. “Aproveitem o fim de semana. Relaxem. A porta tranca automaticamente quando vocês saírem”, disse ele, e saiu.

Olhei para onde Milow estava sentada e a vi completamente concentrada no livro em suas mãos. Ela havia começado a lê-lo há pouco tempo, mas eu já conseguia perceber quantas páginas ela já tinha lido. Ela era uma leitora rápida. Eu sempre soube disso. Mesmo assim, nunca deixava de me surpreender a rapidez com que ela devorava uma história. Senti uma pequena onda de entusiasmo ao pensar em perguntar a ela sobre o livro mais tarde, em ouvi-la explicar do que se tratava quando terminasse.

"Como ela está indo na escola?", perguntou Jasper. Ele também estava olhando para ela.

Uma parte de mim queria dizer que ela estava mais do que bem, que estava ótima, mas nós duas sabíamos como as pessoas podiam ser com ela. "Ela está bem", eu disse, passando a toalha no cabelo. "Muito concentrada."

“Eu a vi no primeiro dia de aula”, disse ele, com um sorriso nos lábios. “Ela entrou na sala do Sr. Kallio logo depois do sinal do almoço e entregou a ele um bilhete pedindo folhas de exercícios extras. Eu gosto de matemática, mas o tipo de coisa que ela faz é realmente difícil.”

Eu ri baixinho. "Ela é um gênio dos números." E de muitas outras coisas também. .

Como se sentisse que estávamos falando dela, ela baixou o olhar. Eu sorri para ela, e meu coração disparou mais forte do que durante o treino.

“Ela é uma gênia com um coração bondoso”, disse Jasper, ainda olhando para ela. “Pessoas como ela geralmente acabam fazendo grandes coisas.”

“Sim…” Meu sorriso se suavizou ao imaginar Milow no futuro, fazendo algo significativo e grandioso. “Ela também fará.”

Levantei as mãos antes que Milow desviasse o olhar.

[Vou tomar um banho e já subo], assinei.

Ela assentiu com a cabeça e fez um rápido sinal de "ok" antes de voltar sua atenção para o livro. Olhei para Jasper enquanto caminhava em direção aos chuveiros. "Você quer subir lá e comer com a gente depois?"

“Sim, claro”, disse ele com naturalidade.

Depois de tomar banho e nos vestirmos, Jasper e eu subimos juntos. Deixamos nossas mochilas perto da porta e fomos até a mesa onde Milow estava sentada.

"Ei, Milow. O que você está lendo?", perguntou Jasper enquanto se sentava na cadeira em frente a ela.

Ela pegou o livro, mostrou-lhe a capa e depois colocou-o de lado sobre a mesa.

“Um suspense psicológico. É bom?”, perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça e fez um sinal de positivo com o polegar antes de se virar para mim com um sorriso. [Vocês dois estavam ótimos lá embaixo.]

“Obrigada”, eu disse, mantendo a voz leve, embora me sentisse tudo menos calma por dentro. “Foi bom.” Hesitei por um instante. apenas um segundo antes de perguntar: "Que sanduíche você quer?"

Ela apertou os lábios enquanto olhava para as máquinas de venda automática enfileiradas contra a parede e, em seguida, fez o sinal de: [Queijo, por favor.]

Assenti com a cabeça e me virei para Jasper. "Você?"

“Vou ver o que eles têm”, disse ele, levantando-se novamente.

Fomos juntos até lá, escolhemos nossos sanduíches, pagamos e pegamos as bebidas antes de voltarmos para a mesa. Coloquei o sanduíche da Milow na frente dela.

[Obrigado.]

“Claro.” Deslizei uma garrafa de chá gelado em direção a ela também. “Peguei isso para você também.”

Ela sorriu novamente e começamos a comer. Jasper falava sobre a próxima competição de natação, comentando as possíveis equipes que poderiam participar, e eu dava minha opinião quando achava conveniente. Quando o celular dele vibrou e ele o pegou para ler uma mensagem, minha atenção voltou para Milow.

Ela sorriu para mim, com o sanduíche quase terminado. Sem pensar, movi minha perna até que meu joelho roçasse no dela. Eu só precisava do contato. Ela não se afastou. Em vez disso, pressionou a perna suavemente contra a minha, mantendo-a ali. Foi um pequeno gesto, um momento que ninguém Caso contrário, ninguém notaria. Isso me mostrou que o que aconteceu entre nós na noite passada não tinha sido um erro e que poderia acontecer de novo. Eu esperava que acontecesse.

"Vocês querem ir à lanchonete hoje à noite?", perguntou Jasper, interrompendo o momento ao levantar os olhos do celular.

Virei-me para ele. "Quem vai estar lá?"

“Lacey e algumas amigas dela. Bennett também”, disse ele. “Você pode trazer Stan e Scottie se quiser.”

“Sim, eu topo.”

Ele olhou para Milow com um sorriso amigável. "Você vem também?"

Ela assentiu com a cabeça.

“Incrível. Vai ser divertido.”

—

“Milow!” Stan veio direto em nossa direção assim que entramos na lanchonete, com os braços já abertos. “Minha garotinha mais doce. Senti tanta falta do seu rosto.”

Milow tentou disfarçar o sorriso, mas não conseguiu quando Stan a puxou para seus braços e a abraçou forte contra o peito. Se fosse qualquer outro cara, eu teria intervido sem hesitar. Mas Stan era apenas Stan. Ele sempre a tratou como uma irmã, e eu sabia que não havia nada por trás disso.

Mas quando o abraço se prolongou mais do que o necessário, estendi a mão e dei um tapinha no ombro dele. "Deixa ela respirar, amigo."

“Só mais três segundos”, murmurou ele, apertando-a mais uma vez antes de finalmente soltá-la. “Tive um dia péssimo. Isso só melhorou tudo.”

Milow tinha esse efeito nas pessoas, embora Stan também tendesse a exagerar. Dei uma risadinha. "O que aconteceu?"

"Tive que ajudar minha mãe a limpar a garagem", disse ele, balançando a cabeça. "Eu sabia que ela gostava de gnomos de jardim, mas havia literalmente mais de mil daqueles bichinhos lá embaixo." ”

"Literalmente?", perguntei, com um sorriso irônico.

"Literalmente."

"Certo." Apertei seu ombro novamente. "Mas você sobreviveu."

"Por muito pouco."

Milow sorriu para ele e levantou as mãos. [Gosto do seu cabelo assim, Stan.]

Eu não tinha prestado atenção suficiente para notar isso antes. "Você cortou?"

Stan sorriu e ergueu as sobrancelhas. "Com certeza. Bem, a mãe da Ava fez."

Encarei-o por um instante, sem ter certeza se ele havia compreendido completamente de quem era a mãe que ele havia deixado cortar seu cabelo. Eu sabia que Scottie não tinha gostado de ficar no banco de trás do carro de Stan enquanto Ava ia na frente. "Onde? Ela tem um salão?"

“Sim”, disse ele, orgulhoso. “No porão dela.”

Milow olhou para mim, com os lábios cerrados. Ela estava pensando a mesma coisa que eu.

“Isso é… legal, cara”, eu disse com cautela.

“Sim.” Ele se virou para Milow, sorrindo novamente. “Você gostou?”

Ela assentiu com a cabeça. [Você parece um jovem James Dean.]

“Puxa vida”, disse ele, visivelmente satisfeito. “Pelo menos você acha que ficou bom. O Scottie acabou de me olhar feio.” Ele apontou com a cabeça para o fundo da lanchonete. “Vamos lá. Todo mundo está esperando.”

Ele caminhou à nossa frente em direção às mesas. Duas já estavam ocupadas por pessoas que conhecíamos da escola. Jasper sentou-se ao lado de Lacey e levantou a mão quando nos viu. Duas garotas, cujos nomes eu não me dei ao trabalho de lembrar, sentaram-se em frente a nós. Eles. Na mesa atrás da deles, Scottie estava sentada perto da janela, com uma expressão entediada. Bennett estava sentado ao lado dela, conversando, embora ela parecesse não estar prestando atenção. Era como se ele estivesse falando com uma parede. Quando chegamos à mesa, deixei Milow sentar primeiro antes de me sentar ao lado dela. Stan puxou uma cadeira e se jogou nela na ponta da mesa, sua atenção imediatamente atraída por Scottie.

"Ei", eu disse, expirando enquanto deixava meu corpo relaxar.

"E aí, cara", respondeu Bennett. Ele se virou quando Scottie começou a fazer sinais com Milow, e eu interpretei isso como um sinal para dar espaço a elas. Olhei para Stan e percebi que ele estava observando as garotas atentamente.

"Stan", eu disse baixinho, lançando-lhe um olhar revelador.

Ele suspirou e desviou o olhar, recostando-se na cadeira. Eu ainda não conseguia entender os dois. Quando éramos mais jovens, eu realmente acreditava que as brigas constantes acabariam no momento em que admitissem que gostavam um do outro. Pensei que dar um nome ao relacionamento resolveria tudo. Aparentemente, isso era muito mais difícil para eles do que qualquer um poderia imaginar. Tudo o que eu queria era que se dessem bem. Que parassem de brigar por qualquer coisinha e, quem sabe, sentassem para uma conversa sincera, sem que ela se transformasse em mais uma discussão. Mesmo que já tivessem feito isso há poucos dias e concordado em tentar ser amigos, claramente não estava funcionando como esperavam.

Não ajudava o fato de Stan parecer quase sempre alheio a ele, às vezes, se aproximar demais de pessoas com quem Scottie não gostava de vê-lo. Claro, ele tinha permissão para sair com quem quisesse, e eu sabia que ele nunca ultrapassava os limites. Mesmo assim, havia momentos em que Ele deveria ter prestado mais atenção ao que a Scottie precisava, em vez de ignorá-la sempre que as coisas ficavam difíceis demais para ele. Eu sabia que ele

gostava dela tanto quanto ela gostava dele, mas se continuassem assim, a tensão entre eles só pioraria.

24

Milow

Depois de terminarmos nossos hambúrgueres e batatas fritas, Scottie e eu fomos ao banheiro e, quando voltamos, ela parou no balcão para pedir a sobremesa para nós duas. Ela escolheu torta de maçã sem hesitar e, como parecia irresistível, eu optei pelo bolo de chocolate.

[É demais para mim sozinha], suspirei assim que a garçonete colocou os dois pratos à nossa frente.

"Tudo bem", disse Scottie com naturalidade. "Você pode dividir com o Ash. Ele também gosta de chocolate, não é?"

Assenti com a cabeça. Sempre dividi comida com ele sem pensar duas vezes. Mesmo assim, a ideia agora me deixava estranhamente desconfortável. Ninguém sabia da nossa proximidade recente, e ninguém suspeitaria de nada, mas só de pensar em sentar ali com o bolo entre nós, eu me sentia exposta. .

Nós duas pegamos nossos pratos e nos viramos, quase esbarrando em Hailie e Aspen. Franzi a testa sem querer. Era uma reação automática sempre que elas estavam por perto, e eu nunca sabia como disfarçá-la a tempo.

“Olha só”, disse Hailie, em voz mais alta do que o necessário, “a vadia e a muda”.

Aspen riu como se Hailie tivesse acabado de dizer algo realmente inteligente, sua diversão surgindo com muita facilidade.

Deixei as palavras passarem despercebidas porque já estava acostumada à crueldade deles, mas minha atenção imediatamente se voltou para Scottie. Ela odiava os dois. Na verdade, ela não gostava de muita gente, e todos sabiam que, uma vez que você a contrariasse, ela não deixaria barato. Ela fazia questão de que você se lembrasse disso toda vez que a encontrasse.

Hailie e Aspen claramente se achavam intocáveis. Diziam o que queriam sem parar para pensar em como suas palavras eram feias ou a quem poderiam magoar. Eu ficava olhando para Scottie, na esperança de conseguir acalmá-la, mas já sabia que era tarde demais.

Um sorriso lento e perigoso se espalhou por seus lábios, e ela inclinou levemente a cabeça enquanto olhava diretamente para Hailie. "O que você disse?"

Hailie pareceu surpresa por um instante, antes de sua expressão mudar para um sorriso presunçoso e satisfeito. Ela achou que Scottie tinha mordido a isca e estava pronta para começar uma briga.

Isso não vai acabar bem.

“Eu disse que é a vadia e a muda”, repetiu Hailie, cruzando os braços sobre o peito e encarando Scottie sem o menor sinal de vergonha. .

“Ah, tá”, disse Scottie, rindo. “Por um segundo, achei que não tinha ouvido direito.”

“Não, não. Você fez sim. E, para ser sincero, você está me atrapalhando completamente.”

"Ah, é mesmo?" Scottie estalou a língua e acenou com a mão livre. "Nossa, me desculpe. Não queria te incomodar."

Eu a encarei, sem saber se ela estava falando sério ou apenas fingindo. Era difícil dizer, e mesmo conhecendo minha melhor amiga como a palma da minha mão, agora era difícil decifrá-la. Mas antes que eu pudesse questionar se ela tinha simplesmente perdido a cabeça de vez, sua expressão mudou. Seus olhos se estreitaram e seu maxilar se contraiu.

Aconteceu tudo muito rápido. A torta de maçã voou pelo ar e caiu em cheio no rosto da Hailie. Tapei a boca com a mão, em choque, mas algo novo despertou em mim — uma espécie de satisfação perigosa. Senti uma onda de algo que nunca me permiti sentir antes. Era uma pequena e culpada emoção de vê-la provar do que havia feito por tanto tempo. Depois de tantos anos de bullying, talvez fosse aceitável sentir isso. *Schadenfreude* . Eu tinha lido isso em um livro uma vez e achei que era a palavra certa para descrever o que eu estava sentindo.

Gritos de espanto e exclamações de "putz!" ecoaram pela lanchonete quando Stan e Ashby correram em nossa direção. Rapidamente coloquei meu prato no balcão e agarrei a mão de Scottie, tentando afastá-la das duas garotas que pareciam determinadas a tornar a vida dos outros um inferno. Mas ela se manteve firme, recusando-se a recuar. .

"Você quer repetir isso para mim?", disse ela, com voz áspera. "Suas palavras podem soar mais doces agora que você está toda suja de torta de maçã."

“Milow, venha cá”, disse Ashby baixinho ao meu lado, deslizando a mão na minha.

Meu corpo relaxou imediatamente, permitindo que ele me guiasse para o lado enquanto Stan se colocava na frente de Scottie, entre ela e Hailie. Ele gentilmente pegou o prato de suas mãos e o colocou no balcão. "Vamos embora", disse ele a ela. Ele não estava nem um pouco bravo com ela, o que demonstrava que, mesmo quando ela fazia algo extremo, ele a protegeria. Tive que admitir, jogar torta em um valentão parecia completamente justificado. Tinham sido anos de tortura sem nenhuma consequência para eles.

“Não, eu quero que ela peça desculpas primeiro”, disse Scottie, tentando contornar Stan.

“Eles não vão falar sério de qualquer forma, Scottie. Vamos lá”, disse ele, segurando-a firme, com as mãos deslizando ao redor de sua cintura.

"Sua vadia!" gritou Hailie, finalmente entendendo o que tinha acontecido. "Você vai pagar por isso! Vou contar para o meu pai. Ele não vai deixar você sair impune se descobrir!"

Scottie riu, jogando a cabeça para trás em deleite antes de desafiá-la a cumprir a promessa. "Conte para ele", incentivou, ainda tentando se livrar do aperto de Stan.

"Querida", disse Stan, mantendo a voz calma enquanto deslizava as mãos em volta da cintura dela novamente, "eles não valem a pena".

"Sai da frente, seu idiota!" gritou Hailie. "Vou chutar a bunda dessa vadia doente mental." ”

Aquelas palavras fizeram Stan ficar rígido, e todos na lanchonete entenderam que tinha sido um erro chamar Scottie daquele jeito. Agora ela tinha libertado completamente a fera que havia dentro dele.

Apertei a mão de Ashby com força, me preparando para o que viria a seguir. Ele permaneceu calmo ao meu lado, mas eu podia sentir a tensão. Todos sabíamos que Stan não machucaria ninguém de verdade, mas o jeito como ele se virou para Hailie, seus olhos fixando nos dela com um olhar mortal, me deu um nó no estômago.

“Escuta aqui, seu duende desprezível e exibicionista—”

"Droga", murmurou Ashby, dando uma risadinha ao meu lado.

“Se você alguma vez, e eu digo *alguma vez* mesmo, se meter com as minhas filhas de novo, eu mesma vou te arrastar até a sua casa e contar para o seu pai exatamente o que você fez com todas nós ao longo dos anos. Ninguém gosta de você, você é uma pirralha mimada e fala demais para nunca dizer nada de inteligente. Agora, peça desculpas para a Scottie e a Milow.”

Ele não lhes deu um ultimato. Não precisava. Ele falava sério, e o mais assustador era que sua voz permanecia calma.

"Você também", acrescentou, lançando um olhar fulminante para Aspen. "Eu sei o que você fez na piscina, então não pense que vai escapar impune agora."

Ashby ficou tenso ao meu lado, e eu olhei para ele, percebendo a expressão de dor em seu rosto. O que ela tinha feito na piscina? Será que eu queria mesmo saber?

“Peça desculpas. Agora.”

Hailie enxugou o rosto, balançando a cabeça enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. "Não acredito que ela fez isso."

“Eu disse, agora!”

Aspen murmurou um "Desculpe" quase inaudível, sem olhar para nós. .

Hailie ainda resistia, mas quando finalmente olhou para Stan e viu a seriedade em seus olhos, murmurou um pedido de desculpas. Soou forçado, completamente sem sinceridade, mas pelo menos ela disse as palavras.

“Ótimo. Agora fiquem bem longe das minhas garotas. Vocês duas.” Stan soltou Scottie e a levou para longe, depois chamou Marjorie, a garçonete. “Desculpe por tudo isso, Mar. Aquelas duas vão limpar tudo.”

Ashby me conduziu para fora, mantendo a mão na minha. Quando chegamos ao carro dele, vi Stan acariciar o rosto de Scottie com as duas mãos. A adrenalina estava estampada em seu rosto, e seus olhos brilhavam com lágrimas que ela se recusava a derramar.

"Estou bem", murmurou ela, fungando.

Stan assentiu com a cabeça, observando-a atentamente antes de puxá-la para um abraço apertado.

Olhei para Ashby, que ainda segurava minha mão. Seus olhos estavam cheios de preocupação, e eu não pude deixar de sorrir para tranquilizá-lo. Soltei sua mão e fiz o sinal de: [Eu também estou bem].

“Que bom. Sinto muito que eles sempre te incomodem assim.”

[Está tudo bem. Já me acostumei.]

Seu maxilar se contraiu. Ele odiava aquela afirmação, mas eu não podia mentir. Era a verdade. Eu estava acostumado com o bullying e aprendi a conviver com a crueldade deles.

“Mas você não deveria estar.”

Dei de ombros discretamente. Era tudo o que eu sabia, e nada iria mudar, de qualquer forma.

Ele suspirou, insatisfeito com tudo o que acontecera. "Acho melhor irmos para casa", sugeriu, lançando um olhar para trás. Scottie e Stan estavam abraçados, e não menos importante, eles continuavam assim.

"Eu não quero ir para casa", murmurou Scottie, com a voz baixa, mas firme.

Stan olhou para ela por um instante, depois voltou a olhar para Ashby. "Você se importaria se passássemos um tempo na sua casa? Poderíamos assistir a um filme. Para distraí-los."

Gostei da ideia.

“Sim, claro”, disse Ashby, acenando com a cabeça. “Vamos lá.”

Entramos todos no carro do Ashby. Scottie e Stan se acomodaram no banco de trás, enquanto eu sentei no banco da frente, ainda com o coração acelerado por causa do caos na lanchonete. Fiquei feliz que os meninos estivessem lá e que a situação não tivesse piorado.

Mesmo assim, um nó de preocupação se formou no meu estômago. Pensamentos sobre voltar para a escola na segunda-feira começaram a me invadir, com medo de que Hailie e Aspen viessem atrás de nós para se vingar, e senti aquele impulso familiar ressurgir. Meus dedos deslizaram até o polegar e comecei a cutucar a pele ao redor do curativo que ainda o envolvia. O hábito ansioso tomou conta de mim antes que eu pudesse me controlar.

Em casa, encontramos Wes e Evie no sofá da sala. Wesley estava sentado ereto e Evie estava deitada ao lado dele com a cabeça em um travesseiro no colo dele. Wesley olhou para cima quando entramos e percebeu a tensão imediatamente.

“Ei, o que houve?”

“Duas meninas estavam intimidando Scottie e Milow”, disse Stan. A raiva ainda estava estampada em seu rosto.

Wesley suspirou. "Os mesmos dois?" Ele olhou de Scottie me perguntou: "Vocês duas estão bem?"

Eu sorri para ele e assenti com a cabeça. Scottie respondeu por nós dois: "Sim. Obrigado. Stan resolveu tudo."

Wes assentiu com um aceno curto e disse: "Vocês querem ficar aqui embaixo? Estávamos quase indo dormir." Sua mão deslizou suavemente pelos cabelos de Evie. Ela parecia estar dormindo.

“É, acho que vamos ficar por aqui”, disse Ashby. “Onde estão a mamãe e o papai?”

“Mamãe está dormindo. Papai está no quartel dos bombeiros.” Wesley se levantou cuidadosamente, erguendo Evie no colo, como uma noiva, sem nenhum esforço.

Agora que eu conseguia ver o rosto dela claramente, ficou óbvio que ela ainda não estava se sentindo bem. A TV estava no mudo, o que significava que Wesley estava se certificando de não piorar a dor dela.

Olhei para ela, preocupada, e fiz um sinal: [Como ela está se sentindo?]

“Melhor do que esta manhã”, disse ele em voz baixa. “Ela acabou de tomar os remédios para enxaqueca. Estão fazendo efeito.” Sua voz permaneceu baixa. “Tente não falar muito alto, está bem?”

“Não vamos”, assegurou Ashby. “Boa noite.”

“Boa noite.” Wesley carregou Evie escada acima, e eu fiquei observando até que eles sumiram de vista.

"Pobre Evie", disse Scottie com um suspiro. "Enxaquecas são horríveis."

Assenti com a cabeça. Eu tinha visto Evie sofrer de enxaquecas por anos, e não desejaria esse tipo de dor para ninguém. Nem mesmo para os meus agressores.

Scottie e Stan já estavam se acomodando em um dos sofás. Ashby ficou parado por um momento, coçando a nuca, pensando em algo. "Acho que vou trocar de roupa e vestir algo mais confortável primeiro." ”

Eu queria a mesma coisa, então assinei: [Eu também.]

Sem esperar por uma resposta, subimos em direção aos nossos quartos. Quando chegamos ao último degrau, Ashby segurou minha mão e me puxou para perto dele. Seus olhos percorreram meu rosto, e meu coração começou a bater forte contra minhas costelas.

"Tem certeza de que está bem?", perguntou ele. Sua voz era baixa e carregada de preocupação.

Ele estava muito perto para que eu assinasse confortavelmente, mas eu não queria mesmo. Eu queria ficar ali com ele e olhar nos seus olhos pelo máximo de tempo possível.

"Vou cuidar de você na segunda-feira", acrescentou. "Sei que você está preocupada com isso."

Ele me conhecia muito bem. Não adiantava fingir o contrário, então apenas assenti.

Ele manteve os olhos fixos no meu rosto por mais um instante. Observei-o engolir em seco antes de se inclinar e depositar um beijo na minha bochecha. Fechei os olhos, agarrando-me àquela sensação, e sem pensar, inclinei-me para ele. Minhas mãos subiram até sua barriga, repousando ali para me firmar.

Ele recuou um pouco para poder me olhar novamente. Nossos olhares se encontraram, e isso foi um erro. Senti o rosto queimar e uma forte vontade de me aproximar e beijá-lo me atingiu em cheio. Eu não sabia se deveria, ou se conseguiria fazer isso bem. Ele só havia beijado minha bochecha ou meu pescoço até então. Talvez ele soubesse que qualquer coisa além disso seria demais.

Ou talvez ele não quisesse me beijar de jeito nenhum. Talvez eu estivesse interpretando errado. Talvez ele não sentisse o que eu sentia. O pensamento me arrancou do momento, e meu corpo enrijeceu enquanto eu dava um passo para trás. [Vou me trocar agora.]]

"Sim." Ele pigarreou e passou a mão pelos cabelos. "Eu também."

Nenhum de nós esperou. Desaparecemos em nossos quartos e eu me troquei devagar para vestir meu pijama. Eu não queria encontrá-lo no corredor de novo. Não queria arriscar tornar a situação constrangedora.

25

Ashby

Scottie e Stan pareciam ter chegado a um acordo tácito para não brigarem esta noite. Devia ser o jeito como Hailie falava de Scottie que incomodou Stan. Foi o suficiente para ele ficar ao lado dela e protegê-la, em vez de deixá-la lidar com a situação sozinha. O que aconteceu na lanchonete deixou claro o quanto ele se importava com ela. Não havia como negar que, mesmo quando as coisas estavam complicadas entre eles, ele continuava ao lado dela.

Eu sabia que Scottie não levava isso na brincadeira. Ela sempre tentava consertar as coisas entre eles. Mesmo quando se afastava ou se sentia desgastada, nunca o afastava demais.

Liguei o primeiro filme que encontrei e coloquei o controle remoto no apoio de braço. Scottie e Stan estavam enroscados juntos no outro sofá. Sentei-me a uns trinta centímetros de Milow, que estava coberta com um cobertor. Eu queria puxá-la. Eu a abracei mais forte, do jeito que Stan estava abraçando Scottie, porque sabia que isso a acalmaria e talvez me acalmasse também, mas eu já tinha criado uma tensão lá em cima quando beijei sua bochecha, e não sabia como ela tinha reagido. No começo, ela se inclinou para mim e sustentou meu olhar como se quisesse mais, e então se afastou tão rápido que parecia que precisava de distância imediatamente. Talvez eu precisasse ir mais devagar. Talvez eu precisasse me afastar e dar espaço a ela, em vez de insistir na proximidade da qual eu claramente dependia mais do que ela. Disse a mim mesmo que espaço não significava rejeição, mesmo que parecesse. De qualquer forma, olhei para ela de relance para ter certeza de que estava bem e para ver se ainda parecia confortável sentada ali ao meu lado.

Meu celular vibrou na mesa de centro e eu me inclinei para pegá-lo. "É o Jasper", eu disse, já atendendo e levando o telefone ao ouvido. "Oi."

“Ei, amigo. Vocês estão bem?”, perguntou ele.

“Sim, estamos bem. E aí?”

“Só queria avisar que a Marjorie expulsou as duas meninas. Elas estão proibidas de entrar na lanchonete.”

Apertei os lábios, sentindo uma onda de satisfação. "Sério? Que ótima notícia."

“Sim. Imaginei que você gostaria de saber. Como está o Scottie?”

Olhei para ela, encolhida ao lado de Stan. "Ela está bem."

“E Milow?”

“Sim. A Milow também está bem”, eu disse, meus olhos voltando para ela. “Obrigada por perguntar.”

Claro. Tenha uma boa noite.

“Você também. Tchau, Jasper.”

Encerrei a chamada e deixei o telefone descansar no meu colo. “Hailie e Aspen estão proibidas de entrar.” do restaurante.”

"Ótimo", disse Stan, soltando uma risada curta. "Já era hora de enfrentarem algumas consequências."

—

Sábado, 27 de setembro

Duas semanas depois, eu estava sentada num banco no vestiário, me sentindo mais nervosa do que nunca. Nervosa não descrevia nem um pouco. Meu peito estava apertado, meu estômago embrulhado e meu corpo inteiro tremia como se fosse entrar em colapso. A música alta nos meus fones de ouvido com cancelamento de ruído não ajudava em nada, e eu sabia que ter tomado aquele Red Bull minutos antes tinha sido um erro. Minhas mãos não paravam de tremer. Eu não me sentia pronta para nadar, mesmo sendo apenas uma competição amistosa, e nada disso deveria importar. Ainda assim, meu coração disparava como se eu estivesse prestes a entrar em algo irreversível, e eu tinha uma sensação avassaladora de que, se eu respirasse errado uma vez, desabaria em lágrimas ali mesmo, na frente de todos.

Tentei entender o que estava acontecendo comigo, por que esse medo parecia tão repentino e tão extremo, e por que meu cérebro insistia em me dizer que eu não era boa o suficiente para nada. Não era novidade, na verdade. Eu havia sentido a mesma coisa três dias antes, na escola, pouco antes daquela maldita prova de física que eu sabia que ia reprovar. Eu não tinha prestado atenção suficiente na aula. Não tinha estudado como deveria. Eu sabia disso. Também sabia que poderia ter evitado se eu tivesse me concentrado e me esforçado. Mas, em vez de resolver o problema, meus pensamentos entraram em espiral, indo direto para o pior cenário possível. cenários—estragar todo o ano letivo, decepcionar a todos, provar que eu também não pertencia à equipe de natação.

Quanto mais eu pensava nisso, pior ficava, até que senti como se tudo que me importava estivesse escapando por entre meus dedos de uma vez. A escola. A natação. Meu futuro. Tudo se misturou numa pressão enorme dentro de mim, como se eu já estivesse fracassando antes mesmo de ter a chance de tentar.

Uma mão pousou no meu ombro e, quando olhei para cima, Wesley estava lá. Todos tinham vindo me ver nadar hoje e, mesmo com todo aquele apoio, eu não queria entrar na água. Um olhar para o rosto dele foi o suficiente. Suspirei e foi aí que não consegui mais me conter. Tirei os fones de ouvido e cobri o rosto com as mãos enquanto meus olhos ardiam. Não consegui parar as lágrimas.

“Ah, amigo…” Wesley sentou-se ao meu lado e me abraçou, acariciando minhas costas suavemente. “Jasper me disse para voltar aqui. Disse que você parecia distraído.”

Isso explicava por que ele estava aqui comigo em vez de estar nas arquibancadas com o resto da nossa família.

Eu não disse nada. Apenas deixei que ele me abraçasse enquanto eu tentava, sem sucesso, me controlar. Nunca me senti tão exposta antes. Nada jamais me levara a esse ponto. Ou talvez tivesse levado, e eu simplesmente ignorado. Talvez eu sempre tivesse sido boa em enterrar os pensamentos ruins e fingir que eles não existiam. Mas seja lá o que eu costumasse fazer, não estava mais funcionando.

"O que está te incomodando, Ash?", perguntou ele, com a voz calma. "Conte-me."

Eu queria conversar. Queria contar tudo o que estava se acumulando na minha cabeça, mas não sabia se falar em voz alta realmente resolveria alguma coisa. Deixei que ele me abraçasse um pouco. Por mais tempo, tentando controlar minha respiração, virei a cabeça para olhá-lo.

"Tudo parece muito pesado", sussurrei, enxugando os olhos com o dorso da mão. "Não sei como fazer tudo isso ao mesmo tempo."

Wes manteve uma das mãos nas minhas costas. "Gostaria de poder dizer que fica mais fácil", disse ele sinceramente. "Mas não vou mentir para você."

Isso não me assustou. Pelo contrário, me deu ainda mais vontade de ouvi-lo. Ele já tinha vivido isso. Eu o vi conciliar os estudos e o hóquei no gelo por anos, vi o cansaço, a frustração, as noites em que chegava em casa em silêncio e com raiva de si mesmo. Vi-o desabar mais de uma vez, e mesmo assim, no fim, tudo deu certo para ele. Mas nada disso foi fácil.

“Mas”, continuou ele, apertando o braço ao meu redor, “você fica mais forte. Você aprende a carregar esse peso sem que ele te esmague.”

Balancei a cabeça negativamente. "Sinto que estou fracassando em tudo. Não consigo me concentrar, aí entro em pânico e pioro ainda mais as coisas. É como se eu já estivesse atrasada antes mesmo de começar."

“Você não está fracassando”, disse Wes imediatamente. Sua voz era firme agora, mas não áspera. Ele falava com certeza. “Você está sobrecarregado. Há uma diferença.”

“Não parece ser um.”

“Eu sei”, disse ele. “Para mim também não funcionou. Eu pensava que, se eu tivesse dificuldades, significava que eu não era bom o suficiente. Que, se eu tivesse que me esforçar tanto, talvez eu não merecesse.” Ele fez uma pausa, certificando-se de que eu estava prestando atenção em cada palavra. “Isso era besteira naquela época, e continua sendo besteira agora.”

Soltei um suspiro trêmulo. "E se eu sair lá e estragar tudo?" ”

“Aí você estraga tudo”, disse ele. “E o mundo continua girando. Uma única prova de natação não apaga quem você é ou o quanto você se esforçou.”

Engoli em seco, baixando a cabeça. "Parece que sim."

“É a pressão falando”, ele respondeu. “Ash, você ama a água. Você começou tão jovem e, mesmo naquela época, já era apaixonada por ela. Isso não vai simplesmente desaparecer.”

Eu sabia que ele tinha razão. "Eu ainda adoro isso."

“Ótimo. Então, dedique-se de corpo e alma como sempre fez. Você não precisa ser perfeito hoje”, continuou ele. “Você só precisa nadar a sua prova.”

Meu coração ainda doía, mas suas palavras aos poucos foram aliviando a dor.

“E sobre a escola”, acrescentou, dando de ombros. “Vamos resolver isso juntos. Podemos encontrar professores particulares. Podemos mudar seu cronograma de treinos para que você tenha mais tempo para estudar. O que você precisar. Você não precisa passar por isso sozinho, mesmo que sua mente continue dizendo que deveria.”

Encostei minha testa em seu ombro, respirando fundo o que finalmente me ajudou a me acalmar.

"Você tem o direito de ter dificuldades", disse Wes baixinho, acariciando a minha nuca com a mão. "Isso não te torna fraco."

Assenti com a cabeça novamente, esboçando um sorriso enquanto o abraçava. Ficamos assim por um instante, até que o ruído na minha cabeça foi desaparecendo aos poucos. Não sumiu completamente, mas diminuiu o suficiente para que eu conseguisse pensar novamente.

Wes se moveu e me segurou à distância, olhando para mim com uma expressão séria. "Não importa o que aconteça lá fora." Lá, estamos todos nas arquibancadas torcendo por você. Cada um de nós."

Eu funguei. "Obrigado, Wes."

"Nós também vamos fazer muito barulho", acrescentou ele, arqueando uma sobrancelha. "Um barulho constrangedor. Mamãe já me avisou que vai gritar seu nome."

Fiz uma careta e decidi não discutir, porque não conseguiria impedir minha mãe de fazer algo que ela já tinha decidido fazer. "Ótimo."

Ele sorriu, levantou-se e me ofereceu a mão. Eu a peguei e deixei que ele me ajudasse a levantar.

"E, Ash."

"Sim?"

"Você não precisa ser destemido. Sentir medo ou nervosismo faz parte da vida. Só não deixe que o medo tome as decisões por você."

Apreciei suas palavras e, por mais que significassem para mim, comecei a me divertir. "Certo, cara. Pare de falar antes que você se transforme em um velho sábio."

Ele sorriu e deu um tapinha leve na minha bochecha. "É, tarde demais. É o preço de ser o irmão mais velho. E de ter esse cabelo." Ele apontou para a sua cabeleira loira brilhante, quase branca. Então, sua expressão voltou a ficar séria. "Você consegue. Não importa o que aconteça, eu tenho orgulho de você."

"Obrigado."

"A qualquer hora", disse ele. "Agora vá fazer o que você tem que fazer. Estaremos aí."

Ele me deu um último tapinha firme no ombro antes de voltar em direção à porta. Eu o observei partir, depois coloquei meus fones de ouvido de volta e usei o tempo que me restava para me aquecer. .

Depois de alguns minutos, sacudi os braços e as pernas e peguei meu celular no banco. Havia uma mensagem da Milow que ela tinha enviado há apenas um minuto. Abri e li, e um sorriso se abriu imediatamente no meu rosto.

Milow

Boa sorte, Ash! Estou muito orgulhosa de você! ☐

Encarei a mensagem por mais tempo do que provavelmente deveria. E embora o discurso motivacional de Wesley já tivesse me feito sentir melhor, a mensagem dela, de alguma forma, me deu o empurrão final que eu precisava para sair e dar o meu melhor.

Digitei uma resposta rápida.

Meu

Obrigada, Milow. ☐

Bloqueei meu celular e o guardei no meu armário junto com o resto das minhas coisas. Depois de respirar fundo mais uma vez, coloquei meu boné e meus óculos de proteção, peguei minha toalha e saí para o deck para me juntar a Jasper e ao resto da minha equipe.

"Você está se sentindo bem?", perguntou Jasper.

“Sim. Obrigado, cara.”

Ele me deu um sorriso encorajador antes de voltar sua atenção, e eu virei a cabeça em direção às arquibancadas. Estavam lotadas hoje, e levei um instante para encontrar minha família. Finalmente os encontrei sentados perto do meio, todos já me olhando com sorrisos orgulhosos no rosto. .

Levantei a mão e acenei, e todos acenaram de volta. Eu esperava que minha mãe gritasse meu nome, como Wes havia me avisado, mas em vez disso, ela ergueu uma placa colorida que dizia " **VAI ASH, VAI"** em letras grandes e arredondadas. Reconheci imediatamente. Era a mesma placa que eles tinham feito para mim na minha primeira competição de natação, quando eu tinha sete anos. O fato de minha mãe tê-la guardado por todos esses anos me invadiu com uma onda de emoções, mas me forcei a me controlar.

Decidi então que, independentemente da minha colocação hoje, o que mais importava era tê-los lá torcendo por mim.

26

Ashby

Quinta-feira, 2 de outubro

"Como é que o que eu disse me rendeu uma detenção?", perguntou Stan. Sua expressão era séria enquanto caminhávamos pelo corredor em direção ao armário de Milow.

“Você disse à Sra. Sartre que tem algo chamado Síndrome de Atraso Cerebral e que, se ela não lhe desse uma nota B, você seria legalmente obrigado a processá-la por negligência profissional.”

Stan zombou. "É algo legítimo, cara. Dá uma olhada."

Eu ri e balancei a cabeça. "Não vou pesquisar algo que não existe."

"Ok, talvez a Síndrome do Atraso Cerebral não seja real, mas se um professor não consegue te ensinar, isso é negligência. Estou reprovando na aula dela porque ela não encontrou a maneira certa de ensinar meu cérebro." ”

"Já pensou que talvez você só precise estudar de vez em quando? A professora Sartre é ótima." E ele sabia disso. Mas Stan era preguiçoso quando se tratava de coisas que não lhe interessavam, o que não o ajudaria a se formar no ano que vem.

"Eu apenas pedi um estilo de aprendizagem diferente."

“Você perguntou a ela se ela conseguia explicar álgebra usando desenhos animados”, eu disse, rindo novamente.

“Ah, sim! Aprendizagem visual”, respondeu ele prontamente. “Muito real.”

“Você também perguntou se dormir durante a aula contava como participação.”

"Eu estava simplesmente irritado naquele momento", murmurou ele. "Tudo o que eu estava tentando dizer era que um C-menos era basicamente um crime contra o meu futuro e, pelas Convenções de Genebra, ela é obrigada a corrigir isso."

“Stan”, eu disse, parando por um segundo porque aquilo estava ficando ridículo. “As Convenções de Genebra se aplicam a crimes de guerra.”

“Exatamente.” Ele me encarou com os olhos arregalados e as sobrancelhas arqueadas, como se o que ele estivesse dizendo fizesse algum sentido.

Balancei a cabeça e dei um tapinha no ombro dele. "Você está um caco."

Continuamos caminhando, e Stan não desistia. "Eu só estava tentando chegar a um acordo."

“Isso te rendeu uma detenção.”

“Isso é um revés temporário”, disse ele, dando de ombros e ajeitando a mochila. “Ela pode me silenciar, mas não pode silenciar a verdade.”

“A verdade é que você é um idiota.”

Paramos no armário de Milow, e Stan se inclinou para mais perto, baixando a voz como se estivesse compartilhando informações confidenciais. informação. "Para que conste", disse ele, "acho que a detenção é a prova de que eu estava no caminho certo."

“Claro”, respondi.

Ele sorriu, orgulhoso de si mesmo. "Os revolucionários nunca são valorizados em seu próprio tempo."

"Certo." Apertei os lábios e me encostei no armário. Então ri, balançando a cabeça, incapaz de manter a seriedade. "Ainda acho que você deveria começar a levar a escola mais a sério."

"Estou *levando* isso a sério", respondeu ele prontamente. "Só que às vezes não estou com vontade de ir para a escola."

Infelizmente, isso fazia sentido. Muitas vezes eu também não estava no clima. A diferença era que eu sabia que não podia me dar ao luxo de ignorar a situação. Por mais difícil que tudo parecesse, eu não podia estragar tudo. Eu tinha objetivos que queria alcançar no futuro.

Ficamos ali esperando, nós dois olhando para o corredor a cada poucos segundos, procurando por Milow. Ela já deveria ter chegado.

Em vez de ela vir até nós, foi o Lando que veio.

Ele caminhou rapidamente em nossa direção, com os ombros tensos e o maxilar travado. Seu rosto estava contraído de raiva e, antes que eu pudesse sequer entender o que estava acontecendo, ele estava na minha frente. Sua mão agarrou a gola do meu suéter e me empurrou contra os armários.

O metal atingiu minha coluna com força.

"Seu doente mental", ele sibilou, com o rosto a centímetros do meu. Seus olhos estavam selvagens. "Você sempre sai por aí se metendo com garotas?"

“Que porra você está falando?” Tentei soltar suas mãos, mas seu aperto era firme. Se havia alguém que eu... Não queria brigar, era o Lando. Ele treinava MMA como o Stan e era mais forte do que aparentava. E naquele momento, ele não estava pensando, que era o tipo de mentalidade que ele costumava ter em uma luta.

"Jesus, Lando, sai de cima dele!" Stan gritou, tentando empurrá-lo para longe de mim.

"Dê um passo para trás", rosnou Lando, sem nunca desviar o olhar de mim. "Acha que pode mexer com a minha irmã e sair impune?"

"Não sei do que você está falando", eu disse, com a mandíbula travada. O pânico subiu pelo meu peito.

"Não se faça de desentendido, Statler", ele retrucou. "Você a assediou."

“Calma aí”, disse Stan, agora com a voz mais alta, tentando mais uma vez me afastar dele. “Calma aí. Acho que você se enganou de pessoa.”

Lando puxou minha gola de novo e me empurrou de volta para os armários. Uma dor aguda percorreu meus ombros. Meus músculos já estavam doloridos do treino, e isso só piorou a situação. Levantei as mãos para me proteger. Eu não ia revidar. Não queria que a situação piorasse. Além disso, não tinha certeza se venceria se piorasse.

"Você assediou minha irmãzinha, seu filho da puta", ele repetiu, como se dizer isso de novo tornasse a afirmação verdadeira.

Engoli em seco. "Eu juro para você, Lando, eu nunca nem falei com ela", forcei a voz. Os punhos dele pressionavam minha garganta com muita força. Na verdade, eu tinha feito exatamente o contrário. Evitei a Aspen a todo custo e fui gentil com ela, mesmo quando ela não merecia.

"Não se faça de inocente agora", ele rosnou. "Eu vou te matar, seu filho da puta." ”

Stan respondeu com rispidez à ameaça de Lando: "Ah, você quer brigar? Então me enfrenta, sua vadia."

Ele finalmente conseguiu agarrar Lando com firmeza e o empurrou com força. Lando cambaleou para trás e se chocou contra os armários do outro lado do corredor com um estrondo alto.

“Stan”, avisei. Meu peito subiu e desceu rapidamente. “Deixa pra lá.”

"Não", disse Stan, dando um passo à frente. "Se ele quiser brigar, que brigue comigo. Não que ele tenha a menor chance."

Uma multidão se formou ao nosso redor, observando tudo com curiosidade, esperando que alguém cruzasse uma linha.

Lando endireitou-se lentamente, respirando com dificuldade. Olhou entre nós, tentando decidir se valia a pena. Então apontou para além de Stan, diretamente para mim. "Ele tocou na minha irmã de forma inapropriada."

Balancei a cabeça imediatamente. "Não fiz isso."

Stan soltou uma risada seca. "Quem em sã consciência iria querer tocá-la?"

Isso lhe rendeu um olhar mortal. Mas Lando não se moveu em sua direção. Ele sabia que não devia provocar Stan. Stan era uma ameaça quando brigava.

"O que está acontecendo?" Jasper abriu caminho pela multidão. Bennett estava logo atrás dele. Os olhos de Jasper se moveram de Stan para Lando e, em seguida, pararam em mim. "Você está bem?"

“Sim”, eu disse. “Estou bem.”

Jasper se virou para Lando, sem se impressionar. "Então, do que se trata? Por que você está perdendo a cabeça?"

Lando repetiu a acusação, e eu finalmente perdi a paciência, incapaz de ouvi-lo mentir descaradamente por mais tempo. "Ela se exibiu para mim. Do nada. Eu estava nadando, e ela apareceu e se exibiu para mim."

"Mentiroso!", Lando cuspiu as palavras. .

"Droga", disse Jasper de repente. "Ela fez isso com você também?"

Todos paralisaram, e os alunos ao nosso redor soltaram um suspiro de espanto.

Jasper olhou diretamente para Lando. "Há cerca de uma semana. Ela veio à piscina e se exibiu para mim. A mesma coisa."

Stan assobiou baixinho. "Caramba", disse ele, com os olhos arregalados e um sorriso divertido no rosto. "Sua irmã está meio fora de controle, né?"

Lando parecia prestes a explodir de novo, mas sua expressão mudou. A tensão em seu rosto não desapareceu completamente, mas a dúvida se insinuou e se instalou em seus olhos. Não estávamos rindo. Não estávamos tentando nos defender. Não estávamos fingindo culpa. Não tínhamos motivo para mentir, e ele finalmente percebeu isso.

"Deixa pra lá, cara", disse Jasper calmamente. "Você provavelmente deveria conversar com sua irmã sobre isso."

"Ela tem o hábito de mentir", acrescentou Stan imediatamente. Ele não tinha a mínima noção do que estava falando. Deu de ombros, como se estivesse comentando sobre o tempo. "Ela é uma bruxa maluca, para ser sincero. Só dizendo."

Lancei-lhe um olhar, esperando que ele não fosse mais longe e desviasse a raiva inicial de Lando para si mesmo. Felizmente, Lando tinha outras preocupações agora. Ele passou a mão pelos cabelos. Estava claramente lutando contra o instinto de continuar a defendê-la.

Se tivéssemos realmente a assediado, a reação dele faria sentido. Mas não tínhamos feito nada.

Stan cruzou os braços sobre o peito, satisfeito. "Você deve um pedido de desculpas ao meu amigo."

Lando murmurou algo baixinho.

Stan inclinou-se para a frente, levando a mão atrás da orelha. "Desculpe, o que foi que você disse? Não entendemos direito." ”

Lando cerrou os dentes e então disse em voz mais alta: "Eu disse que sinto muito."

“É isso aí”, disse Stan, assentindo com a cabeça como um técnico orgulhoso. Ele estendeu a mão e deu um tapinha no ombro de Lando, completamente despreocupado. “Crescimento. Responsabilidade. Adoro ver isso. Te vejo no treino, parceiro.”

Lando não respondeu. Simplesmente se virou e foi embora, desaparecendo pelo corredor com os ombros rígidos.

Finalmente soltei o ar que estava prendendo e balancei a cabeça lentamente. "Jesus."

Stan sorriu. "De nada."

"O que aconteceu?" Scottie apareceu assim que a multidão ao nosso redor diminuiu. Em vez de respondê-la eu mesma, deixei Stan explicar tudo enquanto minha atenção se desviava para Milow, que havia chegado por trás dela.

Ela parecia preocupada. Assim que chegou perto de mim, levantou as mãos enquanto seus olhos examinavam meu rosto. [Você está bem?]

"Estou bem", eu disse a ela, forçando um sorriso tenso.

[Ouvi gritos.]

"Eu sei." Suspirei e estendi a mão, acariciando seu braço suavemente para acalmá-la. "Está tudo bem. De verdade."

Ela queria acreditar em mim, e embora seus ombros tenham relaxado, sua expressão permaneceu tensa. Ela não insistiu para que eu desse mais explicações, mas eu sabia que ela não estava satisfeita com a resposta que eu dei.

Mas eu não podia contar a verdade para ela. Não queria que ela soubesse o que Aspen tinha feito. Não queria que ela ficasse chateada, ou pior, que se perguntasse se eu de alguma forma tinha provocado aquilo. Era irracional. Ela me conhecia. Sabia que eu não era desse tipo. do cara. Mesmo assim, a ideia de vê-la sofrendo por algo tão estúpido me deu um nó no estômago.

Sorri para ela novamente, depois me virei para o armário dela e girei a combinação. Não era segredo. Eu tinha pedido a combinação no primeiro dia de aula dela no ensino médio, e desde que ela ganhou esse armário novo no penúltimo ano, ela não tinha escolhido outro. Olhei para ela assim que a porta se abriu. "Com fome?"

Ela assentiu com a cabeça, guardou os livros na mochila e pegou a marmita com o almoço.

“Ótimo. Eu também.”

"Ela fez o quê?!" A voz de Scottie interrompeu nosso momento de silêncio, e todos nos viramos enquanto ela encarava Jasper, e então seu olhar se voltou para mim. "Sério?"

Senti um aperto no estômago e Milow ficou rígido ao meu lado.

Merda…

"Ela te mostrou os seios?" Os olhos de Scottie se arregalaram. "Que vadia."

"Está tudo bem, Scottie—" disse Jasper, mas ela o interrompeu imediatamente.

“Isso não está certo. Isso é assédio sexual. Você já a denunciou, certo?”

Fechei as mãos em punhos ao lado do corpo. Eu odiava que Milow estivesse ouvindo aquilo. Ela me olhava, tentando entender o que estava acontecendo, mas eu não ousava encará-la. Sabia que seus olhos estariam cheios de mágoa.

"O Lando está cuidando disso", disse Stan casualmente.

Scottie lançou-lhe um olhar mortal. "Cuidando disso? Você está se ouvindo? Ela mostrou os peitos para eles, e você acha que isso não é motivo para denunciar?"

Ela tinha razão. Estávamos deixando para lá. Se um cara tivesse feito isso com o Scottie ou o Milow, eu o arrastaria direto para a delegacia. Fui até a sala do diretor sem pensar duas vezes. Levantei a mão e esfreguei a nuca, depois olhei para Jasper. Quando nossos olhares se encontraram, vi a mesma compreensão em seus olhos. Ele assentiu lentamente.

“Meu Deus, às vezes eu realmente me pergunto se vocês têm cérebro”, murmurou Scottie, balançando a cabeça. Então ela olhou diretamente para mim. “Eu esperava mais de você.”

Milow ergueu o queixo. Olhei para ela de soslaio e vi como parecia séria.

[Eu também.]

Isso me afetou mais do que qualquer outra coisa.

“Você tem razão”, eu disse, virando-me completamente para ela. “Jasper e eu vamos relatar isso ao diretor. Deveríamos ter feito isso imediatamente.”

Milow continuava sem olhar para mim. Seu maxilar estava tenso e seus lábios cerrados. Era exatamente isso que eu estava tentando evitar. Eu não queria piorar as coisas, mas também não podia ignorar aquilo. Só a deixaria mais chateada.

“Milow”, eu disse baixinho.

Ela abraçou o recipiente de comida contra o peito e virou a cabeça para o lado.

“Milow.” Eu estava tentando encontrar as palavras certas.

"Ele provavelmente nem olhou, Milow", disse Stan, tentando ajudar.

Scottie revirou os olhos. "Não é por isso que ela está chateada."

Franzi a testa e olhei entre Scottie e Milow. Milow finalmente olhou para mim, com um brilho intenso nos olhos, e moveu o recipiente para debaixo do braço, sinalizando: [Estou brava porque você não reagiu imediatamente. Ela e Hailie se safam de coisas assim sem consequências reais, e eu não aguento mais.]]

Ela não estava brava comigo. Finalmente entendi. Ela estava irritada porque não havia limites reais nem justiça quando se tratava daquelas duas garotas, e ela odiava que Aspen não estivesse sendo responsabilizada. Principalmente porque deveríamos ter falado muito antes. Passei um braço em volta dos ombros dela e a apertei levemente. "Milow tem razão", eu disse, olhando para Jasper. "Deveríamos ter denunciado imediatamente."

Ele assentiu com a cabeça. "Sim. Vamos agora."

Assenti com a cabeça e me virei para Milow. "Já vou. Vá comer."

Ela olhou para mim novamente, seus olhos agora menos flamejantes. [Certo.]

Eu queria abraçá-la por mais tempo. Puxá-la para perto e beijá-la. Mas aquele não era o lugar nem o momento.

"Muito bem, meninas", disse Stan, passando um braço em volta de Milow e Scottie e puxando-as para perto de si. "Vamos comer."

Eu os observei se afastarem. Milow olhou para trás uma vez antes de virar a esquina, e então eu olhei para Jasper.

“Tudo bem”, eu disse. “Vamos lá.”

27

Milow

Sexta-feira, 10 de outubro

Hoje foi o último dia antes do feriado de Ação de Graças, e embora eu estivesse animada para passar mais tempo em casa com a minha família, estava ainda mais animada para finalmente ir à consulta médica que minha mãe tinha marcado para mim. A escola estava ótima hoje, e todos os professores pareciam felizes por terem uma semana de folga. Pela primeira vez, não havia tarefa de casa, então todos puderam aproveitar o feriado prolongado. Eu sabia que ainda acabaria fazendo alguns exercícios por conta própria. Eu gosto de manter meu cérebro ativo, mesmo quando não preciso.

Eu estava guardando meus livros no armário depois da última aula quando Ashby veio ficar ao meu lado. Ele se encostou no armário ao lado do meu com aquele jeito casual de... Ele sorriu, e minhas bochechas coraram imediatamente. Por mais que eu o amasse, havia momentos em que eu me ressentia de como ele era naturalmente bonito.

"Mamãe e papai vão te buscar?", perguntou ele, cruzando os braços sobre o peito, sem muita firmeza.

Assenti com a cabeça, fechando meu armário antes de me virar para ele. [Sim. Eles estarão aqui em cinco minutos.]

"Eu te acompanho até a saída." Ele se afastou do armário e acenou com a cabeça para o corredor.

Comecei a caminhar ao lado dele. [Você também vai ao médico?] perguntei, mantendo meu corpo virado para ele enquanto nos movimentávamos.

“Não”, disse ele. “Vou para Dunst. O Ruben está livre para vir, então eu e o Jasper vamos fazer um treino extra, já que ele não estará por aqui na semana que vem.”

Ele tinha treinado ontem mesmo. E na quarta-feira. E na segunda-feira também. Ele se manteve tão concentrado o tempo todo, e mesmo tendo melhorado na gestão da sua agenda, eu ainda me preocupava que ele pudesse estar se esforçando demais novamente.

[Calma, tá bom?]

Ele sorriu e deu um leve empurrão no meu ombro com o dele. "Não se preocupe comigo, Milow. Estou bem."

Ele já tinha dito isso antes. E pouco tempo depois, ele desabou antes daquela competição amistosa de natação, há uns dois fins de semana. O Wesley me contou depois. Eu queria ajudar, mas nunca toquei no assunto. Seja lá o que o Wesley tenha dito para ele, deve ter ajudado, e se o Ashby já tinha superado isso, eu não queria trazê-lo de volta àquela situação.

Saímos em direção ao estacionamento e paramos perto dos bancos. Ele sentou-se, recostando-se e enfiando as mãos nos bolsos do moletom. Quando olhou para mim, Ele tinha aquele sorriso preguiçoso que sempre me fazia sentir as pernas bambas.

"Sente-se", disse ele, acenando com a cabeça para o espaço ao lado.

Mordi a parte interna da minha bochecha e observei o lugar ao lado dele antes de me sentar, me perguntando por que algo tão pequeno parecia tão importante, já que tínhamos nos sentado um ao lado do outro tantas vezes antes. Atribui isso à nossa proximidade recente e a essa nova coisa que estava crescendo lenta, mas seguramente, entre nós.

Eu não conseguia me aproximar muito dele em público sem me preocupar que alguém descobrisse que ele tinha me beijado naquela noite. Bem, ainda não tinha rolado um beijo de verdade, mas eu estava com medo de que a vontade de beijá-lo estivesse estampada no meu rosto.

“Você está tenso”, disse ele, interrompendo meus pensamentos.

Virei a cabeça bruscamente na direção dele e apertei meus lábios antes de dar de ombros levemente.

Você tem medo de ir ao médico?

Balancei a cabeça e baixei o olhar para as minhas mãos, que repousavam no meu colo. A vontade de cutucar a pele me veio imediatamente, mas me contive e, em vez disso, puxei as mangas do meu moletom sobre as mãos. Eu não queria que ele percebesse e se preocupasse.

“Então, o que é?”, perguntou ele.

Ele parecia calmo. Seu corpo estava relaxado contra o banco, como se nada no mundo o oprimisse da mesma forma que oprimia a mim. Alunos passaram por nós a caminho do estacionamento. Um grupo de garotos estava a poucos metros de distância, brincando e se empurrando. Eu me perguntava se algum deles havia notado o quão perto estávamos sentados ou o quão rígida era a minha postura. estava, e se eles perceberam que o joelho dele estava pressionado contra o meu.

Eu me atrevi a olhar para ele novamente. [Não é nada. Acho que estou apenas cansada.]

Ele ergueu uma sobrancelha grossa. Um brilho divertido reluziu em seus olhos. "Cansado? Você? Não acredito. Você nunca está cansado depois da escola. Você é literalmente a única pessoa que eu conheço que chega em casa e imediatamente começa a fazer mais tarefas escolares."

Eu tinha orgulho disso. Sempre tive. Nunca perdi o foco na escola. Mesmo assim, odiava a facilidade com que ele me desmascarava. Ele sabia que eu estava mentindo. E embora ele não exigisse a verdade, eu não conseguia impedir que os pensamentos escapassem.

[Você não tem medo de que os outros percebam?]

Meus olhos voltaram-se para os dele. Ele inclinou levemente a cabeça. "Notou o quê?"

[Nós.]

Ele franziu as sobrancelhas e, em seguida, seus olhos se arregalaram um pouco quando entendeu o que eu queria dizer. Mas ainda assim não parecia preocupado. "Por que eu estaria?", perguntou.

[Porque não podemos—] Deixei cair as mãos e as joguei para o ar enquanto a frustração me dominava antes que eu pudesse impedi-la. [E se as pessoas descobrirem o que fizemos?]

Eu estava falando sério. Meu peito apertou e meus pensamentos giravam, mas ele não correspondia à minha intensidade. Em vez disso, os cantos de sua boca se curvaram em um sorriso presunçoso. "Eu até que gosto da ideia de sermos pegos", disse ele com

naturalidade. "Não é como se alguém pudesse nos impedir de sentir o que sentimos um pelo outro."

Meu coração disparou com tanta força contra as costelas que senti a garganta subi-lo. Ele tinha acabado de... Ele admitiu seus sentimentos. E também expressou os meus em voz alta. Eu queria ficar naquele momento e continuar falando sobre isso, mas não consegui. Parecia muito constrangedor ali, em público.

Ele ficou em silêncio por um segundo, depois se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Sua voz baixou enquanto falava. "Eu entendo", disse ele. "Sei que isso é delicado. Mas não importa o que aconteça, ou quem diga alguma coisa, eu ficarei ao seu lado. Meus sentimentos não vão mudar."

E isso, de alguma forma, me assustou tanto quanto me confortou.

[Não sei se estou pronto para tornar isso público.]

Isso o fez rir, e instantaneamente me fez franzir a testa.

[O que?]

“Informação pública?”, disse ele, claramente divertido. “Já que estamos falando nisso, você quer fazer uma coletiva de imprensa sobre o assunto?”

Fiz uma careta e voltei a olhar para as minhas mãos, sentindo-me estúpida por ter dado tanta importância à situação.

"Estou brincando", disse ele, inclinando-se um pouco mais para perto. Assim que abriu a boca para falar novamente, um carro diminuiu a velocidade atrás de nós.

Virei a cabeça e vi mamãe e papai lá dentro, e me levantei do banco imediatamente.

“Milow.”

Parei por um segundo e olhei para trás, para ele, depois continuei caminhando em direção ao carro.

“Vamos conversar sobre isso hoje à noite, ok?”, disse ele enquanto me seguia.

Dei-lhe um breve aceno de cabeça quando paramos ao lado do carro. Ele esboçou um sorriso forçado e abriu a porta para mim. "Veja Você mais tarde.”

Acenei e me sentei no banco, fechando a porta atrás de mim.

“E aí, querida”, disse papai, estendendo a mão para trás e apertando minha coxa rapidamente. “Como foi a escola?”

[Ótimo, obrigada.] Sorri para ele e acenei para minha mãe antes que ela se virasse para a janela e a abaixasse.

Ashby inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços na moldura aberta. "Ei. Estou indo para Dunst."

“Treinamento?” perguntou a mãe. “Hoje?”

“Sim. Só uma sessão rápida, já que o Ruben não estará por perto na próxima semana. Estarei em casa antes do jantar.”

"Está bem." A mãe estendeu a mão e tocou no braço dele.

“Fica tranquilo, campeão”, acrescentou o pai.

“Sim, eu vou. Tchau.”

Ele bateu na porta ao dar um passo para trás. O carro começou a se mover, e eu mantive meus olhos nele até que ele desapareceu de vista.

Por mais que eu quisesse que fosse simples, como qualquer outro casal saindo da escola juntos, se tocando sem se preocupar com o julgamento alheio, eu nem tinha certeza se era isso mesmo. Eu não sabia se estávamos caminhando para algo sério ou se eu tinha

interpretado demais todos aqueles olhares furtivos e momentos de silêncio. Talvez eu tivesse preenchido as lacunas porque queria que elas fossem preenchidas.

Apertei os lábios e encarei minhas mãos no colo, tentando acalmar os pensamentos que giravam na minha cabeça. Eu queria clareza, mas não sabia como alcançá-la sem me expor. Teria que me abrir para ele e ser honesta sobre o que sentia, o que, geralmente, não seria um problema. Mas isso significava arriscar a rejeição, e eu nunca achei que lidasse bem com isso. .

Havia um papel de parede novo na sala de espera do consultório médico. Era um tema de selva, com árvores e folhas sobrepostas, e embora provavelmente fosse para acalmar os pacientes, me deixava ansioso para encontrar todos os animais escondidos atrás dos arbustos antes de ser chamado. Quanto mais eu olhava, mais altos ficavam meus pensamentos. Minha cabeça zumbia novamente. Não importava o quanto eu tentasse, eu só conseguia realmente acalmar minha mente quando dormia.

Eu já havia me perguntado se tinha TDAH, mas sabia que não. Stan, com certeza, tinha. Eu o diagnostiquei secretamente há muitos anos. Fiz um biquinho e continuei encarando a parede enquanto mamãe e papai folheavam uma revista juntos. Eles falavam baixo, dando risadinhas enquanto apontavam para algo na página. Meus olhos se voltaram para eles por um instante, e sorri ao vê-los. Eles sempre pareciam tão felizes, o que, por sua vez, me fazia feliz.

Meu pé bateu com força no azulejo.

Era para ser uma consulta normal — um exame de rotina, nada mais. Mas quanto mais tempo eu ficava ali sentada, mais estranha se tornava a sensação no meu peito. Como se uma parte de mim já soubesse que algo estava errado, mesmo que eu não conseguisse explicar — ou soubesse que não havia nada de errado.

Quando a enfermeira me chamou, reprimi a sensação e me levantei. Seguimos por ela até o corredor, onde ela me submeteu aos exames de rotina. Balança. Pressão arterial. Altura. Tudo normal. Eu havia crescido alguns centímetros e agora media 1,60 m. Era uma bobagem me orgulhar disso, mas eu estava orgulhosa mesmo assim. Ela coletou uma pequena amostra de sangue do meu dedo, sorriu e nos disse para esperarmos na sala de exames. .

Sentei-me na beirada da mesa enquanto mamãe e papai se sentavam nas cadeiras perto da parede. Papai estava recostado com os braços cruzados, e ambos pareciam calmos.

O médico finalmente entrou com uma prancheta e um sorriso tranquilo. Primeiro cumprimentou meus pais e depois acenou com a cabeça para mim. "Que bom te ver, Milow."

Acenei e observei-o sentar-se à sua mesa. Ele olhou para a tela do computador por um instante, cantarolando baixinho para si mesmo.

“Tenho seus dados aqui, e tudo parece bem”, disse ele por fim, fazendo uma pausa. “Mas…”

Senti um frio na barriga.

Mas o quê? Mas tem alguma coisa errada. Mas há um problema. Meus pensamentos dispararam rápido demais, entrando em espiral antes mesmo que ele continuasse. *Você tem diabetes. Você tem câncer. Você está morrendo!*

Ele olhou de relance para a tela, com os olhos ligeiramente semicerrados. "Você tem níveis baixos de ferro."

Nossa, ele poderia ter planejado isso de forma diferente.

Encarei-o, sem saber como reagir.

“Você come carne, Milow?”, perguntou ele.

Assenti com a cabeça.

“Não é vegetariano?”

Balancei a cabeça negativamente.

“Certo. Isso é fácil de resolver”, disse ele. “Alimentos ricos em ferro podem ajudar a aumentar seus níveis de ferro. Carne vermelha. Espinafre. Brócolis. Todas essas coisas boas.”

Sorri forçadamente e assenti novamente. Mamãe e papai sempre preparavam refeições balanceadas, e eu comia tudo o que eles faziam para nós. .

Depois de verificar mais algumas coisas na tela, seu olhar permaneceu em mim. Deslocou-se para minha garganta, e havia uma pergunta em seus olhos. " *Você ainda não está falando.* " Mas ele não disse isso. Apenas me observou por mais um instante antes de se virar para meus pais.

“Vocês já conversaram sobre a cirurgia?”, perguntou ele.

Fiz uma careta.

A cirurgia?

Olhei para a mamãe. Depois para o papai. Nenhum dos dois disse nada. Suas expressões calmas se quebraram, o pânico cruzando seus rostos tão rápido que me deu um nó no estômago.

A confusão me invadiu. Minhas mãos se ergueram sem que eu pensasse, movendo-se automaticamente enquanto eu buscava respostas. Talvez ele tivesse me confundido com outro paciente. Talvez ele quisesse dizer outra pessoa.

[Que cirurgia?]

A postura da minha mãe enrijeceu e meu pai pigarreou. Eles não estavam olhando para mim.

"Acho que talvez isso não seja—" Papai começou, mas o médico o interrompeu gentilmente.

"Desculpe", disse ele. "Presumi que isso já tivesse sido discutido. Ela vai fazer dezoito anos em breve."

Apenas em dois anos.

Minhas mãos pairavam no meu colo, congeladas em meio a um pensamento, enquanto uma pergunta abafava todas as outras.

De que cirurgia eles estavam falando?

O que havia de errado comigo?

E por que mamãe e papai não estavam olhando para mim?

28

Ashby

"Diga-me novamente por que você está aqui?", perguntou Jasper, olhando para Stan, que estava com um sorriso de orelha a orelha.

“Estou aqui para mergulhar. Óbvio.” Stan apontou dramaticamente para a plataforma de mergulho, com o rosto agora completamente sério. “Vocês nadam suas voltinhas e eu me divirto pulando da plataforma de dez metros.”

Eu ri baixinho. Stan tinha corrido até meu carro pouco antes de eu e Jasper entrarmos e praticamente implorou para ir conosco ao centro aquático. Ele não tinha trazido calção de banho nem toalha, mas, por sorte, eu sempre guardava um segundo calção de banho no meu armário. Era isso que ele estava vestindo agora.

“Pelo menos você vai parecer profissional pulando”, eu disse, franzindo os lábios em divertimento. .

Ele sorriu novamente e levou a mão à virilha, segurando-a com uma das mãos. "Elas são bem apertadas, mas acho que não vou perdê-las quando cair na água."

"Definitivamente não", acrescentou Jasper, rindo e balançando a cabeça.

“Rapazes!” gritou Ruben do outro lado da piscina. “Vamos começar o treino. Aquecimento com dez voltas. Bem devagar.”

Larguei minha toalha no banco e dei um tapinha nas costas do Stan. "Vai brincar, garoto."

Ele deu um sorriso irônico. "Obrigado, pai."

Ele saiu correndo em direção à piscina de saltos ornamentais, e eu revirei os olhos enquanto Jasper ria novamente.

“Ele estará assim aos cinquenta anos.”

“Ah, eu sei. Estou preparado para isso.”

Após as voltas de aquecimento, Ruben não perdeu tempo e nos mandou direto para a corrida. Assim que terminou, ele nos fez sair da água para uma série de exercícios de força. Meus ombros já estavam queimando quando começamos a levantar peso.

“Com que frequência você vai à academia?”, ele perguntou.

“Duas vezes por semana”, respondeu Jasper sem hesitar. E isso era visível. Seus braços e ombros estavam mais definidos, e até mesmo suas pernas pareciam visivelmente mais fortes do que alguns meses atrás.

“Ótimo”, disse Ruben, voltando sua atenção para mim. “Ashby?”

Recuei. Não pisava na academia há semanas. Principalmente porque não tinha tido tempo. E quando ia, geralmente não tinha energia nem motivação. "Faz tempo que não vou", admiti com cautela.

Ruben cantarolava, me observando enquanto eu abaixava os halteres até meus lados. Meus ombros protestaram veementemente enquanto os músculos trabalhavam arduamente.

"Você se sente forte o suficiente apenas com os treinos de natação?", perguntou ele em seguida, mantendo os olhos fixos nos meus como se já soubesse a resposta.

“Sim, eu quero”, respondi sinceramente. “Mas pretendo me exercitar mais.” Soou como uma promessa, não só para ele, mas para mim mesma. Eu sabia que deixar de lado o treino de força poderia me prejudicar, principalmente com os objetivos que eu tinha. Eu não queria correr esse risco.

“Você pode vir treinar comigo”, interrompeu Jasper. “Eu vou à academia toda terça e quinta antes da aula. Até o Stan aparece às vezes.”

"Parece ótimo", respondi, dando-lhe um sorriso forçado. "Obrigado."

“Claro, amigo.”

Antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, um grito alto e doloroso ecoou por todo o centro aquático. Todos nos viramos para a piscina de saltos ornamentais bem a tempo de ver Stan se arrastando para fora da água. Seu rosto estava vermelho vivo, contorcido de dor, e quando ele se endireitou, seu peito estava com a mesma tonalidade alarmante.

Fiz uma careta. "Você está bem, Stan?", gritei.

"Não", disse ele com a voz embargada, uma mão agarrando o peito e a outra protegendo firmemente a virilha. "Acho que quebrei meus testículos."

Jasper riu e balançou a cabeça, claramente sem vontade de sentir sequer um resquício de compaixão. "Eu poderia ter avisado o Stan para não pular daquela altura sem nem saber nenhuma técnica de mergulho. Mas mesmo se tivesse avisado, ele teria pulado de qualquer jeito." .

"Meus testículos", Stan gemeu novamente, soltando um suspiro dramático. "Preciso ir ao hospital."

"Você vai ficar bem, filho", respondeu Ruben, sem parecer tão divertido quanto nós. Ele conhecia Stan desde pequeno. Estava bem ciente de suas tendências imprudentes e já fazia muito tempo que Stan havia parado de se lamentar.

"Meus testículos estão doendo, Ruben!" exclamou Stan, ainda se cobrindo com as mãos. Então, ele puxou a sunga para longe do corpo e olhou para baixo. "Caramba... eles estão ficando azuis. Venham ver", insistiu, virando-se para nós.

“Não, obrigado”, disse Jasper imediatamente, já se virando para pegar seus halteres.

Ruben virou as costas, claramente farto de Stan e de suas encenações.

Eu ri baixinho. "Talvez você devesse parar de pular daí de cima. Da próxima vez você vai quebrar o pescoço."

"Ei, eu sou um ótimo mergulhador", respondeu Stan na defensiva. "Eu deveria ter escolhido isso como meu esporte em vez de MMA."

"Não, Stan", respondi secamente. "Você está se saindo muito bem no MMA."

“Mas eu sou um bom mergulhador.”

Eu não respondi.

"Ash, cara", ele gritou. "Diga a eles que eu sou um bom mergulhador."

“Não o incentive”, avisou Jasper sem olhar para o lado.

"Não vou", respondi, com um sorriso irônico enquanto Stan resmungava de frustração.

– –

No caminho de volta para Bowen, Stan não parava de reclamar dos testículos. E enquanto qualquer outra pessoa se irritaria com as reclamações dele, eu comecei a sentir pena. Ele estava com dor de verdade, e como também sou homem, sabia o quanto isso podia ser doloroso.

Olhei para ele pelo retrovisor, fazendo uma careta ao ver a dor persistente em seus olhos. "Tem certeza de que não quer ir ao hospital?"

"E dizer aos médicos que meus testículos doem? Obrigado, mas não quero passar por essa vergonha", resmungou Stan.

"Você pode acabar tendo seus testículos examinados por uma enfermeira gostosa", acrescentou Jasper. Ele não estava levando isso tão a sério quanto eu, e isso transparecia em seu divertimento.

Para ser justo, foi engraçado. Mas, por outro lado, a dor que Stan estava sentindo não foi.

A expressão de Stan mudou, e eu me preparei para uma resposta espirituosa. "Se você coloca dessa forma... me leve para o maldito hospital para que uma enfermeira gostosa examine meus testículos."

Jasper e eu rimos.

“Brincadeiras à parte”, eu disse, voltando a prestar atenção na estrada. “Hospital. Sim ou não?”

Ele pensou nisso por uns trinta segundos, depois balançou a cabeça. "Não. Vou colocar um pacote de ervilhas congeladas e o inchaço vai diminuir."

Ficamos em silêncio depois da menção aos seus testículos inchados, até que Jasper quebrou o silêncio. "Como estão as coisas com o Scottie?"

Stan soltou um suspiro alto. "Bem? Mal? Não sei. Mandei uma mensagem para ela hoje de manhã, mas ela ignorou."

“O que você mandou para ela por mensagem?”, perguntei. .

“Se ela quiser vir aqui hoje à noite, podemos assistir Netflix e relaxar.”

Ele disse isso com tanta naturalidade que eu me assustei. "Cara..."

Jasper suspirou. "Stan."

"O que?"

“Qual é. Você não pode ser o único cara que não sabe o que isso significa”, eu disse, meio surpreso com a sua ignorância. Nós tínhamos crescido juntos. Éramos melhores amigos. Mas às vezes parecia que ele não percebia coisas que eram tão óbvias para mim. Talvez fosse a mentalidade dele de “que se dane a opinião de todo mundo”, mas ele não podia ser tão alheio a algo tão óbvio.

"Para assistir Netflix e relaxar. Está literalmente no ditado", explicou ele, mas estava redondamente enganado.

"Não, Stan", eu disse, rindo porque não conseguia acreditar que precisava dar uma lição a ele sobre gírias adolescentes básicas. É verdade que ele não usava o celular com frequência. Não tinha todos aqueles aplicativos de redes sociais aos quais todo mundo era viciado. Mas ele devia ter ouvido essa expressão em algum lugar.

"Você a convidou para ficar com você", disse Jasper, virando a cabeça para olhá-lo novamente.

Olhei novamente pelo retrovisor, observando sua reação. Ele estava franzindo a testa, genuinamente perplexo.

“Não, eu não fiz isso. Eu a convidei para vir aqui em casa para assistirmos a um filme e relaxarmos. Ok, talvez eu esperasse ficar de conchinha com ela ou algo assim, mas definitivamente não para transar.”

“É isso que significa”, continuou Jasper. “Antes significava assistir a um filme e passar um tempo juntos, mas se transformou em um eufemismo para fazer sexo.”

“Sim”, eu disse.

"Sem chance… ”

“Talvez isso explique por que ela ignorou a mensagem”, sugeri, dando de ombros. “Tente voltar atrás.”

“Merda, merda, merda, merda.” Ouvi-o procurar o celular na mochila, depois falou de novo, provavelmente gravando uma mensagem de voz. “Scottie? Ignora minha última mensagem. Eu não sabia que Netflix and chill significava sexo. Eu não quero transar com você—”

Olhei para Jasper, que me encarava com a mesma expressão divertida.

"Quer dizer, caramba, eu quero transar com você algum dia porque você é muito gostosa e minha melhor amiga. Mas eu quero se você também quiser. Mas não hoje à noite. Hoje à noite eu quero ficar com você e assistir a um ou dois filmes, e você pode conversar durante eles e me contar todas as curiosidades bobas que você sabe. E aí a gente pode pedir pizza, e eu até deixo você pedir a de anchovas e azeitonas. Desculpa, Scottie. Eu não sabia. Filho da puta..."

"Espero que você não tenha gravado essa última parte", eu disse, olhando para ele novamente.

"Não." Ele franziu a testa, suspirando pesadamente. "Droga. Quem pega algo simples e inocente e o transforma em algo que pode ser mal interpretado?"

Jasper riu. "Para ser justo... você é o primeiro a transformar coisas inocentes em algo sexual. Mesmo que não seja sua intenção."

"Certo", murmurou Stan.

Ficamos em silêncio até eu parar em frente à casa do Jasper. Ele se inclinou para pegar a mochila do chão e se virou para mim. "Obrigado pela carona. Feliz Dia de Ação de Graças." ”

“Sim. Feliz Dia de Ação de Graças”, eu disse. “Te vejo depois do intervalo.”

“Tchau, Jasper”, acrescentou Stan.

Jasper fechou a porta atrás de si e seguiu pela passarela. Stan entrou no banco da frente e eu esperei até que ele colocasse o cinto de segurança antes de voltar para a estrada.

“Ela respondeu à mensagem”, disse ele.

"Sim?" Olhei para ele. "O que ela disse?"

Ele olhou para o celular e gemeu. "Ah, droga..."

"O que?"

“Ela disse: 'Eu teria dito sim para assistir Netflix e relaxar, mas você voltou atrás.'”

Ergui uma sobrancelha e apertei os lábios. "Bem..."

"Eu podia ter transado hoje à noite", ele disparou, e logo em seguida fez um gesto de desdém. "Droga. Deixa pra lá. Espera aí." Seus polegares se moviam rapidamente. "Agora ela mandou mensagem de novo. 'Brincadeira. Eu adoraria filmes e uma pizza.'"

Scottie estava claramente provocando-o, mas fiquei aliviada por nenhum dos dois parecer ansioso para piorar a situação. Ou torná-la ainda mais complicada. "Que bom", eu disse, com um pequeno sorriso nos lábios.

“Sim. Acho que sim.”

“Não estrague tudo.”

Ele soltou uma risada seca. "É. Como se isso não fosse meu forte."

"Você não é tão ruim assim", eu disse. "Você só precisa usar um pouco mais o cérebro às vezes."

“Já ouvi isso antes.”

“Então tente ouvir. As pessoas não dizem isso por brincadeira. Estamos falando sério.” ”

Ele suspirou, depois assentiu com a cabeça, apoiando-a no encosto. "Eu sei. E agradeço muito."

“Ótimo.” Entrei na rua dele e reduzi a velocidade em frente à casa. “Se a Scottie vier aqui hoje à noite e você quiser impressioná-la, talvez seja melhor passar na loja primeiro.”

“E conseguir o quê para ela?”

"O chocolate favorito dela", eu disse. "Um livro que ela possa gostar. Algo que mostre que você pensou nela."

Ele me estudou com aqueles olhos azuis profundos por um segundo, depois assentiu. "Sim. Talvez."

Encostei o carro na calçada. Ele pegou a mochila, abriu a porta e parou. "E aí", disse ele. "Obrigado. Por tudo."

"A qualquer hora", respondi. "E coloque essas ervilhas congeladas nas suas bolas."

Ele deu uma risadinha e fechou a porta, depois correu pela entrada da garagem enquanto eu saía dirigindo. O carro dos meus pais já estava na garagem quando cheguei em casa, e estacionei ao lado, desligando o motor antes de sair. Eu estava pronto para relaxar e deixar meu corpo descansar. Meus pensamentos voltavam constantemente para Milow, na esperança de que a consulta médica dela tivesse corrido bem. Senti muita falta dela a tarde toda e me peguei desejando que ela quisesse assistir a um filme comigo esta noite.

Mas quando entrei na casa, animado para vê-la novamente, meu estômago revirou ao vê-la.

29

Ashby

"O que aconteceu?", perguntei, com o coração batendo forte contra as costelas. "Por que ela está chorando?"

Meus olhos percorreram minha mãe e meu pai, até finalmente pararem em Wesley. Sustentei seu olhar por mais tempo do que os outros, implorando silenciosamente que ele me explicasse o que quer que estivessem escondendo de mim. Seus olhos azul-gelo estavam vermelhos e inchados. Ele parecia ter chorado também.

"O que aconteceu?", perguntei novamente. Não conseguia me obrigar a olhar para Milow de novo. Ela estava olhando para as próprias mãos, com os ombros encolhidos. Também não olhava para mim. O pânico me invadiu. Eu odiava isso. Odiava que todos parecessem saber algo que eu não sabia, e que simplesmente não me contassem.

"Que merda aconteceu?" perguntei, elevando a voz involuntariamente. .

“Venha sentar, campeão”, disse o pai gentilmente, dando um tapinha no espaço ao lado dele.

Mas eu o ignorei.

Eu não queria sentar ao lado do papai. Eu queria ficar ao lado da Milow. Então atravessei a sala e sentei ao lado dela, segurando imediatamente suas duas mãos nas minhas. Inclinei-me para mais perto, franzindo a testa. "Milow, você está bem?"

Ela não olhou para cima.

Uma sensação de vazio e mal-estar se instalou no meu estômago. Algo estava errado. Algo ruim tinha acontecido, e meu primeiro pensamento irracional foi que eu tinha feito alguma coisa. Eu sabia que não tinha feito. Eu jamais a machucaria. Nem ela. Nem ninguém. Nunca. Mesmo assim, as perguntas não paravam de surgir. Por que ela não olhava para mim? Por que ela estava chorando? Por que ninguém me dizia o que diabos estava acontecendo?

“Ash”, disse a mãe suavemente, com a voz embargada enquanto tentava conter as lágrimas. “Há algo que queremos te contar.”

"O quê?" A palavra saiu mais áspera do que eu pretendia. Eu não me importava mais. Precisava de respostas, e precisava delas agora. Apertei as mãos de Milow com mais força. Eu sabia que ela não assinaria. Não no estado em que estava. E eu precisava do seu toque para me acalmar. Mas por dentro, eu estava me despedaçando.

Mamãe respirou fundo e olhou para papai. "Gus..."

Ele assentiu com a cabeça e esfregou as mãos, olhando para o chão como se as palavras certas estivessem escritas ali. Quando finalmente ergueu o olhar, seus lábios estavam cerrados com força.

“Filho”, disse ele baixinho, “preciso que você seja forte, está bem?” ”

Meu peito apertou novamente. "Alguém morreu?" Virei a cabeça bruscamente na direção de Wesley. "Onde está a Evie?"

"A Evie está bem", disse Wesley rapidamente. "Ela está com os pais neste fim de semana."

Olhei para trás, para o meu pai, com as sobrancelhas arqueadas e o coração acelerado.

“Ninguém morreu”, disse papai. “Ninguém se feriu. Isso é por causa da Milow.”

Senti meu coração se partir por ela, sem saber o que era. Eu vinha me preparando para isso sem perceber.

"E a Milow?" Apertei as mãos dela com mais força, e ela retribuiu o aperto. Eu ainda não conseguia olhar para ela. Se olhasse, sabia que desmoronaria. Eu só precisava senti-la ali. Saber que ela estava comigo e que, independentemente do que estivessem prestes a dizer, tudo poderia ser resolvido. Por ela, eu resolveria qualquer coisa, por mais difícil que fosse.

Então parei de fazer perguntas. Porque quanto mais eu questionava tudo, piores ficavam meus pensamentos. Então, esperei.

“Sua mãe e eu estávamos escondendo algo de vocês”, disse o pai lentamente. Ele pigarreou. “De todos vocês, crianças. Não porque pensássemos que poderíamos esconder para sempre, mas porque estávamos esperando o momento certo.”

"Continue", eu disse, com a mandíbula travada. Minha paciência havia se esgotado.

Os olhos do pai se voltaram para Milow. Seu rosto se contraiu e seu maxilar se apertou. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ele as conteve. Ele já havia chorado hoje. Todos eles já haviam chorado.

“Veja bem”, disse ele com cautela, “Milow… ela é muda.”

Fiz uma careta. "É. Sem dúvida."

As palavras saíram mais duras do que jamais havia dito. Essa conversa estava trazendo à tona algo feio dentro de mim. Estava me transformando em alguém que eu não queria ser, nem nunca tinha sido.

“Ela opta por não falar”, acrescentei.

Papai balançou a cabeça lentamente. "Não é isso—" Ele parou, olhou para Milow e depois para mim. "Ela não consegue falar."

Encarei-o fixamente. "Como assim ela não consegue falar?"

Nada parecia real. Isso devia ser um pesadelo. Algum sonho distorcido. Talvez eu tivesse batido a cabeça na água. Talvez eu estivesse inconsciente. Mas então Milow apertou minhas mãos de novo, e eu soube que estava completamente acordado.

“Milow não tem cordas vocais.”

As palavras não faziam sentido. Todo mundo tinha cordas vocais.

Eu apenas o encarei, com as sobrancelhas franzidas, incapaz de formular outra pergunta. Estavam me provocando? Era uma piada de mau gosto?

“Vê só, campeão”, continuou o pai, com a voz embargada, deixando a cabeça cair novamente. Esfregou as mãos. Quando ergueu o olhar, olhou primeiro para Milow. “Milow, o quanto eu posso contar para ele?”

"Tudo!", exclamei bruscamente. "Conte-me tudo!"

Milow olhou para o pai e assentiu lentamente, dando-lhe permissão.

Mamãe estendeu a mão e acariciou as costas do papai. Ele respirou fundo, acalmando-se.

“Quando Milow era pequena”, disse ele, “antes de a adotarmos… ela morava sozinha com o pai. O pai dela era médico. Cirurgião.”

Eu não conseguia desviar o olhar dele. Seu rosto endureceu, a raiva marcando profundas rugas em sua expressão. Seja o que for. Em seguida, veio algo que queimava dentro dele. Eu nunca o tinha visto assim, e isso me deixou apavorado.

Os dedos de Milow se fecharam em minhas mãos. Ela começou a cutucar o polegar. Eu a segurei imediatamente e entrelacei meus dedos nos dela, impedindo-a de se machucar.

"Quando Milow tinha quatro anos—" O pai parou.

Meu coração disparou contra o peito.

"Quando ela tinha quatro anos", disse ele, com a voz embargada, "o pai dela a tirou de casa—"

Um som baixo e entrecortado escapou de sua garganta. Ele engoliu em seco, forçando as palavras a saírem antes que as lágrimas caíssem.

"Ele removeu as cordas vocais dela. Por meio de cirurgia."

Papai estava chorando. Seu maxilar tremia, suas mãos se fecharam em punhos cerrados antes que ele finalmente escondesse o rosto entre elas. Mamãe se manteve forte por ele, se recompondo quando ele não conseguia. Wesley, que estava sentado na poltrona, levantou-se e se aproximou. Sentou-se ao lado do papai e passou um braço em volta de seus ombros, puxando-o para perto sem dizer uma palavra.

Estava tão atordoada que mal conseguia formular um pensamento claro. A raiva estava presente, mas misturada com a incredulidade. Depois do que ele acabara de me dizer, parecia impossível que aquilo fosse real. Era como se eu estivesse dentro do pesadelo de outra pessoa. Devo ter dormido. Não havia outra explicação.

Por que um pai faria isso? Por que alguém desejaria remover as cordas vocais da própria filha? Qual era o propósito? O que se poderia ganhar com isso? As perguntas se acumulavam, uma após a outra, cada uma pior que a anterior. Não havia lógica. Nenhuma explicação que fizesse sentido. Apenas crueldade. Apenas algo horrível feito a uma criança que deveria ter sido protegida.

Eu nunca tinha sabido do passado de Milow, e agora... isso. O pai dela era um canalha doente.

Eu sentia dor no peito e uma tontura.

Finalmente, olhei para Milow. Precisava ver seus olhos.

"Milow", eu disse baixinho.

Eu não tinha certeza do porquê precisava que ela olhasse para mim. Mas, mesmo sabendo que eu não era o motivo de ela estar tão chateada, aquela sensação ruim não me deixava em paz. A culpa me oprimia. Eu odiava não ter estado lá por ela quando o pai dela fez aquilo, mesmo que eu mesma fosse apenas uma criança. Eu odiava não saber a verdade. Que a mamãe e o papai tivessem escondido isso de nós. De mim. Do Wesley. E da Milow também. Mas por quê?

Virei a cabeça bruscamente na direção dos meus pais. "A Milow não sabia? Quer dizer... se ela não consegue falar—"

Eu me contive.

Eu odiava não poder perguntar diretamente à Milow. Só de pensar nisso, meu estômago se revirava. Se ela não conseguia falar, por que acreditaria que um dia conseguiria? Mas, no instante em que essa pergunta surgiu, senti nojo de mim mesma. Não era justo. Eu não tinha o direito de acusá-la de fingir ou mentir. Isso não tinha nada a ver comigo.

Essa era a história dela.

E eu estava me chateando com algo que eu não tinha o direito nenhum de transformar em um grande problema.

"Desculpe", acrescentei rapidamente, balançando a cabeça enquanto afastava minhas mãos das dela e as passava pelos cabelos. "Eu só... eu não entendo."

"Está tudo bem, Ash", disse Wesley. Ele se moveu novamente, desta vez sentando-se ao lado de Milow. Passou a mão por trás dela, apertou meu ombro e repousou a outra mão sobre mim. Na casa de Milow. Ele estava sendo o irmão mais velho protetor que sempre foi.

“Não, não está tudo bem.” Franzi a testa, balançando a cabeça novamente. “Será que ela foi forçada a acreditar que um dia voltaria a falar se quisesse?”

Mamãe olhou primeiro para mim, depois seu olhar se voltou para Milow.

A culpa pesava em seus olhos, e eu odiava isso porque me dizia tudo. Era exatamente o que tinha acontecido. Mesmo assim, eu sabia que também não devia ter sido fácil para eles.

“Não queríamos sobrecarregá-la”, disse a mãe suavemente. “Ela era pequena. Ela…” Ela parou, seu olhar voltando para Milow com um sorriso que doía mais do que ajudava. “Queríamos o melhor para ela. No começo, tínhamos esperança de que talvez… talvez houvesse um jeito. Que ela pudesse falar de novo algum dia.”

Eu não podia culpá-los.

Mamãe tinha razão. Nada disso deve ter sido fácil. Descobrir o que o pai biológico de Milow tinha feito. Acolhê-la, tentar protegê-la e descobrir quanta verdade uma criança conseguiria suportar. Nada disso foi culpa deles. Na verdade, eles a salvaram. Deram a ela uma família de verdade. Deram a todos nós um lar cheio de amor e segurança.

Todos nós ficamos gratos por isso.

Engoli o choque e respirei fundo, forçando-me a manter a calma. "Onde está o pai dela agora?", perguntei. "Na prisão? Num hospital psiquiátrico?"

Milow enrijeceu ao meu lado.

Virei-me imediatamente para ela e peguei em sua outra mão. "Sinto muito", disse baixinho.

Ela finalmente olhou para mim. .

A dor em seus olhos era mais profunda do que qualquer coisa que eu já tivesse visto. Ela parecia destruída de uma forma crua e devastadora.

“O pai dela…” começou a mãe.

Olhei para ela, preparando-me e esperando por algo que me satisfizesse.

"Ele morreu", disse a mãe. "Pouco antes de Milow vir morar conosco."

Graças a Deus.

Aquele desgraçado já não estava mais vivo.

Milow soltou a minha mão e se levantou. Lágrimas frescas escorriam por suas bochechas, e seu corpo tremia visivelmente. Ela não queria mais ficar ali sentada. Eu podia sentir isso.

[Gostaria de ficar sozinha], ela sinalizou.

"Tem certeza, querida?", perguntou o pai. Ele finalmente conseguira se acalmar, embora sua voz ainda estivesse rouca.

Milow assentiu com a cabeça.

"E o jantar?", perguntou a mãe, forçando um sorriso.

[Não estou com muita fome agora.]

Dito isso, ela se virou e subiu as escadas.

Permaneci onde estava, paralisado.

Eu não sabia como continuaria vivendo normalmente depois do que descobri. Tudo o que eu sabia era que precisava ser forte. Por Milow. E por mim mesma.

—

Só comi porque estava com fome depois do treino de natação desta tarde. Mesmo assim, mal consegui. Comi o suficiente para me manter de pé, porque sabia que se me esforçasse para engolir mais, ia passar mal. Meu estômago já estava embrulhado. Eu não suportava a ideia de Milow sozinha em seu quarto. Ela havia pedido espaço, e eu queria respeitar isso. Mesmo assim, cada parte de mim queria abraçá-la. Para ter certeza de que ela não estava sozinha com isso.

Depois do jantar, mamãe separou um prato de comida para Milow. Ela e papai conversavam em voz baixa, as palavras abafadas, mas carregadas da dor que carregavam há anos. Wesley e eu subimos para o quarto dele, e no instante em que a porta se fechou atrás de nós, eu desabei.

Eu não apenas chorei. Eu desabei.

Os soluços me irromperam incontrolavelmente. Eu havia reprimido tudo por tempo demais, e quando começaram, não consegui parar. Wesley me abraçou e acariciou minhas costas. Chorei mais do que jamais chorei na vida. Não me lembrava de ter chorado assim. Não desde antes de mamãe e papai nos adotarem. Não desde antes de me sentir segura.

"Ela é forte", murmurou Wesley na lateral do meu pescoço. "Ela vai superar isso. E nós estaremos lá por ela. Como sempre estivemos."

Assenti com a cabeça contra o ombro dele, sem confiar na minha própria voz. Eu ainda não estava pronta para soltá-lo. Ficamos ali parados no meio do quarto dele por um longo tempo antes que eu finalmente me afastasse. Limpei o rosto com o dorso das mãos.

"Não consigo imaginar o que ela teve que passar vivendo com aquele monstro", eu disse com a voz rouca. "E se ele—" Parei. Não consegui terminar o pensamento. Mas a pergunta que não me saía da cabeça. "Por que alguém faria uma coisa tão horrível com uma criança?"

Wesley passou a mão pelos seus cabelos loiros brilhantes e acenou com a cabeça na direção da cama. Sentamo-nos lado a lado. .

"Ele tinha um motivo", disse ele em voz baixa. "Um motivo doentio e perverso."

Ele sabia mais. Eu percebia isso pela sua voz. E mesmo que uma parte de mim quisesse permanecer na ignorância, eu precisava saber.

Meu maxilar se contraiu. "O que ele fez com ela?"

Wesley inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e esfregando as mãos. Ele tinha os mesmos trejeitos do pai. Sempre teve. Eu já tinha brincado sobre isso antes, que Wesley devia ser filho biológico dele. Eles eram muito parecidos.

Me preparei quando Wesley começou a falar novamente.

“Milow tinha seis anos quando encontrou o pai morto na cama”, disse Wesley. “Ela estava esperando que ele acordasse. Ele nunca desceu as escadas. Então ela foi até o quarto dele e o encontrou lá. Papai disse que teve um ataque cardíaco.”

Meu maxilar travou e permaneci em silêncio. Precisava ouvir tudo. Cada detalhe.

“Naquela noite”, continuou Wes, “Milow saiu de casa pela primeira vez na vida. O pai dela nunca a deixava sair. Nunca a levava a lugar nenhum. Ele nunca planejou fazer isso.

Não está claro se ela entendeu que ele estava morto, mas mesmo assim ela saiu, procurando ajuda. Ela estava vestindo apenas o pijama e as botas e luvas do pai. Nevou muito naquela noite. Ela não sabia para onde estava indo, mas caminhou até chegar ao quartel dos bombeiros. Foi lá que o pai a encontrou."

Encarei-o fixamente. "Como assim, papai a encontrou?"

Wesley sustentou meu olhar. "A antiga casa de Milow e o quartel dos bombeiros ficam na rua principal aqui em Bowen. A casa dela ficava em uma ponta e o quartel dos bombeiros na outra. Ela Ela percorreu todo aquele trecho sozinha, no escuro. O pai estava trabalhando naquela noite. Ele a acolheu e chamou a polícia e o Conselho Tutelar."

Não parecia real. Parecia um pesadelo inventado para assustar as pessoas. E então, a ficha caiu. Milow tinha apenas seis anos quando encontrou o pai morto. Ela saiu de casa pela primeira vez na vida. Sozinha. Na neve. Incapaz de falar e procurando ajuda.

Eu não conseguia me decidir a aceitar. Ficava remoendo aquilo várias vezes, mas nunca me convencia.

Tinha que ser um milagre. Ou pura sorte. De qualquer forma, ela havia conseguido chegar em segurança.

Mas o que mais doía era saber o quão perto ela estivera o tempo todo, e ninguém jamais soube. Enquanto ela estava presa naquela casa com aquele monstro, nós estávamos a apenas algumas ruas de distância, vivendo nossas vidas, seguros e alheios à crueldade que acontecia naquela casa.

"Como ela—" Minha voz falhou. "Como papai descobriu o que estava errado?"

"Na verdade, não. A polícia fez isso depois. O pai fez perguntas a ela, mas ela permaneceu em silêncio", disse Wes. "Aparentemente, depois que o pai removeu suas cordas vocais, ele nunca a ensinou a se comunicar por sinais. Talvez um ou dois sinais. Mas não o suficiente para que ela conseguisse se comunicar de fato."

A raiva me invadiu em ondas violentas. Eu queria socar a parede e gritar a plenos pulmões. Mas permaneci imóvel.

Então percebi que ele ainda não havia respondido à minha pergunta.

"Por que ele removeu as cordas vocais dela?" "

Wesley soltou um suspiro pesado. Ele vinha evitando essa parte.

"O pai dela a maltratava, Ashby", disse ele. "E como ninguém sabia que ela existia — e como ele não queria que ninguém descobrisse o que ele fazia naquela casa — ele a silenciou."

Foi isso.

Meu estômago revirou violentamente e, antes que eu pudesse reagir, me curvei e vomitei ali mesmo no chão do quarto de Wesley.

"Droga", murmurou ele, imediatamente acariciando minhas costas. "Está tudo bem, campeão."

Mas nada estava bem.

Milow tinha vivido um inferno.

Tiraram-lhe a voz.

E com isso, a inocência que nenhuma criança deveria perder foi arrancada dela antes mesmo que ela tivesse a chance de entender o que estava acontecendo.

E o pai dela? Ele se safou facilmente.

"Você está se sentindo melhor?", perguntou Wesley enquanto me entregava um copo d'água.

Ele me fez deitar na cama dele depois que eu vomitei, mesmo eu tendo tentado argumentar e ajudá-lo a limpar o chão. Ele não deixou. Mandou eu ficar quieta. Era assim que ele sempre ficava quando sabia que eu precisava que alguém assumisse o controle por um instante.

Eu não esperava que meu corpo reagisse daquela forma. Nunca havia vomitado por choque ou emoção antes. Mas ouvir o que Milow havia passado causou essa reação violenta e incontrolável. Meu corpo não conseguiu processar a informação e, por isso, a rejeitou. .

"Sim. Obrigada", eu disse. Tomei alguns goles de água, me forçando a não beber, e coloquei o copo na mesa de cabeceira. Recostei-me nos travesseiros com um suspiro silencioso, encarando a parede enquanto mais lágrimas rolavam pelo meu rosto. "Ela guardou tudo isso para si esse tempo todo. Nunca me contou."

Eu não achava que me deviam a verdade. Eu sabia que essa era a história dela e a dor dela. Mas mesmo assim doeu. Eu queria ter sabido antes. Eu queria ter podido estar lá por ela. Talvez se eu soubesse, eu pudesse tê-la abraçado mais forte.

“E ela ainda está aqui”, disse Wesley gentilmente, seus olhos pálidos me observando atentamente. “Ela está viva. Ela é forte. Milow passou por algo que nenhuma criança deveria ter que sobreviver e, mesmo assim, ela é corajosa e tem um coração bondoso. Não é normal passar por algo tão difícil e se tornar uma boa pessoa.”

Olhei para ele enquanto sua expressão se suavizava ainda mais. Ele estendeu a mão e a pressionou contra meu peito, bem sobre o meu coração. "Assim como você", disse ele baixinho. "Você também passou por muita crueldade. E se tornou uma pessoa incrível."

Eu não queria pensar na minha vida antes de meus pais me adotarem. Raramente pensava nisso depois disso. Permanecia enterrada porque a vida que eu tinha agora era segura e repleta de pessoas que me amavam. Pensar no passado sempre me dava a sensação de abrir uma porta que eu havia me esforçado tanto para manter fechada.

Baixei o olhar e coloquei minha mão sobre a dele, apertando-a suavemente.

Ficamos em silêncio por um instante. Então, outra pergunta me veio à mente: "E a mãe dela?" perguntou baixinho: "Ela não estava por perto quando tudo isso aconteceu?"

Wesley apertou os lábios e deu de ombros. "Mamãe e papai perguntaram à polícia sobre a mãe de Milow. Eles tentaram encontrá-la. Mas não havia nada. Nenhum registro, nenhuma informação de contato. Ela provavelmente foi embora pouco depois do nascimento de Milow."

Isso não tornou a história mais fácil em nada. Pelo contrário, só a piorou. A raiva aumentou dentro de mim. Tentei não deixar que me dominasse, porque quanto mais eu me permitia sentir a amargura e a raiva, mais meu estômago ameaçava se revoltar novamente.

"Certo", eu disse baixinho, voltando a olhar para Wesley. "Obrigada por me contar, Wes."

“Sim”, respondeu ele com um sorriso. Soltou a mão e deu um tapinha na minha coxa antes de se levantar. Atravessou o quarto e abriu a janela, deixando o ar frio expulsar o cheiro azedo que ainda impregnava o chão. “Quer assistir a um filme? Algo bobo. Só para se distrair um pouco.”

Balancei a cabeça negativamente. "Acho que vou para a cama."

“Tudo bem.” Ele me observou atentamente enquanto eu me sentava e colocava as pernas para fora da cama. “Se precisar de alguma coisa, venha me chamar.”

“Obrigada.” Olhei para o chão e apertei os lábios. “E… desculpe pelo vômito.”

Ele acenou com a mão, descartando a ideia sem hesitar. "Não se preocupe com isso."

Dei-lhe um sorriso forçado e saí do quarto, subindo as escadas. Precisava escovar os dentes e tirar aquele gosto ruim da boca.

30

Milow

Adormeci pouco depois de subir para o meu quarto. Minha mente estava exausta com tudo o que eu havia aprendido hoje, e meu corpo acompanhava o cansaço. Não lutei contra isso. As poucas horas de sono que consegui foram profundas, e quando acordei, não estava mais cansada. O relógio marcava que já passava da meia-noite. O sono não viria mais com facilidade. Não com a minha mente tão agitada.

Deitei de costas e fiquei olhando para o teto escuro. Depois de alguns minutos, peguei o livro que estava lendo. Acendi o abajur e tentei me concentrar, na esperança de que a história me envolvesse o suficiente para me fazer esquecer da realidade, ou pelo menos me ajudar a dormir de novo. Queria que meus olhos pesassem novamente e que meus pensamentos se aquietassem.

Mas não funcionou. .

As palavras na página não faziam sentido para mim, e eu lia a mesma frase repetidamente sem absorver nada. Minha mente divagava e me arrastava de volta para tudo aquilo em que eu não queria pensar, e eu não conseguia escapar. Por mais que tentasse, não conseguia me livrar desses pensamentos.

Hoje, descobri a verdade. Não a versão que me contaram quando criança. Não a mentira inventada pelo homem que deveria me proteger e que, em vez disso, se tornou meu abusador. No fundo, eu sempre soube que nunca mais poderia usar minha voz. Esse conhecimento estava em algum lugar, enterrado profundamente, e estava tentando vir à tona no momento mais conveniente. Os pesadelos que tive ao longo dos anos não eram sonhos. Estavam na minha mente, tentando me dizer o que minha consciência não estava pronta para encarar. Mas eu era criança. Eu era ingênua o suficiente para acreditar na história que me contaram. Eu acreditava que algo mágico havia me tirado a voz porque eu tinha sido boazinha e obediente.

Agora eu sabia a verdade.

E o mais estranho é que não doeu como eu esperava. Perder a voz em si não foi a dor mais profunda. Eu já tinha convivido com essa realidade. Eu me adaptei a ela e sobrevivi sem ela todos esses anos.

O que me destruiu foi saber o porquê.

Meu próprio pai tirou isso de mim para me silenciar. Ele fez isso para que eu não pudesse pedir ajuda nem gritar para chamar a atenção de alguém quando ele me abusava.

Fechei os olhos com força, tentando suprimir as lembranças de quando eu era apenas uma criança, mas elas ainda assim vieram à tona.

Todas as noites em seu quarto .

O peso do corpo dele sobre o meu.

A forma como meu corpo congelou enquanto minha mente implorava por uma fuga que eu sabia que não tinha.

Tentei respirar, mas meus pulmões não se enchiam direito, e só quando ele me soltou consegui respirar.

Sentei-me abruptamente, puxei os joelhos para o peito, envolvendo as pernas com os braços e apoiando o queixo nelas. Concentrei-me na minha respiração.

Deixei a voz suave dentro da minha cabeça falar. Para me lembrar de onde eu estava e que estava segura nesta casa. Eu não estava presa como antes, e tinha pais que me amavam. Pais que me escolheram e me protegeram de todas as maneiras que sabiam.

Eu não estava com raiva deles por não terem me contado a verdade antes. Eu entendia o motivo. Eles queriam me proteger e me dar uma infância que não fosse definida pelo que me fizeram. E, honestamente, eu não achava que saber antes teria mudado alguma coisa. Eu não estava preparada naquela época.

Talvez eu só estivesse pronto agora.

Virei a cabeça em direção à porta. Meu coração me puxava para Ashby do outro lado do corredor. Ele provavelmente estava dormindo, e eu não queria acordá-lo só para que ele me visse assim. Eu estava inquieta, ansiosa e mal conseguia me controlar. Mas talvez ele já estivesse dormindo profundamente, e talvez eu pudesse entrar no quarto dele como tantas vezes antes. Eu seria silenciosa e cuidadosa, e me arrastaria para a cama dele sem acordá-lo.

Só de pensar em estar ao lado dele, eu me acalmava, e a vontade de ir era agora forte demais para ignorar. .

Levantei-me da cama e caminhei até a porta, abrindo-a devagar para que não rangisse. Estava escuro no corredor, e eu o atravessei descalça, com passos cautelosos. Meu coração disparou quando cheguei à porta dele, e hesitei ali com a mão pairando sobre a maçaneta. Então, finalmente, empurrei a porta.

Como eu esperava, Ashby estava dormindo. Estava deitado de costas, com a cabeça virada para a porta, e vê-lo fez algo dentro de mim formigar de um jeito estranho. Eu já tinha sentido isso antes, mas sempre me dizia para não deixar essa sensação ficar mais forte. Agora... eu não queria reprimi-la, apesar de saber que isso significaria ultrapassar certos limites.

Entrei e fechei a porta atrás de mim, aproximando-me até ficar ao lado da sua cama. Por um instante, apenas o observei. Seu rosto era suave, mas suas sobrancelhas grossas estavam levemente franzidas, como se estivesse pensando em algo que não lhe agradava. Talvez estivesse tendo um pesadelo. Estendi a mão antes que pudesse me conter, meus dedos roçando sua mão onde repousava sobre o colchão.

Acariciei a palma da sua mão, sentindo o quão quente ela era em comparação com a minha. Seus dedos se contraíram, mas ele não acordou. Meus olhos se voltaram para o espaço vazio ao lado dele. Eu queria me deitar ali mesmo e encostar meu corpo no dele. Queria ouvi-lo respirar, queria deitar minha cabeça em seu peito e ouvir as batidas do seu coração.

De repente, seus dedos se fecharam em torno dos meus, e eu olhei para o seu rosto novamente, com os olhos arregalados.

Ashby se mexeu e virou-se de lado, abrindo os olhos lentamente. Uma expressão de confusão passou pelo seu rosto, seguida de alívio ao me ver. .

"Milow?" ele sussurrou. Apertou minha mão com mais força e se sentou, apoiando-se no chão. "Você está bem?"

Balancei a cabeça negativamente. Eu não conseguia mentir para ele.

Sua expressão se fechou. Mesmo no escuro, pude ver as lágrimas se acumulando em seus olhos. Ele não disse mais nada. Apenas estendeu a mão para mim e me puxou para a cama. Recostou-se na cabeceira, depois me abraçou e me apertou contra si. Acomodei-me em seu peito e fechei os olhos. Seu coração batia acelerado sob meu ouvido, e seu corpo estava tenso, reprimindo muita coisa.

Houve um momento de silêncio, mas então sua respiração mudou. Faltou-lhe a garganta e seu peito se contraiu sob mim.

"Sinto muito", ele sussurrou, com a voz embargada. "Sinto muito mesmo que você tenha passado por isso."

Seus braços se apertaram num esforço desesperado para me abraçar ainda mais forte. Eu nem tinha certeza se isso era possível, mas por enquanto estava bom. Ele estava ali comigo, e só a sua presença me fazia sentir segura e protegida.

Seu rosto se pressionou contra meu cabelo enquanto seus ombros começavam a tremer. Ele estava chorando, e a princípio, eram soluços baixos. Mas então eles se tornaram mais altos, e tudo o que ele vinha reprimindo desabou de uma vez.

Virei a cabeça rapidamente para olhá-lo. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e sua respiração estava incontrolável. Eu nunca o tinha visto assim. Ele nunca havia chorado na minha frente.

Levantei a mão para acariciar sua bochecha e enxuguei as lágrimas que insistiam em escorrer. Meu polegar deslizou sobre sua pele, Tentando acalmá-lo da mesma forma que ele sempre me acalmava.

Seus olhos se fecharam com força ao meu toque, e mais soluços escaparam dele. Isso partiu meu coração em milhões de pedaços, e a dor só piorou quando percebi que ele finalmente sabia o que tinha acontecido comigo. Ele estava sofrendo por minha causa.

Antes que eu percebesse, as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto e eu chorei com ele.

Quando ele reabriu os olhos e me viu chorando em silêncio, algo dentro dele se quebrou completamente. Sua expressão se tornou raivosa, mas essa raiva não era direcionada a mim. Nunca foi. Ele se moveu, e suas mãos fortes se moviam com urgência enquanto me levantava e me acomodava completamente em seu colo. Ele me envolveu em seus braços com força, uma mão acariciando a minha nuca e pressionando meu rosto contra seu pescoço enquanto a outra me envolvia pelas costas.

"Estou aqui", disse ele novamente com a voz embargada. "O que você precisar. Sempre que precisar de mim, estarei aqui. Sempre, Milow."

Eu não precisava que ele prometesse. Ele vinha provando isso há anos, muito antes desta noite, e muito antes da verdade vir à tona e destruir tudo. Ele sempre esteve presente, na maioria das vezes de forma discreta. Mas ele estava presente.

Olhei para ele por entre os cílios úmidos e sorri suavemente, depois coloquei minha mão espalmada contra seu peito, bem sobre o coração, e enrolei meus dedos em sua camisa.

Ele expirou lentamente, e pareceu que meu toque o ajudou a respirar novamente. Seus braços me apertaram mais uma vez, lembrando-me da proteção que me proporcionavam. Uma de suas mãos deslizou para cima. minhas costas, movendo-se em movimentos lentos, e seu queixo repousava no topo da minha cabeça.

No silêncio, meu corpo relaxou contra o dele. O cansaço finalmente começou a me dominar. Em certo momento, sua cabeça inclinou-se para o lado, repousando completamente contra a minha, mas seus braços permaneceram ao meu redor, me mantendo perto enquanto ambos adormecíamos naquela posição.

Ashby

Acordei de manhã cedo. Meu corpo estava rígido e dolorido, mas assim que me lembrei da noite passada, isso não importou. Eu ainda estava sentada ereta, com as costas apoiadas na cabeceira da cama, e com Milow enrolada em meus braços, exatamente como estava horas atrás. Eu não queria que fosse de outra forma.

Movi-me com cuidado, esticando um pouco as pernas antes de puxar o cobertor para cobri-la adequadamente. Então olhei para ela e passei a mão suavemente pelos seus cabelos. Ela ainda dormia, e eu permaneci assim, apenas a abraçando e admirando sua beleza.

Incapaz de me conter, inclinei-me e dei-lhe um beijo suave na testa, com cuidado para não a acordar. Ela se mexeu um pouco contra mim, os dedos apertando minha camisa, e por um segundo pensei que ela continuaria dormindo. Mas então sua testa se franziu e, lentamente, seus olhos se abriram. .

Ela me olhou com um olhar vago a princípio. Quando percebeu onde estava, seus ombros relaxaram. Senti a tensão deixar seu corpo enquanto ela se acomodava contra meu peito.

"Ei", sussurrei. "Não queria te acordar."

Ela fechou os olhos novamente, seus lábios entreabertos enquanto respirava fundo.

Sorri e acariciei suas costas, deixando que ela decidisse se queria voltar a dormir ou ficar acordada comigo. Egoisticamente, eu queria que ela me olhasse novamente. Seus olhos sempre me transmitiam uma sensação de segurança.

Eu não conseguia desviar o olhar dela. Meu olhar percorreu seu rosto, contemplando suas bochechas rosadas, a ponta do seu nariz e, por fim, seus lábios. Muitos pensamentos me invadiram a mente ao mesmo tempo. Alguns eram suaves, outros pareciam impróprios, considerando tudo o que eu agora sabia.

Seus lábios eram lindos. Tão macios e expressivos. E jamais seriam usados para o propósito original dos lábios. Ela jamais falaria. A irreversibilidade disso me atingiu em cheio mais uma vez. Mas... ela ainda sorriria. Ainda faria aquele biquinho adorável que sempre derretia meu coração. Mas sua voz? Sua voz se foi para sempre. Eu jamais a ouviria, e o peso dessa constatação doía profundamente.

A raiva cresceu dentro de mim, direcionada a um homem que não existia mais, mas que havia deixado um rastro de destruição por onde passava. Eu nem percebi que a estava abraçando com mais força até que ela se assustou.

Seus olhos se abriram de repente. No instante em que viu meu rosto, ela se mexeu, endireitando-se para sentar no meu colo e poder me olhar direito. Suas mãos se ergueram, seus olhos buscando os meus com preocupação.

O que é isso? Por que você está com raiva?]

Minha garganta apertou. Lutei para me controlar. "Não quero usar minha voz", disse baixinho. "Não se você não pode. Não quando a sua lhe foi tirada."

Os olhos dela se arregalaram e ela balançou a cabeça rapidamente, movendo as mãos com urgência. [Mas eu não quero que você faça isso.]

"Não me parece certo, Milow. Não é justo", eu disse, lutando para conter as emoções. Lágrimas já ardiam atrás dos meus olhos. Meu coração disparava e batia forte contra as minhas costelas, como se quisesse sair pela boca. Eu sentia que estava perdendo o controle quanto mais tentava não explodir.

Sua expressão suavizou-se em tristeza, e seu olhar baixou para o meu peito. Minhas mãos ainda a seguravam firmemente pela cintura. Eu precisava ter certeza de que ela ficaria ali.

Sua respiração tremia ao inspirar. Então ela olhou para mim novamente, e seus olhos carregavam tanta coisa ao mesmo tempo. Mágoa, paciência, compreensão. Mas, acima de tudo, exaustão. Ela estava cansada de explicar. Cansada de tranquilizar a todos. E isso me fez sentir culpada. Eu era quem a fazia se sentir assim.

[Muita coisa na vida é injusta, mas não estou zangado.]

“Mas você deveria estar”, eu disse, com a voz embargada. “Você deveria estar muito brava, Milow.”

Minhas mãos começaram a tremer, e meu corpo acompanhou o tremor. O mesmo tremor incontrolável da noite anterior percorreu todo o meu corpo.

Ela balançou a cabeça novamente e colocou as duas mãos espalmadas contra meu peito. Inclinou-se para a frente até que sua testa encostasse na minha, e eu fechei os olhos, concentrando-me em sua presença e na pressão de suas mãos. Lentamente, por causa dela, minha respiração se acalmou. .

Quando ela sentiu a mudança, inclinou-se para trás o suficiente para me olhar. Suas mãos deslizaram até meu pescoço, e uma delas acariciou minha bochecha. Seu polegar roçou suavemente minha pele, e ela sustentou meu olhar por um instante antes de retirar as mãos para fazer um sinal.

[Não quero que você fique bravo(a). E não quero que você pare de falar só porque eu não consigo.]

Observei-a enquanto ela fazia uma pausa. Suas sobrancelhas se franziram por um instante, depois um pequeno sorriso, quase tímido, surgiu em seus lábios.

[Eu nunca quero que você pare de falar, porque sua voz é a coisa mais linda que eu ouço todos os dias.]

Pisquei. Suas palavras não me atingiram de imediato. Mas então, de repente, fizeram todo o sentido, e todas as emoções que eu havia me esforçado tanto para conter explodiram por completo. Desabei, mas desta vez, por um motivo diferente.

Ela tinha o coração mais puro. Sua bondade não havia sido destruída, mesmo depois de tudo o que ela passou. Ela havia sido silenciada, e ainda assim, escolheu a gentileza. Ela via beleza na escuridão, e foi isso que me destruiu.

Meus dedos se apertaram em seus quadris enquanto ela levantava a mão novamente, enxugando as lágrimas do meu rosto. Lutei para controlar a respiração, recusando-me a deixar que ela se transformasse em outra espiral de choro. Eu não chorava assim há anos, mas parecia que, desde ontem, eu não conseguia parar.

"Milow", sussurrei, puxando-a para mais perto de mim. Eu tinha tantas coisas que queria lhe dizer, mas nenhuma palavra parecia suficiente para expressar o quanto eu a admirava e adorava.

Eu ainda queria mostrar a ela de alguma forma, mas a única maneira que me ocorreu poderia assustá-la. Não queria arriscar insistir. Ela se afastou, mas eu fui egoísta demais para não me aproximar e beijá-la.

Ela permaneceu ali, tão perto que eu podia sentir sua respiração contra minha boca. Suas mãos repousavam em meus ombros, firmando-se enquanto eu tentava fazer o mesmo por nós duas. Engoli em seco enquanto me inclinava para mais perto, incapaz de me conter. A atração parecia inevitável, e eu tomava cuidado para não me mover rápido demais. Temia que um movimento em falso pudesse destruir aquele momento.

"O mundo não te merece", sussurrei. As lágrimas continuavam a rolar pelo meu rosto. "Eu não te mereço."

Ela balançou a cabeça e ergueu as mãos para sinalizar: [Mas você sim], antes de pousar as mãos novamente em cada lado do meu pescoço. Seu toque era tão suave que me causou arrepios por todo o corpo.

“Não, não tenho. Mas sou muito grata por você me deixar estar aqui com você e por confiar em mim o suficiente para ficar ao seu lado.”

Suas sobrancelhas se franziram enquanto seus olhos se fixavam na minha boca. A ponta da sua língua saiu, lambendo os lábios antes de seus olhos encontrarem os meus novamente. Aquilo deveria ter sido o meu sinal, mas eu estava paralisado. Eu não conseguia acreditar que aquela garota tinha um coração de ouro, e que ela estava me dando isso.

Ela se inclinou primeiro, os lábios entreabertos. Meu maxilar se contraiu e meus dedos se flexionaram em seus quadris antes de eu os mover para suas costas. Apoiei uma mão em sua lombar e a outra entre suas omoplatas. Eu queria perguntar se ela tinha certeza. Se ela realmente queria me beijar, porque ambos estávamos vulneráveis, e eu não queria que ela se arrependesse. Mas não havia espaço para perguntas.

Puxei-a ainda mais para perto até que meus lábios roçassem os dela, e com uma leve inclinação da cabeça, beijei-a suavemente. Foi um toque quase imperceptível a princípio, e eu temia que ela me afastasse. Mas ela não o fez, e retribuiu o beijo com a mesma delicadeza, enquanto seus dedos se cravavam profundamente em meus ombros.

Meu coração nunca havia batido tão forte, e meu peito começou a doer com a pulsação. Mas se beijá-la fosse assim pelo resto da minha vida, eu suportaria a dor.

Inclinei um pouco mais a cabeça e entreabri meus lábios novamente, movendo-os contra os dela em um beijo lento e cuidadoso. Seus lábios se moviam no mesmo ritmo, e seu corpo se pressionava ainda mais contra o meu. Ela não me afastava, e com os dedos acariciando meus cabelos na nuca, demonstrava que não queria que aquilo terminasse.

Eu também não queria parar. Não tinha certeza se conseguiria, não com a sensação tão boa que estava sentindo.

Minha mão direita permaneceu na sua lombar, enquanto a outra deslizava para a sua lateral, apertando-a suavemente pela cintura. Seu corpo estremeceu e seus lábios se entreabriram novamente, numa tentativa de aprofundar o beijo. Eu estava respeitando o ritmo dela, sem querer forçá-la a fazer algo que não desejasse.

Mas tudo isso foi obra dela.

Seus dedos se enroscaram em meu cabelo, e ela pressionou seu corpo contra o meu novamente enquanto seus quadris se moviam lentamente sobre mim. Ela ainda estava sentada no meu colo, e parecia que não conseguia chegar mais perto.

Com cuidado, movi minha língua para roçar seu lábio inferior, e quando ela reagiu com outro puxão do meu... Com o cabelo entre os dedos, deslizei lentamente para dentro de sua boca, minha língua roçando suavemente a dela.

Seu corpo enrijeceu, mas apenas por uma fração de segundo. Porque, em seguida, foi ela quem mergulhou a língua mais fundo na minha boca e inclinou a cabeça mais para o lado. Não consegui conter o sorriso. Milow sempre fora tão tímida, e eu sabia que ela nunca tinha sido beijada. Mas ela estava se abrindo para mim, desejando isso tanto quanto eu.

Levei minhas mãos até seus quadris, pressionando-a com mais força contra mim enquanto minha língua envolvia sua pele em um beijo lento e apaixonado. Seus dedos ainda estavam entrelaçados em meu cabelo, e naquele instante decidi que tê-la em meu cabelo era a minha coisa favorita no mundo.

O sol nascia lá fora, iluminando o quarto com a chegada da manhã. Mas, independentemente do que estivesse acontecendo no mundo, eu só me importava com Milow.

31

Milow

Eu nunca tinha sentido cada centímetro do meu corpo vibrar daquela forma. Senti tantas emoções ao mesmo tempo, e por mais intensas que fossem, todas eram positivas. Se eu tivesse que descrever o que sentia, não tinha certeza se conseguiria. Por mais livros que eu lesse, e por mais inteligente que todos me dissessem que eu era, eu não tinha palavras para descrever aquilo. Tudo o que eu sabia era que estava apaixonada, e nenhuma palavra jamais conseguiria explicar o que era essa sensação.

Ashby beijava muito bem. Não que eu tivesse alguém com quem compará-lo, mas a forma como ele fazia parecer significava alguma coisa. Ele era tão gentil e cuidadoso, e em nenhum momento senti que estava sendo forçada. Ele me deixava tomar a iniciativa e decidir o que aconteceria a seguir, e percebi que talvez isso não fosse uma boa ideia.

Porque se dependesse de mim, nos beijaríamos para sempre, sem parar. Mas, pensando bem, Isso provavelmente começaria a machucar nossos lábios depois de um tempo.

Depois do que pareceu uma eternidade, fui eu quem recuou. Olhei em seus olhos, precisando ter certeza de que o que tínhamos acabado de fazer estava certo. Suas pálpebras ainda estavam semicerradas, e seu olhar carregava aquela mesma admiração suave e reconfortante com que sempre me dirigia.

Seus polegares roçaram lentamente meus quadris, e nossa respiração se acalmou num ritmo tranquilo que comprovava o quanto nos tranquilizávamos mutuamente. Minhas mãos ainda estavam emaranhadas em seus cabelos, e eu não queria tirá-las. Percebi que ele gostava quando eu puxava. Ele emitia aqueles sons graves e profundos quando eu fazia isso, e eu repeti o gesto algumas vezes durante o beijo, só para ouvi-los novamente.

Um sorriso lento se espalhou por seus lábios, e ele se inclinou mais uma vez, depositando um último beijo suave em meus lábios. Quando ele se afastou, deixei minhas mãos deslizarem até seus ombros, e ele ergueu as mãos para acariciar meu rosto.

Ele me observou atentamente, com uma expressão ainda tão suave e doce. Então ele falou, e as palavras que proferiu fizeram um grande fogo de artifício explodir no meu coração.

“Eu te amo, Milow. Sempre te amei.”

Fiquei paralisada, apenas olhando para ele, enquanto meu coração batia tão forte no peito que eu conseguia senti-lo na garganta. Não me mexi, esperando que ele dissesse mais alguma coisa.

“Eu sei que não vai ser fácil”, continuou ele em voz baixa. “As pessoas vão julgar por causa da nossa criação. Provavelmente vão nos olhar de um jeito estranho. E se você não quiser que isso se torne público, tudo bem. Podemos manter isso em segredo. Não me importo com isso.” Seus polegares roçaram minha pele. maçãs do rosto. "Eu só quero estar com você. Do jeito que você quiser que isso aconteça."

Minha boca se abriu em espanto ao assimilar as palavras. Será que eu tinha ouvido direito? Ele realmente disse tudo aquilo?

Levei as mãos ao peito, tentando encontrar as palavras certas antes de assinar: [Você quer ser meu namorado?]

Os olhos de Ashby se arregalaram ligeiramente. "Ah, droga..." Ele levantou a mão e passou-a pelos cabelos, balançando a cabeça. "Eu não queria... não, eu não... droga, quer dizer, sim. Sim, eu quero ser seu namorado. Eu quero muito, Milow."

Suas palavras saíram atropeladas, soando confusas e sem filtro, e então ele parou abruptamente. Ele examinou meu rosto enquanto a preocupação o invadia. "Desculpe", disse ele rapidamente. "Eu não deveria ter insistido tanto. Eu só—" Ele engoliu em seco. "Se isso foi demais para você, preciso saber. Não quero te assustar nem te deixar desconfortável."

Minha garganta se fechou ao ver o olhar dele. Ele tinha medo de me perder. De perder o que éramos e o que tínhamos. Estendi a mão para o seu pulso, detendo sua mão onde pairava inutilmente entre nós. Ele se enrijeceu com o meu toque, observando-me atentamente.

[Eu também quero que você seja meu namorado.]

Seu fôlego escapou num suspiro trêmulo. "Você... você faz isso?"

Assenti com a cabeça, meus olhos agora ardendo. [Eu também te amo.]

Por um segundo, ele ficou completamente imóvel. Então, uma onda de emoções tomou conta do seu rosto. Ele riu baixinho e me puxou para perto, envolvendo-me em seus braços com força.

"Está bem", ele sussurrou contra meu cabelo. "Está bem. Graças a Deus." ”

Fiz uma careta e sorri diante da escolha de palavras dele.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, e ele se inclinou para trás, encostando a testa na minha.

"Eu prometo", disse ele em voz baixa, "que farei isso direito."

Eu não tinha dúvidas disso. Ele tinha feito tudo certo todos esses anos, mesmo quando não éramos namorados.

—

Ashby adormeceu novamente, e eu saí da cama com cuidado e desci as escadas quando ouvi barulhos vindos da cozinha. Mamãe já estava acordada. Juntei-me a ela e ajudei a preparar o café da manhã enquanto os outros ainda dormiam.

Eu preparava a massa da panqueca sem prestar muita atenção. Meus pensamentos voltavam constantemente a tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Mamãe e papai finalmente me contaram a verdade sobre o meu passado. Ashby disse que me amava e depois se tornou meu namorado. Essa parte fez meu coração disparar e eu não consegui conter o sorriso que se formou no meu rosto.

"Milow?", disse minha mãe suavemente enquanto se aproximava e colocava uma mão delicadamente nas minhas costas. "Você gostaria de compartilhar como está se sentindo? Acha que isso pode ajudar?"

Olhei para ela, incerta. Não me sentia pronta para trazer meu passado à tona tão cedo. Mas uma parte de mim temia que, se continuasse a ignorá-lo, ele voltaria mais tarde e

tornaria ainda mais difícil lidar com a situação. Era assim que as coisas ruins funcionavam, não é? Você as ignorava o máximo que podia e, então, um dia, elas te alcançavam quando você menos esperava. .

Dei-lhe um sorriso forçado e dei de ombros, depois coloquei o batedor de arame na mesa para assinar. [Ainda não estou pronta, mas irei até você quando estiver.]

"Está bem", disse ela, sorrindo gentilmente enquanto massageava minhas costas. "Que tal aproveitarmos a tarde? Podemos ir ao shopping. Talvez até cortar o cabelo. Eu realmente preciso", acrescentou, jogando seus longos cabelos castanhos para trás do ombro.

[Isso parece ótimo.]

“Ótimo. Acho que os meninos conseguem sobreviver uma tarde sem nós”, brincou ela.

Sorri e concordei com a cabeça. Mesmo assim, eu sabia que sentiria falta deles, como sempre sentia. E sentiria mais falta de Ashby.

—

A caminho do shopping, recebi uma mensagem do Ashby que fez meu coração disparar. Ele era oficialmente meu namorado, e receber mensagens dele agora tinha um significado completamente diferente.

Ashby
Aproveite seu dia no shopping. Já estou com saudades. Te amo, Milow. ☐

Sorri ao ler a mensagem, incapaz de disfarçar, e quando estava prestes a responder, outra apareceu. E outra. Ele era... Enviando spam agora.

Ashby
Aliás, para sempre.
Eu te amo agora e te amarei para sempre.
Isso soa muito brega.
Mas é verdade, e eu só queria que você soubesse.

Tapei a boca com uma das mãos, franzindo o nariz de tanta fofura.

Meu
Eu também te amarei para sempre.

Ashby
E eu sempre te amei.
Meu
Eu sempre te amei também.

Ashby
Que bom que estamos em sintonia.

Continuei sorrindo ao ler suas mensagens e observei o balãozinho aparecer pela última vez.

Ashby

Eu te amo. Sempre. <3

Meu
Eu te amo. Para sempre. <3

Quando chegamos ao shopping, o nó no meu peito tinha afrouxado um pouco. Mas eu ainda tinha o nosso A conversa ainda estava na minha cabeça. A última vez que eu tinha ido ao shopping com a minha mãe tinha sido há muito tempo, e a ideia de passar uma tarde inteira sozinha com ela lá me animava. Mas antes de fazermos compras, fomos direto ao salão de beleza. Minha mãe tinha ligado antes de sairmos de casa para ver se eles tinham algum horário disponível com tão pouco tempo de antecedência.

Por sorte, elas fizeram isso. Mamãe marcou um corte de cabelo para ela mesma, e eu tomei uma decisão que nunca tinha tomado antes: ia fazer as unhas. Eu não queria cortar o cabelo porque gostava dele comprido, e depois das mensagens do Ashby mais cedo, me senti excepcionalmente feliz. Tanto que quis experimentar algo novo.

Antes de minha mãe se sentar para o horário marcado, ela me ajudou a explicar à manicure qual cor eu queria.

[Gosto muito deste], assinei antes de apontar para um verde claro, quase pastel.

"Que lindo!", disse minha mãe com um sorriso. Ela falou com o técnico e depois olhou para mim. "Já estou indo."

Assenti com a cabeça e sorri. [Ok.]

A técnica me guiou até uma cadeira em frente a ela, posicionada de forma que eu pudesse ver minha mãe no espelho. Ela me deu um pequeno aceno de mão, e eu a observei por um instante a mais do que o necessário. Lembrei-me da primeira vez que a vi, antes de ela e meu pai me adotarem. Naquela época, achei que ela parecia uma princesa. E continuava parecendo. Ela não tinha envelhecido quase nada. Para quarenta anos, parecia ter trinta. Meu pai também. Ele era apenas dois anos mais velho e ainda parecia jovem, mesmo com aquele bigode ridículo.

A mulher pegou minhas mãos com cuidado e começou a manicure. Observei cada passo. Eu nunca tinha feito isso antes. Antes, eu nunca tinha sequer considerado pintar as unhas. Nunca pensei que meus dedos merecessem esse tipo de cuidado. A pele ao redor das minhas unhas estava rachada e irregular. Algumas unhas eram mais curtas que outras, e a pele vermelha e irritada do meu polegar esquerdo me fazia pensar que minhas mãos nunca ficariam bonitas.

O hábito de cutucar a pele sempre me deixou desconfortável e insegura. Mesmo assim, eu tinha esperança de que usar esmalte pudesse me ajudar a parar. Valia a pena tentar. E se não funcionasse, eu teria que encontrar outra maneira.

O processo foi mais fácil do que eu esperava. A técnica não pareceu se incomodar com a aparência das minhas mãos. Ela até me garantiu que os cremes e óleos que usou não causariam queimaduras na pele lesionada. Sorri para ela, grata por ela não ter chamado a atenção para algo com que eu já estava tendo dificuldades.

Quando ela terminou, estendi as mãos à minha frente e as girei lentamente, observando como estavam agora.

"Pronto", disse a mulher, sorrindo ao ver minha reação. "Essa cor ficou muito bonita em você."

Meu sorriso se alargou. [Obrigada.] Eu não tinha certeza se ela havia entendido, mas o jeito como ela assentiu e inclinou a cabeça me disse que sim.

Levantei-me e me virei exatamente no momento em que minha mãe saiu da cadeira. Seu cabelo estava mais curto agora, terminando na altura do peito em ondas soltas. Ela tinha feito uma franja rala que, de alguma forma, a fazia parecer ainda mais jovem. Eu não sabia como isso era possível, mas ela estava linda.

“Oh, querida, deixe-me ver”, disse ela, aproximando-se com um sorriso radiante. Coloquei minhas mãos nas dela, e ela as examinou atentamente, passando os polegares suavemente sobre minhas unhas. “Está incrível, Milow. Faça você gosta disso?"

Assenti rapidamente com a cabeça e depois fiz um sinal: [Você é linda. A franja combina muito com você.]

Mamãe sorriu e tocou cuidadosamente no cabelo. "Espero que papai goste. Ele nunca foi fã de franja."

Ele vai adorar. Ele te amaria mesmo se você fosse careca.

Ela riu e pegou minha mão na dela. "Você tem razão. Ele é tão fácil de agradar", brincou.

Assim que minha mãe pagou, saímos do salão de cabeleireiro e manicure e entramos na primeira loja de roupas que vimos. Eu olhei as araras distraidamente, ocasionalmente encontrando um suéter bonitinho, mas nada que me parecesse interessante. Minha mãe, por outro lado, já tinha quatro peças penduradas no braço. Ela sorriu para mim. "Nada te chamou a atenção?"

Fiz um biquinho e dei de ombros levemente. [Não. Mas gostei do que você escolheu até agora.]

“Preciso desesperadamente de suéteres novos. Estou farta dos meus antigos”, explicou ela.

Observei-a por um instante. [Posso ficar com eles?]

“Meus suéteres antigos?”

Assenti com a cabeça.

“Claro, meu bem. Mas você também deveria comprar roupas novas. Quero muito mimar nós duas hoje”, disse ela com um sorriso.

[Certo.] Eu tinha certeza de que encontraria algo de que gostasse em outra loja.

Continuamos andando pela loja quando uma mulher que me pareceu familiar acenou para minha mãe. "Oi, Iris! Levando sua filha para fazer compras?"

Mamãe sorriu para ela, e quando a mulher se aproximou de nós, vi Hailie e Aspen se aproximarem por trás dela.

Ótimo. Era fim de semana e eu ainda tinha que vê-los. .

“Olá, Darla. Ah, sim. É um passeio muito necessário”, disse a mãe. Sua voz era gentil, mas apenas quem a conhecia bem perceberia o tom de irritação.

“Nem me fale”, respondeu Darla.

Agora que a observei com mais atenção, com Hailie bem ao lado dela, ficou claro que era sua mãe.

“Milow, nossa, você cresceu tanto, querida”, disse Darla, sorrindo para mim de forma exagerada. “Como estão as coisas na escola? Nunca te convidei para vir aqui em casa. Talvez você e as meninas possam fazer uma festa do pijama qualquer dia desses.”

Tive vontade de fazer uma careta. Darla claramente não sabia que sua filha e a melhor amiga dela me odiavam. Ela provavelmente também não sabia que eu era muda e que

passar tempo com elas não adiantaria, já que elas não me entendiam. Não respondi. Apenas dei um sorriso forçado e tentei não olhar para Hailie e Aspen.

Eles estavam me encarando. Eu podia sentir.

"Ela não é realmente nossa amiga", disse Hailie à mãe, com a voz carregada de desgosto. "Ela é amiga daquela garota com problemas mentais."

"Hailie!" Darla repreendeu, virando-se para a filha. "Isso não é uma coisa legal de se dizer."

“Mas é verdade”, acrescentou Aspen. “Nós já te falamos dela, não é, Darla? Aquela garota que vive arrumando briga com a gente.”

Eu queria gritar, mas como não conseguia, apenas os encarei. Eles estavam falando sobre Scottie, e eu odiei o jeito como a descreveram.

“Ah, não sejam dramáticas, meninas”, disse Darla, com desdém.

“De quem você está falando?”, perguntou minha mãe. Eu tinha certeza de que ela já sabia, mas queria confirmar. .

“Scottie Kepner”, respondeu Aspen, com a voz ainda carregada de desgosto enquanto olhava para a mãe. “Eu não deixaria minha filha andar com uma garota assim. Ela é uma péssima influência. Talvez Milow também não devesse.”

Ela estava falando sério? Como podiam falar com tanta falta de respeito de alguém que nem conheciam? A Scottie era minha melhor amiga. Ela era gentil e leal. Eles só estavam com raiva porque a Scottie era uma das poucas pessoas que sempre os enfrentava.

Já não aguentava mais. Virei-me para a minha mãe e esperei que ela me olhasse. [Eles são extremamente grosseiros comigo e com o Scottie na escola.]

Mamãe não hesitou nem por um segundo. Ela estendeu a mão para mim, e eu a coloquei na dela enquanto ela se virava para Darla. "Foi bom te ver de novo, Darla. Aproveite suas compras."

Darla não teve tempo de responder. Mamãe me guiou até os vestiários. Ela estava irritada, algo que eu raramente via, e eu odiava que eles tivessem causado aquilo. Quando paramos perto dos vestiários, mamãe se virou para mim com uma expressão de preocupação estampada no rosto. "Há quanto tempo isso está acontecendo?"

Dei de ombros. [Na verdade, nunca parou.]

Ela sabia o que aquilo significava. Ela sabia sobre a primeira série, sobre a vez em que me meti em encrenca por mostrar o dedo do meio para eles. Aquela tinha sido a única vez que uma professora conversou com a mamãe e o papai sobre a Hailie e a Aspen. Eu nunca tinha contado a eles sobre tudo o mais que nos fizeram passar.

[Mas está tudo bem. Ashby e Stan estão lá para nos proteger.]

Mamãe não ficou satisfeita com isso. "Se eles forem grosseiros com você ou com o Scottie de novo, por favor, conte para o papai e para mim, tá bom?"

Assenti com a cabeça. .

Ela suspirou, ainda chateada, e estendeu a mão para acariciar suavemente minha bochecha. "Tenho orgulho de você, Milow. De quem você é. Você tem o coração mais puro."

Sem querer, também me senti orgulhosa de mim mesma. Mas talvez ter um coração tão puro nem sempre fosse uma coisa boa. Eu sabia que perdoava com muita facilidade.

Sorri e me inclinei para ela, dando-lhe um pequeno abraço antes de olhar para ela novamente. [Vá experimentá-las], sinalizei, apontando para as roupas em seu braço.

E durante o resto da tarde, passeamos pelo shopping, aproveitando a companhia um do outro.

32

Ashby

Meu pai, Wes e eu passamos a tarde no porão, jogando videogame e comendo qualquer coisa que encontrássemos na despensa. Não era algo que fazíamos com frequência. Wes e eu jogávamos talvez uma vez a cada duas semanas, e só quando realmente não tínhamos mais nada para fazer.

Entre a escola e os treinos, raramente tinha tempo, mas hoje foi bom desligar o cérebro por um tempo. Jogar videogame foi uma distração que eu nem sabia que precisava tanto.

Depois de algumas rodadas de corrida de carros, mudamos para outro jogo, e como era para um jogador, meu pai e eu acabamos assistindo Wes detonar todos os monstros que apareciam em seu caminho. Eu estava estirado em uma das pontas do sofá grande, olhando para a tela distraidamente, meio perdido em meus próprios pensamentos, quando ouvi um barulho lá em cima. .

Meu coração disparou na hora. Sentei-me, completamente incapaz de relaxar ao pensar em ver Milow novamente. "Eles voltaram", eu disse, já me levantando.

Wes pausou o jogo e papai virou a cabeça em direção à escada. Eu também virei, bem na hora em que começaram a descer os passos. Mamãe apareceu primeiro, e nós três tivemos a mesma reação ao vê-la.

“Uau…”

Fiquei boquiaberto.

Wes soltou um assobio baixo. "Você está linda, mãe", disse ele, enquanto eu ainda tentava encontrar as palavras certas.

"Ora, obrigada, Wesley", respondeu a mãe com um sorriso, jogando o cabelo para trás do ombro.

"Muito bonita", consegui dizer finalmente, sorrindo para ela.

“Meu Deus…” A expressão do papai foi impagável. Ele tapou os olhos com a mão, esfregou o rosto e olhou para a mamãe de novo, boquiaberto. “Você é realmente a única mulher que consegue fazer isso.”

Ele se referia à franja. Eu já o tinha ouvido reclamar da franja inúmeras vezes — o que, para ser justa, nunca importou muito. Ele não tinha o direito de opinar sobre o que os outros faziam com o cabelo. Mas era exatamente isso que tornava tudo tão engraçado.

"Você gostou?", perguntou a mãe, aproximando-se dele.

"Com certeza!" Papai a abraçou pela cintura e a puxou para perto, com os olhos ainda fixos em seu rosto e cabelo. "Você está absolutamente linda, Iris."

Fiz um biquinho e olhei para Wesley, que deu uma risadinha e balançou a cabeça.

Então Milow apareceu no último degrau, e minha atenção se voltou para ela imediatamente. Ela não havia cortado o cabelo, mas Havia algo nela que parecia diferente. Mais suave, talvez. Não conseguia identificar exatamente o quê.

“E aí, Milow. Como foram as compras?” perguntou Wes.

Ela desviou o olhar de mim para olhar para Wesley com um sorriso. [Foi divertido. Mamãe e eu ganhamos roupas novas.]

Quase não reparei no que ela assinou. Outra coisa me chamou a atenção.

“Você está com esmalte nas unhas.”

O comentário fez com que todos olhassem para mim, mas mantive o foco nela. Milow corou e levou as mãos à barriga.

Eu sorri. Sabia o quanto aquilo era importante para ela. Percebendo que talvez a tivesse constrangido, caminhei até ela e parei em frente a ela.

"Posso ver?", perguntei gentilmente.

Ela hesitou, depois ergueu as mãos lentamente. Deslizei minhas mãos por baixo das dela, roçando levemente meus polegares no dorso de seus dedos. Wesley se aproximou para olhar também.

"É bonito", eu disse depois de um instante. "Gostei muito da cor."

Ela sorriu e recolheu as mãos, olhando para elas antes de assinar. [Eu também gostei. Mas já comecei a tirar o esmalte.]

"Tudo bem", respondi rapidamente. "Provavelmente leva algum tempo para se acostumar."

Ela assentiu com a cabeça, ainda olhando para as mãos. Foi então que teve uma ideia.

"Ei... talvez esmalte de unha realmente possa ajudar com o hábito de cutucar a pele."

Milow franziu ligeiramente a testa. .

"O que você quer dizer?", perguntou Wesley, pegando delicadamente uma das mãos dela para olhar mais de perto.

"Quer dizer... em vez de cutucar a pele, você poderia cutucar o esmalte", expliquei. "Assim não dói e você ainda tem uma válvula de escape para quando ficar ansiosa."

Talvez tenha soado estúpido. Eu não tinha certeza. Mas para mim, fazia sentido.

Milow olhou para mim pensativamente, com os lábios cerrados.

“Na verdade, é uma ótima ideia”, disse minha mãe, entrando ao nosso lado. “As pessoas fazem isso o tempo todo. É parecido com aqueles anéis antiestresse. Só que, em vez de esmalte, você descasca a unha.”

Então, no fim das contas, não foi uma ideia tão estúpida. Sorri para Milow. "O que você acha?"

Ela deu de ombros e olhou para a sua mão na de Wesley, depois a soltou para assinar. [Eu poderia tentar. Mas aí nem sempre ficaria bonito.]

“Isso não importa”, eu disse a ela. “Você está usando para você mesma. E você sempre pode reaplicar.”

“O Champ tem razão”, acrescentou Wes. “A Evie descasca o esmalte o tempo todo. Posso pedir para ela trazer um pouco amanhã à noite, se você quiser.”

O sorriso de Milow se iluminou ainda mais. Ela assentiu com a cabeça e juntou as mãos ao peito.

Meu Deus. Ela era adorável.

“Vejo que vocês, meninos, se alimentaram apenas de besteiras hoje”, disse a mãe, divertida. “Ainda têm espaço para o jantar?”

"Eu poderia comer", disse Wes.

Papai e eu assentimos com a cabeça. "Igualmente."

“Certo. Não vou cozinhar hoje à noite. Já vou cozinhar bastante amanhã. Que tal comida chinesa?”, sugeriu ela. .

Todos concordamos. Antes de subirmos, ela nos pediu para limparmos o porão.

Enquanto papai e Wes voltavam para o sofá, eu me virei para Milow e sorri. [Me encontre no seu quarto?]

Ela apertou os lábios e assentiu. [Ok.]

Apertei levemente a mão dela e observei-a subir as escadas antes de voltar para ajudar a arrumar.

Poucos minutos depois, eu estava na porta do quarto de Milow, observando-a ao lado da cama enquanto ela tirava suas roupas novas das sacolas.

Ela se virou ao me ouvir, e um sorriso radiante se abriu imediatamente em seus lábios. Meu coração deu um salto, como sempre acontecia quando eu a olhava.

"Ei." Entrei no quarto e fechei a porta até a metade atrás de mim, dando-nos um pouco de privacidade.

Ela mordeu a parte interna da bochecha e ergueu a mão num pequeno gesto. Seus olhos permaneceram fixos nos meus e se arregalaram de curiosidade quando parei bem na sua frente. Não tentei me conter. Não queria. Passei as mãos pela sua cintura e a puxei para perto de mim antes de me inclinar e beijá-la.

Ela se entregou completamente a mim, com as mãos subindo até meus ombros, onde se agarrou firmemente. Inclinei a cabeça e aprofundei o beijo. Saboreei cada momento. Queria que durasse para sempre.

Seus dedos roçaram meus cabelos na nuca. O toque me causou uma onda de prazer. Levei minhas mãos para a parte inferior das costas dela, e quis descer mais. A vontade era forte, mas mantive as mãos onde estavam e a abracei com mais força, alinhando meu corpo ao dela. .

Passei a língua lentamente pelos seus lábios, e ela os entreabriu para mim antes que eu deslizasse minha língua para dentro da sua boca, onde encontrou a dela. Eu não queria sobrecarregá-la, e depois de mais um beijo profundo, afastei-me um pouco e pressionei meus lábios contra sua bochecha antes de olhá-la novamente.

"Senti sua falta hoje", eu lhe disse baixinho.

Ela sorriu, e eu soube que ela sentia o mesmo, sem precisar assinar nada. Em vez disso, ela me abraçou pelo pescoço.

Respirei fundo o seu perfume e fechei os olhos, apertando meus braços ao redor de sua cintura. Fiquei ali com ela por um instante, distribuindo beijos suaves em seu pescoço, antes de finalmente me afastar.

"Quer mostrar algumas comprinhas?", perguntei, interessada em saber o que ela tinha comprado.

Ela assentiu rapidamente e se virou para a cama, mostrando-me cada um dos seis itens que havia ganhado. Todos eram bonitos e combinariam perfeitamente com ela.

[Gosto mais desta], disse ela, levantando a camisa de mangas compridas listrada em azul-marinho e vermelho.

“Essa também é a minha favorita”, eu disse a ela com um sorriso, pegando a camisa dela. “Me lembra um dos meus suéteres.”

Suas bochechas coraram enquanto ela juntava as mãos, um sorriso tímido surgindo em seus lábios. [Isso me lembrou você, então eu comprei.]

"Você é adorável", murmurei, dando uma risadinha suave. "Quando voltarmos para a escola daqui a uma semana, nós duas deveríamos usar."

Os olhos dela se arregalaram. [Sério?]]

"Sim, por que não?" Sorri e coloquei o suéter de volta na cama. "Poderíamos combinar."

[Eu gostaria disso], ela sinalizou, com os olhos ainda arregalados.

"Ótimo." Sorri e me sentei na cama. "O que mais você fez no shopping?"

O rosto dela se fechou imediatamente, e meu coração parou. Algo deve ter acontecido.

"O quê?" Franzi a testa e observei-a olhar para as próprias mãos. "Aconteceu alguma coisa, Milow?"

Ela deu de ombros levemente.

“Milow…” Estendi a mão para pegar as dela. “Está tudo bem entre você e a mamãe, não é?”

Foi uma pergunta idiota. Claro que não tinha acontecido nada entre elas. Milow e a mãe eram muito próximas, e até mesmo perguntar isso a ela parecia errado.

Ela franziu a testa e, como não respondeu, eu disse: "Desculpe, foi uma bobagem. Mas aconteceu alguma coisa."

Nossos olhares se encontraram, e vi aquela mistura de ansiedade e preocupação passar pelos seus olhos. Soltando as mãos das minhas, ela fez um sinal: [Encontramos Hailie e Aspen em uma das lojas. A mãe de Hailie parou para conversar com a mãe dela.]

Ah... merda.

Eles disseram algo que te chateou?

Ela assentiu com a cabeça. [Disseram coisas maldosas sobre Scottie.]

“Na frente da mãe?” Mas isso não deveria ter sido surpresa.

[Disseram que ela tinha problemas mentais e que a mãe não devia me deixar ser amiga dela.]

“Bruxas”, murmurei, puxando Milow entre minhas pernas. Apoiei as mãos na parte de trás de suas coxas e passei os polegares suavemente sobre elas. “Você sabe que nenhuma delas Opiniões importam, não é? O que o Stan disse mesmo sobre eles? Que eles falam demais e nunca dizem nada de inteligente.

Um sorriso lento surgiu em seus lábios, e eu continuei. "Nós duas sabemos que Scottie é uma amiga incrível, e ela é extremamente leal a você. E vice-versa. Hailie e Aspen estão tristes e solitárias, e é evidente que a amizade delas não é nem tão forte quanto a sua com a Scottie."

Milow acenou levemente com a cabeça, seu sorriso agora mais genuíno.

[Eu disse à mamãe que eles não têm sido nada além de malvados conosco.]

“Ótimo. E da próxima vez que eles decidirem ser maldosos de novo, você nos conta.”

Ela assentiu novamente, colocando as mãos nos meus ombros enquanto olhava para mim.

Sorri, apertando-lhe as coxas suavemente. "Eu te amo e tenho orgulho de você, Milow. Nunca se esqueça disso."

Ela balançou a cabeça e corou ainda mais, depois se inclinou para me abraçar. Eu a abracei por um tempo, acariciando suas costas e silenciosamente assegurando-lhe que eu sempre estaria lá para ela.

33

Ashby

Sexta-feira, 17 de outubro

O feriado de Ação de Graças estava quase no fim, e todos nós precisávamos desesperadamente de dias de folga. Mas mesmo assim, Milow continuava pegando seus livros de matemática, resolvendo problemas por diversão como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Muitas vezes eu sentava e observava, admirando-a como sempre fazia.

Na tarde desta sexta-feira, minha mãe e eu sentamos ao computador e finalmente enviamos minhas inscrições para a universidade. Ela havia prometido que faríamos isso durante o recesso para que eu pudesse me concentrar nos estudos e nos treinos depois. Me inscrevi em quinze universidades. Mesmo assim, só havia uma na qual eu realmente queria entrar: a Universidade da Colúmbia Britânica.

Esse era o objetivo. Wesley havia se formado na UBC. Ele já era um atleta bastante conhecido em todo o país. por causa disso. Ele jogou pela seleção canadense de hóquei e foi titular absoluto no Vancouver Redwinds. Ele realizou seus sonhos e eu tinha orgulho dele. Ao mesmo tempo, ver o quanto ele teve que lutar para chegar lá me assustava.

Eu sabia que não seria fácil para mim também, por melhor nadadora que eu fosse. O sucesso custaria tempo, dor e sacrifício. Mas eu estava preparada para isso. Estava disposta a dar tudo de mim.

O que mais importava era que eu não faria isso sozinha. Minha família estava ao meu lado, me apoiando. Era por isso que eu era mais grata.

“E aí, campeão.” Wesley subiu as escadas assim que eu saí do banheiro. “Você já enviou as candidaturas?”

Eu precisava de um banho depois de hoje. Por algum motivo, eu estava suando mais do que o normal. Coisas importantes como me inscrever na universidade me deixaram nervosa.

Passei a mão pelos meus cabelos úmidos e assenti com a cabeça. "Sim. Mamãe e eu trabalhamos nisso o dia todo."

“Ótimo.” Ele sorriu. “Sei que você vai entrar na UBC.”

"Espero que sim." Soltei um suspiro e lhe dei um sorriso forçado. "O que foi?"

“Hum, eu queria falar com você sobre uma coisa.”

“Parece sério.”

“É sim, mas não é nada de ruim”, disse ele, acenando com a cabeça na direção da porta do meu quarto. “Vamos sentar um pouco.”

Eu o segui até meu quarto e sentei na cama com ele, apoiando-me nas mãos para ficar confortável. "Diga." ”

Wesley pigarreou e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos com a cabeça baixa. Quando olhou para mim novamente, disse: "Contei à Evie o que aconteceu com Milow. Achei que você deveria saber."

Observei-o atentamente, dando-me tempo para sentir o peso de suas palavras e o que elas significavam. Depois de um instante, assenti. "Certo."

"Claro que primeiro perguntei à Milow. Ela concordou e ficou conosco enquanto eu contava para a Evie."

"Certo", repeti, acenando brevemente com a cabeça. "E como a Evie reagiu?"

Ele soltou uma risada discreta e divertida. "Não muito bem. Ela chorou."

Isso não me surpreendeu. Evie era uma das pessoas mais empáticas que eu conhecia, e ela fazia parte desta família desde sempre. Ela via Milow como sua irmãzinha, e essa notícia não deve ter sido fácil para ela assimilar, assim como não foi fácil para nós.

“E agora estão pintando as unhas uma da outra”, acrescentou Wes, dando uma risadinha. “Me expulsaram do meu próprio quarto.”

Eu ri, sentei-me e dei um tapinha leve nas costas dele. "Você pode ficar comigo, amigão."

“Obrigado. Quer voltar lá para baixo e jogar mais videogame? Não teremos esse tempo depois do fim de semana.”

Eu odiava o quão verdadeira era aquela afirmação. Mesmo assim, qualquer oportunidade de passar um tempo com Wesley era algo que eu jamais recusava. E eu queria que Milow também tivesse tempo com outras pessoas, não só comigo. Eu não queria sufocá-la nem fazê-la sentir que só tinha um lugar para estar. .

Assenti com a cabeça e me levantei da cama, dando mais um tapinha rápido no ombro de Wesley. "Sim. Vamos."

—

Acordei na manhã seguinte com o pescoço rígido. Depois do jantar com toda a família na noite anterior, Wesley e eu tínhamos descido e nos envolvido em mais uma rodada de videogames. Em algum momento, devo ter adormecido lá embaixo.

Wesley não estava por perto quando abri os olhos. Não fiquei chateada com isso. Ele provavelmente tinha voltado para a cama para passar o resto da noite com Evie.

A TV estava desligada e, enquanto me sentava, notei que meu celular estava acendendo na mesa de centro. Alguém estava ligando. Quando peguei o aparelho, vi o nome de Stan na tela.

Franzi a testa e verifiquei a hora: quinze para as sete.

Por que diabos ele estava acordado tão cedo num sábado?

Deslizei o polegar pela tela e levei o telefone ao ouvido. "Stan? Você está bem?"

"Estou bem?" Sua voz estava rouca e áspera, como se ele mesmo tivesse acabado de acordar. "Claro que estou bem. Estou sempre bem."

"Certo", murmurei, esfregando os olhos com a mão livre. "Por que está ligando? Ainda é cedo."

"Eu sei." Ouvi algo estalar ao fundo e, pela forma como ele respirava, percebi que estava andando. "Estou indo para a academia com o Jasper." ”

Esperei, dando-lhe um segundo para se explicar. Como ele não o fez, perguntei novamente: "E você está me ligando tão cedo porque..."

“Porque eu queria ouvir sua voz, querida”, disse ele num tom agudo e cantado. Depois, sua voz voltou ao normal. “E para perguntar se você quer vir, sua boba.”

Eu ri baixinho. "Droga, Stan. Por que você não me contou ontem? Eu estaria preparado."

“Eu esqueci. Eu estava com a Scottie e ela—” Ele parou abruptamente e continuou: “Você vem ou não? Estou quase chegando na sua casa. Eu espero se você vier.”

“Sim.” Eu já estava de pé. “Já estou indo.”

Ótimo. Traga-me uma banana, uma maçã e duas barras de proteína. As de manteiga de amendoim e caramelo. Amo você.

Ele desligou antes que eu pudesse argumentar. Suspirei, não por estar irritada, mas porque, por mais exigente e caótico que ele fosse, eu sabia que jamais deixaria de amá-lo como meu melhor amigo.

Subi as escadas em silêncio para pegar minha mochila de ginástica. Não me preocupei em trocar de roupa. De qualquer forma, tomaria banho depois do treino. Vesti um suéter, coloquei um boné sobre meu cabelo bagunçado e voltei para o corredor. Parei em frente à porta do quarto de Milow. Estava entreaberta e eu podia vê-la deitada na cama.

Precisava vê-la antes de ir embora, então empurrei a porta e entrei. Com passos silenciosos, sentei-me na beirada da cama. Inclinei-me e dei-lhe um beijo suave na bochecha, com cuidado para não a acordar, mas ela se mexeu mesmo assim, e eu quase praguejei baixinho. .

"Ei", sussurrei.

Ela franziu a testa e sentou-se rapidamente, com uma expressão de preocupação no rosto. [O que houve?]

"Nada", eu disse suavemente, acariciando seu braço antes de segurar sua bochecha. "Vou à academia com Stan e Jasper."

Ela franziu a testa ao olhar para a janela, onde o sol ainda não havia nascido. Quando olhou para mim novamente, fez um sinal: [Posso entrar?]

"Para a academia?", perguntei, surpresa.

Ela assentiu com a cabeça e mordeu a parte interna da bochecha. [Posso trazer um livro.]

Eu sorri. Meu Deus, ela era tão adorável. "Sim. Não me importo."

Seus lábios se curvaram em um sorriso. Ela se inclinou, beijou minha bochecha e depois apoiou a cabeça no meu ombro. [Obrigada.]

Eu ri baixinho e beijei o topo da cabeça dela, envolvendo-a com um braço. Ficamos assim por um instante antes de eu sussurrar: "É melhor irmos agora. Stan já está esperando lá fora."

Ela saiu da cama imediatamente e vestiu um moletom que costumava ser do Wesley. Ficou muito grande nela, mas ela adorou. Tinha o logo do time de hóquei dele e o número dele. Ela puxou o capuz, pegou um livro e se virou para mim com um sorriso. [Pronta.]

Peguei na mão dela e entrelacei nossos dedos, levantando-a para beijar o dorso da sua mão antes de guiá-la escada abaixo. Embalei os lanches que Stanley havia pedido, além de alguns extras para Milow e para mim.

Quando saímos, Stan já estava parado no final da entrada da garagem, com a mochila da academia pendurada no pescoço. ombro. Soltei a mão de Milow. Assim que ele nos viu, abriu um sorriso e os braços.

“De jeito nenhum”, disse ele. “O Ace vai treinar com a gente?”

Embora a amizade deles fosse inocente, senti uma pontada aguda de ciúme. Foi o apelido que ele dava a ela que provocou isso. E, de alguma forma, como namorado dela, eu nem sequer tinha um apelido para ela.

Eu precisava corrigir isso.

Milow sorriu e acenou enquanto nos aproximávamos. Quando estávamos perto o suficiente, Stan a abraçou pela cintura e a levantou.

"Fica muito mais suportável acordar tão cedo quando posso ver seu rosto", disse ele, abraçando-a forte antes de colocá-la de volta no chão. "Você vai malhar com a gente?", perguntou, sorrindo.

Ela balançou a cabeça e ergueu o livro. [Vou ler.]

O sorriso de Stan se alargou. "Claro que sim. Sabe de uma coisa? Você faz a leitura parecer sexy em qualquer lugar."

Apertei os lábios e observei Milow por um segundo, depois olhei para Stan e acenei brevemente com a cabeça. "Bom dia."

“Bom dia.” O sorriso dele permaneceu enquanto ele passava um braço pelos ombros de Milow e começava a caminhar. “Estou me concentrando em exercícios aeróbicos agora, mas podemos fazer pernas e braços também. Você trouxe os lanches?”

"Sim."

“Ótimo. Depois disso, vamos à lanchonete tomar café da manhã.”

“Para mim, está ótimo”, eu disse, lançando um olhar para Milow.

Ela parecia satisfeita. [Será que o Scottie também vem?]]

A expressão de Stan se fechou imediatamente. "Hum, não. Acho que não. Ela ficou muito brava comigo de novo ontem à noite."

Os olhos de Milow se encheram de preocupação. [O que aconteceu?]

Ele tirou o braço dos ombros dela e soltou um suspiro pesado, dando de ombros. "Sinceramente, não faço ideia. Fui à casa dela, ficamos conversando e assistimos a um filme. Bem na hora de dormir, ela se levantou e bagunçou o quarto. Foi como se a personalidade dela tivesse mudado completamente. Ela começou a me xingar e—" Sua voz falhou. Ele pigarreou, se forçando a continuar. "Tentei acalmá-la, mas ela começou a me arranhar e bater. Scarlett estava em casa, subiu e a afastou de mim."

Milow parou de andar, e nós também. Ela olhou para Stan e pousou a mão em seu braço antes de sinalizar: [Desculpe, Stanley].

Ele suspirou novamente e coçou a nuca. "Eu juro, desta vez eu não disse nada. Fiquei contando até dez antes de falar. Mesmo quando só perguntei se ela estava com fome ou se queria assistir a outro filme."

Eu o observei atentamente. Acreditei nele. Não achei que ele tivesse dito nada que Scottie pudesse interpretar de forma errada. Mas também não acreditei que ela explodiria daquela forma sem motivo. Algo estava errado.

"Você conversou com a Scarlett sobre isso?", perguntei. "Quer dizer, ela também notou a mudança no Scottie?"

"Não sei", disse ele. "Não perguntei. Mas ela parecia exausta."

Enfiei as mãos nos bolsos, tentando entender o que tinha acontecido. Scottie não teria reagido daquela forma sem motivo. Ela amava Stan, e um ano atrás, a amizade deles era sólida. Sempre tinha sido. .

[Vou mandar uma mensagem para o Scottie mais tarde], sinalizou Milow, com o olhar agora mais suave. [Tem que haver uma explicação. Vamos descobrir.]

Stan assentiu com a cabeça. Antes de voltarmos a andar, apertei seu ombro. "Vai ficar tudo bem."

"Sim", disse ele baixinho. "Espero que sim."

Quando chegamos à academia, Jasper já estava lá. Bennett também tinha chegado. Depois de um rápido cumprimento, acompanhei Milow até o canto onde havia dois sofás grandes perto de uma máquina de refrigerantes. Quando ela foi se sentar, coloquei a mão em seu quadril e a impedi, sorrindo para ela.

“Se precisar de alguma coisa, me avise. Ok?”

Ela sorriu de volta e assentiu com a cabeça, colocando o livro debaixo do braço. [Certo. Aproveite seu treino.]

"Provavelmente não", eu disse, sorrindo. Eu queria beijá-la. Ou pelo menos abraçá-la. Mas eu sentia os olhares dos rapazes, então me contive. "Eu te amo, minha querida."

Menina doce .

Sim. Pareceu-me certo.

Ela reagiu instantaneamente. Seus olhos se arregalaram, suas bochechas coraram e suas mãos se fecharam em minha camisa enquanto ela abaixava a cabeça.

Dei uma risadinha, sem conseguir esconder o quanto adorei aquela reação. A delicadeza, o jeito como ela sentia tudo tão abertamente. " *Menina doce"* descrevia-a perfeitamente.

"Já estou indo para lá", eu disse baixinho, dando um leve aperto no quadril dela antes de me virar para os rapazes.

Ao me afastar, olhei para trás mais uma vez. Ela já estava acomodada no sofá, livro na mão, me observando com aquele sorriso tímido.

E pelas próximas duas horas, não consegui me concentrar no meu treino. Não com ela sentada ali, lendo o livro dela.

34

Milow

Tentei ler, mas não conseguia me concentrar. Cada vez que meus olhos percorriam a página, eu sentia o olhar de Ashby sobre mim. Não me incomodava, mas fazia minhas bochechas queimarem. E piorava a cada vez que nossos olhares se cruzavam.

Os outros perceberam. Eu percebi porque eles ficavam olhando de um para o outro. Jasper, principalmente. Ele tinha aquele olhar de quem já sabia de tudo, como se já tivesse nos desmascarado há muito tempo. Mas ele não disse nada.

Quando eles terminaram o treino, Ashby veio até mim com um sorriso no rosto bonito. Fechei meu livro e olhei para ele, certa de que meu rosto já estava vermelho como um pimentão.

“Ei. Vamos tomar um banho e depois ir à lanchonete. Você está com fome?”

Assenti com a cabeça. Eu só tinha comido metade de uma banana e dado uma mordida na barra de proteína do Stan. Eu ainda não entendia como eles comiam. Aquelas coisas. Só o gosto já era um castigo. Mas, aparentemente, ajudava nos músculos deles ou algo assim.

[Vou esperar aqui], assinei, sorrindo para ele. [Você estava ótima fazendo os exercícios de ombro.]

Minhas mãos se moveram antes que eu pudesse impedi-las.

Ashby sorriu. Ele estava sem camisa, e era difícil não olhar. Precisava de ombros fortes para nadar, mas todo o resto nele também era perfeito.

"É mesmo?", disse ele. "Então você me observou?"

Ele já sabia a resposta. E também me observava, embora ficar sentada lendo não fosse exatamente tão impressionante ou sexy quanto vê-lo malhando.

[Talvez.]

Seu sorriso se alargou. Ele olhou para os outros, que já se dirigiam para os vestiários.

Quando eles desapareceram na esquina, ele se virou e se inclinou, apoiando as mãos de cada lado de mim no sofá. Então ele me beijou.

Retribui o beijo imediatamente. Sentia falta dos seus lábios. Sorri durante o beijo e levei a mão até a lateral do seu pescoço. Ele permaneceu perto mesmo depois de se afastar, olhando nos meus olhos.

"Eu te amo", ele sussurrou, esfregando o nariz suavemente no meu.

Sorri e encostei minha testa na dele, fechando os olhos por um segundo antes de olhar para ele novamente. [Eu também te amo.]

"Para sempre?", perguntou ele em voz baixa.

Assenti com a cabeça. [E sempre.]

Ele sorriu e me deu outro beijo nos lábios, depois se endireitou e esticou os braços. "Já volto." ”

[Certo.] Eu o observei ir em direção aos vestiários e, como não conseguia me concentrar no livro naquela academia, decidi mandar uma mensagem para a Scottie para saber como ela estava. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para ela.

Meu
Olá. Como vai, Scottie?

Ela levou apenas alguns segundos para ler minha mensagem. Aguardei sua resposta.

Scottie
Olá. Bom. Acho que sim.

Hesitei. Não precisava lhe dizer que já sabia o que tinha acontecido entre ela e Stan na noite anterior. Ela provavelmente suspeitava, mas eu sabia que ela não ficaria brava por isso.

Meu
Estou aqui para ouvir se você quiser conversar sobre isso. <3
Scottie
Eu sei. Você é o melhor. <3

Mordi o lábio, com os polegares pairando sobre a tela por um instante, antes de voltar a digitar.

Meu
Vamos tomar café da manhã na lanchonete daqui a pouco. Você quer vir? ?

Fiz uma pausa e depois acrescentei outra mensagem.

Meu
Stan também estará lá. Ele está preocupado. Acho que ele gostaria muito que você viesse.

Dessa vez, a resposta dela demorou mais. Imaginei-a encarando a tela, pensativa. O que quer que tivesse acontecido entre eles na noite anterior, não fora fruto de crueldade. Eu sabia disso. Tinha notado uma mudança no humor dela ultimamente. Ela estava mais distante e frágil, mas apenas em certos momentos, e nunca havia um gatilho óbvio.

Scottie
Certo. Eu irei.

Um alívio me invadiu. Respondi imediatamente.

Meu
Quer que a gente te busque? O Bennett está dirigindo. A minivan da mãe dele tem espaço para todos nós.

Scottie
Não. Encontro você lá.

Meu
Ok. Até logo :)

Scottie
Até mais :)

Na lanchonete, Scottie ainda não tinha chegado. Ela disse que viria a pé, então demoraria um pouco mais para chegar. Enquanto ela estava a caminho, nos apertamos todos em uma mesa. Eu fiquei sentada entre Ashby e Stan, e Bennett e Jasper ficaram sentados em frente a nós.

Já tínhamos feito o pedido, e enquanto Bennett e Stan discutiam sobre um novo videogame, eu olhava pela janela, na esperança de ver Scottie chegar logo à lanchonete.

A mão de Ashby repousou na minha coxa, e eu virei o olhar para ele, percebendo que ele já me observava. Sorri e coloquei minha mão sobre a dele, e ele virou a palma para cima, deslizando os dedos pelos meus.

"Você quer passar a tarde comigo?", perguntou ele em voz baixa.

Foi uma pergunta tão inocente e doce que fez meu coração disparar e minhas bochechas corarem novamente. Ashby era meu melhor amigo desde pequeno, e eu achava admirável e gentil que ele ainda me convidasse para sair, em vez de simplesmente presumir que eu aceitaria.

É claro que eu sairia com ele mesmo sem ele pedir, mas pequenas coisas como essa provavam que ele se importava com o que eu pensava e queria.

Assenti lentamente, inclinando a cabeça para o lado e pressionando minha bochecha contra o ombro dele, numa tentativa de disfarçar minha timidez. Eu não tinha motivo para ser tímida perto dele. Ele me conhecia melhor do que ninguém. E mesmo assim, ele conseguiu me fazer corar e sorrir como uma boba.

Seus lábios se curvaram num sorriso irônico enquanto ele apertava minha mão suavemente. .

Precisando evitar seu olhar antes que meu rosto ficasse vermelho como um tomate, olhei pela janela e vi Scottie caminhando direto em direção à lanchonete. Sorri e endireitei a postura.

Ashby seguiu meu olhar, sorrindo ao vê-la. "Você mandou mensagem para ela?"

Assenti com a cabeça e virei-a quando a campainha acima da porta tocou, e segundos depois, Scottie estava na ponta da nossa mesa. Acenei e sorri, e os outros a cumprimentaram. Todos, menos Stan. Ele apenas a encarou enquanto Scottie brincava com os dedos, evitando seu olhar. Eu estava com medo de que eles começassem a discutir, e por um momento, realmente pareceu que isso ia acontecer. Mas então Stan se levantou e puxou Scottie para um abraço apertado. Ele acariciou suas costas, e ela se agarrou ao suéter dele.

Um alívio me invadiu, e a tensão de Ashby também diminuiu.

"Desculpe", ouvi Scottie murmurar contra o peito de Stan.

"Você não precisa se desculpar", assegurou ele com um suspiro. Recuou um pouco e olhou para ela com um sorriso. "Fico feliz que tenha vindo."

Scottie sorriu de volta, e quando eles se viraram para se sentar, Jasper se levantou e veio se sentar ao meu lado, onde Stan estava sentado antes. Ele queria que eles se sentassem juntos, então Stan se sentou ao lado de Bennett, e Scottie o seguiu.

Retirei minha mão da de Ashby e esperei que Scottie olhasse para mim. [Pedi suco de laranja e panquecas com gotas de chocolate para você. Ah, e uma tigela de frutas para dividirmos.]

Ela sorriu para mim e levantou as mãos. [Obrigada, Milow. Você é a melhor.]]

Nossa comida chegou um instante depois, e todos comemos enquanto conversávamos casualmente. Eu acenava com a cabeça ou a balançava negativamente quando me faziam perguntas, e quando todos terminamos, toquei no ombro de Jasper para chamar sua atenção.

"Sim?", perguntou ele, sorrindo para mim. "E aí, Milow?"

[Preciso ir ao banheiro.] Apertei os lábios, sem saber se deveria ter contado para Ashby primeiro, porque sabia que Jasper não sabia Libras.

Mas, em vez de franzir a testa ou olhar para os outros em busca de ajuda, Jasper perguntou: "Assine isso de novo."

Pisquei e levantei as mãos. [Preciso ir ao banheiro.]

"Banheiro!" exclamou ele. "Essa é a placa para banheiro, certo?"

Meus olhos se arregalaram e eu assenti rapidamente.

"Caramba, cara... você está aprendendo LIBRAS?" perguntou Stan.

“Na verdade, não.” Jasper sorriu e se levantou, claramente tendo entendido o que eu sinalizei. “Eu li este livro no consultório do meu pai, na clínica. Sabe, ele é otorrinolaringologista e tem esse tipo de coisa por lá. É bem interessante. Talvez eu comece a estudá-lo.”

"Você deveria", disse Scottie para ele. "É muito legal saber Libras. Tem sido como nossa língua secreta durante todos esses anos."

Assenti com a cabeça novamente, achando muito legal da parte dele ter considerado a ideia. Eu sabia que ele não estava fazendo isso diretamente por mim, mas apreciei cada pessoa do meu círculo próximo que dedicou tempo e esforço para aprender a falar meu idioma.

E embora muitos me entendessem, ainda havia algumas pessoas que eu gostaria que tivessem facilitado as coisas para mim. Meus professores, por exemplo. Eu poderia Nunca respondiam quando eu sabia a resposta, mas meus professores já sabiam que eu sabia muito, então nem tentavam me testar aleatoriamente. Eu não queria me deter nisso. Eu estava indo muito bem na escola, mesmo sem ser compreendida.

"Sim, vou dar uma olhada melhor nisso", Jasper garantiu a ela, e então sorriu para mim novamente. "Você é a mais legal, Milow."

“E o mais inteligente”, acrescentou Stan, levantando um dedo para enfatizar suas palavras.

“E ela é super bonita também”, disse Scottie com um sorriso.

Meu rosto ficou vermelho como um pimentão pela milionésima vez hoje. Eles estavam sendo bobos.

“A Milow é simplesmente a melhor”, disse Ashby finalmente, levantando-se antes que Jasper tivesse a chance de se sentar novamente. Ele sorriu para mim e colocou a mão na minha lombar. “Vamos lá.”

"Você vai levá-la ao banheiro?", perguntou Stan, parecendo divertido. "Sabe, ela já é uma mocinha."

"Eu também preciso ir", explicou Ashby, revirando os olhos.

Mordi a parte interna da minha bochecha, meu corpo já tenso. Eu realmente precisava fazer xixi. Ashby me guiou até os fundos da lanchonete e através da porta giratória. Parei em frente ao banheiro feminino e olhei para ele.

"Vou esperar aqui", disse ele, com um sorriso gentil.

Assenti com a cabeça. [Ok.]

Depois de apertar minha mão rapidamente, me virei e desapareci. Quando voltei, Ashby estava me esperando. Ele estava encostado na parede, com as mãos cruzadas. nos bolsos das calças. Ele sorriu e estendeu uma das mãos.

"Venha aqui."

Eu iria para qualquer lugar que ele quisesse. A essa altura, ele poderia me algemar a ele, e eu o seguiria sem hesitar.

Dei um passo à frente, deslizando minha mão na dele enquanto o encarava. Seu sorriso permaneceu, e quando me aproximei o suficiente, ele passou a outra mão pela minha cintura e me puxou para perto. Meu corpo se pressionou contra o dele, e apoiei ambas as mãos em seu peito enquanto uma de suas mãos subia para acariciar minha bochecha.

Ele não disse uma palavra. Apenas olhou para mim, depois se inclinou e me beijou. Eu me entreguei a ele imediatamente. Cada vez que nos beijávamos assim, escondidos de todos, uma chama se acendia dentro de mim. Era excitante ser tão discreta, e mesmo desejando que não precisássemos nos esconder, eu também não queria que essa sensação desaparecesse.

A língua de Ashby percorreu a linha do meu lábio inferior, e eu entreabri a boca para que ele a entrelaçasse na minha daquele jeito possessivo que sempre me fazia fraquejar.

Quando meus pulmões começaram a falhar, recuei e encostei o rosto no peito dele, envolvendo-o pela cintura com meus braços. Ele me abraçou e acariciou minhas costas enquanto ficávamos ali parados naquele corredor estreito.

"Você sempre me acalma", sussurrou ele, inspirando profundamente. "Não consigo explicar. Basta que você esteja no meu campo de visão e meu coração se acalma."

Fechei os olhos e o abracei com mais força para mostrar o quanto suas palavras significavam para mim. Qualquer cara poderia ter dito algo assim para fazer uma garota se sentir especial, mas eu sabia, sem sombra de dúvida, que Ashby falava sério. .

Inclinei a cabeça para olhá-lo novamente, sorrindo antes de lhe dar um beijo suave no queixo.

“Eu te amo demais, Milow. Sempre amei.”

Minha expressão não mudou. Meu sorriso permaneceu enquanto eu admirava aquele garoto que, de alguma forma, eu tive a sorte de chamar de meu.

[Eu também te amo.]

“Ótimo. Acho que não conseguiria continuar se você não fizesse isso.”

Fiz uma careta e estendi a mão para acariciar as laterais da cabeça dele antes de deixá-las cair novamente. [Você vai ficar bem.]

“Não, eu não seria. Acho que eu não seria a mesma pessoa se você não tivesse entrado na minha vida.” A expressão dele mudou, e essa mudança fez meu estômago se contrair.

Ele desviou o olhar, estalando a língua em frustração enquanto coçava a nuca. "Droga, deixa pra lá", disse com uma risada nervosa. Seus olhos encontraram os meus novamente enquanto ele tentava sorrir. "Vamos voltar."

Eu queria perguntar o que tinha causado aquela mudança repentina, mas ele já estava me conduzindo para a porta. Eu sempre soube que Ashby também era adotado — assim como Wesley e eu — mas não sabia nada sobre a vida dele antes disso. Ele nunca falava sobre o assunto. Nem Wesley. Mamãe e papai sempre olharam para o futuro, sem nunca querer arrastar o nosso passado consigo.

Mas assim como a minha veio à tona, eu tinha a sensação de que a dele também viria. Talvez inesperadamente, talvez quando ele finalmente estivesse pronto para falar sobre isso por si mesmo. Eu não queria pressioná-lo. Eu só queria que ele soubesse que eu estava ali.

Envolvi o braço dele com as duas mãos para impedi-lo, e ele se virou para me olhar. .

[Estou aqui para ouvir. Sempre.]

Seu sorriso era discreto, mas seus olhos transbordavam gratidão. "Eu sei", disse ele baixinho, acariciando minha bochecha e passando o polegar suavemente sobre ela. "Obrigado."

Meu sorriso se alargou, e me inclinei para o seu toque antes de cutucá-lo de leve para que se movesse novamente.

Voltamos à mesa e, assim que nos sentamos, Bennett disse algo que fez aflorar dor e raiva dentro de mim.

“Você não acha que já passou tempo suficiente? Quer dizer… essa coisa de não nos falarmos. Como você acha que vai conseguir seguir em frente na vida?”

Meu corpo enrijeceu, e Ashby ficou tenso ao meu lado.

"Cara... que porra é essa?" disse Stan, dando uma cotovelada no peito de Bennett.

“O quê? Só estou curioso.” Bennett olhou para mim novamente, com as sobrancelhas arqueadas. “Você não pode esperar que todos aprendam a língua de sinais só porque você não está com vontade de falar.”

"Já chega", advertiu Ashby. Sua voz era dura enquanto o encarava.

"Estou errado?", respondeu Bennett, dando de ombros. "Meu primo também fez isso. Ele ficou sem falar por quase um ano. É egoísmo, na minha opinião. Se você tem voz, por que fazer todo mundo se esforçar tanto para te entender?"

"Já falei demais!" Ashby se levantou, com o olhar fixo em Bennett. "Não sei por que você acha que pode falar com ela desse jeito, mas você precisa se desculpar. Agora."

"Pedir desculpas por quê? Eu estava simplesmente expressando minha opinião." ”

“É, bem, é uma opinião péssima e ignorante”, disse Scottie, levantando-se também. “Depois de todos esses anos, eu pensei que você saberia mais.”

Eu não queria que eles brigassem, mas não sabia como impedir. Ashby parecia furioso, como se estivesse prestes a explodir. Eu nunca o tinha visto assim, e isso me preocupou. Estendi a mão e toquei seu braço, tentando chamar sua atenção de volta para mim.

Quando ele olhou para baixo, eu fiz o sinal: [Está tudo bem. Por favor, sente-se.]

Ele franziu a testa. "Não, Milow. Isso não está certo. Ele está sendo um idiota."

"Um tremendo idiota", acrescentou Stan. "Só peça desculpas, cara."

Bennett cruzou os braços e recostou-se, permanecendo em silêncio.

"Ben, vamos lá", disse Jasper, olhando para ele com expectativa. "Peça desculpas."

Mas Bennett não aceitou. Ele apenas deu de ombros. "Acho que ela deveria aceitar minha opinião."

"Sua opinião é um ataque", disparou Scottie. "Você está sendo extremamente grosseiro."

"Certo."

"Você é." Scottie o encarou com raiva. "Como você não percebe o quão insensível está sendo?"

[Por favor, parem], eu sinalizei, tentando interromper a discussão. Olhei para Ashby, implorando. [Por favor.]

Ele cerrou os dentes, balançou a cabeça negativamente e olhou para Bennett. Sua expressão ficou impassível. Por um segundo, pensei que ele fosse dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, estendeu a mão para mim.

“Vamos lá, Milow.” ”

Eu fiquei de pé. Stan e Jasper me seguiram, mas Bennett permaneceu onde estava.

“Se você decidir se desculpar, sabe onde nos encontrar”, murmurou Ashby, apertando minha mão com mais força. Ele olhou para Bennett uma última vez. “E nunca mais tire conclusões precipitadas sobre Milow.”

A essa altura, minha cabeça e meu coração estavam girando. Todos ficaram em silêncio, e não havia mais espaço para nada. Ashby me conduziu para fora da lanchonete, seguido por nossos amigos, e sem trocar uma única palavra, caminhamos pela rua em direção a casa.

35

Ashby

Por mais que eu quisesse ficar sozinha com a Milow, não me importei que os outros viessem para casa conosco. Assim que entramos, cumprimentamos a mamãe, que estava no sofá lendo, e depois descemos para o porão. Lá embaixo havia mais espaço e podíamos ficar todos juntos sem nos sentirmos apertados.

Todos se sentaram nos sofás enquanto eu andava de um lado para o outro, esfregando a nuca. Eu estava puta da vida. Bennett não tinha o direito de dizer uma merda dessas. Ele exigiu que Milow começasse a falar, só porque era ignorante demais para se dar ao trabalho de aceitá-la como ela era.

“Ash”, disse Stan, apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto olhava para mim. “Vamos lá, cara. Não deixe ele te afetar desse jeito.” ”

"Ele estava sendo um idiota", murmurei.

“Ele estava. Todos concordamos com você nisso”, afirmou Stan. “Mas você disse exatamente o que pensava. Agora, cabe a ele decidir se quer se desculpar. Estamos todos do seu lado.”

Suspirei e passei a mão pelos cabelos antes de finalmente me sentar ao lado de Milow no sofá. Olhei para ela e, como sempre, ela tinha aquele sorriso suave que me dizia que ela não estava nem perto da raiva que eu sentia. Eu sabia que teria que aprender a conviver com isso, com a facilidade com que ela perdoava, mesmo quando as pessoas a magoavam.

"Você está bem?", perguntei baixinho.

Ela assentiu com a cabeça, envolvendo meu braço com as mãos e se inclinando para o meu lado.

“Por favor, não deixe que o que Bennett disse te afete, Milow”, disse Scottie. Ela ainda estava visivelmente chateada, e eu sabia que ela não esqueceria isso tão cedo. Pelo contrário, ela ficaria ainda mais protetora. Ela não deixaria ninguém falar com a Milow daquele jeito de novo.

“E nunca se sinta pressionada a falar”, acrescentou Jasper, sorrindo gentilmente para ela. “É uma escolha exclusivamente sua.”

Milow enrijeceu. Endireitou-se e baixou o olhar para as mãos, mexendo nervosamente os dedos. Observei-a atentamente, notando a mudança em sua postura e a preocupação que se instalou em seu rosto.

Eu queria perguntar se ela queria ficar sozinha. Se precisava de espaço. Mas quando ela olhou para mim, vi algo diferente em seus olhos. Parecia desespero.

Ela estava pedindo ajuda.

"O que é isso?", perguntei baixinho.

Seu olhar voltou-se para as mãos. Eu não a apressei. Nenhum de nós a apressou. Ficamos sentados em silêncio, dando-lhe todo o tempo do mundo. Ela precisava. Então, finalmente, ela olhou para mim e fez um sinal: [Você pode dizer a eles?]

Franzi a testa, tentando entender o que ela queria dizer. Mas então me dei conta, e meu peito apertou tanto que doeu.

Ela queria que eu contasse a eles sobre o passado dela. Sobre por que ela nunca falava.

"Tem certeza?", perguntei, em voz baixa. Eu odiava que isso estivesse vindo à tona por causa de Bennett. Odiava que ela tivesse se sentido obrigada a compartilhar algo tão pessoal.

[Tenho certeza], ela assinou, com um sorriso forçado.

Respirei fundo e assenti com a cabeça, pegando em sua mão.

"OK."

Limpei a garganta e apertei levemente a mão dela. Enquanto procurava as palavras certas, olhei para Milow, absorvendo-a. Ela era tão incrivelmente forte. Não merecia nada daquilo. Nada do que lhe haviam dito ou feito. Nada conseguira quebrá-la, por mais que tentassem. Ela se manteve forte e cresceu com a dor que eu sabia que ainda carregava no fundo do coração.

E de alguma forma, ela sempre colocava os outros em primeiro lugar. Ela nunca deixou que seu trauma afetasse os outros. Nunca fez disso um fardo para eles.

“Na última sexta-feira”, comecei, ainda olhando para ela, “Milow tinha uma consulta médica.”

O clima ficou tenso instantaneamente. Quando olhei para Scottie, o terror estampou-se em seu rosto. Ela já estava pensando no pior. O que eu estava prestes a lhes dizer não era fácil de ouvir, mas não era o que Scottie estava pensando.

"Ela está bem", eu disse rapidamente.

Um alívio imediato tomou conta de seus rostos. .

"Mas-"

"Ah, cara. Não venha com esse 'mas'", reclamou Stan, passando as mãos pelos cabelos negros.

Apertei meus lábios e olhei para Milow, checando se ela ainda queria que eu continuasse. Ela assentiu e sorriu suavemente, seus dedos roçando nos meus num gesto tranquilizador.

Quase me fez rir. Eu estava prestes a falar sobre as piores partes do passado dela, e foi ela quem me acalmou. Ela era incrivelmente especial.

Respirei fundo novamente e me virei para os três no outro sofá. "Mas Milow descobriu algo naquele dia. Algo que... não é fácil de engolir."

Eu sabia disso por experiência própria. Eu desmoronei quando descobri. Não consegui evitar que minhas forças se quebrassem, e, mais uma vez, foi ela quem me manteve de pé.

"Seja o que for", disse Scottie, com a voz embargada pela preocupação enquanto tentava se manter firme, "estamos aqui para você, Milow".

Milow fez um rápido sinal de "obrigada" com a língua, depois olhou para mim, esperando que eu continuasse.

Com um sorriso forçado, olhei para os outros novamente. A maneira certa de contar a eles ainda não me vinha à mente. Como poderia? Não havia jeito fácil de dizer algo assim. Não havia como amenizar o que tinha acontecido com ela. Mesmo assim, tentei. Escolhi minhas palavras com cuidado, certificando-me de não despejar tudo sobre eles de uma vez. Precisava ir com calma.

“Veja bem…” comecei, com o corpo tenso. “Milow não escolheu ficar calada.”

Vi as perguntas se formando em seus olhos, mas ninguém me interrompeu. Eles esperaram.

“Ela não fala porque… bem. Porque ela não consegue.” ”

Scottie franziu a testa, seu olhar se voltou para Milow e depois para mim. "O que você quer dizer?"

Respirei fundo, com dificuldade, e apertei meus dedos em torno da mão de Milow. Ela se inclinou um pouco mais para mim, quase como se quisesse desaparecer ao meu lado. Mas ela não queria me impedir. Ela só estava se firmando.

"A Milow não consegue falar", eu disse, forçando as palavras a saírem, "porque ela não tem cordas vocais."

Jasper endireitou-se na cadeira, inclinando levemente a cabeça loira. "Sinto muito, Milow. E você nunca soube?"

Milow balançou a cabeça negativamente.

"Então você nasceu sem eles?" perguntou Scottie, com a voz já trêmula.

“Ela era”, eu disse. “Ela, hum…”

Aí ficou mais difícil. Meus pulmões começaram a doer de repente. Levantei a mão e esfreguei a nuca, ganhando um segundo para respirar. Minha outra mão permaneceu entrelaçada com a de Milow, e ela me deu um pequeno aceno de cabeça encorajador. Ela não queria que eu parasse.

“Antes de Milow ser adotada”, continuei, “ela morava em uma casa aqui em Bowen com o pai dela. O pai dela…” Engoli em seco. “Ele não era um bom homem.”

Os olhos de Scottie se encheram de lágrimas imediatamente. De todas as pessoas ali, ela provavelmente já tinha imaginado o pior. E eu odiava saber que parte do que ela estava pensando não estava errado.

Limpei a garganta antes de continuar. "Ele era cirurgião. E quando Milow era pequena, ele... droga. Ele—" Fiz uma pausa, minha voz falhando apesar do meu esforço. "Ele removeu as cordas vocais dela." ”

Suas reações foram repentinas. Eles ofegaram, e o choque tomou conta de seus rostos.

"Que diabos?" disse Stan, com o rosto contorcido de horror e confusão. "Que... porra..."

Um soluço escapou de Scottie enquanto ela balançava a cabeça, com incredulidade estampada no rosto. "Isso é tão errado. Por que ele faria isso... meu Deus, Milow. Me desculpe."

"Vou matar aquele filho da puta", rosnou Stan, cerrando os punhos.

“Isso… isso não será necessário”, eu disse baixinho.

"Ele está morto? Que bom. Quer dizer... droga. Sinto muito, Milow. Mas aquele não era seu pai. Era um monstro."

Concordei com ele, mesmo sem dizer em voz alta. Olhei para Milow, sem saber se ela queria que eu continuasse. Por um segundo, ela também pareceu incerta.

"Acabou?", perguntei em voz baixa.

Ela balançou a cabeça lentamente.

"Está bem." Dei-lhe um beijo suave na testa. "Chega."

Mais soluços vieram do outro sofá. Quando nos viramos, Scottie estava sentada lá, com lágrimas escorrendo pelo rosto, parecendo sobrecarregada e impotente.

Milow, sendo quem era, levantou-se e foi direto até ela. Scottie se levantou e a abraçou forte, chorando em seu ombro.

“Sinto muito, Milow. Você não merecia isso.”

Stan se levantou em seguida e se juntou a elas, abraçando as duas garotas, com os olhos marejados. "Estou tão orgulhoso de você, Ace. Você é única."

Sorri ao ver a cena. Depois de trocar um olhar com Jasper, nós dois nos levantamos e nos abraçamos também. .

"Estamos aqui por você", murmurou Scottie para o grupo. "Você é forte, linda e a melhor amiga que eu poderia ter pedido."

“É”, acrescentou Stan, apoiando o queixo na cabeça de Scottie. “E você é tão inteligente. Você sempre me ajuda com as minhas coisas de matemática. Você é um presente dos céus. Um anjo de verdade.”

Não consegui conter o sorriso irônico. Mesmo agora, Stan encontrou um jeito de aliviar a tensão. Não para minimizar a verdade, mas para evitar que todos nós nos afogássemos nela.

Dei um tapinha nas costas dele, depois apertei o ombro dele e o do Jasper. "Ela é grata por ter vocês. Não poderia pedir amigos melhores."

“Nós também somos gratos por tê-la conosco”, disse Jasper baixinho, sorrindo.

À medida que o abraço se desfazia lentamente, Milow olhou para todos nós, com lágrimas ainda nos olhos. Ela também havia chorado. Mas estava tentando se manter forte por nós.

[Amo vocês. Não poderia ter pedido amigos melhores.]

“Nós também te amamos”, disse Scottie com a voz trêmula.

“E olha só”, acrescentou Stan, enxugando o rosto, “nós falamos uma língua que poucas pessoas falam. Eu posso ser burro e não conseguir resolver problemas de matemática simples, mas eu sei língua de sinais. Tudo graças a você.”

Milow sorriu e se aconchegou ao lado dele. Eu sempre admirei a ligação entre eles, mesmo que tivessem tido um começo difícil quando eram pequenos. Naquela época, Milow precisou de tempo para confiar plenamente nele, mas com o tempo, ela aprendeu que Stan era apenas um grande bobo que amava com todo o coração e protegia ferozmente as pessoas que amava. .

"Com certeza vou aprender LIBRAS", disse Jasper com um sorriso orgulhoso. "Vi que existem vídeos online para aprender."

“Eu posso te ensinar”, sugeriu Scottie.

“Claro, obrigado.”

Sorri para Milow, observando-a admirar nossos amigos com os olhos arregalados. E quando ela olhou para mim, pisquei. Ela corou imediatamente, mantendo o olhar fixo no meu antes de um sorriso tímido e secreto surgir em seus lábios, só para mim.

36

Milo c

Segunda-feira, 20 de outubro

Na manhã de segunda-feira, acordei mais cedo do que o habitual para ir à piscina com o Ashby. Ele tinha me convidado na noite anterior e eu aceitei. Mas disse-lhe que não queria apenas ficar sentada a vê-lo nadar, e ele prometeu passar algum tempo comigo na água também.

Lá estava eu, com os braços e as pernas em volta dele, e as costas pressionadas contra a parede da piscina. Ashby tinha as mãos sob minhas coxas, me sustentando. Sorri para ele, admirando sua aparência com o rosto úmido e o cabelo molhado. Ele havia tirado a touca e os óculos de natação depois de terminar suas voltas, e ainda havia marcas leves em sua pele. .

Levantei as mãos e acariciei seu rosto, passando os polegares suavemente sobre a vermelhidão sob seus olhos.

“Isso vai passar”, disse-me ele, com um sorriso suave.

Assenti com a cabeça, depois envolvi meus braços em volta do pescoço dele e o puxei para perto, pressionando meu corpo contra o dele em um abraço apertado.

Suas mãos deslizaram pela parte interna das minhas coxas, subindo até envolverem minhas nádegas. Um arrepio percorreu meu corpo e, sem querer, empurrei meus quadris para frente. Seu corpo enrijeceu, mas suas mãos permaneceram imóveis.

"Quero ser bom, Milow", murmurou ele no meu ombro antes de me dar um beijo ali. "Por favor, não torne isso difícil para mim."

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Eu não era totalmente ingênua nessas coisas. Mas ainda era muito inocente e nem saberia o que fazer. Beijar já era demais para mim, principalmente porque ele fazia parecer tão bom. Mas isso, a forma como o corpo dele reagia ao meu, era novidade.

Ele continuou beijando minha pele suavemente, deslizando os lábios pela lateral do meu pescoço. Sua boca se movia lentamente, e eu sentia sua língua roçar minha pele antes de cada beijo. Meus olhos permaneceram fechados enquanto eu me entregava a ele. Eu esperava que ninguém mais aparecesse na piscina. Ashby havia me dito que geralmente estava sozinho e que apenas um ou dois outros alunos apareciam às vezes. Mas isso era raro. Ruben também não tinha vindo hoje, porque Ashby o havia proibido.

Eu queria acordar cedo todas as segundas-feiras de manhã se isso significasse ter uma hora a mais sozinha com ele assim.

Seus lábios se moveram para o meu queixo, e suas mãos apertaram levemente minha bunda, enviando outro choque pelo meu corpo. Deslizei minhas mãos por seus cabelos, entrelaçando meus dedos neles.

Quando puxei um pouco mais forte, ele soltou um suspiro e recuou, levando as mãos aos meus quadris. "Merda."

Recostei-me para olhá-lo, franzindo a testa. Será que eu tinha feito algo errado? Será que o tinha magoado?

Não precisei assinar nada para que ele entendesse o que eu estava pensando. Minha expressão dizia tudo.

“Está tudo bem”, disse ele, com um sorriso torto nos lábios. “É só que… você não pode mexer o corpo desse jeito. E não pode puxar meu cabelo. Isso me deixa louco.”

Apertei meus lábios, sentindo minhas bochechas esquentarem. Mas também tive vontade de provocá-lo.
[Eu nunca posso fazer isso?]

Ele soltou uma risada baixa e nervosa. "Não. Você pode fazer tudo isso quando quiser. Eu só..." Ele hesitou, esfregando a nuca. "Preciso que você entenda que tudo o que você faz me faz sentir as coisas mil vezes mais intensamente. E estou preocupado que, quando as coisas ficarem... mais intensas, você não esteja preparada."

Ah. Então ele achou que eu não aguentaria mais do que uns amassos. Talvez ele estivesse certo. Ou talvez estivesse tentando me proteger.

[Vamos com calma], sugeri, mantendo os olhos fixos nos dele.

Seus ombros relaxaram enquanto ele assentia. "Sim. Vamos com calma."

Ele se inclinou novamente, mas antes que seus lábios tocassem os meus, seu olhar se desviou para cima e seus olhos se arregalaram. "Merda", murmurou ele.

Meu corpo inteiro ficou rígido. Estava com medo de olhar, mas mesmo assim virei a cabeça. Jasper estava parado ali, só de pijama, olhando para nós, congelado assim como nós.

“Ah, é…” Ele soltou uma risadinha e coçou a lateral da cabeça. “Ele y.”

Apertei meus lábios. A onda inicial de pânico se dissipou, dando lugar ao alívio, embora o constrangimento tenha persistido.

"Ei", disse Ashby. Apesar da surpresa, ele não me afastou. Seus braços permaneceram ao meu redor, firmes.

Jasper não parava de olhar entre nós, provavelmente repassando mil perguntas pela cabeça. "Então... vocês estão namorando?" Seu tom não era de julgamento. Apenas curioso.

“Estamos juntos”, disse Ashby com um toque de orgulho na voz.

"Que legal." Jasper sorriu sinceramente. "Fico feliz por você."

“Valeu, cara.”

Foi isso. Jasper não fez mais perguntas. Ele aceitou e seguiu em frente sem sequer lançar um olhar estranho.

“Não era minha intenção interromper”, acrescentou. “Descobri que tenho um período livre, então pensei em vir nadar.”

“Ah, claro. Sem problemas”, respondeu Ashby, olhando para o grande relógio na parede. “Precisamos sair de qualquer maneira. Ainda temos que tomar banho e tudo mais.”

Jasper assentiu com a cabeça e dirigiu-se aos bancos para colocar sua toalha no chão.

Olhei para Ashby. Ele sorriu para mim e me deu um beijo suave nos lábios. "Vamos. Não queremos nos atrasar."

Assim que saímos da piscina, enrolei-me na toalha e observei Jasper colocar a touca, escondendo seus cachos loiros por baixo. Quando ele percebeu que eu o observava, sorriu.

“Eu já aprendi algo em ASL. Veja só.”

Ele levantou as mãos e fez o sinal: [Olá, meu nome é Jasper e eu adoro nadar.]

Ele soletrava com os dedos um pouco trêmulo, mas eu o entendi perfeitamente. Abri um largo sorriso, sentindo aquele calor familiar se espalhar pelo meu peito. [Isso foi ótimo!]

“Bom trabalho, cara”, disse Ashby.

“Obrigada. Assisti a alguns vídeos ontem à noite. Também fiz uma chamada de vídeo com a Scottie para que ela pudesse me ensinar mais. É muito divertido.”

Isso me deixou mais feliz do que qualquer coisa. Eu nunca imaginei que alguém aprenderia a língua de sinais por mim. Mesmo assim, ver alguém se importar o suficiente para tentar aprender meu idioma significou tudo para mim.

“Tudo bem, te vejo no almoço”, disse ele, acenando com a mão.

Acenei de volta e segui Ashby até os vestiários, onde tomamos banho e nos vestimos separadamente. Prendi o cabelo em um coque para que não molhasse. Não tive tempo de secá-lo antes da aula. Escovei-o rapidamente em frente ao espelho, arrumei minha mochila e fui para o corredor esperá-lo.

Quando ele apareceu, a primeira coisa que notei foi o suéter dele. Era o mesmo que eu estava usando — azul-marinho com listras vermelhas.

Sorri e puxei a manga da minha blusa. Ele havia cumprido a promessa feita dois sábados atrás, quando voltei das compras com a minha mãe e mostrei a ele o que eu tinha comprado.

“Estamos combinando”, disse ele com um sorriso irônico. “Ficamos ótimos juntos.”

[Deveríamos combinar com mais frequência.]

“Com certeza deveríamos.” Ele acariciou a minha nuca e beijou minha testa, depois pegou a bolsa com minha toalha e biquíni. “Eu te acompanho até o seu armário.”

[OK.]

Eu queria segurar a mão dele no caminho de volta para o prédio principal, mas mantive meus braços ao lado do corpo. O braço dele roçava no meu de vez em quando, e era tudo o que eu conseguia até ficarmos sozinhos novamente. Era o suficiente por enquanto.

Quando chegamos ao meu armário, ele o abriu como se fosse o dele e colocou a mochila lá dentro. Depois, como sabia da minha rotina, pegou os dois livros que eu tinha empilhado ordenadamente na prateleira de baixo e os colocou debaixo do braço antes de se encostar no armário ao lado do meu.

Ele me observou por um instante, com o rosto gentil e suave. "Você gostou da piscina?"

Assenti rapidamente. [Quero vir todas as segundas-feiras de manhã.]

"É? Não me importaria." Seu sorriso se transformou em um sorriso irônico, que logo se desfez quando sua expressão ficou séria. "Mas você pode se tornar uma distração muito grande, e eu realmente não posso me dar a esse luxo com todas as competições de natação que estão chegando."

Meus olhos se arregalaram. [Não quero te distrair.]

Ele deu uma risadinha e estendeu a mão, colocando uma mecha solta do meu cabelo atrás da orelha. "Estou só brincando com você, querida. Quero você por perto o máximo possível. Morar na mesma casa e ir para a mesma escola não é o suficiente."

Fiz uma careta e dei um leve soco no peito dele. [Você é bobo.]

"Bobinho, né?" O sorriso dele voltou. "Não me importo com o que você me chama, contanto que continue me chamando de namorado."

Por um segundo, fiquei com medo de que alguém ao nosso redor o tivesse ouvido. Mas os alunos no corredor estavam muito ocupados para nos dar atenção.

Meu rosto ficou vermelho como um pimentão. Meu Deus, ele merecia um prêmio pela facilidade com que conseguia me fazer corar. .

[Sempre te chamarei de meu namorado.]

"Namorado?" Stan apareceu de repente ao nosso lado, passando um braço pelos meus ombros. "De quem é o namorado?"

Olhei para Ashby. Por um instante, nós dois hesitamos. Jasper já sabia. Stan também era nosso melhor amigo. Contar para ele não faria mal, e ele provavelmente descobriria logo de qualquer forma.

“Hum…” Ashby coçou a nuca e olhou para mim novamente.

Dei de ombros levemente. [Ele pode saber.]

"Eu posso saber o quê? Só fala logo", Stan resmungou, olhando de um lado para o outro entre nós.

Sorri para Ashby e acenei com a cabeça, esperando que ele dissesse isso.

“Estávamos falando sobre o namorado da Milow.”

Stan franziu a testa. "Por que você está falando de si mesmo na terceira pessoa?"

Levou um segundo para que eu e Ashby percebêssemos o que ele queria dizer. Ele já sabia.

“Não fique com essa cara de espanto. Você realmente achou que eu não ia descobrir?”

"Eu imaginei que isso aconteceria eventualmente", disse Ashby com uma risadinha. "Só não pensei que já tivesse acontecido. Estamos juntos há apenas alguns dias."

A expressão de Stan franziu ainda mais a testa. "Sério? Achei que isso já estivesse acontecendo há pelo menos quatro meses."

Meus olhos se arregalaram. Será que tínhamos deixado isso tão óbvio assim? Sempre fomos próximos. Ashby nunca se furtou a demonstrar afeto. Mesmo assim, eu não achava que tivéssemos feito nada que desse a entender que estávamos namorando.

Ashby riu. "Tá bom, então... você acertou em cheio, cara." ”

Stan sorriu para mim, mas sua expressão mudou rapidamente. "Isso significa que serei o terceiro elemento a partir de agora."

Fiz um biquinho e cutuquei-o de leve com o cotovelo. [Você tem o Scottie.]

"Na verdade, não. Ainda não somos um casal", disse ele com um suspiro pesado e teatral.

“É porque você ainda não me convidou para um encontro de verdade.” Scottie se aproximou de Ashby, com os braços cruzados sobre o peito.

Stan imediatamente ficou tenso ao meu lado, e eu me preparei para outra discussão. Mas, em vez disso, Scottie manteve a calma. Ela olhou de um lado para o outro e abriu um sorriso. "Vocês estão combinando."

Assenti rapidamente com a cabeça e sorri de volta para ela.

“É claro que combinam. Eles são namorados”, disse Stan, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

"O quê?" Os olhos de Scottie se arregalaram enquanto ela me encarava, tentando entender o que tinha acontecido. "Você está falando sério? Desde quando?"

[Cerca de uma semana depois,] eu assinei. Meu coração começou a bater mais rápido só de pensar na noite em que oficializamos tudo.

“Meu Deus! Gente!” Ela passou um braço em volta da cintura do Ashby antes de me puxar para um abraço apertado. “Eu sabia. Eu sabia desde que éramos crianças que isso ia acontecer. Eu só estava esperando pacientemente por esse dia.”

Eu a abracei de volta e olhei para Ashby, que sorria para nós. Ele parecia satisfeito. Agora nossos amigos mais próximos sabiam que estávamos juntos, e eu não me importava com mais ninguém na escola. As pessoas para quem eu tinha medo de contar eram nossas famílias, mas isso era assunto para outra hora.

“Eu também quero um abraço”, disse Stan, com os olhos fixos em Scottie. .

Recuei um pouco e dei-lhes espaço, observando Scottie se virar para Stan com uma expressão brincalhona. "Você vai ganhar seu abraço quando estivermos em um encontro."

"Ah, qual é!", exclamou Stan. "Isso não é justo!"

“Na verdade, é bastante justo, se me perguntarem”, disse Ashby.

"A gente mal tem tempo para um encontro", argumentou Stan. "Uma noite eu vou à academia, e na outra você está no treino de futebol. Quase não temos tempo para sair."

“Se você realmente quisesse sair comigo e, eventualmente, me chamar de namorada, você arranjaria um tempo”, disse Scottie calmamente. “Além disso, a gente sai todo fim de semana. Podia ter marcado um desses encontros.”

“Ela também tem razão sobre isso”, acrescentou Ashby, claramente tentando provocá-lo. E estava funcionando.

Stan gemeu e passou as mãos pelo rosto. "Estou me esforçando ao máximo, sinceramente", disse ele, olhando para Scottie. "Certo. Sábado. Já que provavelmente vamos sair de qualquer jeito. Você quer sair comigo então?"

"Não."

Ashby riu, e eu sorri. Eu não queria que o sinal tocasse porque aquilo estava incrivelmente divertido. Enquanto os observávamos, Ashby pegou minha mão e delicadamente entrelaçou seus dedos nos meus. Parecia um gesto discreto, mas não secreto demais. Sorri para ele e então voltei minha atenção para Scottie e Stan.

"Por que não?" perguntou Stan, parecendo confuso e irritado ao mesmo tempo.

“Porque eu tenho um jogo de futebol no sábado”, disse Scottie. “E eu queria muito que vocês viessem.”

“Claro, nós vamos”, disse Ashby com naturalidade, e eu concordei com a cabeça. .

Eu adorava ir aos jogos dela.

"Hum, olá?" disse Stan. "Estou tentando convencer essa garota a sair comigo. Você não está ajudando."

O sorriso de Scottie se alargou. Ela o deixou prolongar por mais um segundo antes de finalmente libertá-lo da tortura. "Você pode me levar para um encontro depois do meu jogo."

Os olhos de Stan se arregalaram. Ele ergueu os punhos no ar, comemorando como se tivesse acabado de vencer mais uma luta de MMA. "Vamos nessa! Ouviu isso, cara? Vou sair com a garota mais gata do planeta!"

Ashby riu. "Parabéns, amigo. Não estrague tudo."

"Ah, não vou", disse Stan rapidamente, olhando para Scottie com um sorriso de orelha a orelha. "Eu juro, vou fazer deste o melhor encontro de todos."

O sinal finalmente tocou e, com Scottie e Stan já indo pelo corredor, Ashby me levou até minha sala de aula. "Te vejo mais tarde", ele me disse.

[Ok. Até mais.] Olhei em volta antes de acrescentar: [Eu te amo.]

Ele sorriu e levantou as próprias mãos. [Eu também te amo, minha querida.]

Dito isso, virei-me e rapidamente fui me sentar à minha mesa antes que meus joelhos cedessem.

Fui ao banheiro antes da próxima aula, mas, infelizmente, Hailie e Aspen decidiram fazer o mesmo. Fiz o que tinha que fazer e depois fui lavar as mãos, na esperança de sair sem que elas dissessem uma palavra.

Não tive essa sorte. Quando terminei de secar as mãos e me virei para a porta, Hailie me empurrou com força, fazendo-me tropeçar para o lado. Meu quadril bateu com força na quina da porta. a pia. Consegui me manter de pé, mas a dor aguda que me atravessou dificultou manter o equilíbrio.

"Você realmente achou que ia sair impune depois do que fez com a gente no shopping?" Os olhos de Hailie estavam cheios de raiva. Eu nunca entendi direito como alguém tão jovem e bonita podia carregar tanto ódio. Ela estava maquiada de novo, mas eu sempre achei que ficava bem nela. Mesmo assim, eu tinha certeza de que, por baixo de tudo aquilo, ela era tão linda quanto antes. Não havia tempo para pensar. Ela continuou, me atacando com palavras que tinham a intenção de me ferir.

"E você realmente acha que usar o mesmo suéter que o Ashby vai fazer com que ele goste mais de você? Por favor. Você é literalmente a garota mais estranha desta escola. E continua nos desrespeitando ao não falar conosco."

Aspen estava parada logo atrás dela, com os braços cruzados sobre o peito. Ela me olhou com o mesmo desgosto, mas havia algo mais em seus olhos. Algo que não combinava com a sua postura.

"E você está fazendo isso de novo", gritou Hailie. "Você sabe que uma hora vai ter que falar. Você não é nada de especial."

Franzi a testa e evitei o seu olhar. O jeito como ela me olhou, com tanta raiva, doeu mais do que as próprias palavras.

“Vamos lá, exibicionista. Peça desculpas para nós.”

Eu não sabia o porquê. Nunca tinha feito nada para magoá-los. Nunca tinha dito nada maldoso. Obviamente.

Cruzei um braço sobre o estômago e segurei o outro junto ao corpo, tentando me proteger. Mesmo se usasse as mãos, eles não entenderiam. Só os deixaria mais furiosos. .

"Ela não vai", disse Aspen com um suspiro. "Estamos perdendo tempo aqui."

Mas Hailie balançou a cabeça. "Nunca é perda de tempo ensinar boas maneiras aos outros."

Ela se aproximou e estendeu a mão para mim. Tentei me afastar, mas ela beliscou minha pele por cima do suéter. A dor surgiu instantaneamente e ela não me soltou. Eu já conseguia sentir minha pele ficando roxa sob seu aperto.

"Peça desculpas", ela repetiu, com raiva brilhando em seus olhos. "Vamos, *cale a boca* ."

Estalei a língua e me virei até que ela finalmente me soltou. Mas, no instante em que o fez, me empurrou novamente — com mais força desta vez. Caí, sem conseguir me apoiar. Bati com a bunda no chão e a parte de trás da minha cabeça bateu com força em uma das portas dos boxes. A dor foi tão intensa que meus ouvidos zumbiram e minha visão ficou turva.

Forcei meus olhos a se abrirem, apavorada com a possibilidade de desmaiar. Eu já tinha sentido na pele o que ela era capaz de fazer comigo e não queria arriscar me machucar ainda mais enquanto estivesse inconsciente. Era um pensamento repugnante, mas conhecendo Hailie, eu sabia que ela seria capaz até disso. Levantei-me rapidamente e agarrei a maçaneta da porta para me firmar. Segundos depois, outra dor aguda me atingiu quando Hailie deu um tapa na lateral da minha cabeça com a palma da mão.

"Você é estúpido ou o quê? Simplesmente peça desculpas. É uma palavra só."

Meu corpo tremia e meus lábios também. Eu não queria chorar. Não na frente deles. Mas era difícil não chorar quando eu estava sendo empurrada e machucada daquele jeito.

[Por favor, pare.]

“Não falamos a sua língua estúpida.” "Linguagem, vadia."

Ela desferiu outro golpe, seu punho atingindo com força minha têmpora.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto e meu peito estava tão apertado que mal conseguia respirar.

[Por favor. Por favor.]

"Hailie, vamos embora", implorou Aspen, o que de alguma forma não me surpreendeu. Ela parecia desconfortável parada ali, observando Hailie me intimidar. Mas mesmo assim não a impediu.

"Tsk." As mãos de Hailie estavam cerradas em punhos ao lado do corpo, prontas para desferir outro golpe a qualquer momento.

Encarei suas mãos, apavorada que ela as usasse para me machucar novamente. Mas ela não o fez. Ela também não se moveu. E eu sabia que não podia ficar ali.

Limpei as bochechas com os dedos. Reunindo toda a força e coragem que me restavam, passei correndo por eles e saí do banheiro. A dor era insuportável. Minha cabeça latejava enquanto eu caminhava, e levei a mão à nuca para verificar se havia sangue. Quando meus dedos saíram limpos, soltei um suspiro agudo. Então, me forcei a voltar para a sala de aula, desesperada para esquecer que tudo aquilo tinha acontecido.

37

Ashby

Sábado, 1 de novembro

Era véspera do meu aniversário de dezoito anos e, embora eu devesse estar animada para comemorar no dia seguinte, não conseguia parar de pensar em como Milow estava quieta nos últimos dias. Perguntei se algo tinha acontecido, mas ela me garantiu que estava apenas mais cansada do que o normal. Talvez estivesse estudando demais de novo, sem dar tempo suficiente para a mente descansar. Decidi não insistir, sabendo que, se algo estivesse errado, ela teria me contado.

Pelo menos, era o que eu esperava.

A caminho do jogo de futebol do Scottie à tarde, paramos num posto de gasolina para comprar uns lanches. O Stan insistiu. Depois de o deixar solto na oficina por uns dez minutos... Em poucos minutos, saímos com bebidas e muitos petiscos. Stan ficou feliz com isso. Milow também. Então, não discuti.

Assim que chegamos ao campo de futebol, estacionei no estacionamento ao lado. Saímos e fomos em direção às arquibancadas, encontrando um lugar perto do meio, de forma a termos uma visão perfeita do campo. Os dois times já estavam se aquecendo, e eu procurei por Scottie no campo.

Ela usava o número 17 nas costas. Aquele número sempre fora dela. Ela começou a jogar com apenas seis anos de idade, e ainda me lembro do dia em que ela nos contou sobre os novos uniformes que o time havia recebido e como escolheu seu número.

Ela estava tão entusiasmada com isso que eu perguntei por que ela tinha escolhido o número 17. Ela nunca me contou. Nem naquela época, nem nunca. Conforme fui crescendo, com essa pergunta ainda martelando na minha cabeça, acabei descobrindo sozinha. Ela escolheu esse número porque o aniversário do Stan era dia 17 de fevereiro.

Mesmo quando era pequena — quando Stan a tratava como se ela fosse contagiosa — ela ainda o amava.

"Ali está minha garota!" gritou Stan, apontando para Scottie no campo. "Uhuu, vai, gata!"

Ela virou a cabeça em direção às arquibancadas, viu Stan e sorriu. Balançou a cabeça com um revirar de olhos exagerado, depois levantou a mão e acenou. Todos nós acenamos de volta.

"Deixa ela se concentrar, cara", eu disse, estendendo a mão para pegar a dele e puxá-lo para que se sentasse novamente.

Ele suspirou, mas permaneceu de pé por mais um segundo, observando-a. "Ela está tão linda com essa camisa e com o cabelo preso assim", disse ele, finalmente sentando-se. Ao lado de Milow. "Como se chama esse penteado? Sabe, quando as meninas prendem o cabelo com gel e tudo mais."

Milow sorriu para ele. [Um rabo de cavalo elegante.]

“É isso aí. Ela fica tão gostosa com esse rabo de cavalo bem puxado para trás.” Ele olhou de volta para o campo de futebol, boquiaberto enquanto observava Scottie. “Meu Deus… olha só para ela. E esse cabelo…”

Eu ri baixinho. [O quê, agora você tem um fetiche por cabelo?]

"Acho que sempre tive um fetiche por cabelos. Mas só quando se trata do cabelo dela. Quer dizer, caramba... olha só como ele balança. E aquela mecha nas pontas... tão perfeita." Ele estalou a língua, ainda olhando para ela. "Ela me lembra uma boneca que eu tinha quando era criança."

Milow sorriu. [Você tinha uma boneca?]

“Ele ainda tem isso”, eu disse a ela.

Stan não desviou o olhar de Scottie, continuando a admirá-la de longe. "Graças a Deus que as mulheres não ficam carecas como a maioria dos homens. E espero que ela nunca corte o cabelo."

"Ela não vai", assegurei-lhe, embora algumas garotas gostassem de experimentar com o cabelo. "Mas talvez um dia ela decida raspar a cabeça. Sabe, para tentar um visual novo."

Isso chamou a atenção dele, e ele me encarou com os olhos arregalados. "Caramba, eu sei que não tenho o direito de dizer o que ela pode ou não fazer, mas eu literalmente choraria se ela resolvesse raspar a cabeça."

[Ela ficaria linda mesmo sem o cabelo comprido], escreveu Milow, sorrindo ao pensar nisso.

“Sim, com certeza. Mas, droga…” Ele olhou para o campo, balançando a cabeça. “Preciso que ela continue assim.”

“Ela vai sim, amigo.” Recostei-me e coloquei a mão na coxa de Milow, observando-a enquanto ela rasgava um barra de chocolate. Ela deu uma mordida e, quando percebeu que eu a observava, sorriu e levou o chocolate até minha boca.

Inclinei-me para a frente e dei uma mordida, sorrindo para ela enquanto ela mordia o chocolate novamente. Apertei sua coxa e, quando ela terminou o chocolate, guardou a embalagem no bolso e puxou a camisa de Stan para chamar sua atenção.

[Quantos gols vocês acham que ela vai marcar hoje?] Ela assinou assim que nós dois a olhamos.

“Ah, com certeza duas. Ou mais”, eu disse. Scottie era uma artilheira nata. Ela jogava na ponta esquerda e, embora sua função fosse dar assistências para as atacantes — o que ela fazia constantemente —, ainda assim conseguia marcar gols. Seus cruzamentos eram sempre perfeitos, caindo exatamente na área onde suas companheiras de equipe esperavam pela bola.

"Ela vai marcar três gols", disse Stan com confiança, como se já fosse um fato consumado.

[Eu também direi que foi um hat-trick], assinou Milow, sorrindo orgulhosamente.

O jogo começou logo depois, e todos nós nos concentramos. O time do Scottie estava jogando muito bem. Parecia que cada jogador estava esperando por essa partida o verão inteiro. A pausa tinha sido longa, e eu ouvi o Scottie reclamar mais de uma vez por não ter jogos. Agora a temporada finalmente tinha começado, e eles jogariam todo fim de semana pelas próximas dez semanas.

No intervalo, o placar era de 2 a 1 para o Bowen FC, e um desses gols foi da Scottie. Elas ganharam uma falta depois que uma de suas companheiras de equipe sofreu uma falta. A

posição era longe do gol, longe o suficiente para que a maioria das jogadoras tivesse passado a bola para longe. Mas Scottie fez o que Scottie faz. Ela posicionou a bola, deu três passos para trás, ergueu o olhar para o gol e mandou a bola direto para a rede.

A multidão explodiu em aplausos. Stan ergueu o punho no ar. "Essa é a minha garota!"

Scottie olhou para as arquibancadas e mandou um beijo para ele. Eu sorri, observando Stan se derreter na hora. "Você não pode estragar esse encontro, cara."

“Ah, não vou”, disse ele, sentando-se novamente. “Preparei tudo. Mandei meus pais embora para termos a casa só para nós. Comprei todas as comidas favoritas do Scottie. Mamãe até fez um bolo. Vamos fazer um piquenique no chão, com a TV ligada, simulando uma lareira. Pensei em tudo.”

Milow sorriu e apertou o braço dele antes de fazer o sinal: [Ela vai adorar, Stan. Você é incrível.]

Stan abriu um sorriso de orelha a orelha. "Eu sei. Mal posso esperar para ver o rosto dela se iluminar quando ela vir isso."

Estendi a mão por trás de Milow e dei um tapinha nas costas de Stan. "Estou orgulhoso de você."

A partida continuou e, após mais dois gols marcados por Scottie, o placar final foi de 4 a 1.

"Eu te disse que ela ia fazer um hat-trick, caramba!", disse Stan, orgulhoso. "Meu Deus, ela tem muito talento. Ela devia virar profissional."

Dei uma risadinha e recostei-me, finalmente relaxando agora que o jogo havia terminado. Coloquei a mão na coxa de Milow. "Ela foi incrível."

Milow assentiu com a cabeça. [Estou tão orgulhosa dela.]

Assistimos ao aperto de mãos entre as duas equipes e, após uma breve conversa com o técnico deles, Scottie veio até nós, que estávamos mais perto da lateral do campo. .

[Você é o máximo, Scottie! Aqueles gols foram incríveis.]

“Obrigado, Milow.” Scottie sorriu e deu-lhe um rápido abraço, depois olhou para todos nós. “Eu não achava que íamos ganhar, porque aquele outro time sempre foi muito forte. Mas nós conseguimos.”

"Com certeza", disse Stan, abraçando-a com força. "E você foi a estrela, como sempre. Você é incrível, meu bem."

Scottie sorriu, depois fez uma careta ao se empurrar contra o peito dele. "Estou toda suada e nojenta."

“Exatamente como eu gosto de você.”

"Eca, Stanley", ela resmungou, dando um tapinha de brincadeira no braço dele. "Vou tomar um banho. Você pode esperar?"

Assentimos com a cabeça. Antes de irmos para os vestiários, ela ficou na ponta dos pés e beijou o queixo de Stanley.

“Hoje, meus amigos, finalmente serei um namorado oficial”, disse Stan com confiança assim que ela saiu. “Eu simplesmente sei disso. As coisas estão indo bem.”

"Eu acredito em você, amigo", eu disse, apertando seu ombro. Então puxei Milow para mais perto de mim e sorri para ela. "O que vamos fazer hoje à noite?"

Ela deu de ombros e me abraçou pela cintura. Estava deixando a escolha para mim. E eu já sabia o que queria. Antes do meu aniversário chegar, eu queria um tempo a sós com ela. Só nós duas. Relaxando no meu quarto e assistindo a filmes.

Independentemente do que fizéssemos, com ela ao meu lado, tudo parecia certo.

—

"EU Eu não sabia o que diabos fazer, Ash. Ela simplesmente se levantou, e então desmaiou e—" A voz de Stan estava frenética do outro lado da linha. Fazia apenas três horas que tínhamos saído do campo de futebol, e agora ele estava ligando para me dizer que estava no hospital. Scottie tinha desmaiado de repente.

Tentei acalmá-lo, mas ele estava divagando, provavelmente andando de um lado para o outro sem parar.

"Você ligou para a Scarlett?", perguntei. Eu estava no meio do meu quarto, com o telefone pressionado contra a orelha. Milow estava sentada de pernas cruzadas na cama, me observando com olhos arregalados e preocupados. Ela parecia impotente.

"Sim. Ela está a caminho. Droga, Ash... aconteceu tão de repente. Estávamos comendo o bolo que minha mãe fez. Ela estava feliz, rindo, e então... então..." Um soluço escapou de seus lábios.

Meu peito apertou. "Você quer que a gente vá para o hospital, Stan?", perguntei. Eu precisava estar perto dele. E sabia que Milow também gostaria de estar perto de Scottie.

“Eu não sei… os médicos e enfermeiros ainda nem saíram. Não me disseram o que ela tem.” Outro soluço se seguiu, mais profundo desta vez, e carregado de medo. “Sim. Por favor, venham.”

"Certo." Olhei para Milow e assenti com a cabeça. Ela se levantou imediatamente. "Chegaremos em quinze minutos."

“Ok. Obrigado.”

“Claro. Aguenta firme, amigo.”

Desligamos. Soltei um suspiro lento. "Scottie está no hospital. Ela desmaiou na casa do Stan e não acordou."

Milow cobriu a boca com as duas mãos. Seus olhos se encheram de lágrimas imediatamente. .

"Ela vai ficar bem", eu disse, mesmo com o estômago embrulhado. Abracei-a e a apertei contra mim. Beijei o topo da sua cabeça, murmurando palavras de conforto. "A Scottie é forte. Seja lá o que tenha causado isso, ela vai se recuperar."

O corpo de Milow tremia. Quando ela recuou, olhou para mim e fez um sinal. [E se algo estiver errado?]

“Ela está em boas mãos”, eu disse. “Eles vão dar um jeito. Vão curá-la.”

Mas eu sabia o que ela queria dizer. Eu também tinha percebido. Scottie tinha mudado nos últimos meses. Ela sempre fora alegre, extrovertida e enérgica. Ultimamente, havia momentos em que ela não parecia ser ela mesma. Seu humor mudava num piscar de olhos, e ela passava de risonha a irritada. E Stan era quem mais tinha que lidar com isso.

Milow enxugou os olhos e baixou o olhar para as mãos.

"Ela vai ficar bem, minha querida", repeti, estendendo a mão para acariciar seu rosto. "Podemos parar naquela lojinha de presentes do hospital e comprar flores e chocolates para a Scottie, que tal?"

Ela olhou para mim e assentiu com a cabeça, sorrindo gentilmente. [Ok.]

Eu sorri de volta e dei um beijo suave em seus lábios, depois outro em sua testa. "Vamos embora."

Milow entrelaçou seus dedos nos meus enquanto caminhávamos em direção à porta, segurando-nos com um pouco mais de força do que o habitual. Apertei sua mão de volta, dando firmeza a nós duas.

Independentemente do que nos esperasse no hospital, enfrentaríamos juntos.

38

Milow

Stanley estava curvado numa cadeira no corredor, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto escondido entre as mãos. Seu corpo tremia, e meu coração se apertou ao vê-lo. Quando chegamos perto dele, coloquei delicadamente a mão em suas costas, com cuidado para não assustá-lo.

"E aí, amigão", disse Ashby baixinho. Ele segurava um buquê de flores coloridas e uma caixa de chocolates nos braços, aqueles que tínhamos comprado na loja de presentes no térreo.

Stan ergueu os olhos e soltou um suspiro pesado. "Ei. Obrigado por vir", disse ele, endireitando-se na cadeira e passando um braço em volta da minha cintura.

Deixei que ele me puxasse para perto, sabendo que ele precisava disso naquele momento. Passei meus braços em volta de seus ombros e me inclinei para dar um beijo no topo de sua cabeça. .

"Como ela está?", perguntou Ashby em seguida, colocando as flores e os chocolates em uma das cadeiras vazias. "Você já a viu?"

Stan balançou a cabeça. "Não. Scarlett está lá dentro agora, falando com o médico." Sua voz falhou. "Eu só quero saber se ela está bem. Meu coração não para de doer no peito, e dói demais."

Acariciei suas costas antes de me sentar ao lado dele, esperando até que ele olhasse para mim. [Scottie é forte. Seja o que for, ela vai superar. E estamos todos aqui uns pelos outros. Sempre.]

Ele tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos olhos. "Eu sei. Não suporto ficar sem saber o que está acontecendo. Eles poderiam ao menos me dizer se ela está bem."

Ashby parou na nossa frente e estendeu a mão para apertar o ombro de Stan. "Tenho certeza de que eles vão sair a qualquer minuto. Precisa de alguma coisa? Uma bebida? Algo para comer?"

"Não, obrigado", disse Stan baixinho. "Eu provavelmente vomitaria se tentasse comer."

Apertei meus lábios e peguei sua mão, segurando-a delicadamente entre as minhas.

Stan apertou minha mão e respirou fundo enquanto se recostava na cadeira. "Foi horrível", sussurrou. "Eu nunca... vi ninguém desmaiar antes. Foi assustador pra caralho."

“Eu sei”, disse Ashby enquanto se sentava na cadeira do outro lado de Stan, com o corpo virado para nós. “Não consigo imaginar como você deve ter se sentido. Mas você se saiu muito bem. Ligou para a ambulância imediatamente e avisou a Scarlett.” ”

Stan ficou em silêncio por um momento, balançando a cabeça lentamente. "Nem quero pensar no que teria acontecido se ela estivesse sozinha. Scarlett estava trabalhando esta tarde. Scottie estaria sozinha em casa se não fosse pelo encontro."

Acariciei seus dedos delicadamente, tentando acalmá-lo. Seu aperto em minha mão se intensificou, como se tivesse medo de soltá-la. Não me afastei, querendo lhe dar todo o apoio necessário, embora eu também estivesse sofrendo por dentro.

Ficamos sentados em silêncio por mais um tempo antes que a porta à nossa frente finalmente se abrisse. Todos nos endireitamos ao mesmo tempo. Quando Scarlett saiu, Stanley se levantou imediatamente, indo direto em sua direção.

“Como ela está? Posso vê-la?” Ele tentou olhar por cima do ombro de Scarlett, mas o médico que a seguira já havia fechado a porta.

Scarlett sorriu suavemente. Seu rosto era muito parecido com o de Scottie. Ou talvez fosse o contrário. Elas se pareciam muito, com o mesmo cabelo loiro-escuro e olhos castanhos.

Ambas eram lindas, por dentro e por fora.

“Você pode entrar em um minuto, Stanley”, disse ela suavemente, acariciando seus braços. “A enfermeira está terminando um exame de rotina. Ela está acordada e bem. Só está um pouco tonta.”

Observei os ombros de Stan relaxarem em alívio enquanto ele escondia o rosto nas mãos. Quando ergueu o olhar novamente, sua voz estava baixa. "Certo. Bom. Isso é bom."

Scarlett deu-lhe um sorriso forçado e depois voltou sua atenção para nós. "Milow, Ashby... ei, vocês dois."

Acenei levemente e me levantei para abraçá-la. .

"Ei, Scarlett", disse Ashby ao se aproximar por trás de mim. "Você está ótima."

“Ah, você é um encanto”, disse Scarlett com uma risadinha enquanto acariciava minhas costas. Quando me afastei, ela também abraçou Ashby. Ao se afastar, sorriu e acrescentou: “Scottie me contou que você assistiu ao jogo de futebol dela hoje”.

“Conseguimos”, disse Ashby, orgulhosa. “Ela foi incrível. Marcou três gols, no melhor estilo Scottie.”

O sorriso de Scarlett se alargou. "Queria muito ter estado lá. Pedi ao meu chefe para ter as tardes de sábado livres para poder vir vê-la jogar. Pelo menos nos jogos em casa." Ela soltou um suspiro silencioso, o cansaço estampado em seu rosto.

Scarlett sempre fora incrivelmente trabalhadora. Desde que seu pai falecera de um ataque cardíaco aos trinta e seis anos, só havia ela e Scottie morando com ela. Scarlett trabalhava como gerente de restaurante em um hotel de luxo em Vancouver e, embora o trabalho fosse exigente e estressante, ela perseverava. Ela se certificava de que eles tivessem uma boa vida e nunca deixava Scottie perder nada.

“Vamos, vamos sentar”, disse ela, conduzindo-nos de volta às cadeiras.

Sentamo-nos novamente e esperamos em silêncio quase absoluto até que a enfermeira finalmente saísse.

“Pode entrar agora”, disse ela com um sorriso gentil. “Só tente falar baixo para que ela não se sinta sobrecarregada.”

“Ok, obrigada”, disse Scarlett, já de pé.

Seguimos ela, com Ashby pegando as flores e os chocolates da cadeira. "Você quer entregar isso para ela?", perguntou ele, inclinando o buquê. em minha direção.

Eu sorri e acenei com a cabeça, aceitando o objeto que ele lhe ofereceu.

Quando entramos no quarto, Stanley foi direto para o lado da cama de Scottie. Ela parecia cansada, mas feliz, encostada nos travesseiros e sorrindo para ele.

“Oi”, disse ela suavemente, estendendo a mão para ele. “Por que você está chorando?”

Meu olhar se voltou para Stan. Eu só conseguia ver o perfil do seu rosto, mas sua bochecha estava vermelha, com lágrimas escorrendo.

Só isso quase me fez chorar. Eu nunca tinha visto o Stan assim. Ele estava tão preocupado com ela que seu humor habitual havia desaparecido completamente.

"Odeio te ver assim", disse ele com a voz embargada, os ombros tremendo.

Scottie riu baixinho e apertou a mão dele. "Estou bem", ela garantiu. Então, olhou para além dele e sorriu para mim. "São tão bonitas."

Eu sorri de volta e me aproximei, colocando as flores aos pés da cama dela. [Como você está se sentindo, Scottie?]

“Ótimo. Só um pouco tonta e com uma leve dor de cabeça.” Seu sorriso se desfez um pouco ao olhar para Ashby, que colocou os chocolates ao lado das flores.

"Que bom que você está bem, Scott", disse ele, apertando delicadamente o pé dela por cima das cobertas.

“Obrigada, Ash. Mas eu estou realmente bem”, disse ela, olhando ao redor da sala novamente. “Eu realmente não entendo por que vocês estão agindo como se eu estivesse morrendo.”

"Porque você desmaiou do nada, Scottie. Eu fiquei morrendo de medo", chorou Stan, esfregando os olhos. "Eu fiquei com muito medo." ”

Os olhos de Scottie suavizaram, mas por uma fração de segundo sua expressão ficou tensa, como se ela fosse retrucar. Ela não o fez. Em vez disso, seu rosto se iluminou novamente e sua voz tornou-se leve e divertida. "Acho que fiquei tão emocionada com o que meu namorado fez por mim que desmaiei."

Stan franziu a testa. "Não tem graça, Scottie."

“É um pouco engraçado”, disse ela, ainda segurando a mão dele.

Mesmo agora, Scottie tentava aliviar a tensão. Ela detestava ver as pessoas preocupadas com ela. E isso funcionava com todos, exceto com Stan.

“Não tem graça nenhuma. Nem um pouco.”

Scarlett interveio antes que ele pudesse entrar em pânico novamente. "Você fez tudo certo, Stanley. Fico feliz que você estivesse lá. Ela está bem. Ela está estável. E ela me contou o que você fez por ela. O piquenique? Foi muito gentil da parte dela."

"Ele é o melhor namorado de todos os tempos", acrescentou Scottie, usando essa palavra novamente, com toda a clareza.

Todos ouviram, exceto Stan.

Ele continuava franzindo a testa, e eu fiz uma careta porque, sinceramente, aquilo estava ficando ridículo. Ele vinha tentando conquistar aquele título há anos, e agora que Scottie o havia entregue a ele, ele sentia muita falta dele.

Dei um tapinha leve no braço dele. [Você está sequer ouvindo o que ela está dizendo? Ela já te chamou de namorado duas vezes e você não reagiu.]

"É, cara, você tá estragando tudo de novo", disse Ashby, claramente se divertindo com a situação.

Levou um segundo. Então os olhos de Stan se arregalaram. "Droga..." Ele esfregou a nuca com a mão livre, a outra ainda entrelaçada com a de Scottie. "Espera. Você está falando sério? Você a c Você realmente quer ser minha namorada? Você não está só brincando comigo porque estou chorando na sua cama de hospital como um bebê?

Scottie sorriu e balançou a cabeça. "Estou falando muito sério."

“Porra… quer dizer—filho da puta—”

"Stanley", advertiu Scarlett, embora estivesse sorrindo. "Cuidado com a linguagem."

“Certo. Desculpe. Uh.” Ele olhou para Scottie, acariciando delicadamente a lateral da cabeça dela. “Sim. Quer dizer. Ok. Sim.”

"Controle-se", disse Ashby, rindo.

"Shhh," Stan interrompeu, lançando-lhe um olhar fulminante. "Estou tentando. Todos vocês assistindo só pioram a situação."

Scottie riu baixinho, e eu os observei com um sorriso e os olhos marejados. Eles eram incrivelmente doces.

Stan pigarreou, claramente se preparando para o pior. "Eu devia ter te chamado para sair há muito tempo. Tipo, quando a gente tinha dez anos ou algo assim."

“Isso teria sido muito cedo”, disse Scarlett calmamente.

“Certo. Ok. Quinze.”

"Dezesseis."

Stan gemeu e olhou para ela como se implorasse por misericórdia. "Vamos lá, Scar. Você está só brincando comigo."

"Talvez um pouco", disse ela, dando de ombros.

Scottie parecia encantado.

Stan se virou para ela, sério novamente. "Eu deveria ter te convidado para sair há muito tempo. Eu odiei não ter feito isso. Mas eu sempre estive lá. Eu sempre te amei do mesmo jeito."

"Você é apaixonada por mim desde o jardim de infância", disse Scottie, orgulhoso.

"Sem chance- ”

“Com certeza você estava”, disse ela.

“Posso confirmar”, acrescentou Ashby.

Stan suspirou. "Tudo bem. Desde o jardim de infância. Tudo o que estou tentando dizer é... eu te amo. E quero ficar com você."

O sorriso de Scottie se suavizou, dando lugar a um sorriso que eu sempre admirei muito. "Eu também te amo, Stan."

Para mim, foi o fim. Apertei as mãos contra o peito, mordi as bochechas e as emoções tomaram conta de mim. Isso sempre deveria ter acontecido. Todo mundo sabia disso.

Stan se inclinou para beijá-la, mas parou e olhou para nós. "Vocês podem... nos dar um pouco de espaço?"

Ashby riu e entrelaçou seus dedos nos meus. "Sim. Estamos felizes por você."

Assenti com a cabeça em concordância com as palavras de Ashby antes de deixá-lo me puxar em direção à porta.

Scarlett a seguiu, mas antes de partir, voltou-se para trás. "Calma, Stan. Ela ainda precisa descansar."

“Não se preocupe”, disse ele rapidamente. “Nossa primeira vez não será em um leito de hospital.”

Tapei a boca com a mão, com os olhos arregalados.

"Ah, cara", murmurou Ashby, rindo.

"Não era isso que eu queria dizer", disse Scarlett secamente, arqueando uma sobrancelha antes de fechar a porta.

Quando estávamos no corredor, ela balançou a cabeça com um sorriso divertido. "Eu sempre quis um filho. Mas esse dá muito trabalho."

Ela estava brincando, e eu sabia que ela estava encantada por ter Stan como seu genro não oficial. Mas eu concordei com ela. Stanley era o caos em forma humana. Mas, no fundo, ele era leal, protetor e profundamente apaixonado.

Scottie estaria sempre seguro com ele.

39

Ashby

Quando o horário de visitas terminou, voltamos ao quarto da Scottie para nos despedirmos. Quando estávamos saindo com o Stan e a Scarlett, ela explicou que a Scottie aparentemente tinha sofrido um colapso circulatório, e por isso desmaiou tão repentinamente e sem aviso prévio. Eu não entendia muito de medicina, mas algo na ideia de uma garota de dezessete anos ter um colapso circulatório não me parecia certo.

Scarlett parecia sentir o mesmo. Eu conseguia ver a preocupação em seu rosto, o jeito como seu maxilar se contraía quando ela falava sobre isso. Mesmo assim, não questionei em voz alta. Eu não queria preocupar ninguém mais do que já estavam. Scottie precisava descansar, e eu confiava que Scarlett se certificaria de que os médicos fizessem todos os exames necessários. .

Chegamos em casa tarde. Papai era o único ainda acordado, sentado no sofá com a TV em volume baixo. Ele olhou para nós imediatamente, com uma expressão preocupada. Eu havia mandado uma mensagem para ele mais cedo, avisando onde estávamos para que ele não se preocupasse com Milow e comigo.

“Ei. Como ela está?” perguntou ele, endireitando a postura.

"Ela está bem", eu disse. "Aparentemente, ela teve um colapso circulatório."

Papai franziu a testa. "Aos dezessete anos?"

“Sim. Foi isso que eu disse.”

"Ela tem algum histórico de problemas cardíacos?", perguntou ele.

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Ela sempre foi saudável."

Milow assentiu com a cabeça ao meu lado, o rosto tenso de preocupação e confusão. [Acho que não foi isso que a fez desmaiar.]

Papai apertou os lábios, nos observando por um instante. "Espero que Scarlett se certifique de que os médicos a examinem minuciosamente", disse ele. "Mas fico feliz que ela esteja melhorando."

Assenti com a cabeça, mas a sensação de desconforto permaneceu.

Olhei para Milow então, acariciando suas costas suavemente. "Ela vai ficar bem", assegurei-lhe.

[Eu sei. Só detesto que ela esteja sozinha no hospital esta noite.]

“Ela vai sair daqui rapidinho. Tenho certeza disso.”

Milow se inclinou para mim, ainda tensa, e eu a abracei um pouco mais forte.

Eu dizia a mim mesma que não era nada, mas, no fundo, aquela sensação estranha e desconfortável persistia.

– –

“Venha cá, menino.” A voz do meu pai sempre me dava vontade de correr e me tornar invisível. Mas num apartamento de um quarto, cuja porta ele mantinha trancada, eu não tinha para onde fugir.

Caminhei lentamente em sua direção, já sabendo que tinha feito algo errado, embora não soubesse o quê, porque com ele, sempre havia alguma coisa. Às vezes, sentia como se estivesse sendo punida simplesmente por existir. Mas não era minha culpa, nem era minha vontade estar ali com eles.

O quarto cheirava a cerveja e fumaça, um cheiro que nunca se dissipava, por mais que a janela fosse aberta. Ele estava sentado em sua cadeira, com uma garrafa de alguma bebida de cheiro forte sobre a mesa e um cigarro aceso entre os dedos. O jeito como seus olhos estavam fixos em mim me deu um nó no estômago.

"Você é muito lenta", disse ele, com a voz baixa e irritada. "Tudo o que você faz é lento. Você faz isso de propósito para me irritar."

Balancei a cabeça negativamente, mas foi quase imperceptível enquanto eu encarava o chão. Olhar para ele só piorava as coisas. Quando parei em frente a ele, minhas mãos estavam tão cerradas ao lado do corpo que doíam.

“Abra a boca.”

Eu paralisei.

Meu coração começou a bater tão rápido que parecia que ia explodir do meu peito. Eu não queria fazer aquilo, e eu sabia o que ele queria antes mesmo de ele se mexer, mas também sabia o que aconteceria se eu não obedecesse. .

As mãos do papai eram grandes e fortes, e doíam mais quando ele as fechava em punhos.

“Eu disse para você abrir a boca”, repetiu ele, já se inclinando para a frente.

Meus lábios tremeram enquanto eu obedecia. Meu maxilar estava rígido, e minha respiração, superficial e irregular. Senti o gosto de fumaça antes mesmo que ele me tocasse. Sua mão agarrou meu queixo, forçando minha cabeça para cima enquanto seus dedos cravavam em minha pele.

“Olha só para você”, disse ele. “Nem consegue ficar parada. Você é inútil.”

Então ele pressionou o cigarro contra a minha língua.

A dor foi instantânea e insuportável. A queimação durou mais do que algo tão pequeno deveria. Fechei os olhos com força enquanto um grito abafado escapava de mim, mas ele não se afastou. Manteve o cigarro ali, girando-o e pressionando-o contra minha língua como se fosse um cinzeiro, e continuou apenas o suficiente para que meu corpo se contraísse e tremesse.

"Cala a boca", ele rosnou. "Você só piora tudo."

Ele finalmente me soltou, empurrando minha cabeça para trás com tanta força que tropecei e quase caí. Minha boca ardia e latejava, a saliva escorrendo porque eu não conseguia engolir aquela coisa horrível. Apertei as mãos contra o rosto, sufocando com meus próprios soluços.

"Você é patético", disse ele, recostando-se como se não tivesse acabado de queimar minha língua de novo. "Chorando por nada. Você tem sorte de eu estar te ensinando a ser mais forte."

Olhei para minha mãe naquele momento, como sempre fazia. Porque uma parte de mim ainda esperava que, dessa vez, ela se levantasse e dissesse alguma coisa, ou pelo menos olhasse para mim. Ela estava sentada no sofá com as pernas cruzadas, e Seus olhos estavam fixos na TV. Sua expressão era apática e distante. E ela não se mexeu.

“Se você não agisse assim, ele não ficaria tão bravo”, disse ela calmamente. “Você sempre o provoca.”

Meu pai riu cruelmente. "Ouviu isso? Até ela sabe que a culpa é sua. Tudo é culpa sua, seu filho da puta."

Minha boca doía demais para falar. Senti o gosto de sangue, fumaça e algo amargo. Limpei o rosto com a manga e tentei me encolher.

“Vá sentar-se no seu canto”, disse ele. “E não faça barulho. Não quero ouvir você chorar como uma menininha.”

Fiz o que ele me mandou, porque sempre fazia. Sentei-me no chão perto da parede, com os joelhos encolhidos junto ao peito. Minha boca ainda ardia e meu corpo tremia, embora eu tentasse parar.

Permaneci quieta e imóvel, sem ousar acreditar que aquilo algum dia terminaria.

Eu merecia isso. Eles me diziam isso todos os dias. Então, por que eu pensaria que existia um lugar melhor em algum lugar por aí?

Ninguém viria me salvar.

Os super-heróis não existiam de verdade.

Só restava esperar que terminasse e torcer para que o amanhã não doesse tanto quanto hoje.

—

Acordei com uma mão acariciando suavemente meus cabelos. Sorri, mantendo os olhos fechados para poder desfrutar de seu toque por mais um instante. .

“Hum.” Deslizei minha mão pela cintura dela e a puxei para mais perto, pressionando meu corpo contra o dela.

Ela se aconchegou em mim, sua perna deslizando entre as minhas enquanto seus dedos se enrolavam suavemente em meu cabelo.

Quando finalmente abri os olhos, os dela foram a primeira coisa que vi, e meu coração disparou sem aviso. Se houvesse uma única coisa que eu pudesse escolher para olhar pelo resto da vida, seriam os olhos dela. A cor deles ainda me chamava a atenção todas as vezes, o azul do olho direito destacando-se nitidamente contra o castanho escuro. Era tão único e perfeito quanto Milow.

“Bom dia”, murmurei, pressionando minha mão contra a parte inferior das costas dela. “Você está acordada há muito tempo?”

Ela balançou a cabeça, depois roçou o nariz suavemente no meu queixo antes de se inclinar para me beijar. Retribui o beijo sem hesitar, encontrando-a no meio do caminho e puxando-a para mais perto. Foi um beijo lento, que fez tudo ao nosso redor parecer distante e insignificante. Deu-me vontade de ficar ali com ela, abraçados, sem me levantar tão cedo. Deslizei a outra mão pela sua coluna, sentindo a curvatura das suas costas enquanto ela as arqueava, e depois a movi para cima, acariciando a nuca dela para mantê-la ali. Aprofundei o beijo um pouco mais, ainda movendo meus lábios lentamente contra os dela. Eu estava aproveitando o momento porque não havia pressa.

Quando ela se afastou, se impulsionou para sentar e, ao se mover, eu me virei de costas. Olhei para ela com um braço atrás da cabeça e o outro repousando tranquilamente em sua coxa, meu polegar roçando sua pele sem que eu percebesse. Ela parecia calma e feliz. Seus

cabelos estavam um pouco despenteados por causa do sono, e seus olhos suaves enquanto ela olhava para mim.

[Feliz aniversário, Ashby.]

Dei um sorriso, soltando um suspiro silencioso quando finalmente entendi. "Droga... eu esqueci."

Ela franziu o nariz e colocou a mão na minha barriga, as pontas dos dedos traçando lentamente as linhas do meu abdômen. Ela fez isso inconscientemente, mas me fez sorrir ainda mais.

"Obrigada, querida. Não acredito que já tenho dezoito anos. Estou ficando tão velha", disse em tom de brincadeira.

Milow revirou os olhos. [Você ainda é jovem e tem a vida toda pela frente.]

“Você tem razão”, eu disse, meu sorriso se transformando lentamente em um sorriso aberto. “E mal posso esperar para passar tudo isso com você.”

Esperei exatamente um segundo antes que suas bochechas ficassem vermelhas como um pimentão, e sorri de canto, levantando minha mão esquerda de sua coxa para acariciar sua bochecha. "Devo adicionar 'fazer você corar' à lista de coisas em que sou ótima."

Milow contraiu as bochechas para impedir que sorrisse, mas não conseguiu. [Pare com isso], ela sinalizou, antes de dar um tapa no meu peito.

Dei uma risadinha e deixei minha mão voltar a deslizar até sua coxa, roçando suavemente a pele sob a barra do seu short de pijama.

Eu sorri. "É sério. Estou feliz por poder passar meu aniversário com você."

Aniversários sempre foram a minha data favorita. Não só o meu, mas o de todos os outros também. Envelhecer nunca me assustou. Cada aniversário significava que eu tinha sobrevivido a mais um ano e que ainda tinha as pessoas que amava por perto. .

[Eu trouxe um presente para você], ela sinalizou, com as bochechas ainda rosadas enquanto desviava o olhar por um segundo antes de voltar a me encarar.

"Sim?" Ergui as sobrancelhas. "O que foi?"

Ela estendeu a mão até o criado-mudo, pegou algo e me entregou. Sentei-me, observando o papel de embrulho xadrez antes de olhar para ela novamente. "Obrigada, Milow."

[Abra], ela sinalizou, com os olhos brilhando de entusiasmo.

“Está bem, está bem.” Desembrulhei com cuidado, retirando o papel e tirando o que estava dentro.

Abri um sorriso assim que o vi. Um chapéu de caçador marrom-escuro repousava em minhas mãos. As abas para as orelhas e a parte frontal eram forradas com pele marrom-clara. Passei os dedos sobre ele, já sabendo que o usaria todos os invernos dali em diante. O tempo já estava ficando mais frio, e eu nunca saía de casa sem um chapéu de caçador no inverno. Sempre fora meu estilo.

Desde que meu pai me comprou meu primeiro vestido azul quando eu era pequena, ele se tornou parte de mim. Virou um hábito e um objeto de conforto.

"Adorei, Milow. Ficou perfeito", eu disse, vestindo-o com um sorriso. "Como estou?"

Ela sorriu, juntou as mãos e as pressionou contra o peito antes de fazer o sinal de "Muito bonito".

"Obrigada", eu disse, dando uma risadinha. "Na verdade, eu estava pensando em comprar uma nova."

Inclinei-me e a beijei, com uma das mãos repousando ao lado de sua cabeça. Quando me afastei, ela ergueu as mãos novamente.

[Há algo escondido lá dentro.]]

"Escondido?" Franzi a testa e tirei o chapéu, virando-o do avesso. O forro interno era azul-escuro, e hesitei por um segundo. As cores do chapéu me lembravam os olhos dela. Não achava que ela o tivesse escolhido especificamente por isso, mas gostava de pensar que, inconscientemente, sim.

Ela apontou, e eu me inclinei para mais perto. Bordadas cuidadosamente no forro com fios brancos estavam nossas iniciais, dentro de um coração.

Sorri e olhei para ela enquanto ela assinava: [Eu bordei. Se for demais, posso tirar.]

"Não", respondi imediatamente, balançando a cabeça enquanto traçava os pontos com o polegar. "Não faça isso. Está perfeito. Quero exatamente assim."

O sorriso dela se alargou, e eu pressionei o chapéu contra o peito antes de me inclinar para beijá-la novamente. "Eu te amo, Milow."

Sempre e para sempre.

40

Ashby

Passei meu aniversário de dezoito anos do jeito que sempre gostei. Tomando café da manhã com a minha família, depois passando um tempo juntos, conversando e rindo enquanto comíamos bolo. Stan também estava aqui. Eu tinha ligado para ele mais cedo para saber como ele estava e se tinha notícias da Scottie. Ela ainda estava fazendo exames e testes adicionais, com a Scarlett ao lado dela. Eu não queria que ele ficasse sozinho com seus pensamentos o dia todo, então pedi para ele vir passar o dia conosco.

Ele demorou um pouco para se soltar. Seu humor habitual estava pesado por causa da preocupação, e eu percebi que ele estava se esforçando para agir normalmente. Mas no momento em que Wesley sugeriu Mario Kart no porão, Stan entrou no clima imediatamente. Ele assumiu sua postura de jogo na hora, falando Falar mal de todo mundo e se autoproclamar o rei do jogo.

E, honestamente, ele era. Principalmente porque jogava quase todos os dias quando era criança.

Acomodamo-nos nos sofás, controles em mãos, e o jogo começou a carregar na tela.

"Não sou boa nisso", disse Evie, virando o controle como se ele pudesse mordê-la.

Wesley se aproximou, apontando as coisas pacientemente. "É fácil, querida. Aperte este para ir e use este para virar."

Stan bufou, recostando-se com os pés sobre a mesa de centro, os tornozelos cruzados. "Ela vai perder. E todos vocês também."

Wesley lançou-lhe um olhar. "Seja gentil com a minha garota. Entendeu?"

"Ou o quê?" Stan retrucou, arqueando as sobrancelhas. "Vai chorar, grandalhão?"

“É melhor você tomar cuidado com o que diz, amigo.”

Eles ficavam nesse vai e vem, e eu apenas ficava sentado observando, divertido.

"Quer brigar, garoto do hóquei?" Stan se levantou de repente, estufando o peito e jogando o controle no sofá ao meu lado. "Porque isso é outra coisa em que sou melhor que você."

"Ah, não, por favor, não briguem", disse Evie, com um tom sarcástico na voz. Ela adorava aquilo e sempre dava um jeito de vê-los se aprontando. Era engraçado, na verdade. Mesmo que Stan treinasse MMA, Wesley também sabia dar um soco. Ele já tinha se envolvido em brigas feias o suficiente no gelo para provar isso, o que era de se esperar, considerando o quão calmo ele geralmente era. .

Mas no gelo, Wesley era diferente. Era o único lugar onde ele se permitia desferir socos quando necessário.

Ele entregou o controle para Evie e arregaçou as mangas. "Pensei que você já tivesse aprendido que não tem a menor chance, Whitt."

"Ah, é?" Stan sorriu, erguendo os punhos como se fosse entrar numa briga de verdade. "Mostra do que você é capaz, Statler."

Segundos depois, eles estavam no chão em frente à TV, lutando como idiotas. Eu ri e vibrei quando Wesley conseguiu imobilizar Stan.

[Ele nunca aprende mesmo], disse Milow, sinalizando com a cabeça e reprimindo um sorriso.

“Nunca”, concordei.

"Você é tão fraco, Stanley", provocou Evie, divertindo-se com isso mais do que ninguém.

"Ei, eu não sou fraco", argumentou Stan, tentando empurrar Wesley para longe. "Sai de cima de mim, cara de disco."

"Boa, cara", eu disse, rindo.

"Diga que eu sou mais forte que você", exigiu Wesley.

"Nunca."

"Desista", eu disse a ele, ainda me divertindo.

Ele lutou por mais um tempo antes de desistir com um som de frustração. "Tudo bem. Você é mais forte do que eu. E mais bonito, mesmo com esse cabelo branco de vovô e esses olhos demoníacos e gélidos."

Wesley sorriu e deu um tapinha na bochecha dele. "Bom garoto."

Eles se levantaram, e Stan, cabisbaixo, foi até Milow, sentando-se ao lado dela e a abraçando. Ela. "Todo mundo é sempre tão malvado comigo, Ace", disse ele, fazendo beicinho.

Milow deu um tapinha no braço dele, com os lábios cerrados num gesto de compaixão.

"Você vai sobreviver", disse Wes com um sorriso. "Seja forte, amigo."

Por volta das cinco daquela tarde, Scarlett ligou para Stan para dizer que Scottie estava liberada para ir para casa. Achei estranho. Eles ainda não tinham descoberto o que realmente a fez desmaiar, mas mesmo assim a mandaram para casa, na esperança de que não acontecesse de novo. Aquilo não me pareceu certo.

Stan saiu imediatamente para ir até a casa deles. Dissemos a ele para dar um abraço apertado na Scottie por todos nós, mas sem apertá-la demais. Ela precisava descansar mais do que qualquer coisa, e ter o Stan ali seria o suficiente por enquanto.

Milow ainda estava visivelmente preocupada. Ela já havia enviado uma mensagem para Scottie, dizendo que estaria lá para ela, acontecesse o que acontecesse, sempre que ela precisasse.

Para o jantar, papai pediu pizza, como sempre fazia quando um de nós fazia aniversário. Eu gostei. Não queria que ninguém preparasse uma refeição elaborada ou fizesse disso um grande evento. Pizza já era suficiente depois de todo o dia que já tinham me proporcionado. Sentamos na sala de estar com música tocando baixinho ao fundo, comendo e conversando sem pressa.

Era tudo o que eu precisava. Minha família estava ao meu redor, e a garota que eu amava desde criança estava bem ao meu lado.

41

Milow

3 de novembro

Ashby não foi à piscina hoje de manhã. Em vez disso, buscamos Stanley em casa e fomos até a casa da Scottie. Scarlett decidiu mantê-la em casa por mais um ou dois dias, só para ter certeza de que ela estava realmente melhor antes de mandá-la de volta para a escola. Pareceu a decisão certa. Os médicos a liberaram cedo demais, pelo menos na minha opinião, e eu não gostei nada disso. Mas eu confiava na Scarlett porque ela sempre cuidou da filha como deveria.

Quando entramos, Scottie estava enroscada no sofá com um cobertor em volta dos ombros. Ela olhou para cima quando nos ouviu e sorriu, e eu fui até ela imediatamente, antes mesmo de Stan. Eu estava preocupada. sem parar, e vê-la assim fez meu peito apertar novamente.

"Ei", Scottie sussurrou enquanto eu me inclinava para abraçá-la. "Estou bem." Sua voz soava leve, como se ela realmente estivesse bem.

Eu a abracei por mais um segundo antes de me sentar ao lado dela. [Que bom que você está melhor.]

"Eu também", disse ela com um sorriso suave. "Me deram um monte de remédios fortes, e olha só para mim agora. Como nova."

"Você ainda desmaiou", disse Stan. Ele não parecia convencido. Nem um pouco.

“E daí? Não é como se eu tivesse morrido.”

“Você ainda está tratando isso como se fosse engraçado.”

“Não tem graça”, disse ela. Sua expressão endureceu por um breve segundo, depois suavizou, e ela estendeu a mão para ele. “Vem cá. Quero beijar meu namorado.”

Stan hesitou antes de pegar na mão dela. Sentou-se ao lado dela e inclinou-se para beijá-la. Quando se afastou, seu tom permaneceu sério. "Não acho que isso tenha sido aleatório. E definitivamente não foi um colapso circulatório. Você está em ótima forma física. Você é saudável."

“Isso pode acontecer com qualquer um, Stanley”, disse ela calmamente, mantendo a mão dele na sua. “Estou bem. Os exames vão provar isso.”

Eu queria acreditar nela. Mesmo assim, algo se revirava no meu estômago. Era uma sensação da qual eu não conseguia me livrar. Algo estava errado, mas eu não conseguia provar.

"Descanse mais um ou dois dias", disse Ashby gentilmente. "Não precisa ter pressa. Você vai voltar a campo e marcar três gols em pouco tempo."

Scottie olhou para ele com um sorriso tenso e esperançoso. "Mal posso esperar." ”

Scarlett voltou com uma xícara fumegante e a colocou na mesa de centro. Então olhou para Scottie. "Estou cortando frutas. E coloquei torradas na torradeira. Você já está com fome?"

“Sim, obrigada, mãe.”

Scarlett olhou para nós e disse: "Obrigada por virem. Vocês são uns amores. Mas está na hora de ir. Vocês vão se atrasar para a escola."

Assenti com a cabeça e acariciei suavemente o braço de Scottie antes de me levantar, aproximando-me de Ashby enquanto sua mão se acomodava na minha lombar.

Stan não se mexeu. Permaneceu colado a Scottie, ainda segurando sua mão. Então, fez uma careta e agarrou o estômago com um gemido. "Não estou me sentindo muito bem, Scar. Talvez eu devesse ficar aqui para que você cuide de mim também."

Scarlett revirou os olhos, rindo baixinho. "Boa tentativa. Vamos lá. A escola está esperando."

"Mas minha barriga dói", resmungou ele, levantando-se a contragosto.

"Então talvez seja melhor parar de se entupir de donuts antes do amanhecer", disse Ashby, sorrindo.

“A culpa não é minha”, retrucou Stan. “Minha mãe compra e depois me faz sentir culpado para que eu coma antes que estraguem.” Ele se virou para Scarlett, lançando-lhe seu olhar mais suplicante. “Por favor, Scar? Eu também adoraria algumas frutas frescas cortadas.”

Ela balançou a cabeça. "Você precisa ir. Chelsea não vai ficar feliz se você faltar."

"Mamãe não vai ligar", disse ele. "Ela prefere me ver cuidando da minha filha do que distraído na aula." ”

Apertei meus lábios. Ele não estava errado, mas ainda assim precisava ir. Toquei em seu braço para chamar sua atenção. [Scottie precisa descansar. Podemos voltar depois da aula.]

Ele franziu a testa e suspirou. "Tudo bem." Olhou para Scottie. "Vou direto para cá depois."

Ela sorriu. "Estarei aqui. Esperando."

“Ótimo. Eu te amo.”

“Eu também te amo, Stanley.”

Eu os amava. Os dois. E os amava juntos.

[Tchau, Scottie. Até mais,] Assinei.

Depois de uma última rodada de despedidas, saímos e entramos no carro, onde tivemos que ouvir Stan reclamar durante toda a viagem sobre como odiava a escola e como preferia estar ao lado de Scottie, impedindo-a de desmaiar novamente.

Não podia discordar. Também preferia estar perto da minha melhor amiga num momento como este. E, por razões que não conseguia explicar, a sensação de peso no meu peito só aumentava à medida que nos aproximávamos da escola, como se meu instinto tentasse me alertar, dizendo que eu não devia estar ali.

Quando o sinal do almoço tocou, fui direto para o meu armário. Precisava guardar meus livros, pegar meu almoço e esperar por Ashby e Stan. Fiquei lá parada por alguns minutos, olhando para o corredor de vez em quando, mas eles não apareceram. Depois de cinco minutos, peguei meu celular para mandar uma mensagem para Ashby.

Ao destrancar, vi que ele já havia me enviado uma mensagem.

Ashby
A caminho. O professor nos atrasou. .

Eu não queria que eles se precipitassem em relação a mim, então respondi rapidamente.

Meu
Vou até o refeitório. Encontre-me lá.

Guardei o celular no bolso do meu moletom, fechei meu armário e comecei a caminhar pelo corredor. Havia apenas alguns alunos parados ali, e o barulho de antes havia praticamente desaparecido. Então, virei a esquina e vi Hailie e Aspen paradas ali. Bennett estava com elas, o que me pegou de surpresa. As três pareciam irritadas, como se a minha presença por si só tivesse arruinado o dia delas.

Parei. Senti um nó na garganta enquanto tentava decidir o que fazer. Podia me virar e mandar uma mensagem para Ashby para nos encontrarmos no meu armário. Podia esperar lá. Ou podia manter minha posição. A decisão não tinha sido simples, embora devesse ter sido.

Eu queria ir embora. Sempre que me via sozinha com eles, queria ir embora. Mas meus pés não se mexiam.

"Meu Deus, só de olhar para ela já me dá vontade de vomitar", disse Hailie. "Você tem alguma coisa que não te faça parecer pobre? Ou é só isso que você consegue?"

Fiz uma careta. Era isso. Era o insulto. Eu parecia *pobre* .

Minhas roupas estavam limpas. Serviam perfeitamente e não tinham nenhum defeito.

“E ela ainda não está falando”, acrescentou Aspen, em um tom de voz mais alto do que o necessário. Ela olhou para Bennett ao dizer isso. Estava mais maldosa do que o normal e claramente buscava a aprovação dele. “É tão estranho.” ”

“Sim, e é desrespeitoso”, disse Hailie, cruzando os braços e transferindo o peso para um quadril. “Nossa surra claramente não ajudou em nada.”

A palavra me deu um nó no estômago. Senti a dor toda de novo. Olhei para as minhas mãos e comecei a cutucar a pele solta perto do polegar, um hábito ao mesmo tempo reconfortante e inútil.

"Agrediu?" perguntou Bennett em voz baixa. "Você bateu nela?"

Ele parecia preocupado, mas será que estava mesmo? Não olhei para ele para confirmar. Ele não tinha sido gentil comigo ultimamente, e eu não queria a atenção dele agora. Eu só queria Ashby. Eu queria Stan. Eu queria que este corredor parasse de parecer tão pequeno e que meus pulmões funcionassem normalmente.

Hailie estalou a língua. "Tivemos que fazer isso. Ela estava sendo mal-educada."

"Como ela foi grosseira?", perguntou Bennett. Ele parecia genuinamente preocupado agora, e eu não consegui evitar. Precisava ver a cara dele.

Levantei o olhar para ele. Ele estava franzindo a testa, sua atenção totalmente voltada para mim desta vez.

“Quer dizer”, continuou ele, “ela respondeu para você ou algo assim?”

Mordi a parte interna da minha bochecha, abraçando a lancheira contra a barriga. Ele ainda achava que eu tinha mutismo seletivo, que eu acabaria começando a falar quando superasse isso.

Ele não sabia. Nenhum deles sabia. Mas eu tinha a sensação de que, mesmo que soubessem a verdade, ainda assim me tratariam assim.

Depois do que aconteceu na lanchonete, fiquei repassando o comportamento de Bennett na minha cabeça várias vezes. O comportamento das pessoas não muda sem motivo. Algo na vida dele... Devem tê-lo levado ao limite a ponto de transformá-lo em alguém que ele não era. O mesmo deve ter acontecido com Hailie e Aspen. Esse tipo de raiva deve ter tido uma origem. Não surgiu do nada.

“Não, ela não disse uma palavra sequer. Só ficou com a boca fechada e—” Hailie parou abruptamente, porque não havia mais nada a acrescentar. Eu não tinha feito nada com elas no banheiro. Absolutamente nada. Elas tinham ido atrás de mim por puro tédio.

Meu maxilar travou. Eu precisava me mexer. Precisava que meu corpo me obedecesse e me afastasse deles.

"Eu odeio a cara dela", continuou Hailie. "Ela acha que é especial por fingir ser deficiente. Mas ela não vale nada. E é uma mentirosa."

Franzi a testa. Normalmente, eu não me deixava afetar pelas palavras dela, mas essa me impactou de forma diferente. Talvez porque, pela primeira vez, ela tivesse dito algo verdadeiro. Eu era deficiente. E por uma fração de segundo, me passou pela cabeça que talvez isso realmente me tornasse inútil.

Aspen riu e cruzou os braços, imitando a postura de Hailie. "Ou talvez ela seja mesmo deficiente. Não me surpreenderia. Talvez seja por isso que ela anda com aquela outra garota deficiente."

“Não”, disse Hailie. “A pessoa em que você está pensando é apenas alguém com graves problemas mentais.”

Os dois riram. Vi Bennett sorrindo atrás deles, como se achasse aquilo engraçado, como se nunca tivéssemos sido amigos antes.

Senti-me mal. Como é que ele não estava a impedir aquilo? Ele sempre fora gentil comigo. Pelo menos costumava ser. E eu não entendia por que ele estava ali com eles. Não entendia? Ele tem limites? Ele não se importou e não viu o quanto eles estavam sendo ofensivos?

A raiva cresceu dentro de mim, e meu corpo inteiro ardeu com emoções avassaladoras. Eu odiava o jeito como falavam de Scottie.

"Ouvi dizer que ela desmaiou no jogo de futebol", disse Hailie. "Que perdedora. Talvez ela devesse parar de tomar remédios."

Foi isso.

Eu queria dizer exatamente como me sentia. Queria desabafar todos os pensamentos que me passavam pela cabeça. Mas nenhuma linguagem de sinais os faria entender, e eles não mereciam minhas explicações mesmo. Então, escolhi fazer a única coisa que eu sabia que eles entenderiam sem questionar.

Coloquei minha lancheira debaixo do braço e mostrei o dedo do meio para eles.

Com ambas as mãos.

O riso delas cessou instantaneamente. Aspen se recuperou primeiro, caindo na gargalhada novamente, mas Hailie não. Seu rosto se contorceu, os olhos escureceram, claramente aceitando a situação como ela era.

Um ataque.

E sem pensar duas vezes, ela veio direto para cima de mim.

Mal tive tempo de reagir, mas o instinto falou mais alto e levantei os braços para proteger a cabeça, fazendo minha lancheira cair no chão. Meu escudo não adiantou. Os dedos de Hailie se enroscaram no meu cabelo de qualquer maneira, seus punhos se fechando com força enquanto ela puxava com tanta força que minha visão ficou embaçada.

“Sua vadia. Como você se atreve?”

Tudo o que eu fiz foi mostrar o dedo do meio para ela. Um pequeno gesto. Algo que as pessoas fazem todos os dias sem pensar duas vezes. E, de alguma forma, isso foi pior para ela do que cada palavra que ela me dirigiu durante meses, pior do que cada olhar, cada Empurrão, cada sussurro com o intuito de me diminuir. Foi o suficiente para fazê-la querer me machucar.

Ela continuava puxando, sacudindo minha cabeça para trás e para baixo, e eu agarrava suas mãos, tentando me soltar. Ela não afrouxava o aperto. Ela era mais forte do que eu, e sabia disso. A dor percorreu meu couro cabeludo e desceu pelo meu pescoço, e por mais que eu lutasse, ela não me soltava.

Eu cambaleei para o lado quando ela empurrou minha cabeça para baixo novamente, meu corpo se curvando para a frente, e então aconteceu tão rápido que eu nem percebi a princípio. O joelho dela subiu e atingiu meu rosto em cheio, direto no meu nariz. A dor explodiu por todo o meu corpo. Minhas mãos voaram para o rosto por instinto, e imediatamente ficaram molhadas.

"Hailie." A voz de Bennett estava carregada de choque, ou talvez eu só tenha imaginado, porque ele ainda não a tirava de cima de mim. Ele não interveio.

"Você é uma puta. Uma puta inútil e deficiente", ela gritou, sem nunca afrouxar o aperto em meu cabelo.

A dor no meu couro cabeludo foi diminuindo, engolida pela dor profunda e pulsante no meu rosto. O sangue jorrava do meu nariz, encharcando minhas mãos e escorrendo pelos meus pulsos. O tecido do meu suéter impedia que escorresse pelos meus braços, mas era tanto que pingava no chão.

“Hailie, vamos lá. Já chega”, disse Bennett novamente. Mas ele continuava parado ali.

Meu corpo começou a tremer enquanto as lágrimas escorriam. Minha respiração ficou curta e irregular. Como se o sangramento não bastasse, ela começou a me golpear na lateral da cabeça. Seus socos não eram fortes, não como a joelhada, mas Eles pousavam repetidamente, cada pouso aumentando a pressão e o zumbido até que a tontura começava a surgir.

O corredor estava inclinado, e minhas pernas pareciam fracas e inúteis. Se ela não estivesse me segurando pelos cabelos, eu teria desabado. Eu queria gritar. Queria fazer barulho e chamar a atenção para o que estava acontecendo comigo, mas uma voz lá no fundo me dizia que eu não valia a pena, enquanto meu corpo permanecia em silêncio. Eu estava presa como sempre. Não tinha voz para pedir ajuda. Meu pai havia se certificado disso há muito tempo.

Eu não pensava mais nele com frequência. Tentava não pensar. Mas naquele momento, com a dor me dilacerando e sem ter para onde ir, fui puxada de volta para aquelas lembranças, de volta a ser pequena, impotente e completamente sozinha.

Eu nem conseguia comparar a dor. Fazia tanto tempo. E eu era tão jovem. Mas a sensação de impotência era a mesma.

Hailie devia ter gasto toda a força que lhe restava, porque finalmente afrouxou o aperto no meu cabelo. Ela me empurrou com força e eu tropecei direto nos armários. Uma das portas estava aberta e eu reconheci que era a de Hailie por causa de todas as fotos dela e da Aspen coladas na parte interna. Eu passava em frente ao armário dela todos os dias, e todos os dias ela ficava parada lá me olhando como se eu não pertencesse àquele lugar.

“Vamos embora, Hailie”, implorou Aspen, com a voz embargada. “Talvez devêssemos chamar a enfermeira…”

"Cala a boca!" gritou Hailie. "Eu ainda não terminei com essa vadia." ”

Minha cabeça girava. Mantive uma mão sobre o nariz, tentando estancar o sangramento, enquanto a outra buscava, às cegas, um ponto de equilíbrio. Antes que eu pudesse me firmar, ela agarrou meus dois pulsos. Seus dedos cravaram com força e torceram, puxando meus braços num ângulo que me causou uma dor aguda e intensa. Foi então que vi seu rosto novamente. A fúria em seus olhos era violenta e desenfreada. Ela não parecia mais uma garota. Parecia mais velha e cruel. Como se o ódio tivesse esculpido algo feio em suas feições e trazido à tona.

"Venha me ajudar", disse Hailie bruscamente, olhando para Aspen.

“Eu não acho que eu—”

“Você é uma verdadeira megera, Aspen! Se você é minha amiga, vai me ajudar.” Ela torceu meus pulsos com mais força, e pelo jeito que minha cabeça estava inclinada, senti o sangue escorrer pela minha garganta.

Era denso e quente, e me deu ânsia de vômito. Me fez vomitar.

"O que você vai fazer?", perguntou Aspen. Ela estava mais perto agora.

Quando ela apareceu, vi o puro horror em seu rosto. Ela estava me encarando, olhando para o sangue em minhas mãos, meu moletom, o chão. E mesmo assim, ela não me ajudou. Ela não se moveu em minha direção. Ela não disse para Hailie parar.

Eu me perguntava por quê. Será que ela estava com medo de que Hailie se voltasse contra ela em seguida? Será que ela pensava que ser leal a alguém tão cruel era melhor do que fazer a coisa certa?

"Vamos quebrar os dedos dela", disse Hailie calmamente. "Ela não fala, então vamos obrigá-la a falar."

As palavras não faziam sentido a princípio. Flutuavam acima de mim. Como ela esperava que eu começasse? Falar quando eu literalmente não tinha cordas vocais? Quebrar minhas mãos não mudaria isso. Era inútil. Era crueldade pura e simples. Eu sabia que ela não sabia, mas de qualquer forma, não achava que ela entenderia.

“Hailie…” Aspen sussurrou.

"Você vai ajudar ou não?", Hailie disparou. "Meu Deus, você é a pior amiga. E não pense que eu não sei que você ficou com o Bennett quando ele me chamou para sair."

Oh.

Isso explicou muita coisa.

Voltei a ter dificuldades quando minha visão ficou turva.

"Ele me chamou para sair primeiro", exclamou Aspen, chorando.

"Me ajude logo", disse Hailie. "Segure os pulsos dela."

Aspen obedeceu.

As mãos dela se fecharam em torno dos meus pulsos, embora não tão apertadas quanto as de Hailie. Foi o suficiente para me manter imóvel. Hailie se agachou na minha frente e

forçou meus braços para os lados até que meus dedos se curvassem na borda afiada da porta aberta do armário. Por uma fração de segundo, pensei que elas estavam me levantando e me ajudando.

Mas eu deveria ter percebido que essa não era a intenção deles.

Então, sem aviso prévio, Hailie bateu a porta com força.

O metal esmagou contra meus dedos, e a dor explodiu com tanta violência que senti como se meu corpo inteiro se dobrasse para dentro. Antes que eu pudesse processar o que havia acontecido, ela fez de novo. E de novo. O armário estremeceu com a força do impacto, e cada pancada enviava outra onda de agonia rasgando minhas mãos, subindo pelos meus braços e atravessando todo o meu corpo. .

Abri a boca, mas nenhum som saiu. Nem mesmo ar. A dor era tão profunda e avassaladora que, por um segundo, jurei que minha voz havia voltado.

Mas, na realidade, permaneci em silêncio.

Aspen soltou-a imediatamente e cambaleou para trás. Sua voz tremia enquanto falava. "O que você me fez fazer? Meu Deus... Hailie, pare."

Puxei minhas mãos para trás e as pressionei contra o peito, encolhendo-me instintivamente, tentando proteger o que restava de mim. Meus dedos latejavam e ardiam. A dor era infinita e estava presa dentro do meu corpo, sem ter para onde ir.

“Ei! Sai de cima dela!”

Ashby.

O som da sua voz atravessou tudo, e eu me entreguei de uma vez. Parei de lutar. Parei de tentar me proteger. Finalmente pude me render, porque ele estava ali agora, e eu não precisava mais me controlar.

Meu corpo se contraiu. A dor no meu nariz continuava aumentando, mas o resto do meu rosto e minhas mãos começaram a ficar dormentes, como se meu corpo estivesse desligando partes de mim para sobreviver àquilo.

"Que merda você fez!" rugiu Ashby.

Eu não conseguia olhar para cima. Não conseguia mover as mãos. Encarei a poça escura que se espalhava pelo chão sob meus pés, e meus pensamentos giravam em círculos inúteis. Será que tudo aquilo era mesmo meu? Será que eu tinha perdido tanto sangue assim? Será que eu a tinha atingido nas costas sem perceber, fazendo-a sangrar também?

“Milow. ”

Ashby estava na minha frente agora, ajoelhado. Suas mãos eram cuidadosas e quentes enquanto acariciavam meu rosto. "Porra, Milow, você está bem? Olha para mim."

Sua voz tremia de puro medo, e quando me forcei a encará-lo, vi lágrimas queimando em seus olhos. Ele parecia horrorizado, como se não conseguisse processar o que estava vendo. Tentava entender algo que não deveria ter acontecido. "Ela fez isso com você?", perguntou, com a mandíbula travada.

Assenti lentamente. Eu não sabia o que mais fazer. O sangue continuava a jorrar do meu nariz, encharcando suas mãos e pingando em sua calça jeans. Ele nem parecia notar. Seus olhos permaneceram fixos em meu rosto enquanto ele procurava por algo, sua cabeça balançando repetidamente. "Me desculpe, Milow. Meu Deus, eu sinto muito mesmo."

Eu não entendia por que ele estava se desculpando comigo. Ele não tinha me machucado. A culpa não era dele.

Minhas mãos tremiam enquanto eu as levantava para assinar, embora estivessem latejando. [Estou bem.]

Sua expressão endureceu imediatamente. "Você não está bem", disse ele, com a voz agora áspera. "Meu Deus, Milow, suas mãos..."

Franzi a testa e olhei para eles. O sangue já começara a secar na minha pele e, enquanto os encarava, percebi que não era com isso que ele estava tão preocupado. Meus nós dos dedos da mão direita estavam inchados.

“Vou te levar para o hospital. Você perdeu muito sangue.”

Balancei a cabeça negativamente sem pensar. Não tínhamos tempo para ir ao hospital. .

[Vamos almoçar. E vamos ver o Scottie de novo depois da aula.] Imediatamente me arrependi de ter assinado. A dor nas minhas mãos tinha dominado tudo, abafando até a agonia no meu nariz.

“Vamos para o hospital”, repetiu ele, num tom que não admitia discussão.

Ele parecia irritado agora, e o pânico me invadiu. Será que ele estava bravo comigo? Eu tinha feito algo errado? Meus pensamentos se embaralharam, buscando desesperadamente razões e desculpas que pudessem amenizar a situação.

[Desculpe. Desculpe.]

“Você consegue se levantar?”, perguntou ele, novamente com a voz mais suave. “Eu te ajudo.”

Franzi a testa e agarrei seus braços, deixando que ele me ajudasse a levantar. No instante em que fiquei de pé, o quarto girou violentamente. Uma onda de calor percorreu minha cabeça e meu estômago revirou. Sangue encheu minha boca e parecia que meu nariz nunca ia parar de sangrar.

“Coloque isto debaixo do seu nariz”, disse Ashby em voz baixa, esforçando-se para manter a calma. Ele pressionou um pedaço de tecido na minha mão e a guiou para cima. “Não incline a cabeça para trás. Deixe sair.”

Olhei para ele, piscando rapidamente enquanto pontos brilhantes explodiam diante dos meus olhos. Seu rosto se duplicou, depois ficou borrado, e o mundo ao nosso redor girou tanto que precisei me concentrar no som de sua voz apenas para me manter em pé.

“Você é um covarde do caralho!”

O grito me fez estremecer e virei a cabeça rápido demais, causando outra onda de tontura. Eu nem tinha percebido o que estava acontecendo ao nosso redor até então, mas quando minha visão clareou, vi Stan. Empurrando Bennett contra a parede, com as mãos entrelaçadas no suéter.

“Você é um covarde e uma piada de mau gosto!”

"Stan", disparou Ashby. "Ele não vale a pena."

Stan não deu ouvidos. Empurrou Bennett com mais força, a raiva transbordando dele. "Você está morto para mim. Depois de todos esses anos, depois de tudo, você deixou isso acontecer com ela?"

“Stan”, disse Ashby novamente, com a voz embargada. “Preciso levar Milow ao hospital.”

Não. Não há hospital.

Puxei fracamente a manga de Ashby, meus dedos protestando a cada movimento enquanto eu balançava a cabeça e deixava o tecido cair para que eu pudesse assinar. [Temos que almoçar.]

"Não!", ele gritou, o som ecoando nos meus ouvidos. "Você vai para o maldito hospital."

Eu paralisei. A raiva em sua voz me deixou sem ar, e tudo o que eu conseguia fazer era encará-lo.

Por que ele estava zangado? Por que eu estava sempre errado?

[Desculpe.]

“Pare”, disse ele, interrompendo-me enquanto passava uma mão ensanguentada pelos cabelos. Ele pegou o tecido de volta e o encostou no meu nariz, seu toque cuidadoso, mas controlado. “Pare de se desculpar, Milow.”

Assenti com a cabeça porque me pareceu a única coisa certa a fazer para evitar que ele ficasse com raiva.

42

Ashby

“Ei, ei, ei!” gritou o Sr. Riveira enquanto corria em nossa direção, com o Sr. Kallio e o Diretor Madigan logo atrás dele. “O que está acontecendo aqui?”

Não levantei o olhar. Mantive um braço em volta das costas de Milow para que ela não caísse. Minha outra mão cobria a dela, garantindo que ela continuasse pressionando a camisa da minha mochila contra o nariz. Meu estômago revirou violentamente. A quantidade de sangue era inacreditável. Era sangue demais. Muito sangue mesmo. Estava espalhado por sua mão e braços, encharcava o tecido do suéter e continuava a pingar no chão em respingos escuros que me davam vertigem.

Forcei-me a concentrar-me nela. A mantê-la acordada. Seu corpo parecia mole contra o meu, e sua cabeça pendia. Ela se inclinou para a frente como se não conseguisse mais se manter ereta. Devia ser a perda de sangue que a estava deixando tão sonolenta.

Meu Deus. Tinha tanto sangue pra caralho.

“Stanley, larga ele”, ordenou o Sr. Riveira, segurando os braços de Stan. “Vamos lá, amigão. Vamos nos acalmar.”

"Se acalma?" Stan gritou, se debatendo contra o aperto. Antes que o Sr. Riveira pudesse afastá-lo completamente, Stan acertou um soco direto no rosto de Bennett.

“Muito bem. Chega!” bradou o diretor Madigan. “Basta!”

Quase não percebi. Minha atenção voltou-se para Milow quando seus joelhos cederam em meus braços. Apertei-a ainda mais. "Ei", disse baixinho, minha voz tremendo apesar do esforço para mantê-la firme. "Fique acordada, está bem? Fique comigo, minha querida."

“O que aconteceu aqui?” perguntou o Sr. Kallio, aproximando-se e cuidadosamente passando um braço por baixo do outro lado de Milow para ajudá-la a se apoiar. “Como a situação chegou a esse ponto?”

"Não sei", murmurei, sem desviar o olhar do rosto dela. Ela estava tão pálida, e o sangue não parava de escorrer. "Mas sei que esta escola não fez absolutamente nada para proteger seus alunos de valentões."

O Sr. Kallio soltou um suspiro lento, parecendo mais cansado do que surpreso. Ele não discutiu comigo. "Vou chamar uma ambulância", disse ele. "Vamos levá-la para a enfermaria para que ela possa se deitar."

"Ela não deveria estar deitada com sangramento nasal", disparei. "Meu Deus, quanta incompetência essa escola!"

“Cuidado com a linguagem, Ashby”, advertiu ele. bruscamente.

Certo. O problema era a minha linguagem. Não a poça de sangue no chão. Nem o fato de Milow mal conseguir ficar em pé.

Puxei Milow para mais perto de mim, movendo-me sutilmente para que o aperto do Sr. Kallio afrouxasse. Eu não queria que mais ninguém a tocasse. Eu não queria que mais

ninguém a tocasse. Eu deveria ter chegado antes. Esse pensamento não me deixava em paz, e eu precisava ser quem a segurava agora.

“Para a minha sala. Agora”, ordenou o diretor Madigan, agarrando Stan e Bennett pelos braços. “Vocês também”, acrescentou, apontando com a cabeça para Hailie e Aspen.

Eu não olhei para eles. Não conseguia. Tudo o que eu via era Milow em meus braços e a terrível verdade de que, por mais que eu a abraçasse, não conseguia impedir a dor.

“Meu Deus! O que aconteceu?” A enfermeira, Sra. Bouchard, olhou para nós com horror enquanto eu ajudava Milow a se deitar na cama.

Eu não respondi. Não tinha visto acontecer, e só isso já me dava vontade de socar a parede mais próxima. Mas eu não precisava ver. Milow tinha confirmado. Eu já sabia quem tinha feito isso. Sabia que tinha sido a Hailie.

“Ela perdeu muito sangue”, disse Kallio. Sua voz permaneceu controlada, mas eu conseguia ouvir o que se escondia por trás dela. Nenhum professor conseguiria presenciar isso e ficar indiferente.

“Vamos dar um trato em você, querida”, murmurou a Sra. Bouchard, estalando a língua. “Oh, coitadinha.”

Mantive meu braço em volta de Milow e acariciei suas costas lentamente para confortá-la. Segurei sua mão direita no meu colo. Ela parecia em transe. Seus olhos estavam arregalados e vazios, e seus lábios entreabertos pelo puro choque. Seu corpo inteiro tremia, e eu me amaldiçoei repetidamente por... Não estar presente para impedir que o ataque horrível acontecesse.

"Eu te protejo, Milow", eu disse baixinho. "Estou bem aqui."

Ela virou a cabeça com esforço até que seus olhos encontraram os meus. Ela me olhou por um longo segundo, depois levantou a mão esquerda. [Sonolenta.]

Os dedos dela não se moviam direito. O movimento era desajeitado e atrasado, mas mesmo assim eu entendi.

"Eu sei", eu disse. "Mas você não pode dormir. Você tem que ficar acordado, ok?"

Sua mão caiu de volta ao lado do corpo. Quando seu olhar a seguiu, vi a pele ao redor de seus olhos escurecendo, hematomas surgindo rápido e feios. O que quer que Hailie tivesse feito, fora violento. Aquilo a havia dilacerado e a deixado sangrando sem piedade.

"Estou aqui, Milow. Não vou deixar você ir", sussurrei, mas minha própria voz parecia distante. Nada parecia real, mas me forcei a ser forte e me concentrar nela.

Minha visão ardeu. Lágrimas picaram atrás dos meus olhos, mas eu as engoli.

Eu não podia desmoronar. Não agora. Não com ela escorregando bem na minha frente.

Mamãe e papai chegaram antes mesmo de as sirenes da ambulância serem ouvidas. Estavam ofegantes quando entraram na sala da enfermeira e, depois de observarem o ambiente, vieram até onde estávamos sentados.

Eles se agacharam, acalentando-a com aquela ternura frenética e trêmula que só os pais conseguem demonstrar, e eu não a soltei, nem por um segundo, mesmo quando a onda de raiva, impotência e exaustão me atingiu em ondas que fizeram meu coração doer de uma forma insuportável. .

"Minha bebê", sussurrou mamãe, com a voz embargada, enquanto acariciava o rosto agora limpo de Milow. Seu nariz ainda sangrava, embora não tanto quanto antes, e eu pressionava levemente uma compressa fria contra a ponte do seu nariz. Eu tinha medo de

machucá-la mais. Medo de que qualquer movimento em falso pudesse causar ainda mais danos.

Os olhos da mamãe brilhavam com lágrimas que se recusavam a cair. Ela examinou cada centímetro do rosto de Milow. O inchaço, os hematomas se formando sob seus olhos, a dor que ela não conseguia expressar em palavras, mas que irradiava em cada linha do seu corpo. Pelo canto do olho, vi o papai passando a mão pelo rosto, como se tentasse apagar o horror da sua expressão. Ambos estavam visivelmente devastados, mas se esforçavam desesperadamente para se manterem fortes por ela. Queriam ser um escudo, mesmo com seus próprios corações despedaçados, porque era isso que os pais deveriam fazer.

"Quem fez isso?", perguntou a mãe, em um sussurro.

Apertei os dentes, reprimindo a raiva que me queimava a garganta. Engoli em seco porque não queria piorar a situação. O peso de tudo já me oprimia demais. "A mesma garota que a atormenta há anos", disse, mantendo a voz baixa e controlada, mas carregada de toda a fúria que eu não conseguia deixar transbordar.

O rosto da minha mãe se contorceu. Reconheci a vergonha imediatamente, pois ela refletia a mesma vergonha esmagadora que eu sentia por não ter conseguido proteger Milow da maneira que eu sabia que deveria. Da maneira que eu havia prometido a ela.

“Vou falar com os pais daquela menina”, disse o pai, com os dentes cerrados. Ele não conseguia conter a raiva. Ele estendeu a mão para Milow, afastando os cabelos do rosto dela com o toque mais delicado possível antes de se inclinar para beijar o topo de sua cabeça. "Eu te amo, querida", murmurou, com a voz trêmula. O peso por trás de suas palavras quase me destruiu, porque senti a impotência, o amor e a raiva, tudo ao mesmo tempo.

Ficamos todos sem palavras. Havia tantas coisas que eu queria lhe dizer, tantas palavras que eu queria proferir para confortá-la. Eu queria prometer que ela estava segura, fazer sua dor desaparecer, mas nada do que eu dizia parecia suficiente para tornar aquele momento melhor.

Ela estava sofrendo, e ainda assim, no instante em que a dor se estampou em nossos rostos, ela deixou de lado a própria dor e se obrigou a manter a calma para que não desmoronássemos. Mesmo com a pouca força que lhe restava, ela se concentrou em nos confortar em vez de se permitir ser aquela que precisava de consolo.

Enquanto nós três nos afogávamos em medo e raiva, Milow agia como se não fosse ela quem tivesse se machucado. Ela se manteve calma apesar do sangue e da dor, ignorando o cansaço que consumia seu corpo. Sua expressão estava nublada pela preocupação conosco, e senti uma pontada aguda no coração porque ela já havia sofrido o suficiente. Ela já havia lutado mais do que qualquer pessoa da sua idade deveria, e ainda assim tentava aliviar nossa dor quando deveria ser o contrário.

Ela levantou as mãos, tentando nos comunicar por sinais, mas não conseguimos entendê-la. Seus dedos não se moviam direito, e estavam todos machucados e inchados. .

Balancei a cabeça negativamente e coloquei a mão esquerda dela no meu colo, precisando que ela a repousasse. Até o menor movimento poderia piorar o inchaço e intensificar a dor.

“Você não precisa fazer nada agora, Milow”, eu disse baixinho, tentando controlar o tremor na minha voz. “Deixe que a gente cuide de você, tá bom? Deixe que a gente te abrace desta vez.”

Seus olhos buscaram os meus, como se ela tentasse compreender plenamente a ideia de que poderia permitir que alguém carregasse ao menos uma fração de sua dor. Percebi que ela jamais acreditara que tinha o direito de sofrer. Que em algum momento, aprendera a engolir sua dor por completo e carregá-la em silêncio, convencendo-se de que seu propósito era acalmar e confortar. Manter todos unidos, mesmo quando ela própria estava se despedaçando. A mera ideia de ser amparada em troca, de se permitir ser frágil, lhe parecia tão estranha que mal existia.

Sua abnegação foi surpreendente.

Continuei a abraçá-la, forçando-me a controlar a respiração até que os paramédicos finalmente chegassem. Só depois que a colocaram cuidadosamente na maca e a acomodaram na ambulância com a mamãe ao seu lado, é que a soltei. Caí nos braços do papai, deixando-o me abraçar enquanto eu chorava. Meu corpo tremia violentamente e meu estômago se revirou com tanta força que me deu ânsia de vômito. Cambaleei para longe do papai e, antes que pudesse impedir, vomitei na calçada.

Toda a tensão e o medo que se acumularam dentro de mim na última hora jorraram incontrolavelmente, e só pararam quando não restou nada.

43

Milow

Levaram-me para uma salinha onde um médico examinou meu rosto, pressionou cuidadosamente meu nariz e me encaminhou para radiografias do rosto e das mãos. Ele falou o tempo todo, explicando as coisas para a mamãe, mas eu não entendi nada. Minha cabeça parecia pesada e lenta, e meus olhos insistiam em se fechar, não importava o quanto eu tentasse mantê-los abertos. Lembro-me da mamãe perto de mim, com a mão dela sempre no meu braço. Todo o resto ficou confuso, até que ficaram lacunas que eu não conseguia mais preencher.

Quando abri os olhos novamente, estava deitada em uma cama. O quarto estava escuro e silencioso, com apenas uma luz fraca e quente brilhando no canto perto da janela. Por um instante, não sabia onde estava nem quanto tempo havia dormido. Sabia que estava acordada, mas meu corpo não parecia meu. E a sensação era de que eu estava vivenciando tudo de longe. Ao desviar o olhar, notei alguém sentado ao lado da cama.

Ashby estava lá. Sentado numa cadeira próxima, curvado para a frente com os braços cruzados sobre o colchão e a cabeça apoiada neles. Estava dormindo, com uma aparência completamente exausta, os ombros tensos mesmo em repouso. Observei-o por um longo momento, a visão dele me causando um nó no estômago. Queria cutucá-lo. Queria que ele soubesse que eu estava acordada. Mas minhas mãos estavam pesadas demais para levantar. Havia uma tala na minha mão esquerda e um gesso na direita. Estavam no meu colo, e eu as encarei quando tudo voltou de uma vez, numa onda avassaladora.

Hailie fez isso comigo. Ela surtou no meio do corredor da escola e se transformou numa pessoa cruel, e me machucou sem que ninguém a impedisse.

Ela me atacou sem provocação. Não... essa não era toda a verdade. Eu mostrei o dedo do meio para ela. Reagi às palavras dela, mas apenas por causa do que ela disse sobre o Scottie. Eu não suportava ouvir a boca dela falando mal de alguém que eu amava, mas mesmo assim... eu a provoquei de volta.

E talvez eu não devesse ter feito isso.

Talvez se eu tivesse simplesmente desviado o olhar, se tivesse engolido a crueldade dela como sempre fazia e continuado andando, meu rosto não estaria doendo e minhas mãos não estariam envoltas em grossas bandagens brancas. Talvez nada disso tivesse acontecido se eu tivesse permanecido pequena e invisível como deveria.

Meu corpo se retesou enquanto lágrimas queimavam atrás dos meus olhos. Eu apenas fiquei sentada ali, encarando a nuca de Ashby, e Repetindo tudo várias vezes para tentar entender o que estava acontecendo.

Ninguém explode assim sem motivo. Ninguém fica tão violento sem ser provocado. Era isso que fazia sentido. O que significava que a culpa tinha que ser minha, pelo menos em parte.

Fiquei imóvel, com medo de que, se me movesse, a dor só pioraria. Queria estender a mão e tocá-lo, sentir algo familiar sob meus dedos, mas minhas mãos permaneceram onde estavam. Pareciam pesadas e inúteis.

Uma batida suave me despertou dos meus pensamentos, e olhei para a porta enquanto ela se abria lentamente.

Wesley entrou, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Ele parou ao me ver acordada, sua expressão mudando instantaneamente. Um alívio passou por seu rosto antes de se fechar em raiva e tristeza. Eu queria acreditar que a raiva não era direcionada a mim, mas depois de repassar mentalmente tudo o que tinha acontecido, eu simplesmente não conseguia me livrar da certeza de que ainda assim tinha feito algo para provocar Hailie.

Ele atravessou o quarto e parou ao lado da cama oposto a Ashby, e eu vi seus olhos se voltarem imediatamente para minhas mãos antes de se erguerem lentamente para o meu rosto. Sua boca se contraiu por um segundo antes de se abrir em um sorriso, e então ele estendeu a mão, pousando-a cuidadosamente em meu braço. "Ei, Milow", disse ele baixinho. "Estou muito feliz que você esteja acordada."

Mordi a parte interna da minha bochecha e apenas olhei para ele, com os olhos arregalados. Meu corpo ainda estava muito cansado para reagir a qualquer coisa. Não que eu realmente pudesse, de qualquer forma.

“Como você está se sentindo?”, perguntou ele, baixando ainda mais a voz. Seu polegar deslizou lentamente pelo meu braço, e seus olhos nunca se desviaram do meu rosto. .

Assenti com a cabeça. Era tudo o que eu conseguia dizer. Queria me aconchegar nele, precisando sentir seu conforto. Wesley pareceu entender sem que eu precisasse explicar. Ele soltou um suspiro baixo e trêmulo, depois se aproximou e me envolveu em seus braços com cuidado. Sem hesitar, me aconcheguei em seu peito e fechei os olhos, encostando a cabeça nele enquanto seu coração batia forte sob meu ouvido.

“Você é incrivelmente forte, Milow. Sinto muito.”

Eu não tinha certeza do que ele estava se desculpando. Ele não tinha feito isso comigo. Ninguém aqui tinha feito. Se alguém fez isso, foi minha culpa. Eu deveria ter sido mais esperta.

Ele depositou um beijo suave no topo da minha cabeça e acariciou minhas costas, e eu me permiti ficar ali por mais um tempinho, deixando-o me abraçar. De qualquer forma, eu não tinha energia para me afastar.

“Todos estão aqui”, disse-me ele baixinho, com uma voz reconfortante. “Mamãe e papai, Evie… Stan, Scottie e os pais deles também. Eles estão lá embaixo, no refeitório. Estávamos todos esperando você acordar.”

Virei ligeiramente a cabeça para olhá-lo, e ele sorriu para mim, embora eu pudesse ver o quanto doía fazê-lo. Ele estava tentando me animar, sem amenizar a verdade de tudo aquilo. Deixei meu olhar vagar até Ashby, ainda debruçado na beira da cama.

“Ash não saiu do seu lado”, acrescentou ele suavemente. “Tentei convencê-lo a vir comer, mas ele recusou. Ele não queria que você acordasse sozinha.”

Minha garganta apertou. Eu queria muito estender a mão para ele, passar os dedos pelos seus cabelos porque eu sabia que ele gostava quando eu fazia isso. E eu queria que ele parasse. Preocupante. Mesmo dormindo, ele carregava minha dor como se fosse sua.

"Quer que eu o acorde?", perguntou Wesley, levando a mão à minha nuca para acariciar a parte de trás da minha cabeça.

Assenti com a cabeça e lancei-lhe um olhar agradecido, depois observei-o enquanto se movia ao redor da cama e parava ao lado da cadeira de Ashby. Ele pousou a mão nas costas de Ashby e fez círculos lentos ali, sem querer assustá-lo. "Ash", disse ele baixinho. "Ei, amigão. Acorda."

Ashby se mexeu, murmurando algo inaudível antes de levantar a cabeça do colchão. Levou um segundo para ele se orientar, mas no instante em que seu olhar pousou em mim e ele percebeu que eu estava acordada, endireitou-se rapidamente. A cadeira arrastou no chão quando ele se inclinou para a frente, levando uma das mãos ao meu antebraço. "Milow..."

Sua voz embargou quando disse meu nome, e a expressão em seu rosto partiu meu coração. Ele parecia exausto, com olheiras profundas e o maxilar travado como se não o tivesse relaxado nem por um instante. A preocupação que ele vinha carregando era tão evidente em seu rosto, e doía saber que tudo aquilo era por minha causa.

44

Ashby

A enfermeira estava examinando Milow enquanto eu ficava com Wesley perto da porta, onde ele tentava pela terceira vez me convencer a comer alguma coisa.

"Não estou com fome", murmurei novamente, sem desviar o olhar dela.

Ela parecia frágil naquela cama de hospital. Seu rosto estava machucado e suas mãos envoltas em tala e gesso. Mesmo assim, havia nela aquela calma familiar, aquela força silenciosa que sempre a caracterizava. Sempre fora assim com ela. Mesmo agora, quando lhe era permitido ser quem sofria, ela ainda se esforçava para se manter firme por todos os outros.

“Vamos lá, amigo”, disse Wesley gentilmente. “Ela não vai a lugar nenhum. Você precisa comer alguma coisa.” ”

"Não estou com fome", repeti, com a mandíbula tensa. Mas meu corpo me traiu instantaneamente com um ronco alto vindo do meu estômago.

Wesley ergueu uma sobrancelha. "Certo. E eu sou o Papai Noel."

Revirei os olhos, mas não consegui esconder a diversão. "Você acertou no cabelo. Só precisa de barba e ganhar um pouco de peso."

Wesley sorriu e deu um tapinha nas minhas costas. "Isso aí. Pode ir. O refeitório não ficará aberto a noite toda."

Me virei para Milow. A ideia de deixá-la sozinha não me parecia certa. "Você pode..." comecei, olhando para Wesley. "Você pode simplesmente pegar a comida para mim? Trazer aqui para cima?"

"Cinzas."

Eu suspirei. "Tudo bem. Então você vai ficar com ela?"

“Sim, posso ficar. Já comi”, ele me disse.

"Certo." Respirei fundo, inclinando a cabeça para ver melhor Milow por cima da enfermeira. "Já volto, Milow. Wesley vai ficar com você."

Ela olhou para mim e assentiu com a cabeça, seus lábios se curvando em um sorriso tranquilizador.

"Já trago o jantar para ela", disse a enfermeira, olhando para Wesley. "Você pode ajudá-la a comer? Se não, eu posso fazer isso."

"Eu farei isso", eu disse, já caminhando em direção à cama.

“Não, Ashby, eu vou alimentá-la”, disse Wesley calmamente, sem deixar espaço para discussão. “Vá comer.”

Cerrei os dentes e soltei um suspiro pesado. Sair do lado dela parecia impossível quando tudo o que eu queria era ficar e ajudar. Mas eu precisava me convencer de que ela ficaria bem. Wesley cuidaria dela, e talvez fosse até melhor assim. Eu Estive ao lado dela o tempo todo e não queria que ela se cansasse de mim. Mesmo sabendo que provavelmente isso não aconteceria, ficar perto dela agora não ajudaria ninguém.

"Certo." Olhei para Milow uma última vez antes de dar um passo para trás em direção à porta, e quando Wesley me deu as costas, eu fiz o sinal de "Eu te amo muito".

O sorriso de Milow se alargou, e a segurança em sua expressão foi suficiente para me fazer sair da sala, mas não o bastante para acalmar a tempestade em meu estômago.

Encontrei todos sentados em volta de algumas mesas no refeitório. Estavam todos lá, até mesmo Scarlett e Chelsea.

“E aí, campeão”, disse o pai, puxando uma cadeira vazia para perto dele. “Trouxe um sanduíche e um muffin para você.”

Sentei-me. "Obrigada. Ela acordou."

"Ela é?" Mamãe endireitou-se, um sorriso gentil surgindo em seus lábios. "Ah, que bom. Como ela está?"

"Não sei, mãe. Como alguém reage depois de ser brutalmente agredido?" As palavras escaparam antes que eu pudesse impedi-las, e de repente a mesa ficou em silêncio. Eu odiava ter perdido a cabeça, odiava que a raiva ainda queimasse em meu peito.

Papai acariciou minhas costas. "A gente sabe, campeão."

Cerrei os dentes e encarei o sanduíche, depois levantei o olhar para todos. "Desculpem", murmurei com um suspiro. "O Wesley está ajudando-a com o jantar. Devemos dar-lhe um momento para comer."

Mamãe assentiu com a cabeça, mas eu conseguia ver a impaciência em seus olhos. Eu também a sentia. Queria voltar lá para cima.

“Você também deveria comer”, disse meu pai novamente. “Você não comeu nada o dia todo.” ”

Eu não estava com vontade. Meu estômago estava vazio há horas e minha garganta ainda doía, mas mesmo assim peguei o sanduíche e dei uma mordida.

Stan e Scottie estavam sentados à minha frente, com expressões tão cansadas e abatidas quanto a minha. Scottie, embora tivesse estado no hospital apenas no fim de semana, não ficou em casa para descansar. Ela escolheu estar ali, perto de Milow, em vez de cuidar de si mesma primeiro. Eu percebia que ela ainda estava fraca, mas havia priorizado Milow em vez do seu próprio bem-estar.

Evie estava sentada ao lado da mãe de Stan, Chelsea, na ponta da mesa, e soltou um suspiro antes de retomar uma conversa que elas deviam estar tendo antes da minha chegada. "Só espero que haja consequências reais desta vez. Fico feliz que você tenha chamado a polícia", disse ela ao pai.

Ele assentiu lentamente, passando a mão pelo rosto. Parecia exausto. "A suspensão foi o primeiro passo. A polícia vai investigar mais a fundo agora que eles admitiram o ocorrido."

"Eles admitiram?", perguntei, surpreso.

"Sim", disse Stan, pigarreando. "Eu estava na sala do diretor com eles."

Lembrei-me dele dando um soco na cara do Bennett enquanto Madigan, Kallio e Riveira estavam todos ali parados. "Você também foi suspenso?"

Stan deu de ombros. "Só por um dia. Hailie e Aspen ficaram um mês."

Bom. Não foi longo o suficiente, mas pelo menos foi alguma coisa. Assenti com a cabeça. "E Bennett?"

“Ele pegou uma semana”, disse Stan. .

Chelsea estendeu a mão e acariciou os cabelos de Stan, sorrindo gentilmente. "Estou orgulhosa de todos vocês. Por permanecerem unidos assim."

"Então você está orgulhoso de mim por ter dado um soco na cara de um cara?", perguntou Stan, com um toque de divertimento nos olhos.

"Você vive dando socos na cara dos caras", lembrou Scottie.

“Sim, mas… desta vez eu não tinha permissão legal para isso.”

Chelsea deu uma risadinha. "Estou orgulhosa de você por proteger seus amigos e responsabilizar outro cara por não ter coragem de ajudar."

Stan sorriu, aconchegando-se no toque da mãe e beijando-lhe a bochecha. "Te amo, mamãe."

Os outros riram, e eu me vi sorrindo também. Stan era um verdadeiro filho da mamãe, e não tinha vergonha de demonstrar isso.

A vontade de voltar para Milow era insuportável, mas tentei me controlar. Disse a mim mesma que as coisas melhorariam para ela, que o pior já havia passado. Ela já tinha sofrido demais, e eu queria mais do que tudo acabar com a dor e dar a ela a vida que merecia. Uma vida normal. Uma vida onde ela pudesse ir à escola sem medo e estar cercada por pessoas que a amassem exatamente como ela era.

Eu sabia que não podia consertar tudo. Não podia apagar o passado e as memórias. Mas podia protegê-la melhor. E eu a protegeria, porque até agora, eu havia falhado com ela.

45

Milow

Quando a enfermeira voltou com meu jantar, explicou que meu nariz não estava quebrado, mas que eu havia levado uma pancada forte o suficiente para sangrar bastante. O inchaço e os hematomas iriam diminuir nas próximas semanas, disse ela, e a dor já estava começando a aliviar por causa da medicação que me deram.

A minha mão direita doía mais. Era a que estava engessada. Ela me disse que eu tinha fraturado os quatro dedos, mas que recuperaria o uso completo deles depois de mantê-los imobilizados por cerca de um mês. A minha mão esquerda não estava tão ruim. Estava com uma tala, mas eu conseguia mexer os dedos um pouco sem sentir dor, e ela me garantiu que sararia rápido se eu a mantivesse parada por um tempo.

Depois de colocar a comida na minha frente, ela saiu da sala. Wesley pegou a faca e o garfo e cortou o frango. O peito em pequenos pedaços. Ele sorriu para mim antes de espetar um pedaço e levá-lo em direção à minha boca.

Deixei que ele me alimentasse e apreciei sua paciência. Eu me sentia cansada e dolorida, e fiquei grata pela maneira como ele cuidou de mim sem fazer disso um grande problema. Ele permaneceu em silêncio, e eu percebi que ele estava procurando as palavras certas para dizer, ponderando cada uma antes de pronunciá-las. Eu sabia que não era fácil para ele. Não era fácil para nenhum deles me ver assim. Mesmo assim, eu me sentia orgulhosa de pertencer a uma família que permaneceu ao meu lado e esteve presente nos piores momentos. Eles amaram intensamente e não me abandonaram quando as coisas doíam.

Enquanto eu dava outra mordida no frango com arroz, Wesley respirou fundo, finalmente pronto para falar.

“Não sei por que as pessoas são tão cruéis, ou o que as leva a querer ferir os outros”, começou ele, olhando para mim com aqueles olhos pálidos. “Mas sei que alguém tão forte quanto você, com um coração tão gentil e honesto como o seu, é raro.”

Mantive meus olhos fixos nele, incapaz de desviar o olhar e incapaz de fazer qualquer coisa além de ouvir.

“Sabe… eu sempre soube que você era especial. Desde o primeiro dia em que você se tornou parte da nossa família, algo mudou para melhor. Eu era feliz antes de a mamãe e o papai te adotarem, de verdade, mas você…” Ele parou e respirou fundo, com a voz trêmula, os olhos brilhando. “Você nos completou. Você preencheu o vazio que nem sabíamos que existia. Você era a peça que faltava, e eu não poderia ter desejado uma irmãzinha mais gentil e corajosa.”

Franzi a testa enquanto lágrimas ardiam atrás dos meus olhos. Quis levantar as mãos e tocar seu rosto, mas não consegui, então apenas continuei a olhá-lo. .

“E eu sei que todos os outros sentem o mesmo”, continuou ele em voz baixa. “Vocês não percebem, porque estão muito ocupados se preocupando com os outros, mas nós percebemos. Percebemos o quanto vocês se esforçam para que todos ao seu redor se

sintam confortáveis. Percebemos o quanto vocês se doam, e nada disso aconteceu por causa de quem vocês são. Não foi culpa de vocês."

Sua voz permaneceu firme, mesmo quando as lágrimas começaram a rolar por suas bochechas.

"Você é importante, Milow. Sua dor importa. E você não precisa ser forte por nós o tempo todo. Nós estamos com você."

Engoli em seco enquanto minha garganta começava a arder. Era aquela pressão familiar, crescendo como sempre acontecia quando muitos sentimentos borbulhavam dentro de mim, e meu corpo implorava por um som para escapar. Mas, como sempre, nada vinha, e eu me via obrigada a engolir tudo, prendendo a dor dentro do meu peito, onde ela persistia e incomodava.

Olhei para Wesley através da visão turva e para o jeito como ele se esforçava para se manter firme por mim. Senti aquela mesma atração que senti a vida toda. Wesley era alguém que eu observava e de quem aprendia sem que ele jamais percebesse. Eu cresci me comparando à sua bondade e paciência, e ao jeito como ele sempre estava presente sem precisar que eu pedisse. Se eu sabia ser corajosa, era porque o tinha visto fazer isso primeiro.

Ele enxugou as lágrimas e esfregou os olhos com as costas da mão, soltando um suspiro lento enquanto se recompunha.

"Eu te amo, Milow, e sempre estarei aqui para você. Não importa o que aconteça, ok? Sempre que precisar de mim, para o que for que você precisar, estarei aqui." "

Eu sorri e acenei levemente com a cabeça, depois me inclinei o suficiente para encostar minha testa na dele. Ele acariciou a minha nuca e me segurou ali por um instante antes de depositar um beijo suave na minha têmpora e se afastar. Então, pegou o garfo novamente.

"Vamos terminar isso", disse ele, fungando enquanto erguia um garfo cheio de frango com arroz. "Antes que esfrie."

Ele me deu o resto da refeição sem pressa. Quando o prato finalmente ficou vazio, ele se levantou, colocou-o sobre a mesa perto da janela, dobrou a bandeja e a deslizou para o lado da cama. Depois disso, fez uma pausa, olhando ao redor do quarto como se estivesse verificando se tudo estava em seu devido lugar e se eu estava segura. Então, seus olhos voltaram para os meus. "Quer que eu ligue para a mamãe e o papai?"

Assenti imediatamente, meus olhos brilhando apesar da sensação pesada no meu coração. Eu sentia tanta falta deles que doía, mesmo temendo como seria ver seus rostos quando entrassem. Eles pareceriam preocupados, mas veriam que eu estava bem.

"Certo", disse ele suavemente. "Vou mandar uma mensagem para eles."

Eu o observei digitar a mensagem no celular e, quando o largou novamente, puxou a cadeira para mais perto e sentou-se ao meu lado. Ele estendeu a mão e a pousou no meu braço, roçando suavemente o polegar na minha pele enquanto seus olhos examinavam meu rosto.

Percebi um lampejo de divertimento em seus olhos e me endireitei um pouco, curiosa para saber o que ele estaria pensando. "A propósito...", disse ele, com um pequeno sorriso nos lábios. "Não contarei para a mamãe e o papai sobre você e o Ashby."

Meus olhos se arregalaram instantaneamente, e o calor subiu às minhas bochechas. .

Ele soltou uma risadinha e recostou-se um pouco, mantendo a mão no meu braço. "Eu sempre soube que vocês dois tinham uma ligação especial", continuou ele gentilmente.

"Desde pequenos, vocês são inseparáveis, sempre orbitando um ao outro sem nem mesmo tentar. Sempre houve essa conexão entre vocês que os mantinha juntos, não importa o que estivesse acontecendo ao redor."

Baixei o olhar, sentindo aquela vontade familiar de cutucar a pele dos meus polegares, só que desta vez não consegui recair no hábito. Seu sorriso foi gentil quando olhei para ele novamente.

Ele expirou lentamente e acrescentou: "O que vocês dois têm faz sentido e é muito significativo porque vem se construindo entre vocês há anos. Vocês não devem explicações a ninguém. Contem para a mamãe e o papai quando estiverem prontos. Eles vão entender. Mas o que importa é que vocês estejam felizes e que estejam escolhendo algo que lhes pareça certo."

Apertei os lábios, assentindo lentamente enquanto absorvia suas palavras. Senti um leve alívio, e ter o apoio de Wesley significava tudo para mim.

Minutos depois, a sala estava lotada de familiares, amigos e até mesmo suas mães, todos me desejando felicidades e elogiando minha força. Foi emocionante.

Quando olhei para Ashby parado ao lado da minha cama com os braços cruzados, praticamente pude ler seus pensamentos. Ele queria que eu descansasse e tivesse uma noite tranquila, mas lancei-lhe um olhar para que soubesse que estava bem.

Eles logo iriam embora quando o horário de visitas terminasse, mas eu apreciei a presença de cada um deles. Até mesmo o Scottie, que Ela deveria estar descansando, mas tinha vindo. Eu não consegui perguntar como ela estava, mas quando a olhei com uma expressão preocupada, ela se aproximou e apertou meu ombro delicadamente.

"Estou bem, Milow", ela sussurrou com um sorriso. "Não se preocupe comigo."

Assenti com a cabeça, mas ambos sabíamos que eu ainda ficaria preocupado.

Stan se aproximou e ficou ao lado de Scottie, me observando atentamente. "Então, eu estava pensando..." ele começou.

"Isso nunca é bom", provocou Wesley enquanto Evie escondia uma risada atrás da mão.

Stan o ignorou. "Eu devia largar a escola e me tornar seu guarda-costas em tempo integral. Posso garantir que ninguém nunca mais te machuque, e sempre estarei ao seu lado."

Ninguém disse nada a princípio. Ficamos todos o observando, divertidos e curiosos para ver até onde ele levaria aquilo.

“Não é uma má ideia, né? Eu tenho treinamento em MMA. Posso enfrentar qualquer um que sequer *pense* em ser malvado com você. E seria um trabalho de verdade, obviamente. O Gus me pagaria.”

Papai bufou, cruzando os braços. "Essa é uma oferta generosa, amigão. E completamente irrealista."

"Mas estou falando sério!" Stan protestou, apontando para si mesmo. "Eu vou fazer isso. Em tempo integral. Não dá para questionar minha lealdade e habilidade!"

"Ah, não estou questionando sua lealdade", disse papai secamente, e os outros riram quando ele não mencionou as habilidades de Stanley. Ele estava brincando com ele. A discussão deles me fez sorrir e, por um instante, esquecer tudo o que aconteceu.

"Ei, eu sou habilidoso", afirmou Stan, estufando o peito. "Diga a eles, mamãe." ”

Chelsea riu e deu um tapinha nas costas de Stan antes de puxar seu suéter. "Sim, você é meu garoto supertalentoso", disse Chelsea, dando um tapinha no ombro de Stan e o guiando para longe da minha cama. "Mas eu não vou deixar você abandonar a escola."

“E a Milow tem todos nós para protegê-la. Além disso… não podemos prendê-la”, disse Scottie, com a mão ainda no meu ombro, acariciando-me suavemente.

Sorri para ela, agradecendo seu incentivo. Eu sabia que Stan estava tentando me proteger, mas não queria que ele, nem nenhum deles, dedicasse seu tempo e energia a mim.

Stan suspirou dramaticamente, mas apontou para mim uma última vez. "Estou falando sério, Milow. Sempre vou te proteger."

Sorri, apertando os lábios com força enquanto assentia.

Um a um, eles se despediram, cada um apertando meu braço ou afastando delicadamente meu cabelo do rosto. Mamãe e papai ficaram mais um pouco, certificando-se de que meu copo d'água estava cheio e meu celular ao alcance. Eu não tinha certeza se conseguiria usá-lo esta noite, mas conseguia mexer os dedos da minha mão esquerda o suficiente para talvez digitar uma ou duas mensagens. Depois de me darem um beijo na testa e garantirem que voltariam logo cedo pela manhã, finalmente saíram do quarto.

Ashby ficou para trás e, assim que a porta se fechou, inclinou-se para perto, acariciando meu rosto delicadamente com as duas mãos antes de pressionar seus lábios contra os meus. Era disso que eu mais sentia falta o dia todo, e sorri contra seus lábios, sem querer que ele se afastasse. Seu beijo foi cuidadoso, com seus lábios se movendo lentamente contra os meus. Senti um arrepio lá no fundo, e a onda de emoções que invadia meu peito fez minha cabeça ficar mais leve. .

Ele recuou um pouco, mas seu rosto permaneceu próximo. "Estarei aqui amanhã, logo depois da aula", disse ele suavemente, seus olhos buscando os meus.

Assenti com a cabeça, deixando-me inclinar para o seu toque. O simples gesto carregava tudo o que eu não conseguia dizer.

“Detesto te deixar aqui sozinha”, continuou ele, soltando um suspiro enquanto estudava meu rosto. “Mas você é corajosa. Você é forte. Sei que você vai ficar bem.”

Assenti com a cabeça novamente, sorrindo para ele.

Ele me deu mais um beijo nos lábios e depois outro na testa. "Eu te amo, Milow", sussurrou.

Fechei os olhos e encostei a testa no queixo dele, querendo estar o mais perto possível. Uma de suas mãos deslizou para o meu cabelo, enquanto a outra permaneceu na lateral do meu rosto. Respirando fundo, deixei que me abraçasse por mais um instante. E enquanto o mundo ao nosso redor era um caos, entre nós reinava a serenidade.

—

Passei apenas mais dois dias no hospital antes de finalmente me mandarem para casa. O médico havia removido a tala da minha mão esquerda e me disse que meu nariz não precisava ser enfaixado, já que não havia fratura. O inchaço e os hematomas estavam diminuindo bem e, embora eu ainda precisasse manter o gesso na mão direita, não estava sendo tão desconfortável quanto eu temia. A dor estava suportável com a medicação que me receitaram.

Como não conseguia usar a mão direita, soletrei com a esquerda, e mesmo assim tudo deu errado. Mais lento e cansativo, todos foram pacientes comigo, permitindo que eu tivesse o tempo necessário para ser compreendido.

Voltei para a escola no dia 10 de novembro, apenas uma semana depois do ocorrido. Mamãe e papai me mantiveram em casa pelo resto da semana após minha alta, insistindo que eu precisava de tempo, embora eu estivesse preocupada em ficar para trás nos estudos. Mas, no fim, fiquei grata por isso, porque a ideia de andar por aqueles corredores tão pouco tempo depois de tudo me deixava ansiosa. Scottie me disse que o clima estava estranho e que nada parecia normal depois que todos descobriram o que tinha acontecido.

Ontem foi o dia mais desconfortável de que me lembro. Para onde quer que eu fosse, as pessoas me encaravam. Ashby, Scottie e Stan estavam comigo entre as aulas e nos intervalos, o que ajudou bastante, mas toda vez que eu levantava a cabeça, flagrava alguém me olhando com uma expressão que eu não conseguia decifrar. Alguns rostos demonstravam pena, outros curiosidade, e alguns simplesmente não sabiam o que fazer comigo. Não que alguma vez soubessem. Eu sempre fui a garota esquisita.

Tentei não me deixar abalar pelos olhares, forçando-me a manter o foco nas aulas, mesmo quando parecia que o prédio inteiro estava me observando respirar.

46

Milow

Quinta-feira, 13 de novembro

Eu estava sentada de pernas cruzadas na minha cama, com um lápis apertado na mão esquerda enquanto a direita repousava inutilmente sobre o joelho. Scottie tinha desenhado no gesso durante o almoço um dia, cobrindo-o com flores e corações, e cada vez que eu olhava para eles, me lembrava de que nada de cruel ou violento jamais poderia superar o amor que me cercava.

Desviei o olhar da folha de exercícios no meu colo e examinei o gesso por um instante, meus olhos demorando-se no pequeno " *Eu te amo" que* Ashby havia escrito nele. Sorrindo, virei a cabeça para olhá-lo, que estava sentado atrás de mim na cama, encostado na cabeceira com um livro de história aberto nas mãos. Quando ele percebeu que eu o encarava, seus olhos encontraram os meus. .

O sorriso dele fez meu coração disparar e minha cabeça dar uma leve tontura. Encolhi as bochechas, tentando impedir que a timidez me dominasse completamente. O efeito que ele tinha sobre mim nunca havia diminuído, nem por um instante, e eu não achava que conseguiria ser casual perto dele.

Ele colocou o livro de lado e se aproximou, sentando-se atrás de mim com as pernas de cada lado das minhas, um joelho dobrado para que pudesse apoiar o cotovelo. Deu um beijo suave no meu ombro antes de olhar para a minha lição de casa. "Você terminou?", perguntou baixinho.

Balancei a cabeça, embora a verdade fosse que eu já não me importasse. Larguei o lápis e me virei para ele entre suas pernas, encostando-me em seu peito enquanto seus braços me envolviam sem hesitar. Apoiei a cabeça em seu ombro e fechei os olhos, deixando-me afundar em seu calor.

Ele acariciou minhas costas e desceu pelo meu braço, sua respiração constante me acalmando. "Como você está se sentindo?"

Ele me perguntava isso todos os dias desde que eu estava no hospital, e minha resposta era sempre a mesma. Eu me sentia bem e segura. E isso era graças a ele, graças a todos eles, que sempre se certificavam de que eu estivesse assim. Ashby quase não saía do meu lado. Na escola, ele sempre ficava esperando do lado de fora da porta da minha sala, como se tivesse medo de que algo acontecesse nos segundos em que não podia me ver.

Eu apreciava o quanto ele se importava, mas também conseguia ver o preço que isso lhe custava. Seu foco na escola havia diminuído e, nas noites em que chegava do treino, parecia exausto e tenso. Ele não se permitia descansar. Sua mente estava sempre em outro lugar, presa em cenários catastróficos e em garantir que eu estivesse protegida o tempo todo. .

Eu queria poder dizer para ele não se preocupar tanto, para cuidar de si mesmo também, mas sabia que não mudaria nada. Ele já estava muito imerso no próprio medo,

muito concentrado em me proteger. Ele continuava a ignorar os próprios sentimentos, como se eles não importassem nem de perto tanto quanto os meus.

Mamãe e papai também tinham percebido, o jeito como ele estava se desmoronando silenciosamente, e já tinham tentado conversar com ele sobre isso mais de uma vez. Mas Ashby não dava ouvidos, sempre ignorando como se não fosse um problema. Até Wesley interveio, tentando explicar que eu estava bem e que perder o foco só pioraria as coisas a longo prazo. Mas Ashby não conseguia ouvir nada disso. Ele estava muito concentrado em mim, com muito medo de que, se baixasse a guarda por um segundo que fosse, algo terrível acontecesse de novo.

Respirei fundo e endireitei a coluna para olhá-lo. Observei seu rosto, notando o quão cansado ele parecia. Ele me observava com a mesma atenção, seu olhar percorrendo meu rosto, e vi o exato segundo em que ele captou o apelo que persistia dentro de mim. Seu maxilar se contraiu enquanto um lampejo de desafio brilhava em seus olhos, mas em vez da conversa que eu planejava ter, sua mão subiu para acariciar minha bochecha. Seu polegar roçou minha pele antes que ele abaixasse a cabeça, e seus lábios estavam nos meus, não me dando chance de assinar.

Para meu azar, o plano dele para me distrair funcionou.

O beijo se aprofundou instantaneamente quando ele inclinou a cabeça para o lado e seus dedos subiram para se enroscarem em meu cabelo. Instintivamente, arqueei-me contra ele, minha mão apertando o tecido de sua camisa para mantê-lo ali. Um som baixo ressoou em seu peito quando tracei a linha de seus lábios com a língua. E quando o puxei para mais perto, ele correspondeu ao meu toque sem hesitar. Sua língua deslizou lentamente contra a minha, causando-me um arrepio. Meus dedos dos pés se contraíram, e uma sensação que eu havia tentado ignorar muitas vezes antes se fez notar novamente, enviando pequenos e excitantes choques da região entre minhas pernas por todo o meu corpo.

Uma onda de timidez me fez querer me afastar, mas a ideia de não tocá-lo naquele momento era impossível. Ele apertou meu cabelo um pouco mais, usando-o para me guiar, para me virar sem interromper o beijo. Eu o acompanhei de bom grado enquanto ele mudava o peso do corpo, suas mãos agora deslizando para minha cintura, e com um leve grunhido de esforço, ele me ergueu.

Ele me acomodou em seu colo enquanto se encostava na cabeceira da cama. Minhas pernas estavam de cada lado das dele, meus joelhos afundando no colchão. Levantei minha mão direita e apoiei o gesso em seu ombro. Por mais inútil que aquela mão estivesse, eu ainda precisava usá-la para tocá-lo de alguma forma. Meu outro braço deslizou ao redor de seu pescoço, meus dedos se enroscando nos cabelos de sua nuca enquanto eu me aproximava, desejando mais daquela sensação entre minhas pernas, e mais dele.

Suas mãos se cravaram em meus quadris e, enquanto ele me puxava para frente, senti a ereção em sua calça de moletom. A pressão aumentou enquanto eu movia os quadris, incapaz de me controlar. Eu não conseguia ficar parada.

Ele acompanhou meus movimentos, elevando os quadris num ritmo lento que me fez prender a respiração. Suas mãos me seguraram com firmeza, guiando-me e pressionando-me contra ele até que a fricção se tornasse quase insuportável. Cada movimento de seus quadris enviava uma nova onda de prazer por todo o meu corpo, e o beijo se tornou mais apaixonado à medida que meus dedos se apertavam em seus cabelos. .

Eu estava completamente perdida na sensação. Ele me pressionou com mais força contra si, e eu o senti duro contra o meu centro, através das finas camadas de nossas roupas. Era tão avassalador que me deixou tonta.

Ele interrompeu o beijo quando sua respiração ficou mais ofegante e manteve o rosto perto do meu enquanto perguntava: "Está tudo bem?"

Engoli em seco e assenti, meu próprio coração batendo tão forte contra as costelas que eu conseguia ouvi-lo nos meus ouvidos. Ele soltou um suspiro trêmulo enquanto sua testa se encostava na minha, antes de se inclinar para trás o suficiente para olhar nos meus olhos. "Milow... eu sei que você quer que eu pare de me preocupar, e eu estou tentando. Juro que estou tentando", sussurrou ele, com a voz embargada. "Mas eu não posso simplesmente ignorar isso. Quero cuidar de você. Quero te proteger. E ainda estou me dedicando ao máximo a mim mesmo. Mas... por favor, me dê um tempo."

A honestidade dele afrouxou algo em mim que estava tenso há dias. Ele estava me pedindo paciência, assim como tinha sido paciente comigo desde que éramos crianças. Só de pensar nisso, minhas emoções vieram à tona e meus olhos começaram a lacrimejar.

Passei os dedos pelos seus cabelos, observando seu rosto suplicante enquanto assentia. Em meio a tudo isso, eu não estava pedindo que ele parasse de se importar. Eu não queria que ele se perdesse tentando me proteger.

Movendo minha mão de seus cabelos para seu peito, senti seu coração bater sob a minha palma. Sustentei seu olhar e assenti levemente com a cabeça, na esperança de que ele pudesse ler tudo o que eu não conseguia dizer. Que eu confiava nele, que eu não iria a lugar nenhum e que resolveríamos isso juntos. .

"Eu te amo", ele sussurrou, roçando delicadamente o nariz no meu queixo. "E não vou a lugar nenhum."

Eu acreditei nele. Mesmo sabendo o quão difícil seria vê-lo deixar suas necessidades de lado, confiei que ele não se perderia no processo.

47

Ashb y

"Você não pode protegê-la. Você não consegue nem se proteger", resmungou meu pai.

Seu rosto estava envolto em sombras, mas eu não precisava vê-lo para saber o que havia ali. Eu reconhecia sua raiva pela tensão em seus ombros e pelos punhos cerrados ao lado do corpo. Ele tinha a mesma expressão de sempre, de quando estava prestes a machucar alguém.

Meu peito apertou quando dei um passo para trás. Meu instinto foi me preparar e aguentar, como sempre fazia. Porque eu nunca venci uma luta contra ele.

Mas ele não olhou para mim por muito tempo.

Sua atenção se desviou, e um arrepio de pavor percorreu minha espinha quando ele se afastou de mim e começou a caminhar em direção ao canto mais distante da sala. A luz lá era mais fraca. As sombras ficaram mais densas, e quando acompanhei seus movimentos, meu coração disparou.

Milow estava lá.

Ela estava sentada no chão com os joelhos encolhidos junto ao peito, os braços cruzados como se tentasse desaparecer. Seus olhos estavam arregalados e vidrados, fixos no meu pai como se ela já soubesse que não podia fugir dele. Ela parecia tão pequena, e eu não entendia como tínhamos ido parar todos juntos naquela sala.

"Deixem-na em paz!" gritei, com a voz embargada pelo desespero.

Tentei me mover e correr até ela. Meu corpo se inclinou para a frente, cada músculo ardendo com a necessidade de me colocar entre eles e protegê-la. Eu queria fazer algo certo pela primeira vez.

Mas meus pés não se mexiam.

Quanto mais eu lutava contra isso, mais pesado meu corpo parecia, e eu tinha a sensação de estar afundando enquanto o quarto se estendia cada vez mais para longe. Cada passo que meu pai dava em direção a ela era como dez passos me puxando para trás.

Naquele instante, os olhos de Milow se voltaram para mim, o medo preenchendo seus olhos arregalados.

Ela me olhava como se acreditasse que eu a salvaria.

E eu não conseguia me mexer.

Eu o vi se aproximar. Vi-a se encolher em si mesma. Eu estava falhando com ela novamente.

A sensação de impotência era insuportável. *Ela apertava meu peito até que eu não conseguia respirar, até que a única coisa que restou foi a certeza doentia de que, não importa o quanto eu me esforçasse, eu sempre estaria na mesma situação. tarde demais.*

As mãos do meu pai se fecharam em punhos ao lado do corpo, e eu gritei, implorando para que ele parasse. Minha voz ecoou inutilmente pela sala, como se nunca tivesse tido força alguma.

Ele nem sequer diminuiu a velocidade.

Ele continuou caminhando em direção a ela até que seu corpo a bloqueou completamente da vista. Eu o vi machucá-la e permaneci paralisado onde estava, incapaz de fazer a única coisa que deveria ter feito.

Porque meu pai tinha razão.

Por mais que eu tentasse, jamais conseguiria protegê-la.

—

Eu fiquei acordada, observando Milow dormir em meus braços. Ela estava relaxada, seu corpo macio contra o meu, e sua respiração lenta e regular. O inchaço ao redor do nariz havia diminuído bastante, e os hematomas estavam mais claros agora, desbotando para tons suaves em vez de escuros.

Ela estava segura. Eu repetia isso para mim mesma várias vezes, mas minha mente se recusava a acreditar.

Levantei a mão e passei o polegar delicadamente pela bochecha dela. Tinha medo de machucá-la só de tocá-la, e só de pensar nisso meu coração doía. Lágrimas escorreram pelo meu rosto e pingaram no travesseiro enquanto eu a encarava.

Eu a havia decepcionado novamente. Mesmo que tivesse sido apenas em meus sonhos, parecia real. Eu fiquei ali parado, assistindo meu pai machucá-la, e isso me deixou furioso. A dor no meu peito persistia, e eu não sabia quanto tempo levaria até que eu pudesse confiar em mim mesmo para protegê-la. Do jeito que eu precisava. Ela já se sentia segura comigo. Eu podia ver isso no jeito que ela me olhava e na facilidade com que adormecia em meus braços. Eu sabia que isso deveria ter sido o suficiente. Mas não foi.

Porque sentir-me segura e estar segura não eram a mesma coisa para mim. Não depois de tudo. Não quando eu ainda acordava com o coração acelerado e a voz do meu pai presa na minha cabeça, dizendo que eu não era suficiente.

Por enquanto, eu a mantive por perto. Eu a abracei porque sentia que deixá-la ir significaria perdê-la. Eu estava disposto a abrir mão de tudo para garantir que cada segundo de sua vida fosse seguro e intocado pelas coisas que já lhe haviam tirado tanto. E até ter certeza de que poderia protegê-la como ela merecia, eu não iria parar.

48

Ashby

Sábado, 22 de novembro

Milow entrou no meu quarto bem cedo naquela manhã, antes mesmo de eu ter arrumado minha mochila para a competição de natação. Ela sorriu no instante em que nossos olhares se cruzaram, e a vontade de cancelar a competição e ficar em casa com ela o dia todo me atingiu em cheio. Eu decepcionaria Ruben e toda a minha família, mas estar perto dela era mais importante para mim.

Ela ergueu a mão esquerda num pequeno aceno, e eu estendi a mão para puxá-la para mais perto. Acariciei seu rosto com as duas mãos e me inclinei para beijá-la. Ela se entregou imediatamente aos meus braços, e eu a mantive ali por um segundo a mais do que o necessário, depois me afastei e a olhei novamente.

“Você acordou cedo”, eu disse. Meus olhos permaneceram fixos em seu rosto. Eu precisava vê-lo. Já haviam se passado três semanas, e lá estava ela. Quase não restava nada do ferimento. Os hematomas tinham desaparecido quase por completo, mas mesmo com eles, ela estava linda.

Ela sorriu novamente ao dar um passo para trás. Levou a mão por baixo do braço esquerdo, e foi então que notei o pedaço de papel grosso enrolado ali. Ela o desenrolou com as duas mãos. Sua mão direita ainda estava engessada, mas ela conseguia usar as pontas dos dedos para segurar o papel.

O cartaz era colorido, com letras grandes e pretas em formato de bolha que diziam: **FAÇA ONDAS, CAMPEÃO!**

Sorri e absorvi tudo, admirando cada palavra e cada rabisco que eu sabia que ela mesma havia feito. "Está perfeito." Olhei para ela novamente e acariciei seu rosto com as mãos. "Obrigada, Milow."

O sorriso dela se alargou. Ela enrolou o papel novamente e o colocou na cama ao lado da minha bolsa. Então, sua mão esquerda se ergueu e eu a observei soletrar com os dedos.

Você vai se sair muito bem hoje. Estou orgulhoso de você.

As palavras dela me fizeram sentir que eu podia fazer qualquer coisa. Mesmo assim, eu não tinha o mesmo orgulho de mim mesma que ela tinha. Eu não estava focada. Deixei tudo o que era importante de lado. Treinamento. Escola. Meus próprios padrões. Eu tinha deixado tudo de lado e sabia que não estava à altura do que esperava de mim mesma.

Suspirei e passei a mão pelos cabelos enquanto meu olhar se voltava para o chão. "Não tenho certeza se vale a pena competir hoje."

Ela estendeu a mão. Seus dedos deslizaram sob meu queixo e ergueram meu rosto. Quando nossos olhares se encontraram novamente, vi a preocupação em seus olhos. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando. Ela vinha me dizendo há semanas para não

me preocupar com ela. Para me concentrar. Eu deveria me concentrar nos treinos e priorizar a mim mesma. E eu não dei ouvidos. Nem uma vez. Nem a ela, nem a ninguém.

Ela ergueu a mão novamente. [Você dará tudo de si, e eu sei que será o suficiente. Estaremos nas arquibancadas torcendo por você.]

Um sorriso surgiu em meus lábios, mas não parecia genuíno.

Cheguei a rejeitar as tentativas dela de me fazer sentir melhor, e isso doeu demais porque ela não merecia. Parecia que eu estava fazendo tudo errado. Eu queria estar lá por ela, mas continuava falhando em tudo que importava.

Você é um ótimo nadador e um namorado ainda melhor. Por favor, não se perca.

Forcei-me a reter as suas palavras, a levá-las comigo para dentro da água. Até lá — até ter de me concentrar nas minhas braçadas e na minha respiração — mantê-la-ia bem presente na minha mente.

—

Minha cabeça girava a cada vez que eu emergia para respirar. Meu corpo se movia, mas eu sentia que não estava fazendo nada para que isso acontecesse. Os aplausos ao redor do centro aquático se transformavam em um ruído abafado que dificultava a concentração. Eu não conseguia ver seus rostos, mas sentia a decepção. Todos podiam ver que eu não estava nadando como de costume. Minha força havia desaparecido, meus braços e pernas não se moviam com a mesma intensidade que eu havia levado anos para desenvolver.

Quando cheguei ao final da raia e segurei o bloco de partida, eu já sabia que tinha perdido. Não precisei olhar em volta para entender, e permaneci na água, deixando a vergonha me consumir. O peso era algo que eu não conseguia... tremia, e eu deixava que me puxasse para baixo até que meus pulmões gritassem de dor.

Mãos me envolveram pelos braços, puxando-me para fora da piscina.

"Respira, amigo", disse Jasper, com as mãos firmes nas minhas costas, dando-me tapinhas leves enquanto eu me curvava com as mãos nos joelhos. "Vamos lá, cara, respira fundo."

Ele não deveria estar ali. Deveria estar comemorando, saboreando a vitória que havia conquistado. Eu não precisei olhar para cima para saber que ele havia vencido a nossa corrida. Os outros três finalistas não tinham a menor chance, e entre nós dois, ele dominou completamente. E eu... eu mal me mexi.

Tossi, a queimação no peito implacável enquanto tentava expelir a água e inspirar. Cada respiração sacudia minhas costelas e me deixava fraco. Quando finalmente consegui uma inspiração longa e trêmula, endireitei-me o melhor que pude e arranquei meus óculos de natação e touca, agarrando-os com as mãos.

“Vamos lá, vamos levá-lo para os fundos”, disse Ruben. Eu conseguia ouvir a raiva e a decepção em sua voz. Não precisei adivinhar o que ele diria quando ficássemos sozinhos, e me preparei para o pior. Eu havia falhado com ele, comigo mesmo e com todos. E a pior parte de tudo era que eu já sabia que falharia.

Cada passo em direção aos vestiários era pesado, enquanto eu carregava a vergonha nos meus próprios braços. Minhas pernas ardiam, meus pulmões gritavam, e tudo o que eu conseguia ver na minha mente era o rosto dela: o sorriso, o pôster, o orgulho. E eu tinha jogado tudo fora.

Jasper me ajudou a sentar no banco e ficou perto, com a mão no meu ombro. Ruben andava de um lado para o outro na nossa frente, a tensão no ar era tão palpável que... Foi desconfortável. Deixei minha cabeça cair e apoiei os cotovelos nos joelhos, esperando que ele começasse e me desse o que eu queria.

Ruben finalmente parou de andar de um lado para o outro. O silêncio que se seguiu foi pior do que seus passos furiosos. Ouvi-o respirar fundo e, em seguida, agachar-se à minha frente. Não levantei o olhar. Não conseguia. Apenas fiquei encarando o chão molhado, a água escorrendo do meu cabelo e formando uma poça ao redor dos meus pés.

“Ashby”, disse Ruben em voz baixa, e para minha surpresa, não havia mais raiva. “Olhe para mim.”

Levantei a cabeça lentamente. Seu rosto não demonstrava decepção; estava marcado por uma preocupação que me pareceu mais dolorosa do que qualquer sermão poderia ter sido.

“Aquele não era você lá fora”, disse ele, olhando-me fixamente. “E preciso saber se você entende que o que aconteceu hoje não teve nada a ver com seu treinamento ou seu talento.” Ele fez uma pausa, e seu olhar suavizou. “Você tem passado por um momento difícil. Todos nós percebemos. Você tem carregado esse peso há algum tempo e tem tentado carregá-lo sozinho.”

Senti um nó na garganta. Tentei engolir, mas foi inútil.

“Escute”, disse ele, com a voz firme, mas gentil. Colocou a mão no meu joelho, aplicando uma pressão reconfortante. “Ser um grande nadador não significa vencer todas as provas. Significa ter forças para voltar à água depois de um dia ruim. Significa saber quando lutar e quando descansar.” Apertou meu joelho. “Agora, sua luta não é naquela piscina. Sua luta é aqui dentro.” Ele tocou a própria têmpora. “E isso é muito mais difícil. Eu entendo.” isto."

Ele se levantou e sua sombra me cobriu. "Não estou decepcionado com você, garoto. Estou preocupado. A única pessoa que você decepcionou hoje foi aquele que achou que tinha que ser perfeito para todos."

Foi aí que eu desabei. Não tinha certeza por que esperava que ele me humilhasse ainda mais, mas ele fez o contrário. Ele não gritou. Não me deu sermão. Ele simplesmente me observou, durante todo o meu fracasso e a vergonha.

Um soluço abafado escapou de mim, e enterrei o rosto nas mãos. A tensão que eu sentia por dentro nas últimas semanas estava diminuindo, e a vergonha e o medo que eu vinha reprimindo jorraram em lágrimas pesadas. Eu me sentia tão pequena, tão estúpida por achar que tinha que carregar tudo sozinha, por deixar meu orgulho me impedir de aceitar ajuda, por não acreditar em mim mesma o suficiente para ser forte por Milow, mas também por mim mesma.

Eu fui altruísta quando ninguém, especialmente Milow, esperava que eu fosse.

Ruben não hesitou. Aproximou-se novamente e suas mãos pousaram firmemente em meus ombros. Comecei a tremer e não conseguia parar. Estendi a mão, agarrando o tecido de sua camisa, precisando de algo para me segurar.

Ele não se afastou. Ajoelhou-se novamente à minha frente e me abraçou forte. Eu me aconcheguei contra ele, com a testa apoiada em seu ombro, enquanto me permitia chorar. Ele apenas me segurou, uma mão acariciando minhas costas enquanto a outra afagava a minha nuca.

"Está tudo bem", murmurou ele. "Deixe sair. Apenas respire. Eu estou aqui com você." ”

Jasper ainda estava lá, sua mão apertando meu ombro de forma reconfortante. Eu precisava agradecer a ambos por estarem ali, por me impedirem de cair no abismo que eu mesma havia imaginado. Eles sempre estiveram lá para me amparar. Mas, por mais que tivessem me apoiado, eu sabia que o resto dependia de mim. Eu precisava encontrar meu próprio equilíbrio e garantir que conseguiria me manter firme sozinha, sem cair novamente.

Mas, acima de tudo, eu precisava parar de fazer a Milow se preocupar comigo, porque ela merecia alguém que pudesse se sustentar sozinho, alguém forte o suficiente para deixá-la respirar sem ter que carregar meus problemas além dos dela. Eu precisava provar para mim mesmo que eu poderia ser essa pessoa para ela, mas também para mim mesmo.

—

[Que bom que você está se sentindo melhor], escreveu Milow em linguagem de sinais, movendo os dedos cuidadosamente apenas com a mão esquerda.

Naquela mesma noite, ela estava sentada à minha frente na cama, com as pernas cruzadas e uma expressão serena. Ela me observava pacientemente, como se pudesse ler cada pensamento que me passava pela cabeça.

Coloquei minhas mãos em seus joelhos, deixando-as deslizar lentamente para cima e para baixo ao longo de suas coxas. "Eu também."

[Eu estava com tanto medo], ela sinalizou, franzindo a testa.

"Eu sei." Soltei um suspiro trêmulo e respirei fundo. Eu também tinha ficado com medo. Minha mente tinha se desligado e eu deixei meu corpo afundar na piscina sem controle. Tive sorte de Ruben e Jasper terem me tirado de lá a tempo, percebendo imediatamente o que tinha acontecido. "Mas agora estou bem. Minha mente está mais lúcida." ”

Ela permaneceu em silêncio, observando-me atentamente e dando-me espaço para encontrar as palavras certas.

"Desculpe por ter te preocupado tanto", eu disse. "Causei mais problemas do que pretendia. Me perdi no controle, mesmo tendo prometido a você esta manhã que não faria isso."

Sua mão subiu e seus dedos acariciaram meus cabelos num gesto tranquilizador. Em seguida, ela acariciou meu rosto e eu me inclinei, fechando os olhos por um instante antes de encontrar seu olhar novamente. "Eu sei que não posso desfazer o que aconteceu", disse, mantendo a voz baixa. "Mas posso prometer que vou me esforçar mais. Vou me manter firme. Não quero que você se preocupe comigo nunca mais."

Seus olhos suavizaram, e eu continuei, sentindo as palavras escaparem.

"Preciso ser melhor por você. Por nós. Deixei tudo escapar, e odeio ter te assustado. Eu só... não quero me perder de novo, e não quero que você pague por isso."

Sua mão permaneceu em minha bochecha, seu polegar roçando minha pele suavemente.

"Quero ser alguém com quem você possa contar. Alguém constante. Não alguém que desmorona na sua frente. E eu prometo, Milow, que serei essa pessoa de agora em diante."

Os olhos de Milow se encheram de lágrimas, e eu quis me amaldiçoar por tê-la deixado triste novamente. Mas quando ela se mexeu, entendi que ela não estava chateada. Eram lágrimas de alegria, e meu corpo relaxou de alívio.

Ela se inclinou para a frente e me abraçou, e instintivamente eu a abracei também, apertando-a contra mim. Meu rosto estava enterrado em seu ombro, enquanto eu sentia seu coração bater contra meu peito.

"Eu te amo", sussurrei. "Sempre amei, Milow, e sempre amarei."

Ela me apertou com mais força, e eu a abraçava pelo tempo que ela quisesse.

49

Milow

Segunda-feira, 1 de dezembro

"Como se sente?", perguntou a médica enquanto colocava delicadamente minha mão direita de volta no meu colo. Ela tinha acabado de remover o gesso, e a sensação do ar contra a minha pele era melhor do que eu esperava.

Assenti com a cabeça, sorrindo para minha mão. Finalmente estava livre.

“Oh, querida”, disse minha mãe da cadeira ao lado da cama, sorrindo para mim. “Está doendo?”

Olhei para ela e balancei a cabeça negativamente, levantando as duas mãos para assinar sem pensar. Para minha surpresa, meus dedos não doeram ao movê-los.

[É uma sensação um pouco estranha.]]

A médica ficou surpresa quando eu fiz os sinais. Ela não me entendeu, mas minha mãe logo traduziu.

“Ela diz que se sente um pouco estranha.”

“Hum, sim, isso é normal. Mas é um ótimo sinal que você consiga movimentá-los”, disse ela, pegando minha mão com cuidado e examinando-a. “Já vi muitas fraturas graves, mas os dedos sempre me fascinaram.”

Eu a observei, esperando que ela explicasse.

“Você teve fraturas estáveis”, ela continuou. “Isso significa que os ossos racharam, mas permaneceram no lugar. Há pouco tempo, tive um paciente que prendeu a mão na porta do carro. Ele disse que quase não sentiu dor. Provavelmente foi o choque. Ele esperou dois dias antes de vir ao consultório porque a mãe o obrigou. Todas as quatro juntas dos dedos estavam quebradas, mas ele ainda conseguia mexer os dedos sem dor.”

Sorri, intrigada, pensando que poderia ter sido parecido comigo. Mesmo assim, colocaram minha mão em um gesso, só por precaução. E funcionou. Meus dedos sararam rapidamente.

“Então”, continuou ela, colocando minha mão de volta no meu colo, “você pode sentir alguma rigidez e fraqueza por um tempo. Alguns exercícios simples ajudarão com isso.”

Assenti com a cabeça e fiz um sinal de positivo com o polegar.

“E seu nariz também cicatrizou muito bem”, acrescentou ela.

Eu sorri.

Ela pousou a mão no meu braço e o apertou suavemente. "Você foi muito forte durante tudo isso, Milow. Espero que saiba que lidou com a situação com coragem e que deve se orgulhar de tudo o que conquistou."

Essas eram palavras que eu já tinha ouvido muitas vezes, mas sempre as aceitei. Nunca rejeitei ninguém que tentasse me encorajar. .

[Obrigado,] Assinei.

Ela se virou e caminhou até as prateleiras do outro lado da sala, pegando uma pequena caixa retangular. "Leve isso para casa e aplique nos dedos duas ou três vezes ao dia. Vai ajudar com o ressecamento causado pelo gesso."

Ela entregou o creme para a mamãe e depois olhou para mim. "Fora isso... eu diria que você está bem."

Eu sorri para ela. Finalmente conseguia usar as duas mãos de novo, e só isso já me fazia sentir mais leve. Mal podia esperar para mostrar para o Ashby quando chegássemos em casa. Ele ficaria aliviado, feliz em me ver sem o gesso. Ele estava esperando por esse dia ainda mais do que eu.

Antes de voltarmos para casa, mamãe teve que parar no supermercado. Antes de entrarmos, ela me fez aplicar o creme que o médico havia me receitado e, depois de espalhá-lo cuidadosamente por toda a minha mão direita, saímos do carro e entramos. Enquanto mamãe conferia a lista de compras, eu empurrava o carrinho distraidamente, pensando em todas as coisas que finalmente podia fazer novamente sem dificuldade.

A primeira coisa foi aprender a linguagem de sinais. Aprender a soletrar com os dedos durante um mês inteiro tinha sido exaustivo, mas pelo menos eu ainda conseguia me comunicar.

Segurar um livro também seria mais fácil. Eu os segurava com a mão esquerda e depois tinha que largá-los só para virar a página. Isso não seria mais um problema.

E passar as duas mãos pelos cabelos de Ashby era outra coisa que me deixava animada. Toda vez que ele me beijava, minha mão direita ficava repousando inutilmente em seu ombro. Eu sabia que isso não o incomodava, mas me incomodava.

Eu estava perdida em meus pensamentos, sorrindo para mim mesma quando virei a cabeça para ver onde minha mãe estava. Mas no cereal No corredor, só havia eu e Hailie. Dei um pequeno pulo ao vê-la, mas voltei imediatamente à realidade quando nossos olhares se encontraram.

Não foi a presença dela que me fez reagir. Foi o rosto machucado e a expressão vazia que me chocaram. Seus olhos estavam vermelhos, e sob um deles havia um hematoma roxo escuro. A maquiagem tentava cobri-lo, mas não o escondia completamente. Suas narinas estavam vermelhas, e pareciam exatamente como as minhas tinham ficado quando ela—

Meu maxilar se contraiu. Recusei-me a deixar minha mente voltar àquele momento.

Eu não sabia o que fazer. Ela simplesmente ficou parada ali, me encarando com um olhar de dor nos olhos. E por baixo daquela dor havia medo. Eu conseguia ver claramente. Mas eu não entendia do que ela tinha medo.

Franzindo a testa, continuei a observá-la. Parecia irreal. Como se eu estivesse presa em um sonho estranho, sem conseguir acordar. Mas eu precisava estar acordada. Tinha acabado de tirar o gesso. Iria para casa mais tarde para mostrar a todos.

Meu coração batia forte no peito, e eu continuava sem conseguir me mexer.

“Hailie.”

Sua mãe apareceu atrás dela e a segurou pelo ombro. "Eu disse para você ficar perto de mim. Não quero que você se afaste—" Ela parou quando me viu, sua expressão mudando para arrependimento e vergonha ao mesmo tempo.

“Nossa, querida”, disse ela, aproximando-se. “Sinto muito pelo que a Hailie fez com você. É imperdoável. Eu estava pensando em passar aí com biscoitos e flores—”

“Afastem-se da minha filha.” ”

Mamãe se aproximou de mim e colocou a mão firmemente no meu ombro.

Darla levou a mão ao peito, com uma expressão horrorizada. "Sinto muito, Iris. Eu só estava tentando me desculpar."

"É isso que sua filha ainda precisa fazer", disse minha mãe bruscamente. Ela estava me protegendo. Eu sabia disso. Só odiava vê-la tão chateada.

Mordi a parte interna da minha bochecha e olhei por cima do ombro de Darla para Hailie. Ela ainda estava me encarando.

Seus olhos estavam vazios, e eu percebi que ela não estava bem. Alguém a havia machucado. Eu também conseguia ver isso claramente. Mas quem? Darla? Não. Darla podia ser uma mulher desagradável, mas não era violenta. Então quem—

“Não tenho o dia todo, Darla.”

Um homem grande dobrou a esquina e parou atrás de Hailie. Sua mão desceu até a nuca dela, os dedos grossos envolvendo-a.

Hailie estremeceu e seus olhos se encheram de lágrimas.

Oh não.

"Sim, querida", disse Darla rapidamente, com a voz tensa. "Já estamos indo."

O homem olhou para mim. Seus olhos percorreram nosso corpo, e algo mudou em sua expressão quando ele entendeu. Seu aperto no pescoço de Hailie se intensificou.

“Essa é a garota que você intimidava?”, perguntou ele.

Eu me encolhi. Hailie também.

"Diga-me, garoto", ordenou ele, com a voz rouca e grave.

“S-sim, papai.”

Ele resmungou e balançou a cabeça levemente, como se estivesse decepcionado com algo pequeno e sem importância. "E você ainda não aprendeu a lição." ”

Eu não sabia o que aquilo significava, mas pela expressão no rosto de Hailie, não podia ser nada bom. Eu estava preocupada com ela. Não importava quanta dor ela tivesse causado, eu temia por sua segurança. O pai dela era assustador, e o jeito como a presença dele a fazia tremer visivelmente só podia significar que algo estava errado em casa.

"Vamos lá, querida", sussurrou minha mãe. Eu não precisava olhar para ela para saber que ela também estava preocupada. Eu conseguia perceber pela sua voz. Ela via a dor de Hailie tão claramente quanto eu, e quando olhei para ela, torci para que ela dissesse alguma coisa.

Mamãe estava com a mandíbula tensa. Ela me puxou para trás dela antes de falar. "Você está bem, Darla?"

Parecia uma pergunta simples, mas carregava muito mais significado.

Darla engoliu em seco. Seu corpo enrijeceu antes que ela forçasse um aceno de cabeça e um sorriso tenso. "Está tudo perfeito", disse ela. "Hailie está arrependida. Nós só estávamos... disciplinando-a."

Meus olhos voltaram para Hailie. Ela ainda me encarava, os olhos marejados de lágrimas que se recusava a deixar cair. Ela pedia ajuda sem dizer uma palavra, e eu queria ajudá-la. De verdade. Mas eu não sabia como. Meu corpo parecia congelado, e todo aquele momento ainda parecia irreal.

“Você tem meu número”, disse a mãe para Darla, com voz firme.

"Sim, eu aceito. Obrigada, Iris. Devemos ir agora." Darla assentiu novamente, depois passou a mão pelo braço de Hailie e a puxou delicadamente para perto de si, afastando-a do pai.

Antes que Hailie se virasse, levantei a mão num aceno rápido e lhe dei um leve sorriso. Esperava que fosse o suficiente para fazê-la se sentir um pouco menos sozinha. Para mostrar a ela que eu não estava bravo. para ela, e que eu não a odiava. E que, independentemente do que estivesse acontecendo em casa, de alguma forma tudo acabaria bem.

“Chegamos!” Mamãe gritou assim que destranquei a porta da frente. “Venha ajudar com as compras.”

Imediatamente, ouviram-se passos vindos do andar de cima. Um segundo depois, Ashby e Wesley desceram as escadas correndo, esbarrando um no outro na disputa para ver quem chegava primeiro.

Quando chegaram ao fundo, pararam ao mesmo tempo e olharam para mim. Seus olhos foram direto para a minha mão direita.

"Já foi!" disse Wesley com um largo sorriso.

“Sua mão está livre!”, acrescentou Ashby, igualmente entusiasmado.

Eles se aproximaram, e eu levantei a mão para mostrar-lhes corretamente. Ashby deslizou uma das mãos por baixo da minha e passou cuidadosamente a ponta dos dedos sobre o dorso dela.

“Como se sente? Consegue movê-los?”

Assenti com a cabeça e puxei minha mão de volta para assinar. [Não dói, mas é uma sensação um pouco estranha.]

“Caramba, Milow. Isso sarou muito bem”, disse Wesley, ainda sorrindo. “Estou orgulhoso de você.”

“Sim, eu também.” Ashby pegou minha mão novamente e a levou à boca, dando um beijo suave em meus dedos. “Você finalmente consegue segurar um livro normalmente de novo.”

Ele estava brincando, mas sabia o quanto aquilo me incomodava.

[Estou animado. Estou feliz que o elenco tenha sido retirado.]

"Eu também." Ashby passou a mão pelo meu braço e me deu um beijo rápido na testa antes de seguir Wesley para fora para pegar as compras. .

Enquanto eles carregavam as malas para dentro, fui até a cozinha. Papai estava sentado à mesa, com o celular nas mãos, e sua expressão era concentrada e distante. Quando coloquei a mão em seu ombro, ele olhou para cima e sorriu.

“Milow, querida. Como foi na consulta médica?”

[Ótimo! Tirei o gesso!] Assinei, mostrando a mão direita.

Seu sorriso se alargou num largo riso enquanto ele gentilmente pegava minha mão na sua. "Que ótimo, Milow. Fico feliz que esteja tudo bem agora."

Assenti com a cabeça. Ele me puxou para perto para um abraço rápido antes que eu me virasse para o corredor, bem na hora em que mamãe e os meninos voltaram para a cozinha.

“Obrigada pela ajuda”, disse a mãe, acariciando as costas deles antes de começar a desempacotar as malas. “Por que vocês não sobem? Preciso conversar com o pai de vocês.”

"O que você fez, pai?", provocou Wesley.

“É, pai, o que você fez?”, acrescentou Ashby.

"Nada, eu juro", disse o pai rapidamente, levantando as mãos em sinal de rendição. "Iris, querida, eu juro que me comportei bem."

Fiz uma careta para ele. Todos sabíamos que ele não tinha feito nada. Ele só estava fazendo drama. Mamãe revirou os olhos e riu baixinho antes de dar um empurrãozinho brincalhão no peito dele.

“Eu sei que você tem se comportado bem. Você sempre se comporta bem. E talvez seja exatamente sobre isso que eu preciso conversar com você.”

"O quê, você quer que eu seja mais travesso?" perguntou o pai com um sorriso, puxando a mãe para mais perto. "É só dizer a palavra, querido."

“Certo”, disse Wesley, dando um tapinha no ombro de Ashby e puxando meu braço delicadamente. “Não precisamos testemunhe isso."

Apertei os lábios enquanto Ashby ria, e subimos as escadas. Assim que estávamos fora do alcance da voz de alguém, Wesley murmurou: "Nem eu e a Evie somos tão desajeitados assim."

"Ah, tanto faz." Ashby deu de ombros. "Vocês dois podem ser bem estranhos às vezes."

Wesley ergueu uma sobrancelha e deu um soco no ombro de Ashby. "Cuidado, amigão."

Olhei para eles enquanto se empurravam de brincadeira. Quando pararam, notei a expressão pensativa no rosto de Wesley. "Será que ela quer conversar sobre o quê?"

[Eu sei.]

Ambos se viraram para mim.

"Sim?" Wesley ergueu uma sobrancelha. "O que foi?"

Acho que ela vai contar para ele o que aconteceu no supermercado.

Ashby franziu a testa. "O que aconteceu?"

Olhei entre eles. [Vimos Hailie e seus pais. E Hailie não parecia nada bem.]

"O que você quer dizer, Milow?", perguntou Wesley. Sua postura enrijeceu. A de Ashby também. Ouvir o nome dela os afetava dessa forma.

Mordi o lábio enquanto meu estômago se revirava. Eu não queria dizer em voz alta, mas não consegui guardar para mim. Eu ainda conseguia ver a dor e o medo em seus olhos.

Ela tinha hematomas no rosto. E o pai dela era bruto com ela. Ela tinha medo dele. Eu percebi. E a mãe dela também.

No início, eles não disseram nada. Eu sabia que era difícil para eles sentirem pena da Hailie. Ela era quem me magoava há anos. Mas eu também sabia que, se eles a tivessem visto em Se tivessem visto o rosto dela naquele corredor como eu vi, também teriam ficado preocupados.

[Acho que o pai dela a machucou,] finalmente assinei.

O olhar de Ashby baixou para o chão. Ele enfiou as mãos nos bolsos, tentando controlar a reação que começava a surgir dentro dele. Wesley também permaneceu em silêncio, desviando o olhar do meu. Dei-lhes tempo. Não esperava que elaborassem um plano ou que, de repente, soubessem como ajudá-la. Eu só precisava que entendessem o que eu tinha visto.

"Tenho certeza de que mamãe e papai vão dar conta disso", disse Wesley depois de um instante, olhando para mim.

Ashby olhou para ele de relance e assentiu lentamente. "Sim. Se acharem necessário intervir, eles o farão."

Eu também assenti. Isso devia ser suficiente por agora.

Ashby deu o primeiro passo. Sua mão alcançou a minha sem hesitar, virando-a delicadamente enquanto verificava meus dedos novamente. "Tem certeza de que está bem?", perguntou ele em voz baixa.

[Estou bem,] assinei.

Wesley se aproximou em seguida, pousando a mão no meu ombro. "Milow... você não precisa se sentir obrigada a ajudar ninguém. Não importa o quão difícil seja."

Olhei para ele, sabendo exatamente o que ele queria dizer. Eles sempre se preocupavam demais com o fato de eu me preocupar mais com os outros do que comigo mesma, mas eu simplesmente não sabia como mudar isso. Estava enraizado em mim.

Olhei para os dois, sentindo o peito apertar, mas dessa vez de um jeito bom.

[Eu sei.]

Ashby me puxou para o seu peito sem dizer mais nada. Wesley nos abraçou pelos lados e eu me deixei aconchegar em seus braços.

Por um segundo, tudo o mais desapareceu. O supermercado. Os hematomas de Hailie. O medo em seus olhos.

O que importava era apenas isto.

Eles estavam aqui. Eu estava bem. Minha mão estava curada. Eu estava em casa.

E eles não iam soltar. Nunca.

50

Milow

Terça-feira, 9 de dezembro

“Vamos jantar com os pais dele hoje à noite”, Scottie me disse, com um sorriso pequeno, mas satisfeito, no rosto. “Sinceramente, as coisas estão muito melhores agora. Acho que toda aquela história do hospital fez com que ele se importasse mais comigo.”

Sorri e guardei meus livros no armário antes de olhar para ela novamente. [Stan sempre se importou com você.]

"Eu sei, eu sei." Ela suspirou e apertou os livros contra o peito. "Mas ele está diferente agora. Principalmente quando estamos sozinhos. É como se ele checasse como estou a cada segundo do dia. Antes era só a cada... hora ou algo assim."

Fiz uma careta e esperei.

Ela se conteve e bufou baixinho. "Tudo bem, então. Ele sempre se importou comigo. Talvez seja só uma sensação diferente agora." Porque a coisa está ficando séria.” Ela deu de ombros como se não importasse, mas o sorriso a entregou.

[Ele está completamente apaixonado por você], assinei, sorrindo. [E as coisas boas levam tempo. Ele não vai a lugar nenhum.]

Ela me observou por um instante, e então suas bochechas coraram. "Você provavelmente tem razão. Como sempre." Ela respirou fundo. "Eu só queria que as coisas pudessem continuar assim."

Franzi a testa, sem entender o que ela queria dizer. Inclinando a cabeça, fiz um sinal: [Por que você diria isso?]

Ela deu de ombros novamente. "Não sei. Parece perfeito demais. Sabe quando seu coração está tão cheio que parece quase irreal? Mas lá no fundo, existe aquela sensação horrível de que algo ruim está prestes a acontecer?"

Eu a observei, tentando acompanhar. Compreendi o sentimento que ela descrevia, mas não conseguia ver como se encaixava em sua vida. As coisas estavam bem. Não havia motivo para esperar que algo terrível acontecesse. Pelo menos nada que ela não fosse forte o suficiente para suportar.

[Acho que é só o medo falando], assinei. [Você está indo bem. E você e Stanley vão se tornar exatamente como deveriam.]

Agora era ela quem me observava, mordendo o lábio inferior. "Hum. Não tenho certeza."

Por um segundo, ela deu a entender que estava esperando que algo desmoronasse. Como se não apenas esperasse, mas realmente desejasse. Afastei o pensamento assim que ele surgiu.

Inclinei-me para a frente e abracei-a com força, segurando-a um pouco mais antes de me afastar e sinalizar: [Estou aqui se precisar conversar. Tudo bem?]]

"Estou bem", disse ela baixinho, com um sorriso forçado. "Sempre estou bem."

Sua expressão mudou por um segundo. Seu rosto ficou inexpressivo, e então seus olhos escureceram enquanto ela olhava para além de mim.

“Sai de perto dela. Agora.”

Scottie se moveu na minha frente tão rápido que mal tive tempo de reagir. Seu corpo ficou rígido.

Eu me virei. Aspen estava a poucos passos de distância, agarrando seus livros contra o peito. Seus olhos estavam arregalados enquanto olhava para Scottie.

“Você não me ouviu? Afaste-se dela”, Scottie avisou novamente.

Toquei no braço de Scottie, tentando acalmá-la, mas ela não olhou para mim. Ela continuou encarando Aspen.

"Só quero conversar com a Milow. Se não for incômodo", disse Aspen suavemente. Seus olhos se voltaram para os meus antes de desviarem o olhar novamente.

"Ela não quer ouvir nada do que você tem a dizer", retrucou Scottie. Seus ombros permaneceram tensos.

Puxei o braço dela novamente. Como ela ainda não se mexia, dei a volta nela e fiz o sinal: [Está tudo bem, Scottie. Ela pode falar comigo.]

Scottie examinou meu rosto. Seus olhos ardiam de preocupação e raiva, mas eu não sentia o mesmo medo.

[Sério. Ela não vai me machucar.]

Era disso que Scottie tinha medo. Ela achava que Aspen queria começar algo de novo. Mas eu sabia que não era bem assim. Aspen nunca quis me magoar de verdade. Ela só ficava perto da Hailie e tentava se encaixar na sombra dela. Tentava ser o tipo de amiga que Hailie exigia. No fundo, eu não achava que ela fosse cruel.

"Tudo bem", murmurou Scottie. "Mas vou ficar aqui mesmo." ”

Ela parou ao meu lado, com os braços firmemente agarrados aos livros, e ainda encarando Aspen com raiva.

Olhei para ela e esperei que ela falasse.

Seu olhar oscilou entre Scottie e eu. Ela engoliu em seco e então olhou para mim novamente. Desta vez, ela sustentou meu olhar.

“Quero pedir sinceras desculpas pela forma como te tratei.”

“Bem, você vê…” Scottie começou, incapaz de ficar calada. Ela passou os livros para um braço e colocou a outra mão no quadril. “Milow é a pessoa mais doce e bondosa que eu conheço. Você pode ter tentado destruí-la, mas não conseguiu. E se você sequer pensar em tratá-la assim de novo, vai ter que se ver comigo. Porque eu fui mais gentil do que você merece.”

[Scottie, por favor] Assinei rapidamente, lançando-lhe um olhar.

Ela bufou, mas continuou. "O quê? Só estou deixando claro que, da próxima vez que ela decidir te machucar, não vou me conter."

Aspen assentiu rapidamente. "Eu entendo. Entendo mesmo. Não vou fazer isso. Prometo."

Toquei no braço de Scottie novamente. [Você pode traduzir, por favor?]

Scottie me olhou com desdém e suspirou, mas depois assentiu. "Tudo bem."

Voltei-me para Aspen e fiz o sinal, depois esperei que Scottie traduzisse em voz mais baixa. "Ela disse que sabe que você foi influenciada. Isso não justifica, mas ela acredita que as pessoas podem mudar. Ela espera que você esteja falando sério."

Os olhos de Aspen se arregalaram novamente. "Sim. Eu realmente acredito."

Adicionei mais algumas placas. .

Scottie soltou um suspiro pelo nariz, claramente descontente com tudo aquilo. Mas continuou traduzindo. "Ela diz que não te odeia. Nunca odiou. Ela só quer que as coisas sejam diferentes daqui para frente."

Aspen assentiu rapidamente, com os olhos arregalados e cheios de esperança. "Eles vão ficar bem. Eu juro. E eu sei que não posso justificar a Hailie, mas sei que ela também está arrependida. Ela está... trabalhando em si mesma."

"Certo..." murmurou Scottie.

Levantei as mãos novamente. [Ela não voltou?]

A suspensão delas já havia terminado, mas eu só tinha visto Aspen nos corredores. Hailie não.

E a última vez que vi Hailie foi no supermercado, onde ela estava com hematomas por todo o rosto. Aspen olhou para Scottie, esperando que ela traduzisse.

“Ela está perguntando onde está Hailie.”

“Ah, é…” Aspen brincava com a ponta de um de seus livros didáticos. “Os pais dela não querem que ela venha para a escola ainda. Ela… eu acho que ela está bem. Ela me mandou uma mensagem ontem dizendo que estava… ah, deixa pra lá.” Ela franziu a testa e acrescentou: “Eu sei que ela vai se desculpar com você quando estiver pronta.”

Assenti com a cabeça, porque realmente acreditava que ela faria isso.

Por um instante, nenhum de nós disse nada.

Então Aspen sorriu gentilmente. "Obrigada. Por ser melhor do que eu jamais fui."

Ela ajustou a posição dos livros e deu um passo para trás, e eu acenei levemente para assegurar-lhe que as coisas também iriam melhorar para ela.

Scottie a observou até que ela desapareceu na esquina. "Ainda não confio nela", murmurou. .

[Eu sei,] eu assinei. [Mas isso foi um começo.]

Scottie olhou para mim por um longo momento. Então sua expressão suavizou. "Você é bom demais para este lugar."

Eu sabia disso. Mas só porque as pessoas me repetiram tantas vezes que acabei acreditando.

“Ei, o que ela queria?” Ashby se aproximou de nós. Stan e Jasper estavam logo atrás dele. “Vocês estão bem?”

Olhei para ele. [Ela pediu desculpas.]

Seus olhos examinaram os meus enquanto ele colocava as duas mãos nos meus ombros, me analisando como se esperasse encontrar algum sinal de que eu estivesse magoada. "Ela pediu desculpas?"

Assenti com a cabeça novamente. [E ela estava falando sério.]

Ashby não parecia convencido. Ele olhou para Scottie com uma sobrancelha arqueada.

Ela deu de ombros. "Parecia sincero."

"Droga. E eu pensando que ela não tinha mais um pingo de moral depois de tudo o que fez", murmurou Stan. Ele passou um braço em volta dos ombros de Scottie, e ela se aconchegou nele, sua postura relaxando no instante em que ele a tocou.

Ashby se virou para mim. Suas mãos deslizaram dos meus ombros para as minhas bochechas, acariciando meu rosto delicadamente. A preocupação ainda estava lá, mas ele a suavizou. "Bem, fico feliz", disse ele antes de acrescentar: "Senti sua falta."

Eu sorri e me inclinei em direção às suas mãos. [Eu também senti sua falta.]

Ele se inclinou e me beijou. Seus lábios se moviam lentamente contra os meus enquanto ele me puxava para mais perto, até que meu corpo se pressionou contra o dele. Deslizei minhas mãos por seus cabelos, entrelaçando meus dedos enquanto o beijo se aprofundava.

Beijá-lo em público não foi tão desconfortável quanto eu imaginava. Mesmo assim, eu nunca quis causar escândalo. Alguns casais exageravam nesses corredores, com as mãos... Invadir lugares privados e ignorar limites.

Quando finalmente nos separamos e eu olhei para cima, Scottie e Stan estavam sorrindo para nós, e Jasper estava encostado nos armários com um pequeno sorriso de satisfação.

Ele parecia estranho a manhã toda e estava mais quieto que o normal. Eu queria perguntar se ele estava bem. Se precisava de alguém para ouvi-lo. Mas imaginei que Ashby e Stan já tivessem ido ver como ele estava. Eles não iriam ignorar isso.

"Ah, por favor, não pare", disse Stan, com um sorriso irônico. "Liberei minha agenda. Isso é muito melhor do que álgebra."

Scottie riu. "Ele tem razão. Temos o dia todo."

Jasper balançou a cabeça, mas seu sorriso se alargou. "Vocês dois são inacreditáveis."

"Vocês são todos estranhos", murmurou Ashby, mas depois riu. Ele deslizou a mão pelo meu braço até que seus dedos se entrelaçaram com os meus.

Inclinei-me para ele, envolvendo seu antebraço com a outra mão para ficar o mais perto possível.

Stan inclinou a cabeça, nos analisando como se fôssemos uma obra de arte. "Mas falando sério, se vocês vão fazer isso no corredor, pelo menos cobrem entrada. A gente podia bancar o baile de formatura."

"Stan", avisou Scottie, embora ainda estivesse rindo.

“O quê? Eu sou empreendedor.”

Ashby revirou os olhos e apertou minha mão. "Você não vai ganhar dinheiro com a minha garota."

"Sua namorada?" Stan pressionou a mão contra o peito. "Que eu saiba, a Ace é minha namorada. Ela veio primeiro."

“Você nunca a teve primeiro”, disse Ashby, alto e claro. Então seu rosto suavizou e ele me olhou com aquele olhar. Expressão de carinho. "Milow sempre foi minha. Desde o primeiro dia."

Senti minhas bochechas corarem intensamente e tentei disfarçar, escondendo o rosto em seu peito. Ele deu uma risadinha e me deu um beijo na cabeça, murmurando: "Eu te amo, minha querida."

51

Ashby

Domingo, 14 de dezembro

Milow largou o lápis, sorrindo enquanto erguia as mãos para o ar antes de assinar: [Feito.]

"Droga! De novo?" Suspirei e balancei a cabeça, deixando meu lápis cair na cama.

“Como isso é possível? Juro, seu cérebro tem algum superpoder.” Olhei para os livros de Sudoku em nossos colos. O dela era de nível “profissional”, o meu para iniciantes — aquele que ela tinha começado anos atrás, mas do qual logo se cansou. Tinha sido ideia dela competir, e no começo, nós duas resolvemos os fáceis. Claro, ela me massacrou, e eu fui ingênua o suficiente para pensar que teria uma chance se ela passasse para um nível mais difícil. um. Eu não fiz.

“Sinceramente, Milow, seu cérebro precisa ser estudado. Isso não durou nem dez minutos.”

Ela sorriu orgulhosamente, juntando as mãos ao peito. Ela olhou para o quebra-cabeça que eu não conseguia resolver. [Você estava perto.]

Franzi a testa. "Consegui encontrar todos os números 4 e 9."

[Exatamente. É um bom começo.] Ela sorriu e se inclinou para a frente, dando um beijo suave na minha bochecha. [Você termina essa, e eu faço outra bem forte.]

Por mais divertido que isso parecesse, tive uma ideia muito melhor. Afastei nossos livros e lápis, me aproximei dela e a ajudei a se deitar sobre os travesseiros. Me posicionei entre suas pernas e me apoiei nos cotovelos acima dela.

Olhei para ela, para o jeito como seus cabelos estavam espalhados no travesseiro, e para o sorriso orgulhoso e brincalhão que ainda restava em seus lábios, sinal da vitória. Meu olhar desceu até sua boca, e todos os pensamentos sobre números desapareceram completamente. Só havia ela.

“Você tem uma mente brilhante e uma alma ainda mais bela, Milow.”

Seu sorriso irônico se transformou em um sorriso aberto, e ela inclinou levemente a cabeça para o lado, tentando disfarçar sua timidez.

Inclinei-me e beijei sua bochecha. "Você me conhece há anos. Não há mais motivo para ficar tímida perto de mim."

Deixei um rastro de beijos ao longo de sua mandíbula e descendo por seu pescoço, e senti seu corpo se tensionar um pouco antes de suas mãos tocarem meu cabelo. Eu sabia que ainda era difícil para ela acreditar em qualquer elogio que recebesse, mas eu precisava que ela entendesse que cada palavra era verdadeira. Que eu a via por completo. A garota brilhante e quieta que dominava todas as aulas, e a garota forte e resiliente que havia sobrevivido a tanta coisa. E eu amava cada pedacinho dela, completamente e sem hesitação.

Subindo novamente, capturei seus lábios com os meus. Foi um beijo suave a princípio, mas então suas pernas se inclinaram ao meu redor, puxando-me para mais perto, e um

gemido baixo ressoou em meu peito. Aprofundei o beijo, minha língua traçando o contorno de seus lábios até que ela os entreabriu para mim. Explorei sua boca lentamente, saboreando seu gosto.

Meu corpo começou a se mover por conta própria. Balancei meus quadris contra os dela, e a fricção me deu um choque que me percorreu todo o corpo. Eu já estava ficando excitado, mas me forcei a ir devagar. Fiz isso de novo, pressionando minha ereção crescente contra o calor macio entre suas pernas, deixando-a sentir exatamente o que ela me fazia sentir.

Suas costas se arquearam instintivamente para me encontrar, e seu aperto em meu cabelo se intensificou, me prendendo a ela enquanto movia os quadris para cima, acompanhando meu ritmo. Recuei o suficiente para sussurrar contra seus lábios, minha voz rouca. "Meu Deus, você é tão gostosa, Milow. Estou completamente apaixonada por você."

Então, juntei meus lábios aos dela novamente, sabendo que era tudo o que podíamos fazer por enquanto. Eu não podia pressioná-la e não queria estragar algo especial só porque era egoísta demais para esperar. Eu conseguiria me controlar por mais um tempo. Por ela.

– –

Terça-feira, 16 de dezembro

Estávamos sentados à nossa mesa de sempre no refeitório, na hora do almoço, e assim que a Lacey se juntou a nós, o clima mudou. Todos ficaram em silêncio. Até o Stan.

Só isso já dizia tudo.

Todos nós olhávamos entre ela e Jasper, tentando entender o que tinha acontecido. Eles estavam namorando desde setembro e, de fora, o relacionamento parecia sólido. Jasper a levava para sair, a acompanhava até a sala de aula e, às vezes, eles caminhavam pelos corredores de mãos dadas.

Hoje, ele mal olhou para ela. Sua atenção estava voltada para a comida. Lacey, por outro lado, parecia furiosa. Seu maxilar estava tenso e seus ombros rígidos. Ela não fez nenhum esforço para esconder.

Stan soltou um assobio baixo e colocou outra uva na boca. "Então... vamos terminar agora ou depois do almoço? Porque eu tenho pipoca na minha mochila."

Lacey o encarou com raiva, mas Jasper não reagiu. Ele continuou olhando para baixo.

"Cara", murmurou Ashby, lançando um olhar de advertência para Stan.

"O quê?" Stan deu de ombros, olhando de um para o outro novamente. "Claramente há problemas no paraíso. Conheço os sinais. Vocês dois estão exatamente como eu e o Scottie quando brigávamos quase toda semana."

Eles nunca chegaram a brigar de verdade. Havia tensão, mas nunca se transformou em uma briga real. Nunca se tornou algo que eles não pudessem resolver. E eu sabia que o que quer que estivesse acontecendo entre Jasper e Lacey também não explodiria em uma cena barulhenta no meio do refeitório.

Jasper era calmo e sereno demais para isso. .

Meus olhos se desviaram para o assento vazio ao lado de Stan. Ele estava sentado sozinho na ponta da mesa hoje. Scottie tinha ficado em casa porque se sentia tonta e enjoada novamente, e nenhum de nós gostou disso. Tínhamos pensado que as coisas estavam melhores depois que ela desmaiou algumas semanas atrás. Tínhamos nos

convencido de que era algo passageiro, talvez por causa do estresse ou por não ter bebido água suficiente.

Mas agora ela estava cansada e tonta o tempo todo, e eu não conseguia me livrar da sensação de que o que quer que tivesse causado seu desmaio nunca havia sido realmente descoberto. Não parecia tão simples quanto os médicos haviam feito parecer. Eles haviam descartado a questão com muita facilidade. Mesmo assim, eu sabia que Scarlett não ignoraria o problema. Ela continuaria insistindo. Ela se certificaria de que Scottie fosse examinada repetidas vezes até que alguém lhe desse uma resposta concreta.

"Vocês querem conversar sobre isso?", perguntou Ashby. Sua mão repousava na minha coxa por baixo da mesa, e eu coloquei a minha sobre a dele, traçando lentamente o contorno da sua pele com o polegar. "Estamos aqui se precisar de nós."

Jasper balançou a cabeça, com os olhos ainda fixos na comida. Lacey olhou para ele, e algo em sua expressão mudou.

Eu me encolhi quando ela bateu com as duas mãos na mesa, fazendo nossas bebidas tremerem com o impacto. Ela se levantou, com os punhos cerrados ao lado do corpo, e pegou a mochila. "Em vez de ficar aí sentada sem dizer nada, talvez você devesse tomar coragem e me dizer o que está pensando de verdade."

Então ela foi embora, deixando todos nós olhando para ela.

"Jesus..." Stan murmurou. "Que diabos você fez, cara?" ”

Jasper finalmente ergueu o olhar. Com a saída de Lacey, seus ombros caíram e ele pareceu aliviado. "Eu não fiz nada."

Eu acreditei nele.

Estendi a mão por cima da mesa e apertei-a suavemente, oferecendo-lhe um sorriso. Quando nossos olhares se encontraram, fiz o sinal: [Estamos aqui para você.]

Ele lançou um olhar para Ashby.

“Ela disse que estamos aqui para você”, traduziu Ashby.

Jasper sorriu sem jeito e assentiu. "Obrigado, Milow. Eu, hum..." Ele passou a mão pelos cabelos loiros e puxou as pontas antes de soltar um suspiro pesado. "Vocês querem sair hoje à noite? Eu sei que é noite de aula, e—"

"Eu ficaria com você mesmo se tivesse provas finais amanhã", interrompeu Stan.

Jasper soltou uma risada discreta. "Eu sei." Seu olhar percorreu nós três, mas o sorriso nunca chegou aos seus olhos. "Só preciso de uma distração. Podíamos ficar no sótão. Pedir pizza ou algo assim."

[Estou dentro,] Assinei imediatamente.

Ashby assentiu com a cabeça. "Sim. Eu também topo."

"Eu trago sorvete", disse Stan, estendendo a mão para apertar o ombro de Jasper. "Do tipo artesanal e caro. Não vamos fazer nada pela metade."

“Obrigado. Agradeço muito a vocês.”

"A qualquer hora", disse Ashby com firmeza.

Seu braço deslizou ao meu redor e eu me inclinei para ele, apoiando a cabeça em seu ombro. Ele beijou o topo da minha cabeça e acariciou minhas costas enquanto eu observava Jasper se levantar e pegar seu almoço, que mal havia sido tocado.

“Tudo bem. Vejo vocês hoje à noite. Às seis, ok?”, perguntou ele. .

“Sim. Seis está bom”, respondeu Ashby.

"Te amo, cara", disse Stan, levantando-se e dando um rápido abraço em Jasper.

Jasper retribuiu o abraço com a mesma intensidade. "Também te amo."

Eu os observei, e a visão de quão próximos eles eram — e sempre foram — aqueceu meu coração. Todas as amizades que compartilhamos eram muito maiores do que qualquer pequeno inconveniente.

Estivemos presentes um para o outro e sempre permanecemos juntos. E nunca deixamos um ao outro enfrentar sozinhos problemas que pareciam pesados demais para lidar individualmente.

Mas quando Jasper foi embora, uma sensação pesada permaneceu no meu coração. Me peguei pensando no que Scottie tinha dito na semana passada: aquela sensação estranha de que tudo parece bem na superfície, mas lá no fundo existe uma expectativa silenciosa de que algo está prestes a dar errado.

Por um breve instante, o pensamento tentou se instalar em minha mente, buscando conectar tudo o que estava acontecendo ao meu redor em algo maior e mais sombrio.

Mas eu me forcei a não segui-lo.

Eu não queria começar a procurar rachaduras antes que elas realmente existissem, e não queria transformar problemas normais em sinais de algo pior. E, acima de tudo, eu me recusava a acreditar que só porque eu temia que algo desmoronasse, isso significava que de fato desmoronaria.

—

"Vocês tiveram notícias do Bennett?" perguntou Jasper. Ele estava sentado em um dos três sofás do sótão, com uma caixa de pizza equilibrada no colo. .

Eu só tinha estado na casa de Jasper uma vez antes, mas me lembrava de como era grande. O sótão não era bem um sótão. Parecia mais um pequeno apartamento construído acima da casa principal, com uma cozinha compacta encostada em uma parede, um banheiro escondido atrás de uma porta branca e um quarto separado no final de um pequeno corredor. Era silencioso lá em cima, e era todo do Jasper.

Sentei-me ao lado de Ashby no sofá, em frente a Jasper, com a perna pressionada contra a dele enquanto comia minha pizza e ouvia.

“Não. Ele tem me evitado”, disse Ashby, dando de ombros levemente.

"É, eu também", acrescentou Stan da poltrona. "Acho que ele não vai se desculpar com a Milow tão cedo."

Eu não esperava que Bennett se desculpasse. Seria legal, claro, mas eu não ia insistir nisso.

O silêncio tomou conta do ambiente por um instante. A TV continuava ligada ao fundo, exibindo algum programa aleatório que nenhum de nós estava realmente assistindo. Então Jasper se endireitou, soltando um longo suspiro enquanto balançava a cabeça. "Parece que todos nós sofremos um acidente terrível, morremos e acordamos de volta no inferno. A vida está muito estranha ultimamente."

Ele também sentiu. Não foi só o Scottie. Não foi só eu. Algo mudou. Eu podia sentir isso no fundo da minha alma, como uma nuvem escura nos seguindo, parecendo mais próxima de alguns de nós do que de outros.

“Mamãe falou alguma coisa sobre a lua e as estrelas”, disse Stan, dando outra mordida na pizza. Ele mastigou e engoliu, depois acenou com a fatia no ar. “Sabe, ela curte astrologia

e essas coisas. Ela me disse semana passada que houve uma grande mudança no universo ou algo assim.” ”

Apertei os lábios. Nunca me importei muito com astrologia. Gostava de coisas que faziam sentido. Coisas que podiam ser explicadas. Mas, com a mãe do Stan dizendo algo assim, não tive escolha a não ser acreditar. Era mais fácil culpar os astros do que aceitar que, às vezes, a vida simplesmente muda de rumo sem aviso prévio.

[Talvez seja apenas uma fase difícil,] eu assinei e Ashby traduziu.

"Sim", disse Jasper baixinho. "Talvez."

Stan pegou o sorvete que havia trazido e tomou uma colherada, misturando o jantar com a sobremesa. "De qualquer forma, a gente sobrevive. Sempre sobrevivemos. A gente fica junto e se ajuda, não importa o que aconteça."

“Isso mesmo”, disse Ashby, com um sorriso encorajador. Então ele olhou para mim e apertou meu joelho. “Nós temos um ao outro.”

Eu sorri de volta para ele, inclinando-me para o seu lado.

Independentemente do que a vida nos reservasse, nós daríamos um jeito e superaríamos. E, no fim, eu sabia que as coisas sempre melhorariam.

52

Milow

Quinta-feira, 18 de dezembro

Desci as escadas com um sorriso radiante e uma onda de entusiasmo no peito, sabendo que faltavam apenas dois dias de aula antes das férias de Natal.

Mas assim que entrei na cozinha, senti que algo estava errado.

Mamãe estava perto do balcão e Ashby estava sentado à mesa. Os dois olharam para mim, e nenhum dos dois sorriu.

Meu coração disparou.

Oh não.

O que aconteceu?

Olhei da minha mãe para Ashby novamente. Seus ombros estavam tensos. Suas mãos repousavam sobre as coxas, com os dedos cerrados enquanto ele olhava. ausente.

Meu pulso começou a acelerar.

Levantei as mãos, embora uma parte de mim estivesse com medo de perguntar. [O que aconteceu?]

Ashby cerrou os punhos e continuou sem olhar para mim.

Então olhei para minha mãe, implorando silenciosamente para que ela me respondesse.

[Está tudo bem com todos? Papai? Wesley? Evie… Scottie e Stan?]

"Está tudo bem, querida", disse a mãe gentilmente. "Venha, sente-se."

Isso não me acalmou.

Franzi a testa e olhei entre eles novamente. Senti minhas pernas rígidas enquanto me movia em direção à mesa. Sentei-me na cadeira ao lado de Ashby e o encarei mais uma vez, querendo saber o que o estava fazendo agir daquela maneira.

[O que está acontecendo?] Perguntei novamente, meus movimentos agora mais incisivos e exigentes.

Mamãe puxou uma cadeira para perto de mim e sentou-se. Ela pegou minhas mãos e as segurou com as suas, e eu deixei que ela as segurasse, embora eu quisesse me afastar e pegar Ashby.

Mantive meus olhos fixos em seu rosto, esperando impacientemente.

Ela abriu a boca, depois fechou-a novamente, e levou um instante para reunir as palavras que claramente não queria dizer.

Ao meu lado, Ashby permaneceu completamente imóvel. Eu podia sentir a tensão emanando dele, e ele continuava olhando para o chão com a cabeça baixa.

Após respirar fundo, a mãe finalmente falou, com a voz baixa e cautelosa.

"Hailie faleceu." "

As palavras não fizeram sentido, e eu fiquei olhando para minha mãe, esperando que ela me dissesse que era alguma brincadeira de mau gosto, que eu ainda estava sonhando e que

nada daquilo era real. Mas ela não disse mais nada. Não ofereceu nenhuma explicação, e quanto mais eu olhava para o rosto dela, mais a realidade se instalava no meu peito.

Franzi a testa e balancei a cabeça, tentando forçar minha mente a processar o que ela acabara de dizer, mas ela não cooperava.

Como ela sabia?

Como algo assim pôde acontecer?

Nada daquilo fazia sentido. Hailie tinha apenas dezessete anos. Ela era muito jovem. Ela não deveria ter ido embora.

Lágrimas ardiam nos meus olhos enquanto eu olhava para Ashby. Finalmente, ele estava me olhando, mas sua expressão era fechada e indecifrável. Eu não conseguia dizer o que ele estava sentindo. Ele nunca gostou de Hailie, não depois de tudo o que ela me fez passar, mas agora que ela tinha ido embora, eu não conseguia dizer se ele estava triste, aliviado ou apenas tentando esconder. Talvez ele estivesse triste e reprimindo a tristeza, pensei. Talvez ele não quisesse que eu o visse desmoronar da mesma forma que eu sentia que estava começando a desmoronar também.

Minha garganta se fechou e um arrepio frio percorreu meu corpo, subindo pela espinha. Quando olhei para minha mãe novamente, ela levantou uma das mãos para acariciar meu rosto delicadamente, mas não disse nada. Percebi que ela estava tentando encontrar as palavras certas, tentando dar sentido a algo que não fazia sentido, e eu não a culpava. O que alguém poderia dizer a alguém que passou anos sendo atormentado pela própria pessoa que era... agora… sumiu?

Meu estômago deu uma reviravolta nauseante que me dificultava respirar, porque eu nem sequer sabia como deveria me sentir. Eu tinha permissão para ficar triste? Tinha permissão para sentir medo, raiva ou alívio? Eu queria chorar. Queria desabafar, mas meu corpo parecia congelado, preso entre a dor e a incredulidade.

Pensei em Hailie, em todas as vezes que ela havia descontado sua raiva em mim. Sua raiva nunca tinha sido sobre mim. Era a maneira dela de extravasar suas próprias tempestades, sua própria frustração e fúria que não tinham nada a ver com ninguém mais. E eu tinha sido o alvo mais fácil. Aquela que conseguia absorver tudo sem revidar. Aquela em quem ela podia despejar tudo sem consequências. Essa constatação não me fez sentir melhor; fez meu estômago revirar ainda mais, porque, embora ela tivesse me causado dor, ela também era apenas uma criança, e agora ela se foi, e eu não sabia o que fazer com todas as emoções confusas que fervilhavam dentro de mim.

Minha mente estava a mil.

O que aconteceu? Foi um acidente? Ela... ela... ou foi o pai dela?

"Você pode ficar em casa hoje, se quiser, Milow", disse mamãe baixinho, com a mão ainda encostada na minha bochecha, como se achasse que eu fosse desmoronar no instante em que a soltasse.

Balancei a cabeça imediatamente, porque ficar em casa significaria ficar sentada com isso, afogando-me nisso, e deixando cada pensamento ficar mais alto sem distrações, e eu sabia que isso só pioraria tudo.

Olhei para Ashby e, antes mesmo que eu pudesse levantar as mãos para assinar, ele entendeu.

“Eu também vou”, disse ele, oferecendo-me um sorriso forçado que não chegava aos olhos. .

“Haverá apoio na escola se você quiser conversar sobre isso. Ashby pode traduzir para você”, acrescentou a mãe gentilmente.

Olhei para ela e balancei a cabeça negativamente de novo. Eu não queria falar sobre isso. Não queria ficar sentada numa sala analisando meus sentimentos ou explicando por que me sentia tão perturbada por causa de alguém que tinha tornado minha vida um inferno. Eu só queria que o dia passasse. Queria que o tempo continuasse correndo para não ter que ficar ali pensando. Parecia egoísta, mas havia algo lá no fundo que precisava de normalidade. Eu precisava fingir por algumas horas que as coisas não tinham acabado de desmoronar.

[Poderia me trazer leite morno com mel, por favor?]

O pedido pareceu-me deslocado e infantil em contraste com a atmosfera pesada do ambiente, e assim que o assinei, uma onda de vergonha percorreu-me a espinha. Como podia pedir algo tão banal quando alguém acabara de falecer? O que havia de errado comigo que uma parte de mim já queria seguir em frente? Os meus pensamentos emaranharam-se numa mistura de culpa e raiva, confusão e tristeza. O meu coração doía profundamente.

[Agora, por favor], acrescentei, porque meu corpo começou a tremer e eu precisava de algo para me segurar para que parasse.

“Claro, querida.” Mamãe passou o polegar debaixo do meu olho e beijou minha testa antes de se levantar para pegar o leite na geladeira.

No instante em que ela se afastou, baixei o olhar para as minhas mãos. Meus dedos encontraram meu polegar automaticamente, cutucando e arranhando a pele já em carne viva sem pensar. Continuaram até sangrar, e até a dor ser suficiente para me distrair do caos na minha cabeça.

“Milow”, disse Ashby baixinho, deslizando a mão pelo meu braço. “Ei… ”

Franzi a testa e tentei afastar minhas mãos dele enquanto meus dedos continuavam se movendo, arranhando e incomodando a pele. Eu não conseguia parar.

“Milow, por favor”, disse ele novamente, com a voz mais tensa agora, enquanto se virava completamente para mim. Ele envolveu minhas mãos com as suas e as segurou firmes para que eu não pudesse continuar cutucando minha pele. “Olhe para mim.”

Meu corpo travou com tanta força que meus braços começaram a ter cãibras. Meus ombros se encolheram como se eu estivesse me preparando para um impacto, e eu fiquei olhando fixamente para nossas mãos porque não conseguia levantar os olhos.

“Milow, estou bem aqui”, murmurou ele, inclinando-se para mais perto. “Respire. Vamos. Respire comigo.”

Tentei, mas meus pulmões pareciam apertados e inúteis. Tinham esquecido como funcionar, e minha garganta ardia como se estivesse se fechando. Minha visão estava turva, e eu conseguia ouvi-lo falar, mas parecia distante.

Eu estava chorando naquele momento, e minhas lágrimas caíram pesadamente sobre nossas mãos. A pressão dentro de mim se rompeu de repente, e eu me inclinei para a frente sem querer, minha testa pressionando o ombro de Ashby enquanto meu corpo cedia.

Ele soltou minhas mãos para me puxar para perto de si, envolvendo-me em seus braços com força. Uma de suas mãos acariciou a minha nuca como se pudesse me proteger de tudo, e eu enterrei meu rosto em seu peito, chorando em silêncio. Meu corpo inteiro tremia enquanto ele me abraçava.

Mamãe voltou quando ouvi Ashby chamá-la. Ela nos abraçou, uma mão acariciando meu cabelo, a outra repousando delicadamente na minha coxa.

"Está tudo bem", ouvi-a sussurrar. "Está tudo bem sentir isso." ”

Eu nem sabia o que era aquilo. Senti tanta coisa ao mesmo tempo. Tristeza. Choque. Culpa. Medo.

Fiquei ali parada entre eles, chorando silenciosamente na camisa de Ashby enquanto mamãe nos abraçava, meu corpo tremendo enquanto tudo que eu tentara conter finalmente escapava sem controle e compreensão.

—

Acordei com braços fortes me envolvendo e, por alguns segundos, mantive os olhos fechados, deixando minha mente acompanhar meu corpo. Respirei fundo, depois mais uma vez, e conforme meus pensamentos começavam a se organizar, tudo o que havia acontecido antes voltou com força total.

Hailie.

Hailie morreu.

A ideia de que aquilo era definitivo ainda não tinha me atingido completamente, mas eu sabia que era verdade.

Afinal, não tínhamos ido à escola, apesar de eu ter insistido no início, apesar de ter me convencido de que fazer algo normal resolveria tudo e que sentar na sala de aula tornaria as coisas mais fáceis de alguma forma. Mas depois que desabei daquele jeito, depois que meu corpo cedeu completamente, não havia mais discussão. Talvez tenha sido melhor assim. Talvez eu não tivesse conseguido passar o dia fingindo que estava bem.

A mão de Ashby acariciava a minha nuca, os dedos espalhados protetoramente sobre o meu cabelo, enquanto a outra mão deslizava lentamente para cima e para baixo nas minhas costas num movimento constante. ritmo. Ele não estava me apressando. Não estava me perguntando nada. Ele simplesmente estava ali, me mantendo aquecida e segura.

Finalmente abri os olhos e a primeira coisa que vi foram minhas mãos encostadas em seu peito. Meu polegar latejava por causa da dor que eu havia causado antes, e agora havia duas bandagens em volta dele. Ashby devia tê-las colocado. Quando virei a cabeça para olhá-lo, vi que ele já estava me observando. Seus olhos eram suaves, mas atentos, e eu sabia que ele não havia dormido como eu. Ele me deu um pequeno sorriso, sem se afastar nem um centímetro. Ele também não afrouxou o abraço e permaneceu perto de mim.

"Ei", disse ele baixinho. "Você está bem. Eu estou aqui com você."

Eu não respondi. Apenas olhei para ele, sentindo a dor ainda presente em meu peito.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos. "Você não precisa resolver nada agora."

Sua outra mão continuava a deslizar suavemente pelas minhas costas.

“Eu sei que sua cabeça provavelmente está a mil pensamentos diferentes”, continuou ele suavemente. “Mas você não precisa perseguir cada um deles. Deixe-os passar, mas fique aqui comigo.”

Minha garganta apertou novamente, mas desta vez não foi pânico. Foi alívio.

“Você tem o direito de sentir o que estiver sentindo”, murmurou ele, roçando levemente o nariz no meu. “Não existe uma maneira certa de reagir a isso.”

Ele encostou a testa na minha antes de continuar.

“Não vou a lugar nenhum. Se você precisar chorar, chore. Se precisar ficar em silêncio, fique em silêncio. E se precisar Se você ficar brava com isso, fique brava. Você não precisa ser forte o tempo todo, Milow.

Ele não estava apenas tentando me acalmar; ele estava me dando permissão para desmoronar sem medo de que ele se afastasse.

Engoli em seco, meus dedos se enroscando lentamente no tecido de sua camisa, e permaneci perto o suficiente para que nossas testas ainda se tocassem.

Levantei a mão com cuidado e a apoiei em seu queixo, meu polegar roçando lentamente sua pele. Ele se inclinou para mim sem hesitar, fechando os olhos por um instante antes de se afastar para me observar melhor.

"Eu te protejo", ele sussurrou, virando o rosto em direção à minha mão para beijar minha palma. Eu estava hipnotizada por ele e por tudo o que ele me dizia, e quando ele me beijou, eu retribuí o beijo imediatamente.

Sua mão deslizou das minhas costas para a minha cintura, me puxando para mais perto enquanto minha respiração se acalmava contra sua boca. Desde que acordei, meus pensamentos não pareciam estar fora de controle.

Quando finalmente nos separamos, enterrei meu rosto na curva do seu pescoço, inalando seu perfume. Seus braços me envolveram instantaneamente, uma mão deslizando para acariciar a minha nuca novamente, e a outra me abraçando firmemente pelas costas.

"Eu te protejo", ele sussurrou novamente, sua voz baixa em meus cabelos. "Para sempre, Milow."

Assenti com a cabeça, fechando os olhos enquanto me deixava envolver por seu calor. A dor ainda estava lá, assim como a confusão. Mas, em seus braços, com as batidas do seu coração constantes contra meu ouvido, tudo parecia menos avassalador.

53

Ashby

Terça-feira, 23 de dezembro

O caixão estava sendo baixado à sepultura, e todos nós ficamos ali em silêncio, observando-o descer centímetro por centímetro, como se o próprio tempo tivesse desacelerado só para nos fazer sentir cada segundo. Os únicos sons que rompiam o silêncio eram soluços baixos e murmúrios contidos ao nosso redor. A neve continuava a cair do céu cinzento, depositando-se na madeira escura do caixão antes de desaparecer de vista. E mesmo sendo um funeral, mesmo estando em volta de uma sepultura aberta, havia algo dolorosamente belo naquilo. De alguma forma, a neve suavizava tudo o que tocava.

Eu ainda não conseguia entender como me sentia em relação a tudo isso. Não conseguia esquecer o que Milow tinha sofrido por causa de Hailie. Todos aqueles anos de crueldade e humilhação, e o fato de ela ter voltado para casa mais magra em alguns dias. Isso não desapareceu só porque estávamos em um cemitério.

Mas, ao mesmo tempo, ver uma jovem de dezessete anos sendo enterrada enquanto sua mãe permanecia a poucos metros de distância, mal conseguindo se manter em pé, me deu um nó no estômago, e eu não consegui ignorar. Não importava o que tivesse acontecido entre elas, ainda assim era uma vida interrompida precocemente.

Demorei mais do que gostaria de admitir para concordar em vir aqui. No início, cada parte de mim resistiu à ideia. Eu não queria estar aqui homenageando alguém que magoou Milow. Eu não queria fingir que tinha esquecido. Mas Milow me pediu, e quando ela me pede algo, eu sempre digo sim. Então eu vim. Por ela. Somente por ela.

Ela estava ao meu lado agora, segurando minha mão com firmeza. Quando olhei para o seu rosto, a dor em seus olhos não havia diminuído. Não era apenas uma simples tristeza que ela sentia, e me dava náuseas saber que ela carregava tudo aquilo ao mesmo tempo.

Depois de tudo o que Hailie a fez passar, ela ainda estava ali, de pé.

Ela a havia perdoado. Não hoje, e não porque ela tivesse morrido. Ela já o havia perdoado há muito tempo, sem que ninguém precisasse testemunhar.

Ainda me surpreendia a rapidez com que ela perdoava as pessoas, não importando o tamanho da ferida. No instante em que alguém a magoava, ela processava a situação e, de alguma forma, encontrava um jeito de deixar para lá, enquanto nós ainda estávamos cerrando os punhos. Passei anos tentando convencê-la de que ela não precisava fazer isso o tempo todo. Que era humano guardar rancor. sobre a raiva, e essa raiva não a tornou cruel ou fraca. Eu queria que ela se defendesse com mais ferocidade. Queria que ela permanecesse com raiva às vezes.

Mas com o tempo, tive que aceitar que Milow nunca funcionaria dessa maneira. Ela não era feita para guardar ressentimento. Ela sentia profundamente, mas nunca se apegava ao ódio. Havia amor demais nela para isso. Compaixão demais que se estendia até mesmo a

pessoas que nunca a mereceram. E ali parada, na neve que caía, observando a lápide desaparecer lentamente, observei seu luto em sua própria quietude.

—

Terça-feira, 30 de dezembro

O Natal não tinha sido igual aos outros anos.

Como poderia ser diferente, se uma garota desta cidade morreu tragicamente?

Ninguém sabia ao certo como tinha acontecido. Não havia uma explicação clara nem uma resposta definitiva que resolvesse a questão. Mas ninguém se atrevia a espalhar boatos. Numa cidade como aquela, as pessoas costumavam conversar. Elas faziam suposições. Preenchiam as lacunas. Mas dessa vez, não fizeram nada disso. Pelo menos não em voz alta. Ficamos todos sem saber o que fazer, em silêncio, tentando entender algo que não deveria precisar de sentido.

É claro que já tínhamos conversado sobre isso. Não tínhamos como evitar.

Sabendo o que Milow nos havia contado há algum tempo sobre o que aconteceu no supermercado, Wesley tinha certeza de que o pai de Hailie estava envolvido. Stan, Scottie, E Jasper chegara à mesma conclusão sem muita hesitação.

Eles tinham certeza de que os hematomas e o medo nos olhos de Hailie eram obra do pai, e talvez na manhã de sua morte, ele tivesse ido longe demais.

Era um pensamento aterrador, que despertava muitas lembranças complicadas que eu preferiria ter deixado enterradas. E, de certa forma, me sentia culpada até por admitir isso para mim mesma, parecia mais fácil acreditar que o pai dela tinha feito aquilo do que considerar a possibilidade de Hailie ter escolhido tirar a própria vida.

Se tivesse sido o pai dela, isso significaria que ela estava vivendo em algo mais sombrio do que jamais imaginamos. Algo que escalou para um nível fora de controle. Mas se não tivesse sido ele, então ela estava lidando com algo tão pesado e constante que ninguém mais conseguia enxergar, uma dor que a deixava presa, sem saída, sem alívio e sem razão para continuar, e que a consumiu completamente.

Meu estômago revirou e me forcei a afastar os pensamentos mais pesados por um momento, para pensar em outra coisa. Senti que precisava mudar algo na minha vida, alterar a narrativa antes que ela me esmagasse completamente. Havia um peso no meu peito há algum tempo, algo que eu vinha ignorando porque a vida já estava transbordando de emoções.

Não podia mais ignorar. Precisava encarar isso hoje.

Saí do meu quarto e caminhei os poucos passos até o quarto de Milow, do outro lado do corredor. Empurrando a porta devagar, vi-a sentada à sua escrivaninha, com uma música tocando baixinho ao fundo. .

Bati de leve na porta, esperando que ela me notasse. Ela virou a cabeça, sorriu e pousou o lápis.

"Estamos em férias de Natal, Milow", eu disse, dando uma risadinha. "Estudar deveria ser ilegal."

Ela franziu o nariz e se virou na cadeira. [Eu estava apenas repetindo algumas coisas que estava com dificuldade de assimilar.]

"Ah, é? E o que é isso? As fórmulas da física quântica estão te dando trabalho?", perguntei em tom de brincadeira.

[Não, eu entendo isso], ela sinalizou rapidamente, me fazendo rir.

“Claro que sim.” Sorrindo, caminhei até ela. Apoiei uma mão na borda da sua mesa e a outra na sua coxa, inclinando-me para ficarmos frente a frente. “Posso te mostrar uma coisa?”

O sorriso dela suavizou-se, fazendo-me derreter na hora, e ela assentiu. [Claro.]

Inclinei a cabeça e beijei seus lábios, deixando o momento se prolongar um pouco mais antes de me afastar, relutantemente.

“Venha comigo”, eu disse, endireitando-me e estendendo a mão.

Ela colocou a mão na minha e se levantou sem hesitar, deixando-me guiá-la pelo corredor até meu quarto. Fechei a porta atrás de nós e gesticulei em direção à cama. "Sente-se, por favor."

Ela se deitou na cama, cruzando as pernas confortavelmente, enquanto eu me dirigia à minha escrivaninha e abria uma gaveta, prendendo a respiração ao olhar para dentro.

Chegou a hora. Hora de mostrar a ela algo que eu havia mantido escondido, um segredo que eu não havia compartilhado com ninguém porque, até então, não me parecia certo. Estendendo a mão para o envelope, eu o puxei. Ele a tirou do armário e se virou para ela, observando-a sentada na cama com aquele sorriso doce e paciente.

A curiosidade brilhava em seus olhos, e quando me sentei ao lado dela, ela se aproximou um pouco mais. Ela percebeu minha tensão e gentilmente pousou a mão em meu antebraço.

Bati os dedos nervosamente no envelope. Eu sabia que ela ficaria feliz. E eu também. Só não tinha me permitido aceitar completamente que aquilo era real ainda.

“O diretor Madigan me entregou isso um dia depois do acidente.”

Chamar o ataque brutal de Hailie contra Milow de acidente parecia errado, mas Milow não o chamaria de outra forma, então segui o exemplo dela.

Ela olhou para mim por um segundo, depois voltou a atenção para o envelope, com um sorriso gentil ainda nos lábios. [O que é isso?]

Respirei fundo, tentando acalmar meu coração acelerado. Lentamente, tirei a carta do bolso e a estendi diante dela, deixando-a lê-la com atenção.

Seus olhos percorreram a carta, e quando ela entendeu, suas duas mãos voaram para cobrir a boca. Orgulho e entusiasmo brilhavam em seus olhos enquanto ela me encarava.

[Você conseguiu!] ela sinalizou com um largo sorriso nos lábios.

Eu ri baixinho. "É, acho que sim..."

Eu não só tinha sido aceita na Universidade da Colúmbia Britânica — a universidade dos meus sonhos — como também tinha conseguido uma bolsa de estudos.

[Ashby, você conseguiu! Que emocionante!] Ela se jogou em meus braços, me abraçando forte. em volta do meu pescoço.

Sorri e a abracei forte, ainda segurando a carta em uma das mãos. Sua empolgação era contagiante. Cada vez que ela se permitia sentir tanta alegria, ela me invadia também, apertando meu peito e fazendo meu coração disparar só por estar perto dela. Eu não conseguia evitar me deliciar com aquilo, me deixando levar pelo momento com ela.

Quando ela se afastou, olhou para a carta novamente, lendo-a com atenção. Seu sorriso era radiante enquanto a lia repetidamente, então ela olhou para mim, e eu pude ver as lágrimas se acumulando em seus olhos.

[Estou muito orgulhosa de você, Ashby. Você merece muito isso.]

Há dois meses, eu não teria acreditado nela. Mas as coisas finalmente se acalmaram, e eu me vi agarrando-me à esperança, desejando que a vida melhorasse.

[Você está animado?] ela perguntou, colocando a mão na minha perna novamente.

"Sim", respondi, assentindo com a cabeça. "É só que... um pouco surreal. Mamãe e papai ainda não sabem. Você é a primeira pessoa para quem contei."

O sorriso dela se alargou com isso, mas quando seu olhar voltou para a carta, uma leve ruga surgiu em suas sobrancelhas. Eu sabia que ela estava se perguntando por que eu havia escondido aquilo deles por tanto tempo.

Coloquei a carta de volta no envelope e a guardei, depois me virei completamente para ela. Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e observei seu rosto antes de dizer: “Tanta coisa estava acontecendo, e eu simplesmente… não estava com vontade de comemorar. Estava tão focada em você, em garantir que você estivesse bem, que não pensei no meu próprio futuro. Sei que te preocupei mais com a minha atitude, mas naquela época, eu sentia tanta dor e raiva, e era algo avassalador.” ”

A expressão de Milow suavizou-se, e ela apertou delicadamente minha coxa, um incentivo silencioso para que eu continuasse.

"Eu sei que às vezes causei mais mal do que bem, mas eu não conseguia passar um dia sem temer que alguém tentasse te machucar de novo. Eu achava que você precisava de mim para te proteger de tudo. Me desculpe por te fazer sentir que você não era forte o suficiente, mas agora eu vejo... Meu Deus, Milow, você é mais forte do que qualquer pessoa que eu conheço. Me desculpe mesmo..."

Ela levou a mão ao meu rosto quando viu as lágrimas ardendo em meus olhos, seu polegar roçando suavemente minha pele enquanto balançava a cabeça.

Você não fez nada de errado. Nunca. Eu estava com medo de te perder, mas você se recuperou no final. Você merece ser celebrado, mesmo que outros estejam sofrendo.

E lá estava ela novamente, usando as mãos para proferir palavras tão profundas e sinceras que ninguém com voz jamais conseguiria igualá-las.

"Eu ainda não tenho a mínima ideia de como mereço te chamar de meu", eu disse, deixando as lágrimas finalmente rolarem livremente pelo meu rosto. Eu estava cansada de contê-las.

Ela corou quando suas mãos se moveram novamente. [Tudo vai dar certo para você, Ashby, e eu nunca vou te deixar.]

"Eu sei", eu disse, sorrindo para ela enquanto acariciava seu rosto com as mãos. "Mas enquanto eu estiver perto de você, nada mais importa."

CAPÍTULO BÔNUS

Milow

Em todos os anos que conheci Scottie, nunca a tinha visto assim. Ela estava completamente transtornada. Estava parada na minha frente, o rosto banhado em lágrimas e o corpo tremendo como se pudesse se despedaçar a qualquer momento.

As palavras que ela me dissera segundos atrás ainda nem tinham tido tempo de penetrar na minha mente, e enquanto seus soluços sacudiam seu corpo, eu me vi paralisado, incapaz de me mover. Meu corpo estava dormente e minha cabeça leve, como se estivesse flutuando. Como se eu não estivesse totalmente conectado à realidade.

Nada fazia sentido.

Isso deve ter sido um pesadelo.

Scottie estava bem.

Ela devia estar bem.

Outro soluço rasgou seu peito, e seus joelhos cederam. Finalmente me movi, amparando-a enquanto ela Ela afundou no chão do quarto, deixando seu peso me pressionar. Tudo o que eu podia fazer era segurá-la, impedi-la de desabar completamente e tentar me firmar ao mesmo tempo. Meus lábios estavam secos, minha boca aberta em pânico silencioso, e por mais que eu tentasse inspirar, parecia que meus pulmões se recusavam a encher. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali, segurando seu corpo trêmulo e rezando para que aquilo fosse apenas um pesadelo horrível.

Pareceram horas até que a porta do quarto dela finalmente se abriu e Stan entrou furioso, o rosto tenso de preocupação e determinação. Ashby estava logo atrás dele e, antes que eu pudesse reagir, Stan se espremeu entre Scottie e eu, tomando meu lugar sem hesitar. Deslizei para trás até que minha coluna encostasse na cabeceira da cama, e os braços de Ashby imediatamente me envolveram, me abraçando forte enquanto eu observava.

Eu fiquei olhando para Scottie e Stan. O corpo dela tremia com os soluços enquanto ele sussurrava palavras que eu não conseguia ouvir direito. Ele a embalava para frente e para trás, e Scottie continuava chorando, com a voz embargada e suplicante.

"Dói!", ela gritava repetidamente, cada palavra nos fazendo estremecer.

"Você vai ficar bem. Eu vou garantir isso. Estou aqui. Estou aqui, meu bem", murmurou ele, abraçando-a com força.

Olhei para Ashby. Sua expressão era semelhante à minha, mas ele estava fazendo todo o possível para manter a calma. Nossos olhares se encontraram e ele me ofereceu um sorriso reconfortante.

"Scottie é forte", ele sussurrou para mim, me apertando ainda mais contra o peito. "Ela vai lutar contra isso."

Assenti com a cabeça porque queria acreditar. Porque precisava. Mas enquanto observava Scottie tremer nos braços de Stan, ela... Com soluços ecoando pela sala, eu sabia que essa não seria uma batalha fácil.

Mas uma coisa eu sabia com certeza: Scottie não precisava enfrentar isso sozinho.

OBRIGADO!

Se você gostou de *Perto de Você* , considere deixar uma avaliação. O apoio de leitores como você significa muito para nós, e as avaliações ajudam outros leitores a encontrar este livro.

Informações sobre a série Através dos Anos:

Cada livro desta série centra-se num casal diferente e conta a sua história. Todas as histórias se passam no mesmo período, pelo que os eventos de um livro podem sobrepor-se aos de outro. Encontrará situações, locais ou personagens familiares dos outros livros, mas a partir da perspetiva do casal apresentado na história atual. Como os livros partilham a mesma linha temporal e se interligam desta forma, devem ser lidos numa ordem (ou, no futuro, em conjunto) e não podem ser totalmente compreendidos como histórias independentes. Em conjunto, os livros formam uma série contínua e interligada.

Dito isso... **o livro de Scottie e Stan é o próximo!**

ENCONTRE-ME EM…

Instagram
@authornissarenzo

TikTok
@nissarenzo